



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Departamento de Serviço Social – SER
Programa de Pós-Graduação em Política Social - PPGPS

TERRITÓRIOS EM DISPUTA:
a nova direita e a colonização do ciberespaço

Milena Barros Marques dos Santos

Brasília, dezembro de 2025

MILENA BARROS MARQUES DOS SANTOS

TERRITÓRIOS EM DISPUTA:
a nova direita e a colonização do ciberespaço

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade de Brasília/UnB como requisito para obtenção do título de Doutora em Política Social.

Linha de Pesquisa: Política social, Estado e sociedade

Orientadora: Prof. Dra. Camila Pereira

Orientador PDSE: Prof. Dr. Josep Burgaya

Brasília, dezembro de 2025

Dedico esta tese a quatro amores: meu pai, Evandro Marques, raiz firme e profunda que me dá sustentação; meu filho, Pedro Luiz Marques, chama viva e inspiradora que transforma minha vida e mobiliza minha coragem; meu marido, Cidoval Sousa, porto seguro e mar sereno que acolhe meus silêncios e tempestades; minha mãe, Joana D'arc Barros (In memoriam), brisa suave que tocou minha vida com ternura, deixando ecos de amor.

AGRADECIMENTOS

Esta Tese não é fruto de um trabalho retilíneo e individual, embora a trajetória tenha sido bastante solitária em muitos momentos. Durante mais de quatro anos minha vida foi atravessada por diversos acontecimentos, bons e difíceis, e que permitiram encontros, desencontros, afetos e tensões. Agradecer aqui é reconhecer que pensar, escrever e resistir não são atos solitários.

Começo agradecendo a Deus, não como fuga à razão crítica que me orienta, mas como expressão da fé, força coletiva, esperança e solidariedade que persistem e se sustentam mesmo em tempos de incertezas. Em meio às contradições do mundo, há em mim um sopro de gratidão pelo mistério que me fortalece, me inquieta e me motiva na luta por justiça e redução de desigualdades.

Agradeço à minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Camila Pereira, pela confiança constante, parceria amiga e orientações necessárias, lúcidas e precisas. Gratidão por me guiar e apoiar.

Ao querido Prof. Dr. Josep Burgaya pela orientação atenta durante e após o estágio doutoral; pelas provocações intelectuais e críticas que ampliaram meu olhar e fortaleceram a consistência desta pesquisa; e pela acolhida solidária na Espanha.

Aos membros da Banca Examinadora, professores doutores Flávio Calheiros, Liliam Souza e Kênia Figueiredo. As contribuições de vocês foram fundamentais.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento do estágio doutoral no exterior (PDSE), e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS/UnB) por sua atuação.

Aos professores, funcionários – especialmente Domingas Teixeira – e colegas de curso do PPGPS e do NEPPOS pelos ensinamentos, trocas de conhecimento e comprometimento com o saber, mesmo em tempos de pandemia da Covid-19.

Aos queridos amigos pelo apoio firme nesta caminhada e pela compreensão que nunca faltou. Sem esse impulso em momentos sensíveis, esta pesquisa não teria chegado ao fim. Em especial, menciono Larissa Douto, Eliene Moraes, Nadine Agra, Eva Espauella, Amanda Arruda, Guilherme Aleixo, Luciano Albino, Marcos Alfredo, Andreza Albuquerque e Suzana Medeiros. Vocês são a família que construí.

Aos colegas de Curso de Formação para o cargo de Especialista em Política Pública e Gestão Governamental (EPPGG), com quem tive valiosas experiências de

dedicação, resiliência e perseverança, e aos amigos que fiz: Fernanda Monteiro, Priscila Fagundes, Antônio Miguel, Shaianna Araújo, Catiane Lopes, Cyntia Samagra.

Aos meus amados e preciosos pai, Evandro Marques, e madrasta, Maria Goretti Oliveira, pela presença constante e torcida vigorosa. O amor, a compreensão, a força e o apoio de vocês, em todas as fases desta jornada, principalmente na adversidade, foram fundamentais para a conclusão de mais esta etapa da minha vida.

À minha amada irmã e amiga, Michelle Barros, com quem aprendo e reaprendo a viver, e aos meus irmãos Bruce Barros, Brandon Barros, Daniel Oliveira e Letícia Oliveira, com os quais meus laços de amor se estreitam e se fortalecem a cada dia.

À minha família pela torcida e amor, em especial meu avô, José Pires; minhas tias Eveline Jacob e Valéria Alencar; meu tio Antônio Jacob; minhas cunhadas Simone Moraes, Sirovânia Moraes, Silvânia Moraes, Bruna Domenico e Ana Cecília Oliveira.

In memoriam, à minha mãe, Joana D'arc Barros, minhas avós, Tereza Barros e Tereza Emília, minha sogra Geralda Moraes, quatro mulheres fortes e inspiradoras.

À querida e amada Zélia Dias, fiel escudeira que permanece ao meu lado com lealdade, amizade e alegria, dando suporte para minha caminhada. Você fez e faz toda a diferença nas empreitadas dos últimos sete anos. Gratidão!

Ao meu amadíssimo filho, Pedro Luiz Marques de Brito, pela parceria de toda uma vida, pelos abraços que me reergueram nos momentos difíceis e pela alegria que você espalha, mesmo sem saber. Sua presença dá sentido à minha vida, me enche de amor e me faz seguir adiante. Gratidão pela paciência e respeito às minhas ausências necessárias, sem que isso fragilizasse o amor que nos une. Você é a mais amada e linda luz da minha vida. Esta Tese também é sua.

Ao meu grande amor, companheiro, amigo e marido, Cidoval Moraes de Sousa, pelo apoio incondicional. Sou profundamente grata por sua presença em minha vida e por sua leitura crítica a cada capítulo desta Tese, pelas discordâncias, correções firmes, sugestões e, principalmente, por sempre acreditar em mim. Gratidão por estar ao meu lado, por todo incentivo e suporte emocional e intelectual, e por todos os dias me inspirar com sua bondade, coerência, humanidade e justiça. Amo você.

Por fim, agradeço ao Governo do Distrito Federal pela liberação para cursar o doutorado, e a todos que direta ou indiretamente, citados ou não neste documento, contribuíram para que o conhecimento e aprendizado obtidos ao longo dessa trajetória acadêmica pudessem se materializar nesta Tese. Gratidão!

*Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam
outra realidade possível e os delírios, outra razão.*

(Eduardo Galeano)

RESUMO

A presente tese investigou a apropriação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) pela nova direita no âmbito do capitalismo de vigilância, buscando identificar as estratégias utilizadas para a colonização do território digital. O estudo concentrou-se nos efeitos desse processo em três dimensões interrelacionadas: ideopolítica, técnica e comunicativa. A hipótese central confirmada é que a nova direita se apropria das TICs para expandir sua ideologia, utilizando técnicas que abrangem a extração e mercantilização de dados, a recomposição de narrativas, o revisionismo histórico e a instrumentalização do ódio. O ciberespaço é reforçado como território em disputa, operando sob a lógica do capital e intensificando a reconfiguração do poder (colonialismo digital) nas mãos das *big techs*. Para alcançar os objetivos – que incluíram identificar as relações de poder intrínsecas ao uso das TICs e evidenciar os mecanismos de propagação ideológica –, a metodologia adotada incluiu revisão bibliográfica e análise *netnográfica*. Foram analisados 200 vídeos no *TikTok* de quatro políticos criadores de conteúdo em países onde houve expansão da nova direita: EUA (Donald Trump), Espanha (Santiago Abascal), Brasil (Jair Bolsonaro) e El Salvador (Nayib Bukele). Os resultados evidenciam que a nova direita utiliza as TICs como ferramenta metapolítica e tecropolítica de dominação, engajando-se na batalha cultural. As estratégias são complexas, utilizando-se da infraestrutura técnica e simbólica das redes. O uso de *big data* permite a personalização da mensagem, aumentando a eficácia da persuasão e mobilização. Os conteúdos são cuidadosamente planejados com foco na estética digital, apelo emocional forte, e linguagem expressiva/apelativa. Mecanismos discursivos essenciais incluem a simplificação excessiva de temas complexos, o dualismo moral (luta do bem *versus* o mal), a relativização dos direitos humanos e a demonização do inimigo construído, entre outros. As emoções mais mobilizadas nos vídeos analisados foram o desprezo, a indignação e o medo. A análise comparativa revelou que, embora não haja uma "receita" única, os *tiktokers* exploram o canal para comunicação direta e com fins eleitorais. A pesquisa contribui para a compreensão da dinâmica do poder e da comunicação na sociedade hiperconectada, indicando a urgência de regulamentação e alternativas para promover a justiça informacional.

Palavras-chave: Colonialismo digital; nova direita; ciberespaço; território.

ABSTRACT

This thesis investigated the appropriation of Information and Communication Technologies (ICTs) by the new right within the context of surveillance capitalism, seeking to identify the strategies used for the colonization of the digital territory. The study focused on the effects of this process in three interrelated dimensions: ideopolitical, technical, and communicative. The confirmed central hypothesis is that the new right appropriates ICTs to expand its ideology, using techniques that encompass data extraction and commodification, narrative reconstruction, historical revisionism, and the instrumentalization of hate. Cyberspace is reinforced as a contested territory, operating under the logic of capital and intensifying the reconfiguration of power (digital colonialism) in the hands of big tech companies. To achieve the objectives, which included identifying the power relations intrinsic to the use of ICTs and highlighting the mechanisms of ideological propagation, the methodology adopted included a literature review and netnographic analysis. Two hundred *TikTok* videos from four political content creators in countries where the new right has expanded were analyzed: USA (Donald Trump), Spain (Santiago Abascal), Brazil (Jair Bolsonaro), and El Salvador (Nayib Bukele). The results show that the new right uses ICTs as a metapolitical and technopolitical tool of domination, engaging in the cultural battle. The strategies are complex, utilizing the technical and symbolic infrastructure of the networks. The use of big data allows for the personalization of the message, increasing the effectiveness of persuasion and mobilization. The content is carefully planned with a focus on digital aesthetics, strong emotional appeal, and expressive/appealing language. Essential discursive mechanisms include the oversimplification of complex themes, moral dualism (the struggle between good and evil), the relativization of human rights, and the demonization of the constructed enemy, among others. The emotions most mobilized in the analyzed videos were contempt, indignation, and fear. Comparative analysis revealed that, although there is no single "recipe," TikTokers exploit the channel for direct communication and electoral purposes. The research contributes to understanding the dynamics of power and communication in hyperconnected society, indicating the urgency of regulation and alternatives to promote informational justice.

Keywords: Digital colonialism; new right; cyberspace; territory.

RESUMEN

Esta tesis investigó la apropiación de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) por la nueva derecha en el contexto del capitalismo de vigilancia, con el objetivo de identificar las estrategias empleadas para la colonización del territorio digital. El estudio se centró en los efectos de este proceso en tres dimensiones interrelacionadas: ideopolítica, técnica y comunicativa. La hipótesis central, confirmada, es que la nueva derecha se apropia de las TIC para expandir su ideología, utilizando técnicas que abarcan la extracción y mercantilización de datos, la reconstrucción narrativa, el revisionismo histórico y la instrumentalización del odio. El ciberespacio se refuerza como un territorio disputado, que opera bajo la lógica del capital e intensifica la reconfiguración del poder (colonialismo digital) en manos de las grandes empresas tecnológicas. Para alcanzar los objetivos, que incluían la identificación de las relaciones de poder intrínsecas al uso de las TIC y el análisis de los mecanismos de propagación ideológica, la metodología adoptada comprendió una revisión bibliográfica y un análisis netnográfico. Se analizaron doscientos videos de TikTok de cuatro creadores de contenido político en países donde la nueva derecha se ha expandido: Estados Unidos (Donald Trump), España (Santiago Abascal), Brasil (Jair Bolsonaro) y El Salvador (Nayib Bukele). Los resultados muestran que la nueva derecha utiliza las TIC como herramienta metapolítica y tecnopolítica de dominación, participando en la batalla cultural. Las estrategias son complejas y aprovechan la infraestructura técnica y simbólica de las redes. El uso de macrodatos permite personalizar el mensaje, aumentando la eficacia de la persuasión y la movilización. El contenido está cuidadosamente planificado, con énfasis en la estética digital, un fuerte atractivo emocional y un lenguaje expresivo y persuasivo. Entre los mecanismos discursivos esenciales se incluyen la simplificación excesiva de temas complejos, el dualismo moral (la lucha entre el bien y el mal), la relativización de los derechos humanos y la demonización del enemigo construido. Las emociones más movilizadas en los videos analizados fueron el desprecio, la indignación y el miedo. El análisis comparativo reveló que, si bien no existe una única «receta», los usuarios de TikTok explotan la plataforma para la comunicación directa y con fines electorales. La investigación contribuye a comprender la dinámica del poder y la comunicación en la sociedad hiperconectada, lo que pone de manifiesto la urgencia de regular y explorar alternativas para promover la justicia informativa.

Palabras clave: Colonialismo digital; nueva derecha; ciberespacio; territorio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quantidade de artigos produzidos nas bases <i>Scopus</i> e <i>Scielo</i> por ano	31
Figura 2: Quantidade de artigos por país - Base <i>Scopus</i>	32
Figura 3: Quantidade de artigos por ano - Base <i>Scielo</i>	32
Figura 4: Quantidade de artigos por coleção - Base <i>Scielo</i>	33
Figura 5: Amostra de artigos para análise - <i>Scopus</i> e <i>Scielo</i>	33
Figura 6: Tipo de conteúdo produzido	155
Figura 7: Tipos de conteúdo gerado	156
Figura 8: Imagens vídeo 1 – Trump	165
Figura 9: Imagens vídeo 2 – Trump	167
Figura 10: Imagens vídeo 3 – Trump	170
Figura 11: Imagens vídeo 4 – Trump	172
Figura 12: Imagens vídeo 5 – Trump	175
Figura 13: Imagens vídeo 6 – Trump	177
Figura 14: Imagens vídeo 7 – Trump	180
Figura 15: Imagens vídeo 8 – Trump	182
Figura 16: Imagens vídeo 9 – Trump	184
Figura 17: Imagens vídeo 10 – Trump	186
Figura 18: Imagens vídeo 1 - Abascal	194
Figura 19: Imagens vídeo 2 - Abascal	196
Figura 20: Imagens vídeo 3 - Abascal	199
Figura 21: Imagens vídeo 4 – Abascal	201
Figura 22: Imagens vídeo 5 - Abascal	205
Figura 23: Imagens vídeo 6 - Abascal	207
Figura 24: Imagens vídeo 7 - Abascal	209
Figura 25: Imagens vídeo 8 - Abascal	211
Figura 26: Imagens vídeo 9 - Abascal	214
Figura 27: Imagens vídeo 10 - Abascal	217
Figura 28: Imagens vídeo 1 - Bolsonaro	226
Figura 29: Imagens vídeo 2 - Bolsonaro	228
Figura 30: Imagens vídeo 3 - Bolsonaro	231
Figura 31: Imagens vídeo 4 - Bolsonaro	232
Figura 32: Imagens vídeo 5 - Bolsonaro	235
Figura 33: Imagens vídeo 6 - Bolsonaro	238
Figura 34: Imagens vídeo 7 - Bolsonaro	239
Figura 35: Imagens vídeo 8 - Bolsonaro	241
Figura 36: Imagens vídeo 9 - Bolsonaro	244
Figura 37: Imagens vídeo 10 - Bolsonaro	246
Figura 38: Imagens vídeo 1 - Bukele	255
Figura 39: Imagens vídeo 2 - Bukele	257
Figura 40: Imagens vídeo 3 - Bukele	259
Figura 41: Imagens vídeo 4 - Bukele	262
Figura 42: Imagens vídeo 5 - Bukele	265

Figura 43: Imagens vídeo 6 - Bukele	267
Figura 44: Imagens vídeo 7 - Bukele	270
Figura 45: Imagens do vídeo 8 - Bukele	272
Figura 46: Imagens do vídeo 9 - Bukele	275
Figura 47: Imagens do vídeo 10 - Bukele	277

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Análise quantitativa do <i>TikTok</i>	37
Tabela 2: Análise qualitativa do <i>TikTok</i>	41
Tabela 3: Conceitos e características da nova direita	144
Tabela 4: Análise quantitativa vídeo 1 – Trump	165
Tabela 5: Análise quantitativa vídeo 2 – Trump	167
Tabela 6: Análise quantitativa vídeo 3 - Trump	169
Tabela 7: Análise quantitativa vídeo 4 – Trump	172
Tabela 8: Análise quantitativa vídeo 5 – Trump	175
Tabela 9: Análise quantitativa vídeo 6 – Trump	176
Tabela 10: Análise quantitativa vídeo 7 – Trump	179
Tabela 11: Análise quantitativa vídeo 8 –Trump	181
Tabela 12: Análise quantitativa vídeo 9 – Trump	183
Tabela 13: Análise quantitativa do vídeo 10 –Trump	185
Tabela 14: Análise quantitativa vídeo 1 – Abascal	193
Tabela 15: Análise quantitativa vídeo 2 – Abascal	196
Tabela 16: Análise quantitativa vídeo 3 – Abascal	198
Tabela 17: Análise quantitativa vídeo 4 – Abascal	201
Tabela 18: Análise quantitativa vídeo 5 – Abascal	204
Tabela 19: Análise quantitativa vídeo 6 – Abascal	206
Tabela 20: Análise quantitativa vídeo 7 – Abascal	208
Tabela 21: Análise quantitativa vídeo 8 – Abascal	211
Tabela 22: Análise quantitativa vídeo 9 – Abascal	213
Tabela 23: Análise quantitativa vídeo 10 – Abascal	216
Tabela 24: Análise quantitativa vídeo 1 – Bolsonaro	226
Tabela 25: Análise quantitativa vídeo 2 – Bolsonaro	227
Tabela 26: Análise quantitativa vídeo 3 – Bolsonaro	230
Tabela 27: Análise quantitativa vídeo 4 – Bolsonaro	232
Tabela 28: Análise quantitativa vídeo 5 – Bolsonaro	234
Tabela 29: Análise quantitativa vídeo 6 – Bolsonaro	237
Tabela 30: Análise quantitativa vídeo 7 – Bolsonaro	239
Tabela 31: Análise quantitativa vídeo 8 – Bolsonaro	241
Tabela 32: Análise quantitativa vídeo 9 – Bolsonaro	243
Tabela 33: Análise quantitativa vídeo 10 – Bolsonaro	245
Tabela 34: Análise quantitativa vídeo 1 – Bukele	254
Tabela 35: Análise quantitativa vídeo 2 – Bukele	256
Tabela 36: Análise quantitativa vídeo 3 – Bukele	259
Tabela 37: Análise quantitativa vídeo 4 – Bukele	262
Tabela 38: Análise quantitativa vídeo 5 – Bukele	264
Tabela 39: Análise quantitativa vídeo 6 – Bukele	266
Tabela 40: Análise quantitativa vídeo 7 – Bukele	269
Tabela 41: Análise quantitativa vídeo 8 – Bukele	271
Tabela 42: Análise quantitativa vídeo 9 – Bukele	274

Tabela 43: Análise quantitativa vídeo 10 – Bukele	277
Tabela 44: Dados populacionais e digitais dos países/perfis dos <i>tiktokers</i> políticos	283
Tabela 45: Métricas sobre estratégia de produção de conteúdo do <i>corpus</i> de 200 vídeos	286
Tabela 46: Análise comparativa dados qualitativos dos <i>tiktokers</i> políticos	288
Tabela 47: Uso e idioma das legendas no <i>corpus</i> de 200 vídeos	291
Tabela 48: Tipos de comentários gerados em reação aos vídeos analisados	293

SUMÁRIO

I Introdução

I.I Contextualização e problema de pesquisa	16
I.II Questão de partida, objeto, hipótese e objetivos	21
I.III Justificativa	
I.III.I A pesquisadora em foco	22
I.III.II Refletindo sobre o contexto	24
I.IV Metodologia	27
I.IV.I Método	27
I.IV.II Procedimentos metodológicos	29
I.IV.III Cuidados éticos	43

II O CIBERESPAÇO E A NOVA DIREITA

Capítulo 1: Ciberespaço: velhas práticas no novo mundo digital	44
1.1 A reprodução das relações sociais virtualizadas	44
1.2 Metamorfose do capitalismo: a precarização do trabalho continua	54
1.3 Racismo algorítmico e microagressões raciais no ciberespaço	65
1.4 O X da Questão: riscos à democracia em tempos de Internet	70
Capítulo 2: Conceituando a nova direita	76
2.1 A nova direita é nova?	76
2.2 Neoliberalismo	78
2.3 Neoconservadorismo	88
2.4 Situando a nova direita: o que dizem os artigos sobre essa temática?	95
2.4.1 Apresentação de elementos conceituais, conteúdos ideológicos e/ou características da nova direita	96
2.4.2 Estratégias e/ou metodologias de difusão da ideologia da nova direita	108
2.4.3 Análise de conteúdos e/ou discursos	114
2.4.4 Efeitos, consequências ou impactos da ideologia da nova direita	122
2.4.5 Ideólogos, agentes políticos e política externa	130
2.5 Consensos e dissensos: diálogos sobre a nova direita	143
Capítulo 3: Análise <i>netnográfica</i> no <i>TikTok</i>	152
3.1 Caracterizando o <i>TikTok</i>	152
3.2 Trajetória investigativa (Metodologia/Pesquisa quanti-qualitativa/)	155
3.3 EUA	159
3.3.1 Trump, o “ <i>Don</i> honesto”	162
3.3.1.1 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 1 – Trump	165
3.3.1.2 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 2 – Trump	167
3.3.1.3 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 3 – Trump	169
3.3.1.4 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 4 – Trump	172
3.3.1.5 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 5 – Trump	174
3.3.1.6 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 6 – Trump	176
3.3.1.7 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 7 – Trump	179
3.3.1.8 Análise <i>netnográfica</i> vídeo 8 – Trump	181
3.3.1.9 Análise <i>netnográfica</i> de Trump – vídeo 9	183

3.3.1.10	Análise <i>netnográfica</i> de Trump – vídeo 10	185
3.4	Espanha	187
3.4.1	Abascal, o “corajoso”	190
3.4.1.1	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 1 – Abascal	193
3.4.1.2	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 2 – Abascal	195
3.4.1.3	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 3 – Abascal	198
3.4.1.4	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 4 – Abascal	201
3.4.1.5	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 5 – Abascal	204
3.4.1.6	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 6 – Abascal	206
3.4.1.7	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 7 – Abascal	208
3.4.1.8	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 8 – Abascal	211
3.4.1.9	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 9 – Abascal	213
3.4.1.10	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 10 – Abascal	216
3.5	Brasil	219
3.5.1	Bolsonaro, o “mito”	223
3.5.1.1	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 1 – Bolsonaro	225
3.5.1.2	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 2 – Bolsonaro	227
3.5.1.3	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 3 – Bolsonaro	230
3.5.1.4	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 4 – Bolsonaro	232
3.5.1.5	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 5 – Bolsonaro	234
3.5.1.6	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 6 – Bolsonaro	237
3.5.1.7	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 7 – Bolsonaro	238
3.5.1.8	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 8 – Bolsonaro	241
3.5.1.9	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 9 – Bolsonaro	243
3.5.1.10	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 10 – Bolsonaro	245
3.6	El Salvador	248
3.6.1	Bukele, o “ditador cool”	251
3.6.1.1	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 1 – Bukele	254
3.6.1.2	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 2 – Bukele	256
3.6.1.3	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 3 – Bukele	259
3.6.1.4	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 4 – Bukele	262
3.6.1.5	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 5 – Bukele	264
3.6.1.6	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 6 – Bukele	266
3.6.1.7	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 7 – Bukele	269
3.6.1.8	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 8 – Bukele	271
3.6.1.9	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 9 – Bukele	274
3.6.1.10	Análise <i>netnográfica</i> vídeo 10 – Bukele	277
	Capítulo 4 – Considerações Finais	280
4.1	Os efeitos da colonização do ciberespaço	280
4.2	Comparações e inferências explícitas e implícita na análise <i>netnográfica</i>	283
4.3	As disputas acirradas	294
V	Referências	298
VI	Apêndice 1: Artigos sobre nova direita Base Scopus e Scielo	318
VII	Apêndice 2: Links dos vídeos selecionados para análise <i>netnográfica</i>	324

I - INTRODUÇÃO

I.1 Contextualização e problema de pesquisa

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ascenderam no contexto do uso de algoritmos de *big data* (Harari, 2024) e se legitimaram como instrumento de poder nos últimos anos. Há o estímulo intencional para que as TICs sejam incorporadas e integrem de maneira contínua e profunda o cotidiano da sociedade, embora não estejam homogeneamente acessíveis às pessoas. Elas medeiam diversas formas de interação, e o ciberespaço firma-se como *lócus* de ocorrência de relações sociais. A sociedade entrou na era do capitalismo de vigilância que necessita do digital para existir, utiliza algoritmos, plataformas e aplicativos digitais, inteligência artificial, aprendizado automático de máquina (*machine learning*), automação robótica, mas não se confunde com a tecnologia que emprega (Zuboff, 2019).

A principal característica do capitalismo, na atualidade, é a centralidade do capital financeiro que, estando articulado às megacorporações produtivas transnacionais, preside as estratégias de acumulação e dominação (Silva, 2021). O capital financeiro aprofunda o desenvolvimento desigual e combinado entre as nações (Iamamoto, 2008), e as finanças comandam o nível e o ritmo da acumulação, no que tange à criação de capacidades de produção e extensão das relações de produção capitalistas, articulando efeitos da liberalização, da desregulamentação das trocas, dos movimentos de capitais e da tecnologia (Chesnais, 2000). O capital financeiro, atrelado à maximização de valor, é a fonte de poder na qual o capitalismo de vigilância se assenta (Zuboff, 2019).

O capitalismo de vigilância pode ser definido, conforme Zuboff (2019), como uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana em plataformas digitais como matéria-prima de forma gratuita, para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas, utilizando-se do meio automatizado da arquitetura computacional e dos espaços conectados em rede. Nessa lógica econômica parasítica, a produção de bens e serviços tem o objetivo de alterar comportamentos. Para a autora, essa nova ordem expropria direitos e destitui a soberania dos indivíduos; revive a imagem apresentada por Karl Marx do capitalismo como o vampiro

que se alimenta do trabalho, apropriando-se de todo aspecto de toda experiência humana (Zuboff, 2019).

Os dados pessoais (matéria-prima) produzidos a partir dessas vivências são dataificados, ou seja, quantificados e convertidos em produtos algorítmicos pelas operações de inteligência de máquina. Esses produtos têm a possibilidade de prever, influenciar, modificar, monetizar e controlar o comportamento dos usuários (Zuboff, 2019; Silveira, 2021; Lemos, 2021). Por isso mesmo, os dados pessoais tornaram-se um dos principais mercados da economia informacional, sustentando a maior parte do faturamento das grandes corporações de tecnologia, as chamadas *big techs*, como *Google*, *Apple* e *Amazon* (Silveira *et al.*, 2017).

Com o aprendizado automático de máquina (*machine learning*) – domínio da inteligência artificial em expansão –, “o computador mergulha nos dados seguindo apenas instruções básicas. O algoritmo encontra padrões por si próprio e então, com o tempo, traça relações entre padrões e resultados. Em certo sentido, ele aprende” (O’Neil, p. 86, 2020). O aprendizado pode se dar a partir de modelos matemáticos programados por pessoas, logo, sofrem influência humana e as funções não devem ser tratadas como meramente tecnológicas (Silveira *et al.*, 2017). Na verdade, sempre que falamos em desenvolvimento científico-tecnológico devemos, ao contrário do que propõe a visão clássica da ciência e da tecnologia, ter compreensão de que é socialmente construído, visando à máxima produtividade, a partir de padrões orientados pela e para a economia e a produção de rentabilidade, portanto, não é neutro, desinteressado (Santos, 2006; Castells, 1999; Raffestins, 1993; Santos, 2020; Burgaya, 2021) ou simplesmente técnico.

Quanto maior a disponibilidade de conjunto de dados e mais aprimorada a tecnologia de aprendizado de máquina, mais possibilidades o algoritmo tem de tomar decisões e criar formas subjetivas de interações (Rocha *et al.*, 2020), perpetuando vieses, como a reprodução de práticas racistas no ciberespaço. Além disso, é possível difundir e viralizar na rede ideologias extremistas, equívocos, teorias da conspiração, discurso de ódio, verdades falseadas, narrativas recompostas ou mesmo fraudadas. Não estamos, com isso, sugerindo que a manipulação é algo novo ou decorrente do uso da Internet, mas, apenas, que se intensifica no contexto do capitalismo de vigilância. A desinformação e as *fake news* beneficiam-se da ubiquidade, instantaneidade, simultaneidade, pluralidade de conexões possíveis com as redes das

TICs e dos algoritmos automatizados. A falta de regulamentação e a possibilidade de anonimato e criação de diversos perfis para um único usuário também podem favorecer a desinformação.

Fatos e evidências são secundarizados em detrimento do apelo às crenças e emoções pessoais, sendo essa uma característica da denominada era da pós-verdade¹, em que a distorção da realidade transita do *online* para o *offline* com inúmeras capacidades, inclusive a de influenciar eleições (Amaral; Santos, 2019). Como exemplo, podemos citar as controversas campanhas à presidência dos EUA e do Brasil, em 2016 e 2018, respectivamente, e o referendo sobre o *Brexit*, também em 2016². Embora esses casos tenham sido emblemáticos, as técnicas de distorção da realidade foram reproduzidas nas eleições seguintes desses dois países, em 2020 e 2024 nos EUA, e 2022 no Brasil, e são utilizadas em outros países e áreas não eleitorais.

As autoras Amaral e Santos (2019) mencionam como possíveis causas da emergência da pós-verdade as megatendências como o declínio do capital social, a crescente desigualdade econômica, o aumento de polarização, a redução da confiança na ciência, entre outros. Para elas, a face mais visível e recorrente da pós-

¹ O termo pós-verdade tem sido utilizado para se referir ao fenômeno de falseamento da realidade, a partir da propagação de conteúdos falsos, utilizando-se da ubiquidade e instantaneidade do meio digital. A expressão tornou-se verbete no Dicionário Oxford, sendo selecionada por ele como “palavra do ano” em 2016: “relativo ou que denota circunstâncias nas quais os dados objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”. Para Amaral e Santos (2019), a prática política de construção de narrativas e *fake news* para influenciar a opinião pública não é nova ou recente, porém, a frequência e o alcance na atualidade atingem uma dimensão sem precedentes. As causas são diversas. Entre elas podemos mencionar, conforme McIntyre (2018), o negacionismo científico; o viés cognitivo, relacionado com a ignorância e incapacidade de a pessoa perceber que está equivocada mesmo diante de evidências; o declínio da confiança nos meios de comunicação tradicionais; o aumento do uso das redes sociais; e o processo de relativização da verdade.

² Rodríguez-Andrés (2018) sobre as eleições estadunidenses de 2016 indicam que um dos elementos mais destacados e inovadores na campanha eleitoral de Donald Trump foi o uso das redes sociais como principal canal de comunicação com o eleitorado, ao invés dos meios tradicionais, como a televisão. As redes privilegiadas por Trump foram o *Twitter* e *Facebook* e seu engajamento foi fomentado de forma artificial a partir da criação de milhares de *bots* e de perfis falsos para ampliar suas mensagens, dominar conversas e gerar *trending topics*. Também houve investimento em *big data*, para conhecer o perfil dos eleitores, a partir da contratação da empresa britânica Cambridge Analytica (CA), que já havia trabalhado na campanha ao *Brexit*, também em 2016, e cujo resultado foi a retirada do Reino Unido da União Europeia. Essa empresa, conforme Fornasier e Beck (2020) realizava a coleta ilícita de dados pessoais principalmente no *Facebook*; categorizava os eleitores, identificando aqueles indecisos, classificados como “persuadíveis”; e realizava práticas chamadas de “ataques focais” (*microtargeting*, em inglês) para manipular tendências políticas, com uso, inclusive, de *fake news*, provocando uma ruptura com a democracia e deliberadamente gerando uma sociedade polarizada. No Brasil, grande parte das estratégias de Trump em realizar uma campanha eleitoral pautada no digital foram adotadas por Bolsonaro, que também saiu vitorioso e assumiu a presidência da República no país latino-americano para o exercício de 2019 a 2022.

verdade são as *fake news*, que se propagam com mais facilidade nas redes sociais, conforme estudo publicado em 2018 pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) (Galhardi *et al.*, 2020). Além disso, o compartilhamento de *fake news* tem 70% mais chances de viralizar que notícias verdadeiras, aponta a pesquisa do MIT.

Para Morozov (2018), considerando o funcionamento do modelo de negócios das *big tech*³, o que interessa nas *fake news* para essas empresas é menos seu teor e conteúdo e mais a possibilidade de visualizações por diferentes usuários, o que proporciona mais lucro para essas megacorporações tecnológicas. Concordamos com o autor sobre o fato de que, para compreender as crises geradas pelas *fake news*, é preciso observar quem está por trás da produção delas. Temos concordância, ainda, com o fato de que as narrativas das elites sobre a falsidade dessas notícias possuem explicação superficial, e que estamos diante de um problema bastante complexo. Essa temática, que busca compreender a atuação de atores no ciberespaço também é tema de interesse desta pesquisa.

O *Digital News Report* do *Reuters Institute for the Study of Journalism* analisou, em 2018, a confiança e a desinformação no consumo de notícias globais. O estudo foi realizado em 37 países, com 74 mil pessoas. O Brasil foi classificado como o terceiro maior consumidor mundial de *fake news* (35% dos entrevistados). Os primeiros lugares foram ocupados pela Turquia (49%) e México (43%). Os Estados Unidos apareceram em quarta posição (31%). A pesquisa foi aplicada nos meses de janeiro e fevereiro daquele ano, que viu acontecer eleições presidenciais na Turquia⁴, México⁵ e Brasil, onde foi vencedor Jair Bolsonaro para o período 2018-2022. Nos Estados Unidos, Donald Trump havia sido eleito presidente para o mandato 2017-2021, e foi reeleito em 2024, para governar a partir de 2025. Seria precipitado realizar interpretações neste momento deste trabalho, embora saiba-se da distorção da realidade na pós-verdade, do uso massivo de redes sociais, e do recrudescimento da nova direita na Turquia, no Brasil e nos Estados Unidos, a partir desse período.

³ As *big tech* são grandes empresas de tecnologia associadas a plataformas de uso intensivo de dados. A maior parte dessas instituições estão situadas na América do Norte, embora seja observado crescimento delas na China. A ascensão das *big tech* foi facilitada pelos interesses e percepções das elites globais de que essas empresas poderiam se apresentar como solução para a crise econômica mundial, o enfraquecimento das leis antimonopolistas ou da privatização do bem-estar e outras funções do Estado (Morozov, 2018). São exemplos de *big tech* a *Alphabet*, *Microsoft* e *Apple*.

⁴ Foi vencedor o candidato Recep Tayyip Erdogan.

⁵ Foi vencedor o candidato López Obrador.

O termo “nova direita” foi utilizado, no final dos anos 1970, para caracterizar o fenômeno de tendência mundial de revitalização da direita no espectro político partidário em países capitalistas avançados (Alves, 2000). Na década seguinte, foi defendido por grande parte dos autores em ciências sociais, como a união por conveniência entre neoliberais e neoconservadores visando se opor às forças progressistas/socialistas, além de obter êxito em disputas eleitorais (Yannoulas, 2024). Com a ascensão de movimentos de extrema direita – tanto em governos, como os citados acima, quanto em partidos políticos como é o caso do *Vox*, na Espanha, e do *Front Nacional*, na França – e suas consequências e impactos diretos nas políticas públicas e formação de opinião pública, as discussões sobre a nova direita foram intensificadas (Pinelli, 2024)

O conceito de nova direita, especialmente o trabalhado no Brasil, tem caráter polissêmico e carece de uma definição consensual (Pereira, 2016; Yannoulas 2024; Cepêda, 2018; Pinelli, 2024). Tem-se concordância com Pinelli (2024) de que o termo nova direita tem sido tratado, por parte dos intelectuais nacionais, como sinônimo de extrema direita, ultradireita, nova direita 2.0, direita ultraconservadora, neoliberalismo-conservador, modernização conservadora. Na presente pesquisa, optou-se por adotar o posicionamento que concebe a nova direita para além de um processo social ou força política, mas como ideologia alicerçada no amálgama de valores e interesses contraditórios de origem econômica neoliberal, e política, social e cultural neoconservadora (Pereira, 2016; 2023; Yannoulas, 2021; Solano, 2021; Pinelli, 2024).

A nova direita, como ideologia, adentra paulatinamente instituições, tornando-se mais estável e capaz de promover manifestações e consequências concretas, profundas e radicais, seja no âmbito social, político, econômico, cultural ou humano (Pereira, 2023). Essa ideologia funde preceitos neoliberais – a exemplo da defesa do livre mercado; do individualismo; da liberdade negativa; da autorresponsabilização; da meritocracia; da proteção estatal mínima – com preceitos neoconservadores, como os de Estado forte ou Estado de autoridade; da ordem, disciplina, hierarquia; da subordinação e resgate dos valores tradicionais que incluem a família patriarcal, a propriedade privada, o patriotismo, a religião cristã, os bons costumes e a moral. Esse amálgama é a expressão da nova direita no Brasil e no mundo (Pereira, 2016).

A nova direita, quando no poder, tende à radicalização e ao extremismo, edificando “um Estado punitivo, penal, refém do mercado, das grandes corporações

mundiais, autoritário e substancialmente antissocial” (Pereira, Duarte, Santos, 2021, p. 8). Entre as consequências da nova direita, estão concepções e práticas violentas como racismo, misoginia, xenofobia, elitismo, islamofobia, LGBTfobia (Pereira, 2020; 2023), autoritarismo, negação de direitos humanos e sociais, além de práticas de reprodução de *fake news* para manipulação e cooptação de massas e repúdio ao pensamento crítico e diverso (Pereira, Duarte, Santos, 2021; Pereira, 2023). Para difundirem sua ideologia, os neodireitistas alegam estarem apenas exercendo o direito de liberdade de expressão, com pouca, ou nenhuma, oposição (Carapanã, 2018). E as redes sociais parecem ser ambiente propício para isso, pois, em especial com uso de algoritmos e inteligência artificial, amplificam a propagação dessas ideologias, transmitidas por memes, charges, imagens e conteúdos que naturalizam o discurso de ódio, teorias da conspiração, *fake news*.

A partir do contexto evidenciado, no qual insere-se a **problemática** desta pesquisa, pode-se delimitar o **problema de pesquisa** como sendo o desafio de estudar, com respaldo histórico, a reprodução das relações sociais no ciberespaço – um território em disputa para manutenção dos interesses do capital no contexto do capitalismo de vigilância – a partir da apropriação das TICs pela nova direita.

I.II Questão de partida, objeto, hipótese e objetivos

A conjuntura descrita anteriormente leva a inúmeros questionamentos e indagações iniciais sobre o ciberespaço, dentre os quais mencionamos: quais são as mudanças sociais e/ou culturais mais significativas? Quais são os mais importantes atores nas disputas pela colonização do ciberespaço? Como a realidade é distorcida e esvaziada de sentido e/ou significação? Por que o discurso de ódio tem se sobressaído sobre o de paz? Como os responsáveis pelas produções de *fake news* ou conteúdos de desinformação constroem as narrativas e a quem interessa essa desinformação? Os questionamentos são muitos e diversos. Nem todos terão respostas nesta pesquisa, mas partem de uma questão central, mais abrangente, a qual constitui a **questão de partida** do presente estudo e que pode ser assim formulada: no âmbito do capitalismo de vigilância, como a nova direita se apropria das TICs? Que estratégias desenvolve para colonizar o território digital?

Com base na realidade evidenciada, e partindo da questão central, voltamos o olhar para o **objeto** da pesquisa: os efeitos da apropriação das TICs pela nova direita nas dimensões ideopolítica, técnica e comunicativa, no contexto do capitalismo de vigilância.

A **hipótese** é de que a nova direita se apropria das TICs para colonizar o ciberespaço, com objetivo de expandir a ideologia neodireitista a partir do uso da Internet, propagando, ampliando e intensificando práticas neoconservadoras e neoliberais, e aprofundando a concentração do capital. As estratégias utilizadas envolvem mecanismos como extração, mercantilização e análise de dados; manipulação algorítmica; recomposição de narrativas e mesmo a produção de conteúdos falsos; uso de códigos, robôs e Inteligência Artificial (IA).

O **objetivo geral** da pesquisa consiste em investigar os efeitos decorrentes da apropriação das TICs pela nova direita, buscando olhar criticamente para as dimensões ideopolítica, técnica e comunicativa. As dimensões apresentadas não são estanques. Ao contrário, são fluidas e inter-relacionadas, e nos interessam no âmbito do capitalismo de vigilância.

Para o alcance do objetivo geral, a pesquisa desdobra-se em três **objetivos específicos**:

- 1) identificar as relações de poder intrínsecas ao uso das TICs (correlação de forças entre capital/trabalho);
- 2) evidenciar os mecanismos utilizados pela nova direita para propagar seus ideais com suporte das TICs;
- 3) investigar a produção de conteúdos e a recomposição de narrativas pela nova direita no ciberespaço, território em disputa e *lócus* de prática da vida social.

I.III Justificativa

I.III.I A pesquisadora em foco

O desenvolvimento desta pesquisa parte da confluência de minhas experiências acadêmicas, profissionais e pessoais. As inquietações sobre a realidade social me acompanham desde a infância. Durante o período de férias escolares na Capital Federal, no início da década de 1990, eu, ainda menina, fui algumas vezes

visitar parentes maternos em Uiraúna, sertão paraibano. Pela janela do carro, nos quase 2.500 km que separam Brasília e Paraíba, gostava de observar a mudança de paisagens. Os galhos e troncos retorcidos das árvores do cerrado davam lugar a uma vegetação bastante imponente, um tapete verde de serras, seguidos de chapadas, até chegar nas terras tão distantes, com sua beleza singular repleta de cactos, bromélias e umbuzeiros, e um solo seco e arenoso que clamava por chuva. Além do visual, percebia diferenças no modo de falar, nas brincadeiras, nas comidas típicas, nos hábitos cotidianos. Até a pobreza parecia distinta no alto sertão nordestino. Nessas viagens, embora ainda não soubesse, tive minhas primeiras lições sobre desigualdades sociais.

Minha visão de mundo, naturalmente, foi sendo ampliada. Quis entender melhor as contradições existentes na sociedade. Durante a graduação em Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade de Brasília (UnB), interessei-me por temáticas relacionadas à violência doméstica, aos egressos do sistema prisional, à população em situação de rua. Havia o desejo de desnudar os fatos, compreendê-los de forma profunda para tentar chegar ao que eu pretensamente imaginava ser o cerne das questões. Nesse sentido, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi a elaboração de uma grande reportagem. Mãe há poucos anos, fiquei sensibilizada com o sofrimento de famílias que viviam a angústia do desaparecimento de um filho ou filha. Mergulhei nessa temática de dor e contradições, confrontando dados oficiais, dimensão social, discursos governamentais, aspectos e apoio psicológico. As conclusões indicavam uma certa inação do Estado e a ausência de políticas públicas efetivas para solucionar os casos.

O interesse pela área social era evidente. O concurso público em que tomei posse foi o da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social do Distrito Federal, em 2009. O exercício dos cargos de diretora de Gestão de Transferência de Renda e Cadastro Único em dois momentos distintos (2011/2012 e 2015/2018), intercalado com o exercício do cargo de assessora especial no Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (Censipam), do Ministério da Defesa (2012/2015), me trouxe importantes aprendizados. Pude observar as peculiaridades e divergências de ao menos três regiões do país: Centro-Oeste, Nordeste e Norte. Percebi que os territórios são bastante distintos em alguns aspectos, mas tomei consciência de que,

muito mais que diferenças, existem terríveis semelhanças de desigualdades, desproteção social, miséria, fome, injustiças sociais.

A compreensão dessa realidade veio acompanhada de um sentimento de inquietude. Eu não encontrava respostas suficientes e consistentes para os meus questionamentos. Senti-me impulsionada a aprofundar meu conhecimento, e ingressei no mestrado em Desenvolvimento Regional na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A dissertação abordou a desigualdade digital como uma das facetas da desigualdade estrutural do país. O trabalho foi defendido em 2020, poucos meses depois do início da pandemia da Covid-19, quando as TICs passaram a mitigar impactos do isolamento social. Nesse momento, por um lado, as TICs foram enaltecidas como solução necessária para o novo arranjo social pandêmico, a exemplo da realização do teletrabalho, da continuidade do ensino com aulas remotas, de compras por aplicativos e até de festas *online*. Por outro, meus resultados foram evidenciados: os privilégios dessas tecnologias não eram acessíveis a todos. As desigualdades digitais foram descortinadas e o tema passou a ser mais amplamente debatido, indicando outras possibilidades de pesquisa e investigação.

Quando ingressei no doutorado em Política Social na UnB (2021), a temática relacionada às TICs continuaria como objeto de estudo, agora com horizonte mais alargado. Os atendimentos e conversas com minha orientadora, Camila Pereira, conduziram meu olhar para o modelo que perpetua relações de poder, especialmente no mundo digital, um ambiente em rápida e constante transformação, o que traz diversos desafios para o desenvolvimento da tese. Seguindo nesse caminho de investigação, fui aprovada no processo seletivo de doutorado sanduíche financiado pela CAPES. Essa oportunidade, vivenciada na Espanha com a coorientação de Josep Burgaya, trouxe importantes, significativas e decisivas contribuições para o desenvolvimento e finalização da pesquisa.

I.III.II Refletindo sobre o contexto

O interesse desta pesquisa decorre não apenas da identidade entre sujeito e objeto na área das Ciências Sociais, mas da contribuição e dos efeitos teóricos e técnicos que visam ultrapassar a intencionalidade da pesquisadora (Minayo; Deslandes; Gomes, 2018) e contribuir com a problematização e estudos existentes

em relação aos efeitos da apropriação das TICs pela nova direita, no contexto do capitalismo de vigilância.

Para justificar o desenvolvimento do presente estudo, três situações serão apresentadas para reflexão:

1) No ano de 2010, movimentos sociais em diversos países do Oriente Médio e norte da África, como Tunísia, Líbia, Egito, Marrocos, Iêmen, Arábia Saudita, iniciaram uma onda de manifestações e protestos populares. A *Primavera Árabe*, como ficou conhecida, lutava contra governos autoritários e ditatoriais; altas taxas de desemprego e pobreza; corrupção. Utilizaram redes sociais como *Facebook*, *Twitter* (hoje, X) e *YouTube* para sensibilizar a população local e internacional, e para divulgar e organizar campanhas envolvendo greves, comícios, passeatas. Transformaram “medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor” (Castells, 2013, p. 8). Apesar de algumas pautas comuns, cada país tinha suas peculiaridades e o desfecho dos movimentos variou entre os países: houve queda de ditadores, instituição da democracia, guerra civil, acordo político, entre outros. Os movimentos sociais conectados em rede pela Internet se espalharam, e outros movimentos surgiram na Europa e nos EUA, reivindicando, em suma, justiça social e democracia. Castells (2013) denomina os movimentos sociais em rede como redes de indignação e esperança, e acredita que poderiam possibilitar a reaprendizagem da verdadeira democracia.

2) Em Mianmar – país localizado no sul da Ásia, ex-colônia da Inglaterra que se tornou independente em 1948 – refugiados da minoria étnica mulçumana *rohingyas* foram vítimas de genocídio em 2017. O discurso de ódio de grupos ultranacionalistas budistas foi propagado pelo *Facebook*, e contribuiu para tensionar os conflitos. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que mais de 25 mil indivíduos tenham sido mortos durante a repressão militar pela maioria budista, e os atos de violência teriam culminado na fuga de quase 700 mil pessoas para Bangladesh. Após denúncia da ONU, a *big tech* se comprometeu, a partir de agosto de 2018, a adotar medidas para monitoramento das mensagens. O *Facebook* começou a ser usado em Mianmar em 2010, mas a popularização da Internet começou em 2014, quando duas empresas de telecomunicações receberam permissão para entrar no país. Hoje, mais da metade da população acessa a rede social. Em dezembro de 2021, dezenas de refugiados

rohngias no Reino Unido e EUA pediram indenização de US\$ 150 bilhões ao Facebook. Até o momento, não se tem notícias sobre a finalização da ação judicial.

3) Era domingo, 8 de janeiro de 2023. Uma multidão extremista de direita, vestida de verde e amarelo, marchava rumo à Praça dos Três Poderes, em Brasília. Inconformados com a posse, na semana anterior, do presidente democraticamente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, o grupo entoava o coro “Deus, pátria, família, liberdade” e levantava faixas pedindo por “intervenção militar”. Em movimento sincronizado, por duas vezes, os extremistas puxaram os gradis e romperam as barreiras de contenção que protegiam o Congresso Nacional. Munidos de paus, pedras, estacas pontiagudas, barras de ferro, spray químico e máscaras antigases, venceram com facilidade os poucos policiais militares mobilizados para atuar na ação e invadiram as sedes do Poder Legislativo (Congresso Nacional), Executivo (Palácio do Planalto) e Judiciário (Supremo Tribunal Federal). A organização do ato golpista – conforme Relatório produzido em 27 de janeiro de 2023 pelo Gabinete do Interventor Federal, sob condução de Ricardo Cappelli – estava ocorrendo há pelo menos duas semanas daquela data, pelas redes sociais com o pseudônimo “Festa da Selma”. Parte dos manifestantes estava alojada em acampamento com complexa e engenhosa organização, com setores específicos destinados a alimentação, medicamento, cultos religiosos, além de geradores de energia e acesso à Internet. As ações de destruição, depredação do patrimônio público e tentativa golpista foram registradas e postadas nas redes sociais dos próprios invasores, por fotos e vídeos, em tom de comemoração e satisfação pelos feitos.

Os três casos evidenciam que a sociabilidade possível pelo avanço das TICs tem o potencial intenso de reprodução social no ciberespaço. Temos a relação entre a realidade virtual e a virtualidade do real (Lévy, 2006) imbricadas e produzindo inúmeros efeitos, a depender de quem controla as redes. Nesse sentido, compreender os efeitos dessa apropriação pela nova direita interessa e justifica o desenvolvimento da presente pesquisa. É necessário compreender melhor esse fenômeno pois, como alerta Franco de Sá (2019), onde há a possibilidade de ordenar o mundo político e reduzir sua pluralidade ao se filtrar conhecimento, manipular consciências e reduzir o campo de escolhas da sociedade, tem-se a tentação ao totalitarismo, independentemente de haver a existência de um Estado totalitário.

Esta pesquisa soma-se ao esforço intelectual de repensar, principalmente nos últimos anos, a colonização e a reprodução das relações sociais virtualizadas no ciberespaço. Porém, lança luz sobre os efeitos da apropriação das TICs pela nova direita, no contexto do capitalismo de vigilância, temática ainda pouco debatida pela comunidade acadêmica brasileira em âmbito de doutorado. A verificação foi realizada a partir de pesquisas avançadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁶, com a marcação “tese” para “tipo de documento”. Os descritores utilizados, relacionados à nova direita e ao capitalismo de vigilância, foram inseridos entre aspas, que significa “igual a”, para maior precisão de resultados.

Além disso, os descritores puderam ser identificados em “todos os campos” das teses, o que significa que pode ser encontrado no título, assunto, resumo e corpo do texto propriamente dito. A primeira consulta foi realizada com o descritor “nova direita”. Retornaram 85 teses, sendo que apenas 19 relacionadas ao conceito da ideologia da nova direita⁷. As pesquisas foram defendidas entre 2012 e 2023. Em seguida, a busca pelo termo “capitalismo de vigilância” indicou a produção de 10 teses defendidas no período de 2020 e 2022. Ao combinar os dois descritores, “nova direita” e “capitalismo de vigilância”, pelo operador booleano “e” não houve retorno de nenhuma tese. Os resultados fortalecem a compreensão de que os estudos sobre nova direita e apropriação das TICs no âmbito do capitalismo de vigilância devem ser realizados.

I.IV - Metodologia

I.IV.I Método

O desenvolvimento deste estudo parte do pressuposto de que a pesquisa é algo artesanalmente construído a partir da definição de uma cartografia de escolhas do pesquisador. É intencionalmente criada pela abstração do concreto, uma tradução do real decorrente da objetivação teórico-conceitual e de leituras orientadas por conceitos operadores. Esse processo de questionamentos e reconstrução da realidade está sujeito a interesses e circunstâncias socialmente elegidas e possui ao

⁶ Consultas realizada em 02/12/2023.

⁷ Quando da consulta com o descritor “nova direita”, os mecanismos de busca da BDTD acrescentam “buscas alternativas”, tendo havido o retorno de muitos conteúdos relacionados a “novos direitos”.

menos três dimensões interligadas entre si, a técnica, a ideológica e a científica (Minayo; Deslandes; Gomes, 2018).

No primeiro caso, da dimensão técnica, conforme Minayo, Deslandes e Gomes (2018), a pesquisa é considerada um instrumento de investigação no qual será definido um objeto, respeitando-se normas e regras científicas. Para desenvolvê-la, são necessárias: a) atividades de pesquisa bibliográfica disciplinada, crítica e ampla; b) articulação criativa, tanto para delimitar o objeto de pesquisa, quanto para aplicar conceitos; e, c) humildade para reconhecer que o conhecimento científico tem caráter aproximado, provisório – pois tanto a realidade social, quanto a interpretação dela podem ser alteradas –, nem sempre acessível em relação à totalidade do objeto, vinculado à vida real e condicionado historicamente. A investigação a que se propõe na presente pesquisa é o desafio de estudar os efeitos da apropriação das TICs pela nova direita, no âmbito do capitalismo de vigilância.

No segundo, a dimensão ideológica relaciona-se às definições e escolhas metodológicas sobre como pesquisar; que abordagens e métodos adotar; quais bases teóricas privilegiar. Essas decisões não são neutras ou desconectadas do conhecimento científico, histórico e socialmente condicionado do pesquisador. A ideologia, como ensina Zizek (1996), a partir da tríade hegeliana do “em si”, “para si” e “em si para si”, pode se relacionar a três noções: ao conjunto de ideias, crenças e conceitos a serviço de algum interesse de poder; à existência material da ideologia em práticas, rituais e instituições ideológicas; e à desintegração, autolimitação e autodispersão da noção de ideologia, que ao invés de ser compreendida como um mecanismo homogêneo que garante a reprodução social, é um processo heterogêneo que pode incidir sobre pequenos grupos de pessoas, sendo determinante; ou, incidir sobre um grande contingente, exercendo pouco influência, noção mais adequada para este estudo.

Por fim, a terceira dimensão da pesquisa, a científica, permite a reconstrução da realidade social como um objeto de conhecimento, a partir do método científico. Ela emerge da articulação das duas outras dimensões citadas anteriormente, a técnica e a ideológica, e busca ultrapassar o senso comum como decorrência das análises realizadas (Minayo; Deslandes; Gomes, 2018)

Assim, a partir dessa perspectiva, desenvolveu-se pesquisa do tipo descritivo-analítica, privilegiando-se a abordagem qualitativa, embora sejam usados dados

quantitativos de modo suplementar. A perspectiva quantitativa será pautada pelo uso crítico de dados estatísticos (fato bruto) que agregados, relacionados e sistematizados, geram informações e resultem em conhecimento, após análise. Porém, a ênfase do estudo recai sobre o eixo qualitativo, que se aprofunda no mundo dos significados para expor, interpretar e contextualizar a realidade não-visível.

O método elegido para investigação é o que permite apreender e interpretar a realidade, compreendendo seus processos dinâmicos e contraditórios, ainda que de forma não-linear: o materialismo histórico-dialético. Pretende-se, a partir da captura da realidade pelo método, transpor a superficialidade da aparência empírica e imediata do objeto, imergindo em sua essência para compreender e desvendar esses fenômenos não-visíveis (Netto, 2011). Esse método requer o emprego do pensamento crítico e permite ao pesquisador considerar a correlação de variáveis econômicas, históricas, políticas, culturais e institucionais pois o sujeito está imbricado no objeto.

A escolha do método materialista histórico-dialético assentou-se no pressuposto de que a apropriação das TICs pela nova direita não é um processo espontâneo, mas produzido e reproduzido socialmente para atender a necessidades específicas de sujeitos determinados. É um fenômeno complexo e contraditório que promove a colonialidade – enquanto imposição de modelos de pensamento, agenciamento, comportamentos, modos de aprender – amplificada pelo uso e tratamento de dados (Silveira, 2021) e conduz a um novo tipo de capitalismo que modula e interfere em comportamentos e produz novos mercados (Zuboff, 2019).

I.IV.II Procedimentos metodológicos

Para responder às indagações do objeto proposto, estruturou-se a pesquisa em três etapas complementares, interpenetráveis e, em certa medida, simultâneas: revisão de literatura; pesquisa empírica no ciberespaço; e análise de conteúdo.

A revisão de literatura é fundamental para iluminar o debate da pesquisa, auxiliar na análise dos resultados e contribuir com a identificação das relações de poder intrínsecas no uso das TICs. Assim, foram consultados conteúdos publicados em livros, revistas, colóquios, eventos temáticos, entre outros, para aprofundar as discussões sobre o tema.

A investigação foi iniciada com a discussão sobre a reprodução das relações sociais no ciberespaço, no âmbito do capitalismo de vigilância, apresentados no item 2.1. Para tanto, foram abordados temas como meio técnico-científico-informacional (Santos, 2006), redes e remodelamento do espaço (Castell, 1999; Raffestin, 1993), ciberespaço (Lévy, 1999), capitalismo de vigilância (Zuboff, 2019), dataficação (Silveira, 2021), desigualdade digital (ITU/ONU, 2023), panóptico digital (Han, 2017). Além disso, lançou-se luz sobre temáticas essenciais para compreensão mais aprofundada do objeto como colonialismo digital (Faustino; Lippold, 2023); meritocracia e alienação no ciberespaço, algoritmização da vida e suas consequências, como as relacionadas à precarização do trabalho, servidão digital, riscos à democracia, microagressões nas redes sociais (Antunes, 2018; Nagle, 2018; Burgaya, 2021; Silva, 2022; Burgaya, 2023).

Ainda como parte da revisão de literatura, foi apresentado o conceito de nova direita, item 2.1, bem como aspectos das ideologias que a integram, neoliberalismo e neoconservadorismo, itens 2.2 e 2.3. Ademais, objetivando-se aprofundar a compreensão de nova direita, foi observado como o termo tem sido abordado em artigos produzidos no Brasil e no mundo. Nesse sentido, foram realizadas consultas em duas bases de periódicos: *Scopus* (Elsevier)⁸ e *Scielo*⁹, entre setembro e novembro de 2023. As buscas ocorreram nos idiomas português, espanhol e inglês, com os descritores “nova direita”, “*nueva derecha*” e “*new right*” no campo “palavras-chave” de artigos em formato totalmente aberto. Os descritores foram inseridos entre aspas que significa “igual a”, evitando ou minimizando o retorno de textos com os termos separados, em ordem diversa ou com conteúdos alheios à pesquisa.

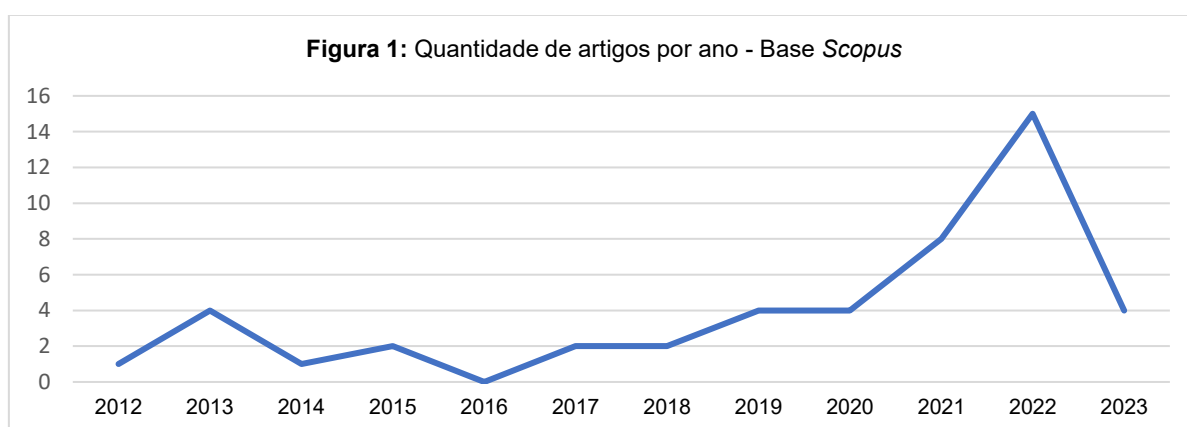
A consulta resultou na identificação de 84 artigos, sendo 50 na base *Scopus* e 34 na *Scielo*. Para acesso aos conteúdos da *Scopus*, foi necessário realizar,

⁸ O *Scopus*, acessado a partir do Portal de Periódico da Capes, é considerado um importante banco de dados de literaturas internacionais, de todos os continentes, revisadas por pares. Ele disponibiliza mais de 17 milhões de conteúdos com acesso aberto, combina bancos de dados abrangentes e fornece acesso a conteúdos, métricas e ferramentas de análise

⁹ A *Scientific Electronic Library Online* (*Scielo*) é um portal eletrônico que indexa e publica na internet – em formato aberto e com rede cooperativa de coleções – periódicos científicos de qualidade crescente com ênfase nos países considerados em desenvolvimento ou emergentes. Atualmente, a Rede *Scielo* possui 16 coleções referentes a 15 países (África do Sul, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Espanha, México, Paraguai, Peru, Portugal e Uruguai) e uma coleção temática (Saúde Pública). Há, ainda, a *Scielo Social Sciences English Edition*, em parceria com o *The Edelstein Center for Social Research*, com apoio do *Open Society Institute* (OSI) para promoção do acesso internacional às revistas científicas latino-americanas em Ciências Sociais. A *Scielo* é um Programa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A base é facilmente acessada em qualquer motor de busca, não sendo necessário cadastro prévio para utilização.

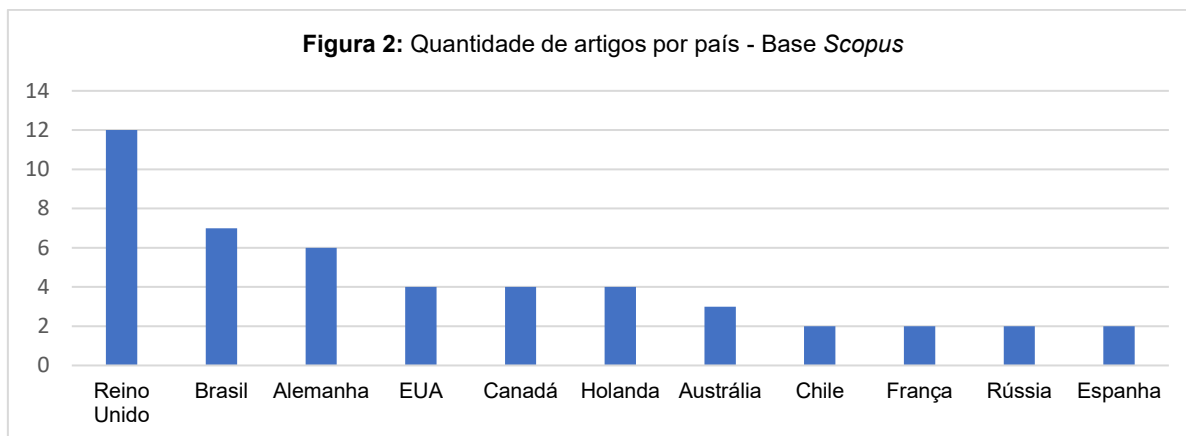
primeiramente, *login* de pesquisador na Rede CAFE do Portal de Periódicos da Capes. Depois, acessar a aba Acervo e selecionar a base *Scopus*, entre tantas outras, em Lista de Bases e Coleções. Uma vez na base *Scopus*, não foi necessário novo registro. A busca não retornou resultado para os descritores “nova direita” e “*nueva derecha*”, e localizou para “*new right*” o total de 50 artigos nos três idiomas selecionados. Realizada análise preliminar, observou-se que os conteúdos relativos a medicamentos, profissões de saúde e engenharia fugiam ao escopo da pesquisa, razão pela qual foram retirados da amostra, que passou a ter 43 documentos.

As áreas de conhecimento identificadas foram: Ciências Sociais, Artes e Humanidades, Economia, Econometria e Finanças, Ciência da Computação, Ciência Ambiental, Psicologia e Multidisciplinar. A produção de conteúdos ocorreu de 2012 a 2023, havendo tendência a elevada produção a partir de 2020, conforme pode ser visualizado na Figura 1:



Fonte: Elaborado pela autora com informações da Base *Scopus* (2023)

Em relação ao vínculo dos autores, o Reino Unido se destaca com a produção de 12 artigos, seguida do Brasil (sete) e Alemanha (seis). A distribuição por país pode ser vista na Figura 2, abaixo:



Fonte: Elaborado pela autora com informações da Base *Scopus* (2023)

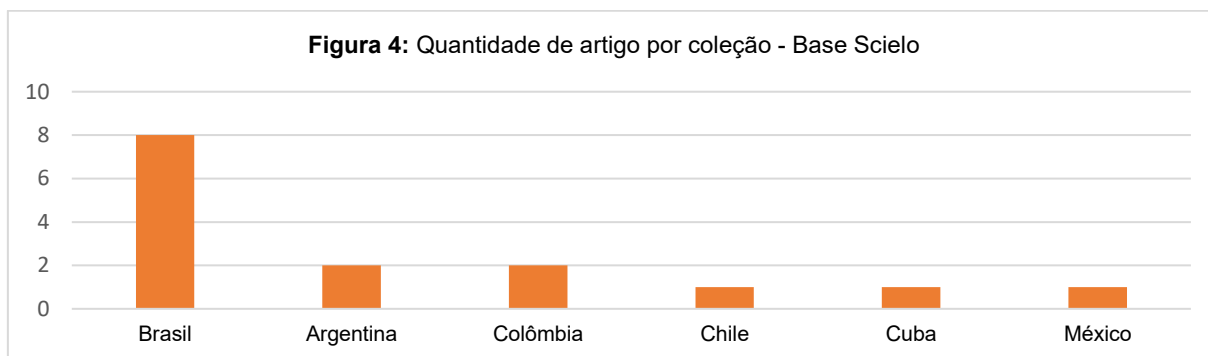
Ainda que não tenham sido apresentados na Figura 4, acima, houve vinculação de artigo a Argentina, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Grécia, México e Peru, sendo o valor unitário para cada um. Uma segunda análise, a partir do resumo dos artigos, indicou que nove não guardavam pertinência temática com o termo nova direita que pretendemos estudar, resultando na amostra com 34 artigos.

Em relação à pesquisa na base *Scielo*, a consulta foi realizada diretamente na página de Busca Avançada da plataforma. Houve retorno para os três descritores, sendo identificada a repetição de alguns conteúdos em mais de uma busca: “nova direita”, oito artigos; “*nueva derecha*”, nove; “*new right*”, 17, somando 34 artigos. Retiradas as duplicidades, a amostra foi reduzida para 15 documentos. O ano de 2022 concentrou o maior número de publicações, como pode ser observado na Figura 3:



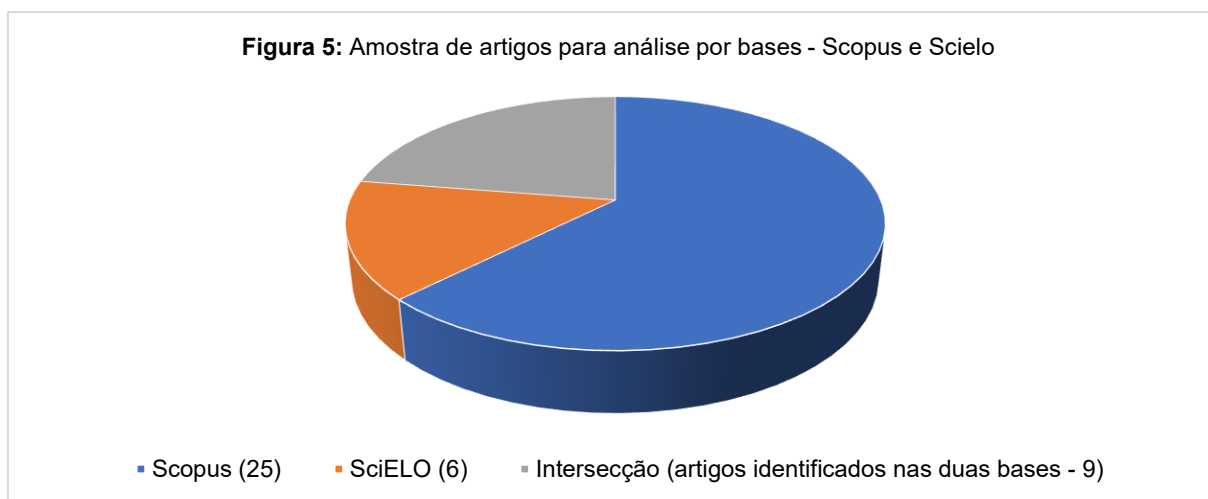
Fonte: Elaborado pela autora com informações da Base *SciELO* (2023)

As áreas de conhecimento identificadas foram Humanidades; Ciências Sociais Aplicadas; e Linguística, Letra e Artes. Os artigos, como pode ser visto na Figura 4, foram publicados nas seguintes coleções:



Fonte: Elaborado pela autora com informações da Base *Scielo* (2023)

A etapa seguinte foi verificar se havia duplicidade entre os resultados das bases *Scopus* e *Scielo*. Identificou-se a repetição de nove documentos, formando-se um *corpus* com 40 artigos¹⁰ distintos para análise, sendo 25 na *Scopus*, seis na *Scielo* e nove nas duas bases, conforme pode ser observado na Figura 5, abaixo:



Fonte: Elaborado pela autora com informações das bases *Scopus* e *Scielo* (2023)

Os artigos foram utilizados para contribuir com a discussão desta pesquisa.

A etapa seguinte da tese, item 3, foi iniciada com investigação empírica no ciberespaço. A pesquisa no território virtual insere-se do campo recente de estudos

¹⁰ A relação de artigos consta no Apêndice 1.

classificados como *netnográficos*. O termo *netnografia* é um neologismo das palavras *net* (do inglês, rede) e etnografia (método de investigação da antropologia), e surge, na década de 1990, como uma transposição da etnografia para observar os atores sociais no ambiente virtual (Kozinets, 2015; Gebera, 2008; Santos; Gomes, 2013; Moura 2014). Porém, com o avanço das TICs, o processo de sociabilidade, comunicabilidade e intersubjetividade foi significativamente alterado, exigindo que a *práxis* do pesquisador fosse aprimorada, reformulada e adequada ao novo contexto social.

Para Moura (2014), uma das alterações relaciona-se à mudança paradigmática de temporalidade e espacialidade decorrente do uso das redes. A instantaneidade, a ubiquidade, o processo de desterritorialização e reterritorialização, a dialética entre interface da tela e percepção do outro, a fluidez da linguagem, o real *versus* o virtual, tudo é potencializado pelo uso das redes sociais. Por isso, as conjunturas vivenciadas pelos atores sociais, que são seres históricos, transcendem o mundo singular desse ator na relação corpo e espírito e alcançam o relacionamento interpessoal cotidiano; a relação intersubjetiva decorrente do processo dialógico alicerçado pelo uso de signos; e a memória influenciado pela sociedade e cultura em que esse ser social está imerso (Moura, 2014).

Além disso, Kozinets (2015) defende que cultura e comunidade são conceitos cada vez mais instáveis para a antropologia. No mundo acelerado pelas tecnologias e exigências do capitalismo, as pessoas são, ainda que temporariamente, libertadas da cultura e da comunidade de origem. Nesse sentido, Kozinets (2015) reforça que a *netnografia* tem de reconhecer esse processo de fragmentação, deslocalização e proliferação de comunidades *online*, bem como o volume de informação disponíveis nos ambientes digitais. A *netnografia* pode ser definida como:

*a specific set of related data collection and creation, analysis, interpretive, ethical and representational research practices, where a significant amount of the data collected and participant-observational research conducted originates in and manifests through the data shared freely on the Internet, including the myriad of mobile applications*¹¹ (Kozinets, 2015, p. 19).

¹¹ Em tradução livre, tem-se o seguinte: “um conjunto específico de coleta e criação de dados relacionados, análise, práticas de pesquisa interpretativa, ética e representativa, onde uma quantidade significativa dos dados coletados e da pesquisa observacional participante conduzida se origina e se manifesta por meio de dados compartilhados livremente na Internet, incluindo a miríade de aplicativos móveis” (Kozinets, 2015, p. 19).

A *netnografia* encontra-se em processo de expansão e (re)formulação teórica e metodológica, sendo bastante útil para analisar comunidades virtuais (Gebera, 2008). Entre as vantagens do uso da *netnografia* estão a objetividade e a facilidade de aprofundar conhecimento sobre o grupo estudado, evitando-se mudanças de comportamento devido à possibilidade de o pesquisador observar os acontecimentos sem interferências (Gebera 2008). Soma-se a isso, a disponibilidade de volume expressivo de dados gratuitos; a possibilidade de realizar, quase simultaneamente, a coleta e a análise de dados; a obtenção de resultados úteis e relevantes a partir da seleção de número reduzido de mensagens; a identificação de atores dominantes em discussões, com possibilidade de capturar opiniões de minorias; a facilidade de transcrição de informações coletas (Siqueira, 2022).

O volume elevado de dados é gerado diuturnamente, entre outras fontes, pelo uso da Internet e das redes sociais. O *Digital 2024: Global Overview Report*, elaborado em parceria pelas agências de marketing digital especializadas em mídias sociais, *Meltwater* e *We Are Social*, indica que houve aumento expressivo de mais de um bilhão de internautas a partir de 2020, quando do início da pandemia, ou seja, um acréscimo de 30% de perfis *online*. Atualmente, do total de usuários no mundo, mais de 90% utilizam redes sociais, sendo o *Facebook* a rede que possui o maior número de inscritos, com mais de três bilhões de perfis. Em segunda colocação está o *Youtube*, com quase 2,5 bilhões de usuários, e empatados na terceira posição, *WhatsApp* e *Instagram*, com dois bilhões cada. O quinto lugar, em termos de quantitativo de perfis, ficou com o *TikTok*, que possui mais de 1,5 bilhão. O *Twitter*, atual X, aparece na 14ª posição, com mais de meio milhão de usuários. Ressalta-se que um mesmo usuário pode ter perfil ativo em diversas redes sociais.

Outro dado interessante do *Digital 2024: Global Overview Report* refere-se ao tempo de uso das redes sociais. A média mundial é de 2h23 de acesso diário às plataformas preferidas. O líder em termos de tempo de uso é o *TikTok*. Por mês, os usuários gastam 34h na rede social. O segundo lugar é do *Youtube*, 28h05 por mês, seguido do *Facebook* (19h47), *WhatsApp* (17h06) e *Instagram* (15h50). Para o X, a média mensal é de 4h40. Há que se ponderar que o perfil dos usuários quanto ao tipo de rede social mais acessada e ao tempo de uso médio diário e mensal variam de acordo com a região e país do internauta.

Apesar de o uso diário da Internet gerar uma grande e volumosa quantidade de dados, e de essas informações serem consideradas públicas e de domínio público no ciberespaço – logo, não sujeitas a restrições de direitos autorais ou propriedade intelectual, podendo ser utilizadas sem necessidade de autorização ou consentimento do autor – é essencial que o pesquisador esteja atento a adoção de cuidados éticos e de realização da anonimização dos dados coletados, conforme a prática comum de pesquisa (Ricuerdo, 2017; Anne-Marie *et al.*, 2017; Corrêa; Rozados, 2017; Siqueira; 2022; Ribeiro, 2023). Corrêa e Rozados (2017) reforçam que os padrões éticos são essenciais para o desenvolvimento de qualquer tipo de pesquisa, mas ponderam que estão mais bem delimitados para as investigações nos ambientes *offline* que no *online*. No mundo digital, as redes sociais estabelecem, via de regra, no Termo de Uso, que perfis e comentários são acessíveis e públicos e que os pesquisadores utilizam “rastros deixados pelos usuários em suas apropriações tecnológicas” (Corrêa; Rozados, 2017, p. 9). Além disso, as contas e conteúdos dos utilizadores das redes sociais podem ser classificadas como privados ou restritos, com acesso total ou parcial aos conteúdos divulgados nas plataformas.

Nesta pesquisa, a análise privilegiou a rede social *TikTok*. Essa plataforma foi a mais baixada no mundo durante três anos consecutivos (2021/2023) e alcança principalmente o público jovem até 24 anos. A plataforma chinesa, com sede global em Los Angeles e Singapura, tem a missão institucional de “inspirar a criatividade e trazer alegria”, conforme disposto em sua página oficial na Internet. Os usuários tornam-se criadores de vídeos curtos, de até cinco minutos, com a possibilidade de difundir e compartilhar conteúdos, histórias e narrativas em formato multimodal (visual, verbal, sonoro, interativo) e em linguagem multissemiótica (imagens, signos, desenhos) para comunicar sentimentos, ideias e tendências a partir de uma estética dinâmica, irreverente e contemporânea, com grande possibilidade de viralização na Internet (Ribeiro, 2023).

Mais de 80% dos usuários, conforme dados do relatório *Digital 2024: Global Overview Report*, utilizam a plataforma em busca de conteúdos divertidos e de entretenimento. Porém, estudos recentes indicam que a plataforma tem sido utilizada, em grande medida, para a propagação de conteúdo ideopolítico, (Travesedo-Rojas; Gll-Ramirez; Chamizo-Sánchez, 2023; Gamir-Ríos; Sánchez-Castilho, 2022; Cervi, Tejedor; Lladó, 2021). Esse dado é muito relevante para esta pesquisa, pois sinaliza

um dos possíveis caminhos utilizados pela nova direita para colonizar o território virtual. Nesse sentido, interessa observar e comparar quais conteúdos e sob quais formas são propagados no ciberespaço. Porém, considerando-se a dificuldade de delimitação desse espaço, optou-se, metodologicamente, por selecionar quatro países onde a nova direita tem avançado nos últimos anos: EUA, Espanha, Brasil e El Salvador. Essa demarcação de escopo foi útil para realizar comparação, entre outros aspectos, de conteúdos, narrativas e estratégias.

A análise foi realizada a partir de atores políticos que se utilizam da capilaridade das redes sociais para propagarem seus discursos; podem ser considerados partidários da ideologia da nova direita; e tenham atuação expressiva no *TikTok*: Donald Trump (EUA), Santiago Abascal (Espanha), Jair Bolsonaro (Brasil) e Nayib Bukele (El Salvador). Os quatro criadores de conteúdo foram candidatos à presidência de seus países, ou seja, são figuras públicas importantes no processo democrático. Suas ações impactam diretamente a opinião pública, formação de agendas, negociações, formulação de política públicas e sociais, disputas na arena política, entre tantos outros aspectos. A pesquisa deu-se em três etapas consecutivas: coleta de dados no *TikTok*, análise quantitativa e análise qualitativa.

A coleta de dados foi realizada sem contato direto com os membros do grupo, sendo o pesquisador, conforme classificação de Frago, Recuero e Amaral (2011), do tipo *lurker*, ou seja, atua apenas como observador. Somente conteúdos classificados como públicos foram coletados. Formou-se um *corpus* com 200 vídeos, sendo os 50 mais visualizados no perfil oficial de cada um dos quatro *tiktokers* políticos. A partir daí, iniciou-se a análise quantitativa, abordando-se os seguintes aspectos, conforme Tabela 1, abaixo:

Tabela 1: Análise quantitativa do <i>TikTok</i>		
Análise quantitativa do canal	Endereço da conta	Quantidade de seguidores
		Quantidade de visualizações
		Quantidade de curtidas
Análise quantitativa do vídeo	Dados do vídeo	<i>Ranking</i> de visualização
		Data de publicação
		Título/chamada/descrição
		Duração do vídeo
		Quantidade de visualizações

		Quantidade de curtidas
		Quantitativo do vídeo "salvo"
	Gênero/Tipo	Vídeo
		Dueto
		Desafio
	Formato	Somente vídeo
		Vídeo com efeito
		Vídeo com música
		Vídeo com texto
		Vídeo com efeito e música, ou efeito e texto ou efeito, texto e música
	Fonte	Usuário
		Original
		Outro
	Conteúdo	Político
		Pessoal
		Entretenimento

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos estudos de GII-Ramirez e Chamizo-Sánchez (2023) e Cervi, Tejedor e Lladó (2021).

A análise quantitativa permitiu, entre outros aspectos, observar as interações, impacto e principais temas abordados, e serviu de base para a análise qualitativa. Na etapa qualitativa, foram selecionados os 10 vídeos com conteúdo político mais curtidos e/ou compartilhados de cada um dos quatro criadores de conteúdo, para que fosse possível analisar com mais aprofundamento a nova direita nos EUA, Espanha, Brasil e El Salvador. Além disso, foram analisados os 10 comentários com maior engajamento. Esses comentários foram anonimizados, sem possibilidade de identificação. Assim, o novo *corpus* contém 40 vídeos e 400 comentários para análise. Acredita-se que a amostra é suficiente para o estudo em questão, especialmente pelo fato de a coleta dos dados ser manual.

Importante lembrar que, a partir de meados de 2023, o *TikTok* passou a possibilitar a pesquisadores sem fins lucrativos localizados nos EUA, União Europeia (UE), Reino Unido e Suíça, vinculados a instituições de pesquisa dessas regiões, que se “candidatassem” ao uso de suas Ferramentas de Pesquisa. Para tanto seriam disponibilizados “dados públicos sobre conteúdos e contas” de criadores de conteúdo acima de 18 anos, exceto os pertencentes ao Canadá, bem como sobre comentários, vídeos republicados, fixados e curtidos pelos *tiktokers*. A plataforma manifesta o apoio às pesquisas independentes sobre si e compromete-se a trabalhar “para fornecer

maior acesso às Ferramentas de Pesquisa no futuro”, conforme pode ser visualizado na página *TikTok for Developers*.

Os anúncios e disponibilização da Ferramenta do TikTok na UE ocorreram em meio aos avanços das discussões e medidas legislativas reguladoras do espaço digital naquela comunidade. Em novembro de 2022, foi publicada a Lei de Serviços Digitais (DSA, do inglês *Digital Service Act*), um conjunto de normas para motores de busca e serviços intermediários *online* que conectam consumidores a conteúdos, bens e serviços, como redes sociais, mercados e plataformas de viagens e alojamento *online*, entre outros. A DSA é uma ferramenta reguladora pioneira em escala mundial e estabelece referência internacional para uma abordagem reguladora das plataformas digitais.

Os três pilares fundamentais da legislação, conforme página oficial da Comissão Europeia, órgão executivo da União Europeia (UE), são: a moderação de conteúdo, com possibilidade de monitoramento e retirada de materiais considerados ilegais; a transparência e rastreabilidade, devendo as plataformas tornarem públicos os algoritmos e sistemas de recomendação utilizados, possibilitando compreender, entre outras coisas, como a informação é selecionada e apresentada aos internautas; e, a proteção de usuários e grupos vulneráveis, com ênfase em menores de idade, e combate à desinformação.

Em 2023, a DSA exigiu que plataformas e motores de buscas classificados, respectivamente, como VLOP (do inglês, *Very Large Online Platforms*) e VLOSE (do inglês, *Very Large Online Search Engines*), na UE, seguissem normas mais rígidas previstas no *Reglamento de Servicios Digitales* (RSD). Essa categorização ocorre quando se ultrapassa a média, calculada durante o período de seis meses, do valor equivalente a 10% da população dessa comunidade, o que corresponde, atualmente, a 45 milhões de usuários mensais na UE. Esse é o caso de redes sociais como *TikTok*, *Facebook* e *Instagram*. O entendimento explicitado no RSD é de que plataformas e motores de busca *online* de grande dimensão (VLOP e VLOSE) podem representar diferentes e grandes impactos e riscos sistêmicos para parcela significativa da sociedade.

Uma das diretrizes da RSD, com objetivo de criar segurança jurídica e encorajar atividades para detecção de conteúdos ilícitos, é que os serviços digitais intermediários devem, voluntariamente, facilitar o acesso de dados públicos a

investigadores autorizados e afiliados a organismos de investigação, inclusive científica. Além disso, devem proporcionar acesso em tempo real, quando tecnicamente possível, *“a los datos de acceso público, por ejemplo, sobre interacciones agregadas con contenidos procedentes de páginas públicas, grupos públicos o personalidades públicas, incluidos datos sobre impresión e interacción”* (Unión Europea, 2022, item 98; grifo nosso). Deve-se dedicar especial atenção a *“anonimizar o seudonimizar los datos personales, excepto en aquellos casos que hagan imposible el objetivo de investigación que se persigue”* (Unión Europea, 2022, item 98). Ressalte-se que a legislação é bastante recente, com efeitos ainda relativamente incipientes.

O *TikTok*, em conformidade com o RDS, desenvolveu Ferramentas de Pesquisa para pesquisadores da União Europeia. Para tanto, os investigadores deveriam aceitar os Termos de Serviço – disponível em sua página – o que pressupõe a formação de um contrato entre o pesquisador e uma empresa específica da plataforma sediada em Dublin (Irlanda). A definição de pesquisa, para a plataforma, é *“qualquer pesquisa, descoberta, estudo, produto de trabalho acadêmico e outros materiais derivados da utilização das Ferramentas de Pesquisa”*, ou ainda, que estejam *“em conexão com o uso das Ferramentas de Pesquisa do TikTok”*.

Antes do acesso às Ferramentas, é exigido que o pesquisador envie uma *“solicitação para revisão e aprovação pelo TikTok”*; além de o uso de dados ficar restrito aos *“tópicos aprovados pelo TikTok como parte de sua aplicação”*, e que o investigador envie *“esforços razoáveis para publicar qualquer Pesquisa em periódicos ou publicações de Acesso Aberto e/ou como recursos de Acesso Aberto em outros sites”*. Essas regras podem ser compreendidas como compatíveis com a RDS. Porém, o pesquisador também deve fornecer à plataforma *“direito ilimitado, irrevogável e mundial de usar para qualquer propósito qualquer feedback [...] sobre o uso e/ou acesso às Ferramentas de Pesquisa”*, sem que haja *“compensação monetária ou de qualquer natureza”* para o pesquisador.

O Termo de Serviço estabelece, ainda, quanto aos *“Resultados da pesquisa e publicação,”* que o pesquisador poderá *“criar resultados de Pesquisa derivados que não sejam disponibilizados específica e diretamente por meio da Ferramenta de Pesquisa”*, com o compromisso de fornecer à plataforma cópia de quaisquer *“publicações pertinentes ou contendo resultados e descoberta de resultados da*

Pesquisa e quaisquer informações de suporte, pelo menos sete (7) dias antes da publicação”. Além disso, haverá concordância sobre o “acesso livre e ilimitado e uso da publicação e resultados de pesquisa” pelo *TikTok*, e do aceite em isentar e indenizar a plataforma, “suas subsidiárias, afiliadas, licenciadores, licenciados, cessionários e sucessores, e cada um de seus executivos, diretores, funcionários, (...) de e contra qualquer reivindicação, processo ou ação de terceiros” relacionados, entre outros aspectos, à “violação real ou alegada” das obrigações do Termo de Pesquisa.

No âmbito da presente pesquisa, ponderou-se sobre a viabilidade e interesse em solicitar à plataforma o acesso a dados, na qualidade de investigadora autorizada, devido ao vínculo com a *Universitat de Vic - Universitat Central de Catalunya*, em decorrência de doutorado sanduíche, PDSE/Capes, na Espanha. Porém, observou-se que os metadados necessários para a tese poderiam ser coletados manualmente, sem prejuízo para a pesquisa e sem a necessidade de estabelecimento de um contrato com a plataforma, ainda que essa escolha implicasse maior volume de atividades para a pesquisadora. Além disso, consideraram-se restritivos os aspectos previstos no Termo de Serviço e Termo de Pesquisa do *TikTok*.

A partir dessa decisão, e após realizada a análise quantitativa do canal dos *tiktokers* políticos dos EUA, Espanha, Brasil e El Salvador, foi iniciada a análise qualitativa, com enfoque sobre as temáticas abordadas, a produção de conteúdos, a construção de narrativas, as repercussões, entre outros aspectos, conforme Tabela 2, abaixo:

Tabela 2: Análise qualitativa do canal dos <i>tiktokers</i> políticos	
Atores principais	Proprietário da conta
	Líderes
	Outros políticos
	Concorrentes/adversários
	Pessoa comum
	Celebridade
	Outro
Ações principais	Falar
	Dançar
	Cantar
	Outros
Conteúdo político	Pauta identitária

	Pauta reacionária
	Campanha negativa - ataque a adversário político
	Campanha positiva/Promessa de campanha
Linguagem	Informativa – referir e denotar
	Expressiva/provocar sentimento ou emoção
	Apelativa - incitar reação
Emoções básicas	Raiva
	Medo
	Indignação
	Tristeza
	Surpresa
	Excitação
	Desprezo
	Desejo/necessidade
	Otimismo
	Esperança
<i>Emoticon</i>	Apoio/reforço da mensagem
	Contextualização
	Mudança
Tipo de interação	Informação e promoção (espectador passivo)
	Deliberação e discussão (estimula diálogo e opinião)
	Participação e mobilização (solicita ação)
Legenda	Sim, no idioma local
	Sim, no idioma local e outro idioma
	Sim, em outro idioma
	Não
Comentário gerado	Apoio expresso
	Oposição expressa
	Apoio sugerido
	Oposição sugerida
	Neutro/não identificado

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos estudos de Gil-Ramirez e Chamizo-Sánchez (2023) e Cervi, Tejedor e Lladó (2021).

No caso dos comentários gerados, foi realizado processo de anonimização, entre outros cuidados, conforme apresentado no item I.IV.III. Os dados foram tabulados e armazenados em planilhas *Excel* para que as análises comparativas pudessem ocorrer. A análise de conteúdo foi realizada a partir de Bardin (1977) e de Sampaio e Lycarião (2021), considerando-se procedimentos sistemáticos sobre os aspectos verbais, visuais ou escritos para “descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos” conforme Sampaio e Lycarião (2021, p. 17).

Ressalte-se que o Capítulo 3, no qual é realizada a análise *netnográfica* no perfil dos criadores de conteúdo político no *TikTok*, é consideravelmente maior que os demais. Isso decorre do fato de serem apresentadas tabelas com os dados compilados, além de haver a inserção de imagens. O objetivo é apresentar elementos estéticos, simbólicos e narrativos do vídeo, oferecendo suporte concreto de análise e favorecendo a compreensão visual do leitor.

Na etapa final da pesquisa, os dados, achados e resultados gerados foram mobilizados e os três eixos da pesquisa articulados para que se pudesse identificar os efeitos da apropriação das TICs pela nova direita, no âmbito do capitalismo de vigilância.

I.IV.III - Cuidados éticos

A ética é o “fio condutor de todas as etapas do processo de pesquisa”, sendo considerada a “pedra angular de todo processo para tomada de decisões” na atividade científica (Amorin, 2019, p.1). Em uma sociedade marcada pelo desenvolvimento técnico-científico acelerado coexistindo com graves problemas e desigualdades sociais, os pesquisadores devem ser estimulados ao desenvolvimento de competências éticas pautadas no raciocínio crítico, respeito à dignidade humana, responsabilidade, benefícios para a sociedade, para além do cumprimento de normas regulamentadoras que norteiam a investigação (Amorin, 2019).

No Brasil, os cuidados éticos em pesquisas envolvendo seres humanos são acompanhados pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), constituído pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e pelas mais de 800 unidades descentralizadas dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP). O sistema CEP/CONEP foi criado pela Resolução CNS nº 196/1996. No caso das Ciências Humanas e Sociais, as normas e procedimentos metodológicos são normatizados pela Resolução CNS nº 510/2016. O artigo 1º, parágrafo único, incisos II e III e artigo 2º, inciso IV, dispõem:

Art. 1 [...]

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

II - pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;

III - pesquisa que utilize informações de domínio público;

[...]

Art. 2 [...]

VI - informações de acesso público: dados que podem ser utilizados na produção de pesquisa e na transmissão de conhecimento e que se encontram disponíveis sem restrição ao acesso dos pesquisadores e dos cidadãos em geral, não estando sujeitos a limitações relacionadas à privacidade, à segurança ou ao controle de acesso. Essas informações podem estar processadas, ou não, e contidas em qualquer meio, suporte e formato produzido ou gerido por órgãos públicos ou privados;

Tendo em vista as reiteradas dúvidas sobre as excepcionalidades à Resolução CNS nº 510/2016, a Instância de Ciências Humanas e Sociais do CONEP respondeu à consulta realizada pelo CEP Central/UFRN, que solicitava exemplo de cada uma das excepcionalidades. Em relação aos incisos II e III, exemplificou o que segue:

II. Pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;

Exemplo: qualquer informação à qual a pessoa tenha acesso, por exemplo pela internet, sem necessidade de senha.

III. Pesquisa que utilize informações de domínio público;

Exemplo: filmes, jornais etc.

Ainda que esta pesquisa esteja inserida no âmbito das excepcionalidades previstas no parágrafo único da Resolução CNS nº 510/2016, bem como nos exemplos da consulta supracitada ao CONEP, os cuidados éticos recomendados foram adotados. Assim, somente coletou-se do perfil dos quatro *tiktokers* políticos do EUA, Espanha, Brasil e El Salvador conteúdos classificados como público. Ademais, foram excluídos do *corpus* qualitativo materiais de cunho estritamente pessoais. Os comentários gerados por seguidores foram anonimizados e agregados. Os dados da pesquisa estão armazenados em formato digital e permanecerão arquivados pelo prazo de cinco anos após o término do estudo.

II – O CIBERESPAÇO E A NOVA DIREITA

Capítulo 1

Neste capítulo busca-se lançar luz sobre o território digital. As transformações decorrentes das TICs e da Internet são profundas. O advento do *smartphone* contribui para o fortalecimento da economia digital e o desenvolvimento de uma sociedade hiperconectada e hiperinformada suscetível a efeitos psicobiológicos adversos. A dataficação da vida e a formação de caixas de ressonância onde ecoam fragmentos da realidade replicam e aprofundam disfuncionalidades sociais no ciberespaço, como a precarização do trabalho e o racismo. Esse processo também favorece a recomposição de narrativas e a propagação de desinformação, denotando a necessidade de regular o território digital.

1.1 A reprodução das relações sociais virtualizadas

Cada período histórico é portador de informações sobre o modo como a sociedade produz, influencia e é influenciada pelo seu grau de desenvolvimento tecnológico. As épocas são diferenciadas pelos sistemas técnicos, o que compreende o modo relacional entre os homens e a forma de produzir e consumir bens, serviços, energia, conhecimento. O conjunto de técnicas, que constitui a base material da vida em sociedade, emerge em determinado período, torna-se hegemônico em um dado momento, e é substituído por outro sistema de técnicas mais evoluído. Esses sistemas são marcados por elementos materiais e sociais de coesão que permitem identificar não apenas as interrelações e complementariedade estrutural entre eles, mas também interesses sociais, econômicos e políticos, e ideologias e estratégias de poder inerentes a eles (Santos, 2006).

A evolução da técnica impacta na relação do ser humano com a natureza e com o trabalho, e repercute nas características do espaço geográfico, sucessivamente instrumentalizado pela sociedade. A natureza tende ao recuo, e o meio artificializado – produto de ações decorrentes da união entre técnica e ciência (tecnociência) sob a égide do mercado – avança, produzindo um espaço continuamente mais denso, o meio técnico-científico-informacional, em que a informação é vetor preponderante do

processo social. Esse meio tende a ser universal pois, embora a propagação não seja generalizada e totalizada, sua presença, a partir dos objetos técnico-informacionais, tem difusão bastante célere – brutal, se comparada à disseminação gradativa de meios anteriores¹² por alcançar, com grande velocidade, número elevado de pessoas e áreas – assegurando o funcionamento dos processos encadeados da globalização (Santos, 2006).

Na sociedade globalizada, novos equilíbrios dinâmicos são estabelecidos no que tange ao uso de capitais e à organização das relações sociais e dos espaços produtivos. O avanço da técnica permite a ocorrência de dois fenômenos antevistos por Karl Marx, conforme Milton Santos (2006, p. 161): a “redução da arena”, em que os espaços necessários à produção direta para as mesmas quantidades de bens são restringidos, e a “ampliação da área”, em que o processo de especialização provoca a dispersão do espaço de produção para territórios¹³ que apresentem vantagens comparativas. Há o alargamento das esferas de circulação, distribuição e consumo e a deslocalização produtiva amplia tanto a especialização regional, quanto a descentralização da divisão do trabalho, visto que reduções nos custos representam maior lucro para o capital (Harvey, 2016; Santos, 2006).

Esses processos de remodelamento do espaço requerem o domínio da superfície e o controle das distâncias, pois necessitam que a transferência da matéria ocorra tanto no interior dos territórios, quanto entre eles. As redes de circulação e de comunicação, que transportam, respectivamente, bens *stricto sensu* e informação, são intrínsecas ao modo de produção ao qual asseguram a mobilidade e, na sociedade contemporânea, tendem a dissociar-se (Raffestin, 1993), uma vez que o desenvolvimento do novo paradigma tecnológico – organizado em torno da emergência, desenvolvimento e evolução das Tecnologias da Informação e

¹² Milton Santos (2006) considera que a história do meio geográfico pode ser grosseiramente dividida em três etapas: a) meio natural, utilizado pelo homem sem grandes transformações, e no qual os instrumentos são considerados prolongamento do corpo; b) meio técnico, em que há a emergência do espaço mecanizado, com presença de objetos ao mesmo tempo culturais e técnicos, que representam o prolongamento do território. O componente internacional do trabalho tende a aumentar exponencialmente; e c) meio técnico-científico-informacional, em que há profunda interação entre ciência e técnica, e os objetos, devido à extrema intencionalidade de produção e localização, já surgem como informação, por isso, são ao mesmo tempo técnicos e informacionais.

¹³ O território não se confunde com o espaço. O território se forma como resultado histórico da apropriação e ação do homem sobre um determinado espaço, em um determinado tempo (Lefebvre, 1978; Raffestin, 1993; Santos, 2006). Os espaços podem ser físicos ou abstratos.

Comunicação (TICs) – permite que a comunicação seja difundida em ritmo mais acelerado que o da circulação (Raffestin, 1993; Castells, 1999; Castells, 2005).

As redes são a representação da pluralidade de caminhos (ramificações) que conectam a multiplicidade de pontos (nós). Elas são flexíveis, móveis, inacabadas e adaptáveis às variações do tempo e do espaço, logo, com possibilidades de integrar novos nós e de se expandir de forma ilimitada: são instrumentos de poder por excelência (Raffestin, 1993) e de reorganização das relações de poder (Castells, 1999). A rede de circulação é considerada a imagem do poder, porém pode ser enfraquecida devido à materialidade e à transparência de fluxos, passíveis de apropriação por adversários ou inimigos. Já a rede de comunicação possui maior opacidade em relação aos fluxos imateriais, permitindo-se vigiar, interceptar e controlar de modo invisibilizado e dissimulado. O poder se desloca para o não-visível, e a informação, seja ela econômica, política, social ou cultural, torna-se um dos trunfos do poder, enquanto a informática, um dos meios (Raffestin, 1993).

A informação na sociedade moderna é tanto matéria-prima, quanto produto do processo produtivo, devido aos artefatos técnicos serem dispositivos para processamento da informação ou o seu próprio processamento. As intensas inovações favorecem o desenvolvimento do novo paradigma tecnológico que permite intensificar os fluxos de informação e o crescimento exponencial de redes de comunicação, reforçando suas características de flexibilidade, fluidez e capacidade de reconfiguração. As tecnologias digitais transcendem fronteiras territoriais e as redes constituem a nova morfologia social, denominada por Castells (1999) de sociedade em rede. A comunicação em rede utiliza-se do poder integrado e integrador das redes globais de capital, bens, serviço, tecnologia, para se difundir (Castells, 2005) e os territórios concretos são convertidos em informação: tornam-se territórios abstratos e representados, e o movimento da informação comanda a mobilidade dos seres e das coisas (Raffestin, 1993).

O caráter virtual da informação é condicionado, conforme Pierre Lévy (1999), pela codificação digital. Essa virtualidade da informação tem como características, entre outras, a plasticidade, fluidez, hipertextualidade e interatividade, e é a marca distintiva do ciberespaço. O filósofo e sociólogo franco-tunisiano define o ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, p. 92), um *lócus* virtual de

socialização, trocas simbólicas e desenvolvimento de inteligência coletiva. Lévy (1999) é considerado um entusiasta do uso de tecnologias digitais e da ampliação do ciberespaço. Embora reconheça que não há neutralidade na construção desse *lócus* universal e não totalizável e que uma de suas externalidades negativas é a formação de uma massa de excluídos, Lévy (1999), de um lado, defende que no ciberespaço haveria a democratização do conhecimento e, de outro, minimiza os riscos do uso das tecnologias digitais para práticas de manipulação dos indivíduos (Vicentini; Malizan, 2022).

Para Shoshana Zuboff (2019), o ciberespaço é um território social não sujeito a legislações, por isso, reivindicado por grandes corporações, como as *big tech*, para controle na esfera do mercado. Para a professora emérita da *Harvard Business School*, a celebração do mundo digital conectado por redes, capaz de empoderar o indivíduo, é obscurecida pela transformação em projeto comercial novo e voraz que reivindica a experiência humana como matéria-prima para conversão em dados comportamentais: o capitalismo de vigilância¹⁴, compreendido, a partir de oito definições complementares como:

1. Uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas; 2. Uma lógica econômica parasítica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento; 3. Uma funesta mutação do capitalismo marcada por concentrações de riqueza, conhecimento e poder sem precedentes na história da humanidade; 4. A estrutura que serve de base para a economia de vigilância; 5. Uma ameaça tão significativa para a natureza humana no século XXI quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX; 6. A origem de um novo poder instrumentário que reivindica domínio sobre a sociedade e apresenta desafios surpreendentes para a democracia de mercado; 7. Um movimento que visa impor uma nova ordem coletiva baseada em certeza total; 8. Uma expropriação de direitos humanos críticos que pode ser mais bem compreendida como um golpe vindo de cima: uma destituição da soberania dos indivíduos (Zuboff, 2019, p. 11 a 13).

Os diversos aspectos da vida do indivíduo são transformados em dados quantificáveis para serem convertidos em informação na qualidade de nova forma de valor. Esse processo é chamado de dataficação e se torna um segmento de destaque

¹⁴ O capitalismo de vigilância enfatiza um processo socioeconômico baseado na coleta generalizada de dados. Há também o chamado capitalismo digital, que indica um conjunto específico de tecnologias, e o capitalismo de plataforma, que destaca a instituição superior e típica da economia baseada em dados (Silveira, 2021). Para esta pesquisa será utilizado o termo capitalismo de vigilância.

e elevada lucratividade para o neoliberalismo (Silveira, 2021). A dataficação permite o monitoramento e o desenvolvimento de projeções de cenários em tempo real e futuro; o amplo rastreamento e análises preditivas a partir de metadados comportamentais; a tradução de intenções, reflexos e sentimentos em dados operacionalizáveis; a geração de padrões comportamentais (Lemos, 2021), enfim, um contexto de *big data* favorável ao desenvolvimento e expansão das *big techs*.

A produção simbólica digitalizada e a ampliação das redes digitais promovida pelo capitalismo assentam as bases para o surgimento de um novo mercado de dados (Silveira, 2021), o que Zuboff (2019) denomina de “mercado de comportamentos futuros”. A lógica desse mercado digital é permeada pela tecnologia, mas não se confunde com ela: utiliza-se da ubiquidade e instantaneidade das TICs para captar a experiência dos indivíduos a partir da descrição das relações sociais e da infraestrutura material (extração) de dados (matéria-prima), e análise por sistemas computacionais extremamente especializados (inteligência de máquina) que incluem aprendizagem de máquina, produção algorítmica e operações computacionais, como a análise preditiva e a inteligência artificial (Zuboff, 2019).

A maioria dos dados coletados e apropriados pelas empresas de tecnologia e *big techs* são declarados como *superávit* comportamental “alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como ‘inteligência de máquina’ e manufaturado em *produtos de predição*” (Zuboff, 2019, p. 22; grifos da autora) que antecipam o comportamento dos indivíduos. Assim, o uso dos dados é capaz de gerar um poder que conhece, intervêm, escrutina, persuade, reorienta, altera e molda comportamentos através do meio automatizado da arquitetura computacional ubíqua e de dispositivos conectados em rede para alcançar resultados desejados (Zuboff, 2019; Souza; Gonzalez, 2019; Silveira, 2021). A essa espécie de poder, Zuboff (2019) denomina de instrumentário, capaz de manipular os indivíduos.

O alcance dos resultados depende do potencial de predições que se aproximem da certeza, o que, por sua vez, depende dos dados e dos processos de aprendizagem. Em relação à origem dos dados de *big data*, Zuboff (2015) indica cinco fontes principais, sendo as quatro primeiras mercantis: 1) transações econômicas mediadas por computadores; 2) sensores incorporados em objetos, corpos e lugares, como Internet das coisas; nanopartículas inseridas no corpo humano para rastrear sinais de doença; *drones*; 3) bancos de dados governamentais e corporativos,

incluindo registros censitários e fiscais, análises de crédito, operações de planos de saúde e dados farmacêuticos, entre outros; 4) câmeras de vigilância públicas e privadas que demonstram o caráter heterogêneo e transemiótico do *big data*, a exemplo do Google *Earth* e Google *Street View*; e, 5) atividades não mercantis praticadas pelos usuários no cotidiano, como buscas na Internet, curtidas em comentários e aplicativos de mensagens, acesso a vídeos e comunidades virtuais.

Os dados gerados pelo uso individual cotidiano de tecnologias são bastante significantes. A pesquisa *Measuring digital development – Facts and Figure 2023*, divulgada em 2024 pela *International Telecommunication Union* (ITU) da ONU, revelou que 67% da população mundial teve acesso à Internet em 2023. Isso significa que cerca de 5,4 bilhões de pessoas estiveram *online*, ou duas a cada três pessoas, porém, 2,6 bilhões permanecem *offline*, ou seja, ainda há um fosso digital. Ademais, os internautas não estão homogeneamente distribuídos no globo. O estudo indica os extremos de acesso na Europa e África, com 91% e 37%, respectivamente. Em relação à renda, nos países considerados de alta renda, como EUA e Espanha, 93% dos indivíduos têm acesso à Internet, nos de renda média-alta, a exemplo do Brasil, 81%; nos de renda média-baixa, entre os quais, El Salvador, 55%; e nos de baixa renda, integrado pelos países da África Subsaariana, 27%.

Além das desigualdades relacionadas ao número de internautas por região, a pesquisa aponta disparidades relativas a outros aspectos, como número de assinaturas de telefonia móvel, penetração de banda larga e tipo de rede de acesso. A telefonia móvel chegou à média mundial de 87 assinaturas para cada 100 habitantes. Nos países considerados de alta renda, esse índice foi de 129%, e nos de baixa renda, 65%. O número superior a 100% indica que um mesmo indivíduo pode ter ativa mais de uma conta de celular, meio mais comum de conexão à Internet (ITU/ONU; 2024).

Quanto à taxa de penetração de banda larga móvel, os dados são, respectivamente, 148% e 33%, e de banda larga fixa, 39% e 1%. O estudo justifica que os índices reduzidos para a banda larga fixa se devem, por um lado, pela rede ser partilhada por diversas pessoas em um mesmo agregado familiar, e, por outro, devido aos elevados preços do serviço e à falta de infraestrutura. No que tange ao tipo de rede de acesso, se 2G, 3G, 4G ou 5G, nos países com economia desenvolvida o uso de 5G é da ordem de 89%, e 3G e 4G aproximadamente 10%. Naquelas de

baixa renda, predominam as 3G e 4G, sendo a taxa de 38% cada, totalizando 76%, e o 2G, cerca de 20%. A Internet 5G é mais estável que as demais (ITU/ONU; 2024).

O fosso digital é observável entre as regiões do planeta, mas também no interior delas. Em média, os indivíduos que residem em zona urbana têm cerca de 30% mais acessos à Internet que aqueles situados em zonas rurais. Essa disparidade é maior em países com menor desenvolvimento econômico. Na África, o índice de usuários da rede em áreas urbanas é 57%, e rural, 23%, ou seja, uma diferença de 34%. Na Europa, os números são 92% e 88%, respectivamente, o que indica variação de 4%. No que tange à questão de gênero, a média mundial é de que o gênero masculino tem 5% mais acesso que o feminino. Mas nos países de baixa renda, esse percentual chega a 14%, e nos de alta renda, apenas 1% (ITU/ONU; 2024).

Sobre o que diz respeito à faixa etária, são os jovens entre 15 e 24 anos que lideram o uso de Internet no mundo. Nos países de baixa renda, eles são responsáveis por 45% dos acessos, enquanto os demais grupos, 23%, ou seja, os jovens têm 22% a mais de navegação *online*. Nos países de renda média-baixa, as taxas são 71% e 52% (19% de diferença); nos de renda média-alta, 96% e 78% (18% de diferença), e nos de alta renda 98% e 93% (5% de diferença), respectivamente (ITU/ONU). Observa-se que as disparidades intrarregionais são bastante suavizadas nos países considerados de alta renda, tendendo à homogeneização de acesso nos aspectos que consideram zona urbana e rural, gênero e renda.

Em relação ao tempo médio mundial, conforme o relatório *Digital 2024: Global Overview Report*, elaborado em parceria pelas empresas de comunicação *We Are Social* e *Meltwater*, os internautas de 16 a 64 anos ficam *online* diariamente 6h40, embora haja variação entre os países. Os extremos de maior e menor uso são África do Sul (9h24) e Japão (3h56), respectivamente. Destacam-se também com mais horas de acesso no mundo Brasil (9h13), Filipinas (8h52), Colômbia (8h43) e Argentina (8h41). Entre aqueles com menores tempos de uso da Internet, ao lado do Japão, estão França (5h22), Alemanha (5h22), Coreia do Sul (5h19) e Dinamarca (5h08). Quase 95% dos internautas utilizam redes sociais, com média mundial de 2h23 diárias, podendo ser dispensadas, em uma única plataforma como é o caso do *TikTok*, 34h de navegação mensal (*We are social, Meltwater, 2024*).

Nesse sentido, há uma preocupação constante sobre os tipos de conteúdo produzidos: retratam a realidade com fidedignidade, ou a manipulam e distorcem? A

Internet, como mencionado na introdução desta pesquisa, pode ser utilizada como rede de esperança, mas também rede de ódio. O fenômeno da desinformação, no qual inserem-se as *fake news*, tem tomado proporções preocupantes, não apenas no campo da política, mas considerando-se a ascensão e domínio do espaço público mediatizado por atores estranhos ao campo da política; à sensação de relatividade perante os fatos; e ao papel da Internet e das redes sociais (Amaral, 2019).

No campo político, relembram-se os casos emblemáticos apresentados na Introdução desta pesquisa, em se utilizou as redes sociais para influenciar comportamentos e alcançar os resultados desejados como no referendo do *Brexit* no Reino Unido, em 2016, e as eleições presidenciais estadunidenses, em 2016 e 2024, que elegeram Donald Trump presidente dos EUA. A Internet, como *lócus* virtual de interações sociais e trocas simbólicas, foi utilizado para disseminar os três tipos de desinformação: *dis-information* (informação falsa criada deliberadamente para causar danos); *mis-information* (informação falsa, mas não criada com a intenção de causar dano), e *mal-information* (informação baseada na realidade, utilizada para gerar dano), consoante classificação de Wardle e Derakhshan (2017).

A revolução digital, conforme Burgaya (2023, p. 14), não é circunstancial e funciona como um “acelerador histórico” que promove alterações disruptivas e tem associadas consequências imprevisíveis. A Internet gera transformações de desmaterialização, deslocalização e um novo tipo de centralização, convertendo-se em um novo consciente coletivo (Burgaya, 2023). Embora haja disparidades dos usos da Internet entre regiões do mundo e no interior delas, além de diferirem características dos internautas de acordo com região, faixa etária, tipo de *sites* e plataformas acessadas, entre outros aspectos, os achados de ambas as pesquisas, *Measuring digital development – Facts and Figure 2023* (ITU/ONU) e Relatório Global Digital 2024 (*We Are Social* e *Meltwater*), ilustram a relevância do acesso individual cotidiano e o elevado fluxo de informações e de dados gerados.

A hipercomunicação na rede digital possibilita o desenvolvimento de um novo tipo de panóptico “aperspectivístico”: o panóptico digital (Han, 2017, p. 62). O conceito de “panóptico” foi desenvolvido por Jeremy Bentham, no século XVIII, como uma tecnologia de poder, a partir de uma estruturação arquitetônica, para resolver problemas de vigilância em instituições como prisões, escolas, hospitais, manicômios. O princípio é utilizar um espaço circular, com uma torre com amplas janelas ao centro

e celas em volta (periféricas). Da torre, o vigilante observa o interior de todas as celas, sem, contudo, ser visto. Essa arquitetura expressa um modo de organização política e exercício de poder que atua mais sobre o imaginário que sobre os sentidos, com a presença universal de um sujeito supervisionando centenas de indivíduos isolados. O ambiente torna-se transparente, visível, sem zonas escuras (Foucault, 1979).

No panóptico digital, esse olhar perspectivístico das sociedades disciplinares desaparece. Não há um controle central ou o supervisionamento pela onipotência da vigilância despótica ou soberana. Não há a distinção entre centro e periferia e tampouco a transparência unilateral apenas por aqueles que são vigiados, como no panóptico de Bentham. A iluminação e a transparência ocorrem a partir de todos os lugares e por cada um, daí por que aperspectivístico e mais eficiente. A permeabilidade transparente das redes cria a ilusão de que os indivíduos do panóptico digital encontram-se livres da vigilância e da instância de domínio externo, favorecendo a exposição e o desnudamento completo ao mercado panóptico, sem necessidade de coação (Han, 2017).

Nesse novo paradigma, o sujeito da sociedade de controle vivencia a dialética da liberdade, assim como o sujeito do desempenho: julgando-se dono de sua liberdade, não estando submisso a outrem, assume, de forma paradoxal e simultânea, o papel de explorado e explorador (Han, 2017). O sujeito de desempenho, conforme Han (2015, p. 16), entrega-se “à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho”, novo mandamento da sociedade pós-moderna do trabalho. A ausência da instância dominadora não o conduz à liberdade: ele se autoexplora. Essa autoexploração é mais eficiente que a realizada pelo outro, pois tem associada a si o sentimento de liberdade. A supervisão permanente torna-se cada vez mais excessiva e o controle aniquila a liberdade de ação, conduzindo à uniformização (Han, 2017), alterando e reformulando a realidade social.

Essa realidade social é histórica; construída e transformada a partir do processo de trabalho de apropriação da natureza; e atravessada pelo desenvolvimento de forças produtivas (Gorender, 2015). Para Marx (2008), o ser humano, na produção social de sua existência, entra em relações produtivas que independem de sua vontade. A totalidade dessas relações – as quais equivalem ao grau de desenvolvimento das forças produtivas – constitui a estrutura econômica, considerada base da superestrutura jurídica e política, e corresponde a formas sociais

determinadas de consciência: o “modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (Marx, 2008, p. 47). O conflito entre as forças produtivas e as relações de produção podem explicar a consciência de uma época de transformações, pois a modificação da base econômica altera a superestrutura (Marx, 2008).

1.2 Metamorfose do capitalismo: a precarização do trabalho continua

O ser humano, como ser social, tem no trabalho a condição da existência humana (Marx, 2008). É o trabalho realizado a partir de uma ação orientada por um objetivo (produção de valor de uso) para alcançar um resultado pretendido anteriormente que distingue humanos dos demais animais (Marx, 2015). O trabalho é “categoria fundante do mundo social” (Tonet, 2015, p. 287); “fenômeno originário, como modelo do ser social” (Lukács, 2018, p. 10); “fundamento antropológico das relações econômicas e sociais em geral” (Gorender, 2015, p. 29). Com o trabalho, além de atuar sobre a natureza, e de transformá-la, o ser humano autotransforma-se, e o trabalho humano-social converte-se em elemento central da sociabilidade (Antunes, 2018). O trabalho incorpora-se ao seu objeto, ao produto (mercadoria), que possui valor de uso e valor de troca (Marx, 2015)¹⁵. O valor de uso – antes da relação reflexiva com o valor de troca – é produto do trabalho utilizado para reprodução humana (Lukács, 2018).

O processo de trabalho inclui, conforme Marx (2015), três elementos: a atividade humana orientada (trabalho propriamente dito), os objetos e os meios de trabalho. A terra é considerada objeto universal do trabalho, e a matéria-prima, como objeto modificado pelo trabalho, também o é. O meio serve de guia da atividade da humanidade, que se apropria de um objeto e utiliza suas propriedades mecânicas, físicas e químicas para atuar em outro objeto. O ser humano, animal que elabora ferramentas, cria e usa meios de trabalho. O meio de trabalho é o modo como se

¹⁵ Para Marx (2015, p. 104) todo trabalho gera, de um lado, o valor de troca (valor das mercadorias), a partir do dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico (trabalho abstrato), e, de outro, o valor de uso, a partir do dispêndio de força humana de trabalho de forma específica, para uma certa finalidade (trabalho concreto e útil).

produz de acordo com o desenvolvimento da força de trabalho e das condições sociais nas quais se trabalha, e varia conforme o momento histórico (Marx, 2015).

Na sociedade capitalista – cujo modo de produção histórico visa a obtenção máxima de mais-valia e tem como marco temporal a Revolução Industrial – os trabalhadores foram separados da propriedade das condições de realização do trabalho. Houve dissociação entre as atividades de trabalho e as demais atividades da vida social. O trabalho perdeu seu sentido de processo de humanização, passando a incorporar a atividade natural de produção (Behring; Boschetti, 2006), convertendo-se em objeto que sujeita, subordina, estranha e reifica, tornando-se prevalente a dimensão abstrata do trabalho sobre a concreta (Antunes, 2018, p. 129). Os meios de subsistência e produção foram transformados em capital, e os produtores diretos, em assalariados. Esse processo histórico de expropriação dos trabalhadores diretos, principalmente do campesinato, e a conversão dos meios de vida dos trabalhadores em capital, é denominado por Marx (2015) de “acumulação primitiva”.

A “acumulação primitiva”, apesar de apresentada por historiadores burgueses como a libertação dos trabalhadores da servidão e coação corporativa, foi, em verdade, um processo abrupto e violento de expropriação da terra, dos meios de produção e despojamento súbito dos meios de subsistência de grandes massas humanas. Lançados no mercado como proletários absolutamente livres, não foram absorvidos pela manufatura emergente e tampouco foram realizados os ajustes necessários para o novo modo de vida, o que desencadeou a formação de significativa parcela da população marginalizada e vulnerabilizada. A produção social desses trabalhadores livres, conforme Fontes (2010), é, ao mesmo tempo, necessária para ampliar as condições sociais de cunho capitalista e resultado dela. É real e ilusória, pois vela os determinantes e subordinantes dos seres sociais. A humanidade é convertida em mera força de trabalho, cada vez mais expropriada, e o trabalho em mercadoria especial (Fontes, 2010; Antunes, 2018).

A jornada de trabalho da classe trabalhadora – que se relaciona à condição central e estrutural do trabalho como fonte de valor para o capital e de reprodução da força de trabalho (Behring; Boschetti, 2006) – foi excessivamente ampliada. Mas o proletariado exigiu limites à exploração, reivindicando a redução da jornada de trabalho, que em alguns casos ultrapassava 15 horas diárias, além de exigir o sufrágio universal e secreto (Coggiola, 2014). No âmbito da luta de classe, diversas

manifestações, revoltas e levantes ocorreram. Na Alemanha, por exemplo, o levante dos tecelões na Silésia, em junho de 1844, foi esmagado pela intervenção do exército. Karl Marx percebeu, a partir dessa primeira revolta operária da história alemã, que o proletariado é elemento ativo tanto da revolução, quanto de sua emancipação (Marx; Engels, 2010).

O antagonismo de classe impulsionou a adoção de medidas estatais com o objetivo de “amenizar a desigualdade social que brota, necessariamente, da exploração do capital sobre o trabalho” (Tonet, 2015, p. 281). Nesse contexto, o Poder Executivo exercia função mais próxima de “um comitê para gerir os negócios comuns da classe burguesa” (Marx; Engels, 2014, p. 42), que a de um agente voltado aos interesses do proletariado. A burguesia também atuava por meio dos legisladores, que se empenhavam em manter intactos os privilégios do capital na exploração da força de trabalho, sob a justificativa de defender a “liberdade do trabalho” (Marx, 2015, p. 245). Diante disso, o Estado foi compelido a instituir legislações, sendo as leis fabris inglesas de 1833, 1844 e 1850 exemplos representativos desse processo.

Essas normas impuseram limites à jornada de trabalho de homens, mulheres, adolescentes e crianças, além de determinarem que essa jornada fosse regulada por um relógio público, com a devida comunicação aos trabalhadores sobre os horários de início e término de almoço (Marx, 2015). Por outro lado, os capitalistas, insatisfeitos com as conquistas da classe trabalhadora e com os possíveis impactos sobre a obtenção de lucros, pressionaram os legisladores e identificaram “brechas” para ampliar e expandir a exploração em outros segmentos, geralmente envolvendo mulheres e crianças, assegurando assim o fornecimento adicional “que o capital tem direito segundo a lei de Deus e dos homens” (Marx, 2015, p. 248).

Em situações de denúncias à Justiça, os próprios capitalistas atuavam como júri. Os legisladores agiam para viabilizar a exploração da força de trabalho pelo capital sob o discurso de preservar a “liberdade do trabalho” (Marx, 2015, p. 245) e o Poder Executivo era “senão um comitê para gerir os negócios comuns da classe burguesa” (Marx; Engels, 2014, p. 42). Os abusos desmedidos provocaram o acirramento da luta entre as classes capitalista e trabalhadora pela ampliação de direitos. A força do capital se enfraqueceu gradualmente e o controle social limitou, regulou e uniformizou legalmente a jornada de trabalho e suas pausas. Os embates para regulação da jornada de trabalho e outras lutas travadas com objetivo

semelhante provaram que “quando o modo produção capitalista atinge certo grau de amadurecimento, o trabalhador isolado, o trabalhador como ‘livre’ vendedor de sua força de trabalho, sucumbe a ele sem poder de resistência” (Marx, 2015, p. 256).

Esses conflitos de classe demonstram a centralidade e condição estrutural do trabalho, porém, também evidenciam que o trabalhador não era, como de fato ainda não é, livre para vender sua força de trabalho, embora, estando unidos, possam ter potencial transformador na sociedade. Para Behring e Boschetti (2006), o antagonismo e as lutas entre as classes capitalista e trabalhadora no final do século XIX intensificaram-se e significaram um momento de ruptura com o projeto burguês, apesar da grande resistência sustentada pelo liberalismo.

Os produtos do trabalho humano – e ele mesmo, em si – assumem a forma social de mercadoria, sendo produzidos para a troca no mercado, visando a produção e apropriação do mais-valor e avanço do capitalismo (Lima, 2013). O Estado interventor, atuante na regulação do trabalho ou no atendimento a demandas sociais decorrentes da exploração do capital sobre o trabalho, deveria ser mínimo, e suas ações deveriam ser no sentido de garantir o estabelecimento do livre mercado. O termo mercado, conforme Chesnais (2000), é um eufemismo para esconder as formas de dominação política e social e escamotear as formas concentradas de capital.

As lutas da classe trabalhadora, tanto na Inglaterra, quanto na França e Alemanha; o fortalecimento do movimento operário e a ocupação do proletariado em espaços políticos e sociais; a correlação e a composição de forças; a fusão entre capital bancário e industrial dando origem ao capital financeiro; são alguns dos fatores da luta pela emancipação humana, socialização da riqueza e instituição de uma sociabilidade não capitalista que enfraqueceram as bases do liberalismo. Esse enfraquecimento assegurou importantes conquistas na dimensão dos direitos políticos e no reconhecimento de políticas sociais e de direitos de cidadania (Behring; Boschetti, 2011).

No cenário do capitalismo tardio, houve hipertrofia e autonomia crescente do Estado, entendido como produto da divisão social do trabalho. Esse processo ocorreu como reflexo histórico das dificuldades crescentes de valorizar o capital e realizar a mais-valia de maneira regular, principalmente devido à crise de 1929-1932 e à Segunda Guerra Mundial. O Estado passou a articular sua função econômica com o esforço de despolitizar a classe trabalhadora, além de sustentar o mito de uma

economia onipotente, tecnologicamente determinada, capaz de gerar uma sociedade pluralista. Contudo, a intensificação da intervenção estatal proporcionou maior controle sobre os rendimentos sociais, e o Estado capitalista continuou a favorecer a dominação política de uma classe social em detrimento de outra (Mandel, 1982).

Sob essa perspectiva, o Estado social atende a interesses e prioridades do modo de produção capitalista, bem como à reprodução da classe trabalhadora. Media, assim, interesses antagônicos e preserva as relações sociais de exploração existentes (Gough, 1978). As políticas sociais também possuem esse caráter contraditório (Pereira, 2008; Behring, 2009; Tonet, 2015). Assim, a política social resulta de “contradições estruturais engendradas pela luta de classes” sendo delimitada “pelos processos de valorização do capital” (Behring, 2009, p. 2), além de considerar e ser impactada pelas tensões políticas e societárias que marcam a formulação, implementação e cobertura dessas políticas.

As transformações econômicas e tecnológicas, nas décadas de 1970 e 1980, provocaram profundas e significativas mudanças no mundo. O cenário econômico marcado pela desregulamentação do sistema monetário internacional, crise econômica e depressão, somava-se à atuação dos sindicatos, ao aumento da inflação, aos conflitos sociais, às lutas de classe, ao desemprego e ao endividamento público. Essas transformações redefiniram as bases do modelo econômico global, intensificando tensões sociais e políticas e o modelo de produção vigente, fordista/keynesiano, entrou em colapso na década de 1970.

O ciclo depressivo de 1974/1985, segundo Mandel (1990), pode ser entendido como ponto de convergência de cinco tipos distintos de crises: 1) crise clássica de superprodução, limitada por déficit financeiro, aumento de crédito e expansão da dívida pública e privada; 2) combinação da crise clássica de superprodução com a mudança brusca da “onda longa” com redução progressiva dos altos rendimentos tecnológicos; 3) nova fase da crise do sistema imperialista (reflexos indiretos na alta do preço do petróleo); 4) crise social e política, agravada nos países imperialistas, resultante da depressão econômica e politização, combatividade e lutas operárias, e da reação pela tentativa burguesa de impor aos trabalhadores o peso da crise e da distribuição mundial da mais valia; 5) crise das relações de produção capitalista, acentuada pela conjunção das demais crises com a crise estrutural da sociedade burguesa (Mandel, 1990).

A resposta à crise estrutural abriu as portas à financeirização. A necessidade de transformar os padrões de acumulação do capital orientaram países como a Inglaterra, sob liderança de Margareth Thatcher, em 1979, e os EUA, com Ronald Reagan, em 1980, a implementar diretrizes neoliberais. As medidas adotadas incluíam, entre outras, soluções monetaristas “do lado da oferta”, com foco no controle da quantidade de moeda e da inflação; mudanças nas políticas fiscais e econômicas; enfraquecimento de sindicatos, associações e organizações sociais; privatização de empresas estatais; diminuição de impostos corporativos; redução de salários; e desregulamentação, permitindo áreas de livre mercado voltadas aos interesses corporativos (Mandel, 1990).

A teoria neoliberal da mudança tecnológica defende que a inovação deve ser conduzida pelo mercado. Ela sustenta-se nos poderes coercitivos da competição, incorpora-se ao senso comum dos empreendedores, convertendo-se em fetiche segundo o qual para todo problema haveria uma solução tecnológica (Harvey, 2008). Há um vínculo constitutivo entre “dinamismo tecnológico, instabilidade, dissolução de solidariedades sociais, degradação ambiental, desindustrialização, aceleradas mudanças na relação espaço-tempo, bolhas especulativas e a tendência geral de formação de crises no capitalismo” (Harvey, 2008, p. 79), elementos que intensificam as contradições sociais sob o manto do progresso.

A ortodoxia neoliberal e o fundamentalismo do livre mercado foram amplamente propagados e incentivados por instituições como o FMI e o Banco Mundial, bem como pela Escola de Chicago. Países latino-americanos se endividaram e tiveram de se submeter ao chamado “ajuste estrutural” em troca do escalonamento da dívida. Esse “ajuste”, conforme Harvey (2008), era, em verdade, um conjunto de reformas institucionais, como cortes nos gastos sociais, leis do mercado de trabalho mais flexíveis e privatizações. Entre suas consequência e efeitos houve a extração de altas taxas de retorno, nas décadas de 1980 e 1990, pelos países de economia avançada, e a restauração do poder de suas elites, e aprofundamento da dívida pelos países em estágio de desenvolvimento econômico (Harvey, 2008).

O mundo do trabalho foi diretamente impactado pelo enfrentamento à crise. As dimensões objetivas e subjetivas confluíram na estratégia de reprodução ampliada de capital, necessitando de novos negócios para se valorizar. Esse processo foi denominado de acumulação por espoliação, por Harvey, ou de superacumulação por

Mandel ou conforme Mota (2018). A espoliação social, caracterizada pela unidade entre aprofundamento da exploração do trabalho e espoliação material e social – da terra, da natureza, dos direitos e dos meios de vida da população – constitui a marca do novo imperialismo. Esses dois eixos da espoliação ampliam a superexploração do trabalho, sobretudo em países periféricos. Essa dinâmica reforça desigualdades estruturais e perpetua a lógica de dominação global.

A mundialização do capital e os avanços tecnológicos da Terceira Revolução Industrial criaram uma espécie de trabalho abstrato virtual. No Brasil, destacou-se como singularidade da divisão internacional do trabalho no sistema capitalista instaurado a contradição entre o controle da indústria pelo capital estrangeiro e a insuficiência na geração de meios de pagamento internacionais para que a parcela do excedente destinada ao capital internacional retornasse à circulação. As “crises desse padrão eram, rigorosamente, crises da circulação internacional do dinheiro-capital” (Oliveira, 1977, p. 87), predominando o rebaixamento da força de trabalho com a dependência externa e com geração constante de desigualdades, um ‘ornitorrinco’ que se utilizou do arcabouço ideológico do neoliberalismo (Oliveira, 2003).

O legado do neoliberalismo, segundo Zuboff (2019), foi uma benção para o capitalismo de vigilância, devido ao remodelamento do pensamento que reflete na elaboração de políticas públicas no que tange ao papel regulador do Estado, e, principalmente, a autorregulação quando a tecnologia e Internet começaram a assumir papel preponderante. O capitalismo se metamorfoseia para adaptar-se à realidade de cada tempo histórico.

Marx (2015), a partir de John Stuart Mill, e ao tratar do desenvolvimento da maquinária, faz questionamentos sobre os propósitos das invenções mecânicas e se elas teriam “servido para aliviar a faina diária de algum ser humano” (Marx, 2015, p. 301). Isso, em parte, se deve ao fato de que, no capitalismo, o desenvolvimento da maquinaria, assim como o de qualquer força produtiva do trabalho, deveria reduzir o preço das mercadorias ou de parte da jornada de trabalho objetivando a produção de mais-valia (Marx, 2015). Como consequências imediatas da produção mecanizada, ter-se-iam a substituição da força de trabalho por máquinas, o barateamento da força de trabalho e a formação do exército industrial de reserva.

Como as máquinas dispensavam a força física, era possível ampliar a exploração do trabalho feminino e infantil, o prolongamento da jornada de trabalho

(mais-valia absoluta), e intensificação do trabalho (mais-valia relativa). Nesse sentido, tem-se concordância com a indagação apresentada por Marx, e a partir dela, questiona-se sobre o uso das tecnologias, a quem serve o desenvolvimento científico-tecnológico, quem são os maiores beneficiários, e quem sofre com as externalidades negativas, principalmente na atual era do capitalismo de vigilância (Zuboff, 2019). Além disso, pergunta-se que fins pretende atingir, principalmente, com o fetiche da tecnologia (Feenberg, 2003; Harvey, 2008).

O fetichismo em Marx (2015) refere-se não apenas à mercadoria, mas também a formas sociais mais complexas, como o dinheiro e o capital. Com base nos estudos de Feenberg (2003), pode-se incluir a tecnologia. O fetiche da mercadoria, então, pode ser compreendido e aceito como um fenômeno social, cujo caráter místico não decorre do valor de uso, mas da atribuição ao valor de troca, pois “as relações entre os produtores, nas quais se efetivam aquelas determinações sociais de seu trabalho, assumem a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho” (Marx, 2015, p. 122). A vida social, no mundo dominado pelas finanças (Chesnais, 2000; Zuboff, 2019; Silva, 2021), é atravessada pelo fetichismo, com o dinheiro gerando dinheiro, o valor se valorizando autonomamente, e o capital aparentando ser a origem misteriosa de seu próprio crescimento. Essa lógica oculta as relações sociais reais que sustentam a produção e a reprodução do capital.

A consolidação do fetichismo financeiro impulsionou a intensificação do fetichismo da mercadoria, acompanhando a mundialização do capital. Isso se deve, em grande medida, ao processo amplamente favorecido pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), pois “a relação social dos produtores no conjunto do processo do trabalho aparece como uma força renovada” (Chesnais, 2000). O fetichismo, em sentido amplo, desmascara e explica os mecanismos mistificadores do mundo organizado pelo valor que se valoriza, conforme Grespan (2021), baseado em Marx. As relações humanas se coisificam e as conexões entre as coisas adquirem subjetividade. Essa ilusão é real, altera e condiciona comportamentos, concentra poderes sociais efetivos em representações, e dificulta a percepção de seus artifícios.

A contraposição do trabalho morto (pretérito e objetivado) ao trabalho vivo (que transfere valor para o produto) resulta no valor dos meios de produção. Assim, ocorre um esvaziamento da consciência ligada à produção da vida e o fetichismo, sob a sua forma complexa, se define como poder das representações que comanda o trabalho

e a vida (Grespan, 2021). Aos indivíduos é dado conhecer uma realidade distorcida e unilateral dos processos sociais que organizam a ação social. As relações sociais são obscurecidas, bem como as condições reais de produção, o que reforça a alienação dos sujeitos e naturaliza a dominação.

O esvaziamento da consciência, no que tange à tecnologia, ocorre de forma semelhante ao da mercadoria. Em seu aspecto relacional, o fetichismo tecnológico manifesta-se como uma instância não-social, dotada por uma racionalidade técnica que ignora as dimensões sócio-históricas (Feenberg, 2003). Dessa forma, as relações objetivas e subjetivas com a tecnologia são moldadas por esse viés que apresenta os artefatos tecnológicos como essencialmente orientados para um uso ou funcionalidade específica, constituindo a abstração que forma nossa percepção imediata da tecnologia. A tecnologia é social. Mas sempre que esse aspecto de sociabilidade é suprimido, resta apenas sua instrumentalização primária: “a tecnologia, em essência, descontextualiza e manipula seus objetos” (Feenberg, 2003, p. 23). Assim, compreende-se que a tecnologia está vinculada ao seu contexto histórico, político e cultural, podendo ser atravessada pelas lutas de classes.

As TICs, apesar do fetiche tecnológico, são instrumentos com finalidades econômicas inerentes ao seu desenvolvimento e expansão. Contrariando a visão clássica da ciência e da tecnologia, não são neutras nem desinteressadas. São, na verdade, socialmente construídas, orientadas à maximização da produtividade, conforme padrões definidos pela lógica econômica e pela busca de rentabilidade (Santos, 2020). Seu uso intensifica o trabalho morto corporificado no maquinário tecnológico-científico-informacional, cada vez mais presente na produção material e imaterial, configurando-se um componente novo e central para compreender os mecanismos atuais de atuação do capital. Os aplicativos contribuem para escamotear as grandes corporações globais que controlam o sistema financeiro e dos negócios, reforçando a invisibilidade de poder que comanda a economia global (Antunes, 2018).

A utilização intensiva de tecnologias digitais, plataformas, inteligência artificial e algoritmos, no âmbito do capitalismo de vigilância, incorporam-se às dinâmicas das relações sociais, inclusive no trabalho. A Uber Technologies Inc., fundada em 2010 na cidade de São Francisco, EUA, exemplifica essa lógica ao declarar como propósito de “aproximar pessoas e revolucionar o modo de se movimentar nas cidades. [...] A Uber usa a tecnologia para dar às pessoas o que elas querem, quando e onde elas

precisam” (Uber, 2022). Esse modelo evidencia a centralidade das tecnologias na mediação das interações da sociedade e revela a crescente dependência de sistemas automatizados na organização do trabalho e da vida cotidiana.

A Uber está presente em mais de 70 países, ultrapassando 3,5 milhões de parceiros motoristas/entregadores e 101 milhões de usuários. No Brasil, as atividades se iniciaram com a Copa do Mundo de 2014, em quatro capitais: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Pouco mais de cinco anos depois, a empresa expandiu expressivamente suas atividades, chegando a mais de 500 cidades. Em 2020, com o *slogan* “Seja seu próprio chefe – Dirija com a Uber”, a empresa comemorou mais de 1 milhão de parceiros motoristas/entregadores no Brasil e 22 milhões de usuários. O número é impactante: quase 1/3 de todos os parceiros no mundo e 1/5 dos usuários globais.

A Uber é considerada o exemplo emblemático do fenômeno de escravidão digital descrito por Antunes (2018). Tem-se, de um lado, os chamados “parceiros”, aqueles que prestam o serviço de motorista/entregadores em seus veículos. Sobre eles recai a responsabilidade de realizar manutenção, limpeza e abastecimento do transporte. Eles não possuem nem remuneração mínima ou fixa; e tampouco direitos sociais trabalhistas, como férias, 13º salário, licença saúde, auxílio alimentação, seguro-desemprego, ou qualquer outro benefício da previdência social.

Em suma, são desprovidos de direitos básicos, resultantes de lutas históricas trabalhistas. De outro, temos a empresa, que se apresenta como mera fornecedora de tecnologia e afasta de si qualquer responsabilidade como empregadora. Em termos práticos, essa lógica transfere os riscos e custos da atividade produtiva aos trabalhadores, ou, como são denominados “parceiros”. Os resultados são a precarização do trabalho e a intensificação da desproteção social. O capital mantém o controle sobre os meios de organização do trabalho e a extração de mais-valia, enquanto se exime de obrigações trabalhistas. É a metamorfose do capitalismo, um novo arranjo que reconfigura a exploração adaptada às novas formas tecnológicas de mediação do trabalho.

A prática da uberização tem sido adotada por outras empresas. Como exemplo, no Brasil, podemos citar o *iFood* – *startup* “brasileira que aproxima clientes, restaurantes e entregadores de forma simples e prática” (iFood, 2022). O início das atividades do *delivery* ocorreu em 2011, com 12 mil pedidos por mês. Nos anos

seguintes, com investimentos em tecnologia e uso de aplicativos digitais, fusões corporativas, os índices foram aumento. Em 2019, com os investimentos em inteligência artificial, o faturamento chegou a 20 milhões de pedidos por mês. Em março de 2021, durante a pandemia da Covid-19, o *iFood* teve crescimento de 418% em relação ao mesmo período em 2020, conforme a revista *Veja* (2021). Ademais, pode-se mencionar a Magazine Luiza, fundada em 1957 em Franca (SP), que também registrou crescimento expressivo em 2021: mais de 200% em relação a 2019 (Magazine Luiza, 2022). Os investimentos em tecnologia auxiliaram no avanço de 46,6% no *e-commerce* e de 63% no *marketplace*. A empresa atingiu os menores percentuais de despesa da sua história.

Conforme Santos (2022), nesses dois casos brasileiros, as empresas obtiveram lucros bilionários em 2020 e 2021, porém, não houve melhoria ou benefícios repassados aos trabalhadores. O estudo realizado pelo Dieese (2022), no Boletim Emprego em Pauta – nº 22/2022, revelou que, em 2019, a remuneração mensal média na modalidade intermitente foi de R\$ 634,00, ou seja, 64% do valor do salário mínimo vigente à época e que mais de 20% dos trabalhadores resultaram em renda zero (não foram chamados a trabalhar). Ao final de 2021, o trabalho por conta própria havia crescido 6,6%, porém, com rendimentos médios 69% inferior ao de trabalhadores que iniciaram suas atividades antes da pandemia (Santos, 2022).

Sob o fetiche da tecnologia, as relações que, via de regra, poderiam constituir vínculo de trabalho formal, são escamoteadas pelos capitalistas e reconfiguradas com orientação voltada à maximização de lucro. Essa dinâmica influencia tanto o comportamento dos trabalhadores quanto dos usuários, inserindo-se na lógica do capitalismo de vigilância. Embora se apresentem em formatos distintos, essas práticas preservam a estrutura e a essência do capitalismo, especialmente quando analisadas à luz da concepção do trabalho em Marx, como discutido anteriormente.

Antunes já alertava, ao menos desde 2018, para as contradições do trabalho nas TICs. Vivemos em um período que articula tecnologias do século XXI com as condições deficitárias do século passado, conduzindo à maior intermitência, terceirização, informalismo, desregulamentação, enfim, ao agravamento da precarização do trabalho (Antunes, 2018). Mesmo os que se mantém empregados testemunham a corrosão de seus direitos sociais e conquistas históricas. A tecnologia atua como mediadora da exploração e da alienação e o discurso da inovação encobre

relações de dominação e controle. O trabalho continua subordinado à lógica do capital, ainda que sob novas roupagens.

1.3 Racismo algorítmico e microagressões raciais no ciberespaço

O racismo é uma construção social profundamente enraizada na sociedade. É um fenômeno histórico, complexo, naturalizado, heterogêneo. Manifesta-se nas relações de dominação, poder e dinâmicas culturais que perpetuam desigualdades, violências e preconceitos. O racismo é sustentado por determinações econômicas, políticas e jurídicas que moldam a organização social e derivam da própria estrutura da sociedade. Esse processo, de natureza histórica e política, influencia na organização da sociedade, como processo sistêmico de discriminação. É decorrente da estrutura social e reproduzido por instituições, de forma consciente ou inconsciente. Pode ser compreendido pela concepção individual, institucional e estrutural (Almeida, 2019).

Em relação à concepção estrutural, o racismo transcende o âmbito da ação individual; reforça a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações sociais de um grupo sobre outro (e não apenas de um indivíduo sobre o outro); compreende que as instituições estão condicionadas a uma estrutura social preexistente, ou seja, se as instituições são racistas é porque a sociedade é racista. Está “normalizado” nas relações políticas, econômicas, jurídica, familiares. É parte de um processo social. Enquanto processo histórico e político cria condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos raciais identificados sejam discriminados de forma sistemática (Almeida, 2019).

Mas o racismo não é um processo automático. Assim como o sexismo, foi construído e legitimado por ações e normas impostas à sociedade, beneficiando apenas alguns grupos. A cultura, nesse contexto, funciona como importante ferramenta de naturalização da discriminação no imaginário social. Para tanto, a cultura estaria amparada em teorias filosóficas e científica com poder de reproduzir discurso de autoridades sobre uma suposta verdade, propagando determinada visão (Almeida, 2019). Há uma intensa disputa pela assimilação e pela conquista ideológica dos intelectuais orgânicos (Gramsci, 1982) capturados pela classe dirigente, que devido à sua primazia econômica exerce monopólio intelectual. Alterna-se entre o uso

da direção intelectual e moral, exercida sobre grupos afins e aliados, e o domínio, que submete coercitivamente, o grupo dominado (Alves, 2010), nesse caso, o negro. Como exemplo de domínio, pode-se mencionar legislações que proibiam o casamento entre negros e brancos, e que serviam para impor exclusão social. Isso continua sendo mais que uma “bagagem cultural” trazida pelos colonizadores europeus: significou, e ainda significa, a destruição da vida comunitária como estratégia ditada por interesses econômicos específicos e pela necessidade de se criar ou ampliar condições para a economia capitalista (Federeci, 2019).

No Brasil, o racismo tem como critério principal do racismo o pertencimento a um grupo étnico. São chamados de minoria, por estarem limitados quanto a direitos e acessos, ainda que numericamente sejam maioria (Almeida, 2019). Ele nasce, no caso brasileiro, associado à escravização e consolida-se após a abolição da escravidão, com base em teses de inferioridade biológica dos negros. Difunde-se como matriz para interpretação do desenvolvimento nacional que vigoram até os anos 1930, influenciando, inclusive, a formulação de políticas públicas que aprofundaram as desigualdades no país (Theodoro, 2008). É reconhecido como uma das mais perversas dimensões do tecido social brasileiro (Jaccoud, 2008a).

A abolição da escravidão no Brasil (1888) coincidiu com o nascimento da República (1889). O regime escravista constituía-se, na segunda metade do século XIX, como entrave ao processo de industrialização e à expansão do mercado interno, dificultando a inserção da economia brasileira na divisão internacional do trabalho no contexto capitalista (Oliveira, 2003). Ideais de igualdade e cidadania foram disseminados, como se o novo ambiente político e jurídico trouxesse igualdade política e civil. Contudo, na realidade, os negros estavam excluídos socioeconomicamente e não tinham acesso à educação ou às terras (Lei das Terras), fosse para subsistência, fosse para trabalho.

Não é coincidência que nos dias atuais, 67% dos moradores de favelas sejam pessoas negras (Santos, 2025). As assimetrias educacionais persistem e refletem a diferença média de 1,6 anos a menos de estudo entre negros, que incluem pretos e pardos, em comparação aos brancos. A taxa de analfabetismo entre negros é de 7,1%, mais que o dobro da registrada entre brancos, 3,2% (Santos, 2025). Em 2023, apenas 48,3% dos negros com mais de 25 anos haviam concluído o ensino médio, enquanto entre os brancos esse índice alcançava 61,8% (IBGE, 2023).

Então, Abolição da Escravatura, em 1888, não significou a formação de mercado interno e tampouco de transição homogênea para o trabalho livre. O enfrentamento às desigualdades raciais foi identificado, ainda no século XIX, como exigência nacional, pois supostamente apenas uma sociedade branca seria capaz de realizar os ideais do liberalismo e do progresso.

A tese do branqueamento como projeto nacional, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, reflete a crença na superioridade branca e a busca do progressivo desaparecimento do negro, dando lugar ao mestiço ou mulato. Assim, a entrada de imigrantes europeus foi incentivada e favorecida, ao mesmo tempo em que os mecanismos discriminatórios foram fortalecidos. Pode-se mencionar, por exemplo, projetos de lei visando impedir a “imigração de indivíduos da cor preta”. A partir dos anos 1930, a dimensão positiva da mestiçagem é destacada e o discurso de convivência harmônica entre as três raças (branco, índio e negro) na formação do povo brasileiro, é enaltecido, projetando o mito da democracia racial (Jaccoud, 2008b).

É importante destacar que a população negra não ficou inerte frente às investidas contra-raciais. O primeiro grande movimento ideológico pós-abolição, a Frente Negra Brasileira (1931-1938), buscou sintetizar o assimilacionismo e a prática cultural, aprofundando a consciência racial e buscando a integração negra na sociedade capitalista. As leis trabalhistas do Estado Novo beneficiariam essa parcela da população. Em meados da década de 1940, o Teatro Experimental Negro, no Rio de Janeiro, se posicionava criticamente frente ao racismo e suas práticas, realizando trabalho de alfabetização, informação, formação de atores e criação de peças teatrais que enfocavam a questão racial (Jaccoud, 2008b).

Porém, o golpe de 1964 implicou na desarticulação das elites intelectuais negras e no processo de integração das entidades de massa em uma perspectiva capitalista (Gonzales; Hasenbalg, 1982). Nos anos 1970, ganha força o discurso de que não há discriminação racial no Brasil e a questão racial desaparece do debate público nacional, sendo retomada apenas com a redemocratização, quando, inclusive, o Movimento Negro se reorganiza (Jaccoud, 2008b).

Seguiu-se período de avanços, com debate, mobilização, criação de conselhos e órgãos de assessoria que tratam da questão racial. A Constituição Federal de 1988 estabeleceu o racismo como crime inafiançável e imprescritível. Foram criados, para citar alguns, o Programa de Combate ao Racismo Institucional (2004-2006); a Política

Nacional de Saúde da População Negra (2004); o Programa de Promoção da Igualdade de Oportunidades para Todos (2005); a Lei de Cotas para Universidades (2012). Não se está afirmando que tais programas, políticas ou leis são efetivas ou tocam no cerne da questão racial. Por vezes, são ações limitadas no tempo e em relação ao alcance geográfico; possuem recursos escassos; enfrentam resistência na implementação. Mas acredita-se que constituíram, e constituem, importantes avanços no debate necessário sobre a questão racial no Brasil.

Ainda se tem enormes desafios. Os negros eram considerados indolentes e inadequados para o trabalho regular e assalariado. Assim, passaram a atuar predominantemente em áreas rurais, na economia de subsistência, ou em atividades temporárias e ocasionais nas zonas urbanas. Esse movimento – marcado pela consolidação do trabalho livre e pela inserção crescente da população trabalhadora em setores de subsistência e ocupações de baixa remuneração como base da economia do trabalho livre – resultaria, décadas mais tarde, na formação do chamado “setor informal” no Brasil (Theodoro, 2008; Santos, 2025). Em 2022, segundo dados do IBGE (2023), pretos e pardos constituíam a maioria no mercado informal de trabalho e ocupavam cerca de 65% dos postos com os menores rendimentos, como os da Agropecuária, Construção e Serviços Domésticos.

Outra sequela perene no tempo relaciona-se com a opressão e violência contra os corpos negros. Em 2022, 83% das mortes violentas intencionais decorrentes de intervenções policiais atingiram pretos e pardos. Essa população também predomina no sistema penitenciário, representando cerca de 70% dos encarcerados, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). O estudo da organização da sociedade civil Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (2023) indica que a maioria das prisões de negros por suposto envolvimento com tráfico de drogas ocorreu durante patrulhamentos policiais, baseadas em critérios subjetivos e “ações arbitrárias com base em atitudes suspeitas”. Porém, quando as operações policiais exigem investigação e coleta de informações sobre vítimas e testemunhas, 63% das prisões recaem sobre pessoas brancas. Esses dados evidenciam que indivíduos negros e periféricos estão mais expostos à violação de direitos e abusos, e à lógica de descarte de vidas, conforme o conceito de necropolítica (Mbembe, 2016).

Em uma sociedade onde o racismo está enraizado e integra a ordem social, manifestando-se no cotidiano, as desigualdades raciais são reproduzidas pelas

instituições, e práticas racistas passam a ser percebidas como “normais” (Almeida, 2019) nas diversas esferas de relação, como a policial, política, estatal, econômica, alcançando governos, empresas, escolas e até mesmo as tecnologias. Nesse sentido, o ciberespaço torna-se terreno fértil para a reprodução e disseminação do racismo, especialmente diante da opacidade dos sistemas automatizados e semiautomatizados baseados em algoritmos (Silva, 2022).

O racismo se imbrica com as tecnologias digitais por meio de mecanismos automatizados, sistemas de recomendação de conteúdo, tecnologias biométricas e formulações teóricas disseminadas, todos estruturados segundo padrões definidos por algoritmos. É nesse cenário que se configura o chamado racismo algorítmico, um fenômeno no qual o arranjo de “tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social, recursos e violência em detrimento de grupos minorizados” (Silva, 2022, p. 66).

O racismo algorítmico é intensificado por práticas digitais discriminatórias, como microagressões raciais, atos de discriminação e crimes de ódio. As microagressões envolvem ofensas, intencionais ou não, que podem ser verbais, comportamentais ou ambientais. Elas expressam desrespeito, insulto ou desprezo relacionados à raça, gênero ou orientação sexual. O prefixo “micro” não se refere à intensidade da violência, mas à natureza implícita dessas ações, que favorecem o anonimato e dificultam a responsabilização do agressor, muitas vezes ocultado por justificativas relacionadas a serem tratadas de piada ou comentário inofensivo (Silva, 2022).

O racismo algorítmico pode ocorrer em diversas situações, como por exemplo quando associa a imagem de mulheres negras à pornografia, ou ao categorizar conteúdos de combate ao racismo ou de proteção dos corpos negros como inadequados, por essa razão, bloqueados nas redes sociais. Ou, ainda, de forma mais emblemática, nos casos recorrentes de falta de precisão ao identificar rostos negros, quando do uso de tecnologia de reconhecimento facial relacionado à segurança pública, resultando em prisões ilegais (Santos, 2025). A suposição de criminalidade é uma das microagressões mais pervasivas no caso da população brasileira (Silva, 2022).

1.4 O X da Questão: riscos à democracia em tempos de Internet

Os dispositivos inteligentes modificam e transformam a realidade. A instantaneidade aos nossos dados e informações pessoais, proporcionado pela tecnologia digital, tem gerado uma forma de humanidade aumentada. As repercussões psicobiológicas nos mecanismos de memória e raciocínio, especialmente entre os jovens, são cada vez mais intensas (Burgaya, 2021; Rovira; Luque, 2021). A humanidade torna-se mais programável, previsível e vulnerável à “*Googleficação*” do mundo. Algoritmos, mineração de dados e a crescente dataficação de diversos aspectos da vida provocam um processo de confinamento em bolhas informacionais e câmaras de eco onde reverberam versões fragmentadas da realidade (Burgaya, 2021).

A submissão ao digital leva à intoxicação, nos termos de Franklin Foer (2017), que compara as mudanças e o direcionamento do consumo de conhecimento advindo das grandes plataformas tecnológicas às modificações introduzidas aos hábitos alimentares pelas grandes multinacionais alimentícias. Assim, há o risco de obesidade informacional devido à essa “dieta” intensa e desregrada, composta pelo fluxo incessante de dados.

Nesse sentido, é oportuno mencionar que a sociabilidade foi alterada pela disseminação do *smartphone*. Esse pequeno artefato tecnológico, hoje um apêndice do corpo humano, popularizou a tecnologia digital e catapultou o acesso às redes sociais (Burgaya, 2021; Rovira; Luque, 2021). Entre os efeitos desse aparato e da conexão *full time*, a neuropsicologia alerta para a redução do esforço cognitivo que impacta na diminuição de atividades reflexivas e imaginativas, além de restringir a atenção prolongada em atividades específicas e limitar a sociabilidade, devido à plasticidade cerebral que possibilita de reprogramação da mente (Burgaya, 2021). A hiperconexão provoca dependência do cérebro, sendo essa a razão para consultarmos motores de busca, como *Google, Bing, Yahoo!, Google Maps, Waze*, mesmo para atividades consideradas simples. Outras consequências são o aumento do estresse, da ansiedade, da depressão, de distúrbios alimentares, de baixa autoestima, para citar alguns (Rovira; Luque, 2021).

Em âmbito mercadológico, a popularização das redes sociais expandiu a economia digital, que fortalece três mercados distintos, interdependentes e

interrelacionados entre si: o mercado de conteúdos gerados pelos usuários, o mercado da atenção e o mercado de dados (Rovira; Luque, 2021). Isso robustece as empresas de tecnologia, especialmente as *big techs*, e consolida práticas monopolistas. Um exemplo é o fato de, a partir de meados dos anos 2000, plataformas como *Facebook* e *YouTube* passarem a transformar os conteúdos gerados pelos usuários em moeda de troca rentável. Ao monetizar, ainda que precariamente, a produção dos materiais digitais, solucionou-se um grande empecilho ao desenvolvimento da Internet, pois reduziu substancialmente os elevados custos para criação frequente de conteúdo de qualidade para os *websites* (Rovira; Luque, 2021). Então, as plataformas oferecem a infraestrutura digital, e, em troca, os usuários, com recursos próprios, criam e divulgam com regularidade conteúdos. A recompensa pode ser o aumento de seguidores, e a popularidade, e a monetização. Assim, os denominados criadores de conteúdo agregam valor às plataformas intermediárias e gigantes da tecnologia passam a dispor de um exército de mão de obra gratuita diuturnamente (Burgaya, 2021; Rovira; Luque, 2021).

O resultado é o excesso de materiais disputando a atenção do internauta. A atenção, conforme estudos de Burgaya (2021) e Rovira e Luque (2021), baseados em Michael Goldhaber e Hebert Simon, é um recurso imaterial, limitado e quantificado em tempo. Sua medida, atualmente, não é o minuto ou o segundo, como podem pensar alguns, mas o milissegundo. Infere-se, então, que esse recurso torna-se cada vez mais escasso pela superabundância de estímulos, acirrando a disputa entre as indústrias culturais para capturar e reter a atenção dos usuários, com o objetivo de maximizar a produtividade desse tempo e extrair a máxima mais valia. A atenção é uma mercadoria de valor econômico crescente: quanto mais o usuário permanece conectado, mais aumenta o lucro para o mercado. Tem-se, ao mesmo tempo, a disponibilidade para o recebimento de informações personalizadas e direcionadas, como as de caráter publicitário ou ideológico, e também a geração de dados comportamentais (Silveira, 2021; Burgaya, 2021; Zuboff, 2019).

Esse movimento cíclico – de geração de conteúdo, de disputa da atenção, e de coleta, armazenamento e venda de dados – passa a intermediar a produção e o consumo de informações, bens e serviços. Esse modelo de negócio, em que as empresas passam a atuar como intermediadoras a partir de indicações algorítmicas é incompatível com a noção de mercado competitivo, e *big techs* como *Amazon*, *Google*

e *Meta* consolidam-se como monopólios, os quais permanecem livres de regulação, taxação dos serviços de intermediação ofertados, e apropriação do rastro digital de preferências do usuário (Burgaya, 2021; Zuboff, 2019). Essa dinâmica é favorecida pelo discurso de inevitabilidade da tecnologia.

Mas por trás da visão fatalista de progresso inexorável e da utopia do “solucionismo tecnológico” (Morozov, 2015), o que ocorre é apenas a mudança na forma de exercício e de mãos do poder, e não o fim dele, como previam os otimistas digitais. A capilaridade proporcionada pela arquitetura da Internet, aliada aos sistemas algorítmicos de recomendação de conteúdo demandam novas estratégias de atuação e privilegia o que o sociólogo francês Gérald Bronner (2022) chama de “viés da repetição” nas buscas *online*. Esse poderoso mecanismo favorece, por meio da reiteração, a construção de narrativas, correspondentes à realidade, ou não. A desinformação e a disseminação de *fake news* nas redes sociais acabam sendo favorecidas por esse processo.

Outrossim, o direito à liberdade de expressão é conclamado na tentativa de legitimar, ou ao menos tornar aceitáveis as falsas premissas, inverdades ou distorções da realidade. Então, em contextos sensíveis – como os relacionados à incitação de violência e cometimento de crimes, ou aqueles de ocorrência de processos eleitorais, ou ainda de continuidade de conflitos bélicos devastadores como a guerra Israel versus Gaza – as redes sociais assumem papel preponderante e decisivo na tomada de decisões e posicionamentos político e ideológico de bilhões de pessoas. Esses fatos ratificam a importância de estudar e compreender o território digital.

Toma-se com exemplo, a eleição estadunidense de 2024, que reconduziu Donald Trump ao poder em janeiro de 2025. Proprietários de grandes plataformas digitais, como Elon Musk e Mark Zuckerberg, não apenas realizaram doações expressivas à campanha do republicano, mas principalmente direcionaram algoritmos com vieses favoráveis ao candidato, influenciando a visibilidade e o alcance de conteúdos políticos por distintos grupos de eleitores. Para o especialista digital José María Lassalle (2025) com esse complexo cenário político-tecnológico impulsiona regimes democráticos para populismos extremos e autoritários a serviço dos monopólios tecnológicos. Surge um populismo 5.0, baseado na obscuridade das conexões de contas e canais de redes sociais que transformam o ódio antipolítico em

entretenimento digital de massa e redefine os contornos da democracia contemporânea (Lassalle, 2025).

A Inteligência Artificial (IA) generativa converge com esse processo. Ela tem sido utilizada como propagador massivo de conteúdos *deepfake*¹⁶ contra oponentes políticos. O objetivo não é extinguir o Estado moderno – forma institucionalizada das lutas de classe, estrutura de dominação e campo em disputa nas relações capitalistas (Poulantzas, 1978) – mas colocá-lo a serviço dos grandes monopólios tecnológicos (Burgaya, 2021). Essa tendência é ampliada pelo fato de as redes sociais estarem sendo progressivamente convertidas em *lócus* para o consumo de notícias. Isso se deve à percepção, principalmente dos mais jovens, de que as redes sociais apresentam-se como alternativa supostamente mais autêntica e menos filtrada se comparadas com os veículos tradicionais de informação, como apontam os dados do *Digital News Report 2024*, elaborado pelo instituto britânico *Reuters Institute for the Study of Journalism*.

A título de exemplo, pode-se citar o X, antigo *Twitter*. A plataforma é popularmente reconhecida como fonte de informações no mundo digital. Entretanto, o X esteve envolvido em conflitos de grandes proporções nos últimos anos. Estudos do *Center for Countering Digital Hate* (EUA) indicaram que, em 2024, durante a campanha presidencial estadunidense, a rede social tornou-se epicentro de desinformação pró-Trump. Antes, em 2023, já se destacava na ausência de moderação de conteúdo relacionado à guerra entre Israel e Gaza e pela ampla disseminação de *fake news*. Mas o caso mais emblemático ocorreu no Brasil.

Em meados de 2024, a plataforma estava sendo investigada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro por ter sido utilizada para incitar e organizar os atos golpistas antidemocráticos em 8 de janeiro de 2023. Nessa data, uma multidão de bolsonaristas invadiu e depredou as instituições símbolo da democracia no país, após a vitória democrática de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato da esquerda, à Presidência da República. Antes, os militantes foram incentivados a praticar *doxxing*¹⁷ com autoridades e delegados da Polícia Federal (PF) que estavam realizando

¹⁶ *Deepfake* é uma técnica de IA que copia vozes e rostos manipulando e distorcendo conteúdos. Inicialmente a tecnologia era utilizada para produção de vídeos humorísticos, mas foi capturada por produtores de desinformação.

¹⁷ Ação ou prática criminosa de revelar e divulgar dados privados de um indivíduo, sem permissão, com objetivo de expô-lo a situações de perigo ou risco.

processo investigativo contra a cúpula do bolsonarismo, inclusive com a divulgação de fotos dos policiais e de seus familiares e frases de ódio.

O STF determinou judicialmente a exclusão imediata dos conteúdos ilegais e pagamento de multa pelo X. Porém, Musk não apenas descumpriu reiteradamente a ordem da Suprema Corte do país sob a falsa alegação de a liberdade de expressão estar sendo cerceada pelo judiciário, como retirou seu escritório de representação do país latino-americano para não receber notificações. O órgão máximo da justiça brasileira proferiu, entre outras medidas, decisão inédita de suspensão nacional da rede social até o cumprimento integral da determinação daquela Suprema Corte. O X ficou bloqueado por quase 40 dias no país, somente voltando a funcionar após a retirada dos conteúdos ilegais, pagamento de multa, instalação de escritório de representação no país e cumprimento das demais decisões judiciais.

Esses episódios ilustram o tipo de uso que pode ser feito da plataforma e denotam a importância de regulamentação do território virtual, mesmo frente à pressão contrária das empresas e corporações tecnológicas. Há um movimento de discussões sobre o estabelecimento de novas normas e regras, mas ainda não há consensos. No Brasil, em 2020, discutiu-se projeto de lei (PL) sobre liberdade, responsabilidade e transparência na Internet, conhecido popularmente como “PL das Fake News”. Devido às controvérsias, o PL foi encerrado antes mesmo de se tornar lei. Em 2024, foi criada a Secretaria de Políticas Digitais, órgão específico singular da Presidência da República, que reforça compromisso com medidas a serem adotadas nesse novo cenário. Já na União Europeia (UE), os avanços foram mais expressivos: houve a implementação da Lei de Serviços Digitais (DSA).

A DSA, do inglês *Digital Service Act* é a reação da comunidade europeia ao reconhecimento dos riscos advindos da rápida e contínua transformação digital, impulsionada pelos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que vêm remodelando diversos aspectos da sociedade. A Lei foi precedida da *Diretiva 2000/31/CE, Reglamento de Servicios Digitales*, um marco jurídico que reconhecia ameaças digitais, mas foi atualizada, revista e atualizada devido ao reconhecimento inegável dos perigos da desinformação e também da difusão e proliferação de conteúdos e bens ilegais no contexto recente.

O princípio básico da DSA é simples: considerar ilegal no mundo digital tudo aquilo que também o for no concreto. Embora o conceito pareça quase intuitivo, a Lei

é mundialmente inovadora. A DAS pretende proteger direitos fundamentais e ampliar o nível de supervisão pública, tornando o ambiente digital mais seguro e confiável aos usuários: empresas, produtores e consumidores de conteúdos, de bens e serviços *online*. Essa Lei parte do Pacote de Serviços Digitais, juntamente com a Lei de Mercados Digitais, do inglês *Digital Markets Act* (DMA).

A Lei de Serviços Digitais (DAS) considera o caráter transfronteiriço da Internet, mas determina que todos os provedores de serviço *online* que atuem como intermediárias na UE, conectando consumidores a bens, serviços e conteúdos em seu território, estão sujeitos à norma. Em regra, não há exceções: a DSA será aplicada independentemente do país onde a intermediária esteja sediada. Esse aspecto representa significativo avanço na regulamentação, uma vez que, em diversas ocasiões, as empresas alegavam incompatibilidade entre a norma local de sua sede com as da comunidade europeia. Com isso, justificavam suas condutas e escapavam da responsabilização e das sanções previstas e permaneciam propagando ações de interesse de grupos poderosos em detrimento da sociedade. A nova direita é um desses conglomerados.

Capítulo 2: Conceituando a nova direita

Neste capítulo pretende-se compreender a nova direita. A definição adotada nesta tese é de ideologia decorrente do amálgama entre neoliberalismo e neoconservadorismo (Pereira, 2016; 2019; 2023; Pinelli, 2024). Entretanto, há pertinência em observar como o termo vem sendo utilizado e que características possui em outros estudos, não para categorizar, mas para explorar melhor a temática, identificando características recorrentes e relação com o contexto histórico, social e territorial no qual está inserida.

2.1 A nova direita é nova?

Os conceitos de direita e esquerda não são absolutos. Refletem pensamentos e ações políticas em determinado momento histórico. São relativos, ideológicos, antitéticos, topologicamente opostos e reciprocamente excludentes (Bobbio, 1995). Um não existe sem o outro e não se pode ser simultaneamente de esquerda e de direita. A origem dos termos remonta à Revolução Francesa (1789): uma metáfora espacial que, desde então, manifesta a dicotomia do universo político e continua designando diferenças no pensar e no agir políticos.

A diferenciação entre direita e esquerda pode ser feita considerando-se diversos aspectos, mas, para Bobbio (1995), o mais frequentemente adotado e que resiste ao tempo é o posicionamento em relação ao ideal de igualdade. Ainda que haja o reconhecimento pelos dois polos do binômio de que os homens não são iguais, para a direita a desigualdade é natural, então, aceitável, não passível de eliminação e limitadora da ação política. Para a esquerda, a desigualdade é social, portanto, há o desejo em alterar a ordem estabelecida, superar essa condição e a ação política deve ser orientada no sentido de tornar mais iguais os desiguais. As três principais fontes de desigualdade são a classe, a raça e o gênero¹⁸ (Bobbio, 1995).

Tão importante quanto a igualdade é o ideal da liberdade, que encontra sua oposição no autoritarismo (Bobbio, 1995). Esse ideal serve para distinguir alas moderadas de extremistas da diáde. Os movimentos moderados, considerados mais ao centro do espectro político são considerados libertários, enquanto os extremistas,

¹⁸ Bobbio (1995) utilizou em seu estudo o termo “sexo” ao invés de “gênero”.

autoritários. No caso da direita, por exemplo, pode variar de posições progressistas, como o liberalismo clássico ao autoritarismo extremo, como o nazismo e o fascismo (Bobbio, 1995). Isso demonstra a diversidade, heterogeneidade e pluralidade de tendências e movimentos políticos que podem surgir de diferentes critérios de análise, perspectivas adotadas e momento histórico.

A partir do final dos anos 1970, com a derrocada do modelo intervencionista keynesiano, houve o fenômeno mundial de revitalização da direita no espectro político partidário em países capitalistas avançados, conhecido como nova direita (Alves, 2000), embora as raízes possam ser encontradas a partir das duas décadas precedentes (1950 e 1960) (Pereira, 2020). Como mencionado anteriormente, a nova direita não é um termo unívoco e consensual na literatura acadêmica brasileira, e possui uma série de termos correlatos, como extrema direita, nova direita 2.0, ultra neoliberalismo, modernização conservadora, entre outros (Pinelli, 2024). Não se trata de um modelo importado da Europa ou dos EUA para América Latina, ou de um fenômeno passageiro, mas de algo que faz parte do cenário político contemporâneo (Feierstein et al., 2023; Stefanoni, 2021). Assim, há um esforço em compreender o significado da nova direita, sendo a investigação, segundo Cepêda (2018), complexa e extensa, devendo correlacionar a dimensão teórica a processos históricos e de época.

Para Pereira-Pereira (2019, p. 42), a nova direita é um movimento radical que une neoliberalismo e neoconservadorismo no combate às conquistas sociais e à democracia, uma “continuação incremental do passado” que reverbera as forças dos “mercados competitivos globalizados, dos conglomerados financeiros parasitários e dos grupos midiáticos transnacionais partidarizados, todos compelidos por uma ética hedonista, a serviço do capital, que requer políticas antissociais”. Desde a década de 1960, os valores da nova direita vinham sendo propagados em governos, instituições mercantis e empresariais, e em instituições privadas não mercantis, como igrejas, escolas e família. Porém, a ideologia da nova direita se tornou hegemônica apenas no final dos anos 1970, com manifestações em governos como o de Margareth Thatcher, na Inglaterra; Ronald Reagan, nos EUA; Augusto Pinochet, no Chile; e Helmut Kohl, na Alemanha (Pereira, 2020; Pereira; Duarte; Santos, 2021).

A década de 1970 foi marcada por um grave período de recessão que afligiu as principais economias capitalistas do mundo. Esse contexto – associado à vitória de

partidos de direita, na década seguinte, em vários países da Europa Ocidental, bem como ao colapso do comunismo na Europa Oriental e na União Soviética – favoreceu ataques e desaprovação às intervenções sociais e políticas do Estado do Bem-estar social (Alves, 2000; Hall; Gunter, 2015; Pereira, 2020). As críticas recaíram sobre a propriedade pública das empresas, sistema fiscal progressivo, matérias relacionadas a direito trabalhista, entre outros temas (Dardot; Laval, 2016). Houve, de um lado, contestação e esvaziamento de princípios como o de igualdade, equidade e justiça distributiva e, de outro, destaque às ideologias e aos valores baseados em recursos hipoteticamente limitados e no predomínio do mérito individual sobre os direitos sociais (Pereira, 2016).

A tradição previamente consagrada de liberalismo econômico nos assuntos públicos foi revigorada em sua “neo-forma”, com fácil e rápida disseminação em diferentes aspectos da política, sociedade, economia e cultura (Hall; Gunter, 2015). Mas a nova direita não se limita ao êxito da ofensiva neoliberal (Alves, 2000). O neoconservadorismo se apresenta, em paralelo, como a outra faceta desse fenômeno. Essas duas ideologias de direita, neoliberalismo e neoconservadorismo, no bojo de transformações dialéticas e movimentos históricos sofreram mutações em seus propósitos originais, e foram mescladas, amalgamadas no que havia de mais residual, rígido e antissocial, permitindo que germinasse a ideologia da nova direita, com forte tendência à radicalização (Pereira, 2019; Pereira-Pereira; Pereira, 2021). Para melhor compreensão da nova direita, parte-se dos estudos sobre cada uma das ideologias que a integram isoladamente (itens 2.3 e 2.4).

2.2 Neoliberalismo

O neoliberalismo pode ser compreendido como uma ideologia (Anderson, 1995; Brown, 2006; Harvey, 2013; Pereira, 2016) ou, a partir de Pierre Dardot e Christian Laval (2016), como um sistema normativo que estendeu a lógica do capital a todas as relações sociais e às esferas da vida, uma racionalidade, denominada por eles de a “nova razão do mundo”. Como ideologia, o neoliberalismo, sob a luz do enfoque de Perry Anderson (1995, p. 12), é um movimento ideológico de escala mundial, “um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão

internacional”. Nessa ideologia há a defesa ao livre mercado e “vem embutida a ode ao *laissez-faire*, à meritocracia e à necropolítica (Pereira; Duarte; Santos 2021, p. 8). Esta pesquisa adotará a compreensão do neoliberalismo como ideologia, como discutido por Zizek (1996) e já referenciado na Introdução desta Tese, item 1.4.1.

As bases do neoliberalismo encontram-se na crítica ao Estado intervencionista e de Bem-Estar social, uma ofensiva contra a regulação estatal (Pereira, 2016, Alves, 2000, Anderson, 1995; Dardot; Laval, 2016). A disseminação desses ideais se deu, em grande medida, com a publicação de *O Caminho da Servidão*, de Friedrich Hayek, em 1944. Na obra, Hayek (1990) defende que a democracia é uma instituição essencialmente individualista e que o controle estatal na tomada de decisões conduziria, necessariamente, à perda dessa liberdade individual, à criação de uma sociedade opressora e tirânica e à servidão do indivíduo. Há clara oposição ao socialismo e às ideologias coletivistas, que, segundo o austríaco naturalizado britânico, coagiriam o indivíduo à submissão daquilo declarado justo pela coletividade.

Em 1947, Hayek convocou pensadores que partilhavam de sua orientação ideológica, de combate ao keynesianismo e ao solidarismo, a preparar as bases para um outro tipo de capitalismo para o futuro, embora o capitalismo avançado estivesse entrando na fase de auge naquele momento e, especialmente, nas duas décadas seguintes. Entre os participantes do encontro, que ocorreu em *Mont Pèlerin*, Suíça, estavam ferrenhos opositores ao Estado de Bem-estar europeu e ao *New Deal* norte-americano, idealizado por Franklin Delano Roosevelt. Citam-se, entre os presentes, Ludwig Von Mises, Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Walter Lipmann, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga (Anderson, 1995). Juntos, formaram a Sociedade *Mont Pèlerin*¹⁹ “uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos” (Anderson, 1995, p. 1).

Para Dardot e Laval (2016), contudo, foi antes, no *Colóquio Walter Lippmann*, em 1938, que um dos principais aspectos do neoliberalismo foi revelado: a teorização de um intervencionismo propriamente liberal. A tese central, expressa nos pensamentos de Lippman e Rougier, organizadores do evento, é de que havia

¹⁹ A Sociedade de *Mont Pélerin* continua ativa e realizando reuniões regionais e encontros internacionais, como o Congresso Bienal e Assembleia Geral realizado em 2024, em Nova Déli, Índia. Em março de 2025, houve a realização da Reunião Regional intitulada “Os novos caminhos para a servidão: Reconstruindo a Base da Prosperidade e da Liberdade nas Américas”, no Marrocos, conforme informações disponíveis no site oficial dessa Sociedade (<https://montpelerin.org/>).

necessidade de condensar o movimento intelectual difuso e de se refundar integralmente o liberalismo para combater a grande ascensão dos totalitarismos. O regime liberal seria resultado de uma ordem legal que pressupunha um intervencionismo jurídico do Estado que estabeleceria contratos, patentes, regimes de propriedades, estatutos trabalhistas, leis, enfim, criações contingentes de legisladores. Então, as discussões não deveriam ser sobre se há ou não uma intervenção estatal, mas sim sobre qual a natureza dessa atuação, afinal, o mercado, como realidade construída, requer intervenção ativa do Estado, inclusive para a instauração de um sistema de direito específico que o resguarde e proteja (Dardot; Laval, 2016).

Porém, os ideais neoliberais não tiveram destaque até a crise do capital na década de 1970. Antes, no período que sucedeu o fim da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo experimentou sua Era de Ouro, também chamada pelos franceses de “os trinta anos gloriosos”. Em uma exígua retrospectiva, a partir de Hobsbawm (1995), o Breve Século XX foi iniciado com a eclosão da Primeira Guerra Mundial e encerrado com o fim da Guerra Fria. Três fases são identificadas naquilo que o historiador denomina de Era dos Extremos: a Era da Catástrofe, que compreende o período de ocorrência das duas Guerras Mundiais (1914-1947), a Era de Ouro do capitalismo (1947-1973), e o Desmoronamento (1973-1991), que inclui as Décadas de Crise, fim da Guerra Fria e dissolução da URSS. Importa, para esta pesquisa, compreender as bases em que se assentou o neoliberalismo e o porquê de essa ideologia não ter frutificado na Era de Ouro do capital, mas sim nas Décadas de Crise e períodos subsequentes.

Os anos dourados do capitalismo foram caracterizados, durante pouco mais de um quarto de século, por extraordinário crescimento econômico – sem precedentes e possivelmente anômalo, conforme Hobsbawm (1995) – e por transformações sociais que mudariam de maneira profunda a sociedade. O modelo intervencionista se opunha ao liberal, que defendia a manutenção de um Estado mínimo para atendimento das demandas sociais e para regulação do mercado, mas forte para manter a ordem e garantir a reprodução da mais-valia. Entre os elementos do liberalismo, Behring e Boschetti (2011, p. 62) mencionam a naturalização da miséria; o predomínio da liberdade, da competitividade e do individualismo; a política social como paliativo, já que a miséria é insolúvel; e a compreensão do bem-estar individual

como maximizador do bem-estar coletivo. Ao Estado caberia proteger o direito à vida, à segurança e à propriedade, bem como às liberdades individuais.

O modelo liberal, que se iniciara no século XVIII, e cujo apogeu se dera com a Revolução Industrial no século seguinte, entrou em declínio no século XX. A contestação e o enfraquecimento de suas bases materiais e subjetivas podem ser identificadas como resultado de alguns processos político-econômicos, como a luta da classe trabalhadora, em especial na Inglaterra, França e Alemanha; a luta pela emancipação humana e socialização da riqueza; além do crescimento do movimento proletário, que obrigou o reconhecimento de direitos de cidadania política e social; da concentração e monopolização do capital; e da fusão entre capital bancário e industrial, que deu origem ao capital financeiro (Behring; Boschetti, 2011).

A Grande Depressão (1929) marca a decadência do liberalismo e antecede a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, conflito bélico que, conforme Coggiola (2015), foi o método capitalista adotado como alternativa à Grande Depressão, apoiando-se na economia armamentista e, posteriormente, na economia de guerra²⁰, indústria altamente lucrativa até os dias atuais²¹. A Guerra exigiu que centenas de fábricas fossem construídas para atender às novas áreas de produção. Essas construções foram financiadas pelo governo e, ao final do conflito, vendidas aos gigantes industriais a preços nominais. Houve, gradualmente, a formação de consórcio entre militares e indústria, que se utilizavam da propaganda de massa para obter apoio da sociedade e sustentar os interesses mútuos (Coggiola, 2015). Ao cabo do conflito, os EUA emergiram como potência capitalista hegemônica.

²⁰ A economia de guerra se mostrou um comércio tão lucrativo que a empresa General Electric propôs que a produção fosse permanente e administrada pelo Estado, afinal, esse ente administrativo tinha sido decisivo para a constituição de poderosas indústrias na produção de armas em grande escala. O Estado era também cliente exclusivo e forneceu o essencial para o financiamento, pesquisa e desenvolvimento (P&D) técnico dessa indústria. Inclusive, a máquina pública norte-americana cresceu de 800 mil funcionários civis federais, em 1939, para cerca quatro milhões, em 1947, sendo que os trabalhadores ligados a atividades militares passaram de 10% (80 mil) para 75%, ou seja, aproximadamente três milhões de pessoas (Coggiola, 2015, p. 151). Evidencia-se a atuação do Estado para atender a interesses capitalistas.

²¹ Estudo divulgado, no primeiro trimestre de 2023, pelo Instituto de Pesquisa da Paz Internacional de Estocolmo (Sipri, na sigla em inglês), indica que a supremacia americana no comércio global de armas permanece até os dias atuais. No quinquênio 2018-2022, os Estados Unidos forneceram armas para 103 países e representaram 40% das exportações desse produto, um aumento de 14% em relação a 2013-2017. No ranking de exportações de armas, o país é seguido pela Rússia (16%), França (11%), China (5,2%) e Alemanha (4,2%). O comércio de armas inclui artilharia, helicópteros e aeronaves de combate, navios de guerra com porta-aviões, corvetas, submarinos, tanques, sistemas de defesa, entre outros. Não é de se admirar que os EUA estejam constantemente envolvidos, ainda que indiretamente, nos conflitos armados pelo mundo.

O contexto favoreceu os EUA a delinear, em meio à guerra, uma nova ordem econômica mundial que precedeu o estabelecimento de uma ordem política internacional: a conferência de *Bretton Woods*, em 1944, definiu regras para as relações comerciais e financeiras entre os países capitalistas industrializados e criou órgãos como o Fundo Monetário Internacional (FMI); o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), que daria origem, no futuro, ao Banco Mundial; e a Organização das Nações Unidas (ONU), a partir da Conferência de *San Francisco* e, em 1945. A intenção era aplicar o livre comércio e a livre movimentação de capitais; buscar o sistema internacional de pagamentos sem desvalorizações monetárias ou flutuações de câmbio repentinas; alargar a entrada em mercados previamente fechados; e ampliar oportunidades de investimento estrangeiro para as empresas estadunidenses, sustentando a prosperidade alcançada durante o período de guerra (Coggiola, 2015).

Mas se os EUA despontaram como superpotência capitalista após a Segunda Guerra Mundial, a URSS emergiu como superpotência socialista e sua influência constituía limites à expansão capitalista. A temporária e, segundo Hobsbawm (1995, p. 15), “bizarra aliança entre capitalismo liberal e comunismo” na luta contra o inimigo comum, o fascismo alemão, se desfez com o fim do confronto e as duas superpotências antagonizaram um peculiar período de disputas ideológicas, conhecido como Guerra Fria. Embora não tenha havido conflito bélico direto, os 45 anos de batalha – desde o lançamento das bombas nucleares sobre o Japão até a dissolução da URSS – foram marcados pela competição nos campos tecnológico-militar e ideológico; pela corrida armamentista e espacial; pela disputa por apoio, territórios e influência; e pelo medo e pavor de batalhas nucleares que poderiam encerrar a vida no planeta.

Em termos objetivos, e apesar da corrida armamentista e da retórica apocalíptica sobre os rumos da Guerra Fria, Hobsbawm (1995) e Deutscher (1969) defendem que o risco de uma iminente nova guerra mundial entre as superpotências era baixo naquele momento. Isso por que, conforme os autores, embora a URSS tivesse inegável influência, saíra da guerra exausta, em ruínas e com a economia bastante abalada, e como afirma Coggiola (2015, p. 71), “o primeiro problema de qualquer guerra é seu financiamento”. Além disso, os soviéticos não representavam, de imediato, risco fora das regiões de atuação de Exército Vermelho e os objetivos

naquele momento eram mais no sentido de preservação do *status quo* que propriamente expansionistas²².

Hobsbawm (1995) e Deutscher (1969) afirmam que houve a construção de um discurso estadunidense de combate a um novo imigo, o socialismo, para justificar suas ações, bem como para movimentar a lucrativa indústria armamentista. O imaginário relativo à contenção do “império do mal” apresentava-se em conteúdos publicizados em rádio, televisão, cinema e até mesmo na cartografia. Os mapas de propaganda, por exemplo, utilizados em guerras psicológicas com objetivo de persuadir o leitor a partir do impacto visual, foram usados como no mapa *Two worlds 1950*, de Robert M. Chapin. No mapa houve exagero na projeção da extensão territorial da China e URSS e também da proximidade com os EUA, ampliando-se a sensação de ameaça comunista no mundo (Oliveira; Mundim, 2022, p.12).

Mesmo em meio à bipolarização e aos acontecimentos da Guerra Fria, o desenvolvimento econômico se mostrou relevante em praticamente todos os países nos anos dourados. A produção global de manufaturas aumentou em quatro vezes, e o comércio mundial desses produtos, em dez. As novas tecnologias propiciaram a elevação de produtividade das terras, reduzindo uso de mão de obra. Esse fato, associado ao crescimento da população em vários países, contribuiu com as grandes migrações de zonas rurais para cidades – houve ampla especulação imobiliária e reconfiguração do espaço urbano. A expectativa de vida aumentou significativamente e a produção em massa de alimentos cresceu mais rápido que a população (Hobsbawm, 1995).

O período também foi marcado pelos baixos índices de inflação e de desemprego. Já após a Grande Depressão, havia restado claro que as forças endógenas do capitalismo não eram suficientes para gerar processos de auto estabilização, ao contrário do que previam os pressupostos clássicos liberais (Donários; Santos, 2016): foi necessário abandonar a ortodoxia da pura lógica de mercado e adotar a heterodoxia keynesiana para estabilizar a economia, com ampliação do Estado de Bem-Estar, especialmente nos anos dourados. O objetivo era criar mecanismos de defesa do capitalismo, reestruturando-o, afastando riscos de

²² O saldo de mortes na Segunda Guerra Mundial foi de 50 milhões de pessoas. Dessas, 26,6 milhões, ou seja, mais da metade, pertenciam à URSS, enquanto EUA perdeu menos de 500 mil (Litovkin, 2005).

recessão e permitindo que ele se tornasse mais eficiente para alcançar seu objetivo primordial: a extração máxima da mais valia (Behring; Boschetti, 2011).

Para o keynesianismo, em momentos de crise, e no curto prazo, o Estado deveria intervir na economia, utilizando-se de políticas fiscais anticíclicas, compensando as falhas de mercado e mitigando as reduções de salários e demissões²³ (Skidelsky, 1999). Essa intervenção, fundada em dois pilares, o pleno emprego e a maior igualdade social, poderia ocorrer de duas formas, conforme as autoras Behring e Boschetti (2011, p. 86): a geração de emprego dos fatores de produção de serviços públicos, além da produção privada; e, o aumento da renda e a promoção de maior igualdade, por meio de instituição de serviços públicos, dentre eles as políticas sociais, amplamente utilizadas no âmbito dos esforços para a reconstrução econômica, moral e política do pós-Segunda Guerra.

A reestruturação e reforma do capitalismo, e o avanço da globalização e da internacionalização da economia, alcançados com o grande salto decorrente da Era de Ouro, foram planejados e administrados pelo Estado. O capitalismo reformado (Hobsbawm, 1995) foi uma combinação de liberalismo econômico com democracia social e ideais de planejamento econômico, essas últimas inspiradas em ações soviéticas. Alguns países atuavam com índices de pleno emprego e o sistema de previdência e seguridade social amparavam o trabalhador – o quê, em certa medida, configurava o Estado de Bem-Estar – além de a atuação de sindicatos ter sido fortalecida. O clima era de euforia com o desenvolvimento, e, por diversos motivos, acreditava-se que o retorno ao *laissez-faire* e ao livre mercado eram indiscutíveis.

Mas os sinais de que um período de crise se aproximava começaram a se evidenciar. A inflação, que permanecera bastante baixa no início da década de 1960, aumentou substancialmente, quase triplicando em cinco anos. O pleno emprego deixou de ser uma realidade, e as taxas de desemprego foram elevadas em diversos países. Os Estados ampliaram os gastos com seguridade e previdência social, elevando os índices de endividamento e *déficit* público, o que gerou contundentes críticas ao Estado de Bem-Estar. O país estabilizador e assegurado da economia mundial, os EUA, esteve envolvido na Guerra do Vietnã de 1965 a 1975, e sua derrota

²³ Para o keynesianismo a intervenção estatal também deveria ocorrer quando a economia estivesse superaquecida (com aplicação de tributos, por exemplo), pois haveria inflação. No curto prazo, mesmo com endividamento público, a intervenção era mais desejável que a espera pela autorregulação do mercado no longo prazo, o que ficou claramente expresso na conhecida frase do economista britânico de que “no longo prazo estaremos todos mortos”.

desmoralizou e dividiu a nação americana. Além disso, os países devastados pela Segunda Guerra recuperavam suas economias, e os países do Terceiro Mundo ampliaram a produção para o mercado interno e passaram a ampliar as exportações globais, o que poderia significar concorrência não desejada (Hobsbawm, 1995).

Em 1973, o sistema financeiro de *Bretton Woods* colapsou e foi o fim das taxas de câmbio fixas. No mesmo ano, ocorreu o primeiro choque do petróleo, com elevação do valor do barril desse insumo após a formação da OPEP²⁴. Esses dois acontecimentos do início da década de 1970 assinalaram que a Era de Ouro chegara ao fim (Hobsbawm, 1995). A prosperidade mundial dos anos dourados foi substituída pela redução da taxa de crescimento do PIB mundial e pelo aumento da desigualdade das economias de mercado. A combinação de altas taxas de inflação e desemprego, conhecida como estagflação, era sentida em diversos países. As soluções keynesianas já não conseguiam dar conta do cenário de estagflação e de crise generalizada, sendo contestadas e duramente criticadas²⁵, especialmente pelos neoliberais (Saes; Saes, 2013).

A economia social e moral alcançadas por meio de um Estado intervencionista – que internalizava relações de classes e regulava desde a proteção ambiental, segurança, saúde ocupacional, até direitos civis e proteção do consumidor – influenciado concretamente pelos sindicatos e partidos políticos de esquerda não correspondia mais aos interesses do capitalismo. Foi o fim da política redistributiva, incluindo certo grau de integração política do poder sindical da classe trabalhadora e apoio à negociação coletiva; do aumento dos gastos públicos e da criação do Estado de Bem-Estar social; dos controles sobre a livre circulação do capital; e das intervenções ativas do Estado na economia, que ocorreram junto com as elevadas taxas de crescimento (Harvey, 2008).

²⁴ O desenvolvimento industrial da Europa, e em menor grau o dos EUA, foram sustentados pelo petróleo que vinha de países do Oriente. Em 1960 foi criada a OPEP, que reunia Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Venezuela, e, posteriormente outros produtores desse insumo. Após tentativas de acordos com os países importadores, a OPEP elevou o preço do barril de US\$ 2 para US\$ 11,65 no final de 1973.

²⁵ O keynesianismo ainda foi criticado pela corrente que ficou conhecida como Economia do lado da oferta (*Supply side economics*), que afirmava que no longo prazo a oferta estaria sempre em equilíbrio com o pleno emprego, e que estímulos à demanda, como era o caso da doutrina keynesiana, gerariam apenas inflação. Essa corrente considerava que os déficits fiscais eram desnecessários e danosos. Também o monetarismo, cujo principal expoente era Milton Friedman, criticava o keynesianismo, e defendia que o crescimento da oferta de moeda deveria ser proporcional ao crescimento da atividade econômica para evitar a deflação ou inflação (SAES; SAES, 2013, p. 542).

A crise ameaçava as elites econômicas e as classes dirigentes tanto em países com economias avançadas, a exemplo da Itália, França, Espanha e Portugal, quanto em países em desenvolvimento, como Chile, México e Argentina. Assim, o neoliberalismo surge como alternativa, geograficamente assimétrica, mas altamente eficaz para revitalizar a acumulação de capital e reestabelecer, ou criar, o poderio das elites econômicas. O seu desenvolvimento apresentou características diversas a depender do Estado, da formação social, das forças políticas, das tradições históricas e dos arranjos institucionais. Mas, em comum, os países neoliberais registraram o grande aumento das desigualdades e da concentração de renda (Harvey, 2008). O neoliberalismo desregulamenta direitos, desconstrói identidades, enaltece a meritocracia (Behring, 2008), agrava desigualdades e concentração de riquezas e precariza relações de trabalho (Behring; Boschetti, 2011).

A ideologia neoliberal necessitava ser difundida especialmente para países em desenvolvimento pelo receio de que esses territórios aderissem aos ideais comunistas. Os EUA adotaram como estratégia apoiar representantes específicos para ficarem no poder em outros países, oferecendo a possibilidade de acúmulo de riqueza e aumento de poderio, em troca da abertura do país ao capital estadunidense, a partir de contratos e acordos econômicos, como havia ocorrido na Nicarágua, ainda nas décadas de 1920 e 1930, e no Irã em 1953. Além disso, foram firmadas alianças com ditaduras militares e regimes autoritários, especialmente na América Latina (Harvey, 2005).

Na década de 1980, os países em desenvolvimento também foram estimulados ao endividamento, com taxas vantajosas aos bancos norteamericanos que, embora já tivessem atuação internacional, dispersaram-se pelo mundo, exigindo a liberação do crédito e do mercado financeiro internacionais. A promessa era de modernização econômica e houve farto investimento para propagação da mensagem neoliberal, transmitida com suporte de agências internacionais e do governo estadunidense. Elites políticas, empresariais e intelectuais foram absorvidos por esse discurso e passaram a defendê-lo em seus ambientes de ação (Batista, 1994).

Foram realizados reuniões e encontros de caráter informal, mas com impactos relevantes em foros multilaterais regionais, a exemplo da reunião convocada pelo *Institute for International Economics*, sediado em Washington. A atividade, realizada em novembro de 1989, em formato acadêmico e sem caráter deliberativo, foi intitulada

de *Latin American Adjustment: How Much Has Happened?* e contou com a participação de funcionários do governo estadunidense, do FMI, Banco Mundial, BID, além de economistas latino-americanos. O objetivo do encontro era avaliar as reformas econômicas empreendidas nos países latino-americanos, examinando experiências e grau de efetivação. Não houve novas propostas, mas, em verdade, a compilação de elementos e recomendações dispersas, propagadas pelo governo estadunidense, suas agências, FMI e Banco Mundial.

Foi registrado, na atividade internacional, convergência do pensamento sobre a supostas excelência das ações e a atividade, conhecida como Consenso de Washington, ratificou a proposta neoliberal que condicionava cooperações financeiras externas, bilaterais ou multilaterais à sua adesão. O receituário – resumido em dez pontos estratégicos, que envolviam realização de reforma tributária, privatização de empresas públicas, desregulamentação da economia²⁶ – deveria ser aplicado nos países latino-americanos, ainda que isso aprofundasse cada vez mais as crises inflacionárias, a dívida externa, a desigualdade social e a pobreza (Batista, 1994). O FMI e o Banco mundial tornaram-se centros de propagação e implantação do neoliberalismo, especialmente com a financeirização e a globalização (Harvey, 2008).

Outra estratégia, mais sutil, foi a de propagação dos *think tanks*. Esses centros de pesquisa e de divulgação de ideias caracterizam-se pelo uso do poder ideológico baseado em instrumentos de persuasão. Os *think tanks* constituem um novo segmento do sistema político pois interferem na agenda pública e pautam debates por meio de publicações, de artigos de opinião, e da participação de seus membros na mídia, conectando conhecimento e poder, e influenciam na tomada de decisões em âmbito interno e internacional (McGann, 2005; McRigolin; Hayashi, 2012; McGann, 2020). Eles apresentam diferenças quanto à forma de atuação e aos conteúdos pesquisados; podem ser independentes ou afiliados; estruturados como órgãos permanentes ou comissões específicas (McGann, 2020).

A origem dos *think tanks* remonta o início do século XX nos EUA, havendo registros antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, com relevante aumento a partir da década de 1960 (McGann; 2005). Na década de 1970, houve uma “onda de

²⁶ Os demais pontos estratégicos sintetizados são: disciplina fiscal; priorização do gasto público em saúde e educação; estabelecimento de taxas de juros positivas; apreciação e fixação do câmbio, para torná-lo competitivo; desmonte das barreiras tarifárias e paratarifárias, para estabelecer políticas comerciais liberais; liberalização dos fluxos de investimento estrangeiro; e proteção à propriedade privada (Batista, 1994).

fundação de *think tanks* ‘ativistas’ de direita na América do Norte” (Rocha, 2017, *online*), com empresários, tecnocratas e intelectuais propagando valores neoliberais por meio da atuação dos *think tanks* pró-mercado. O primeiro deles, o *Foundation for Economic Education* (FEE), voltado para educação da população no formato “universidade sem alunos”, foi fundado em 1946 (Rocha, 2017). No século XXI, com a disseminação da Internet, e principalmente após a pandemia da Covid-19, os *think tanks* aderiram às redes sociais para propagar suas ideias, e a FEE passou a possuir o maior número de inscritos no seu canal do *YouTube* nos EUA (Forbes, 2023).

Anderson (1995) considera que o neoliberalismo foi exitoso quanto aos aspectos político-ideológicos sendo mais bem sucedido e elevado do que poderiam imaginar seus idealizadores, devido à disseminação da ideia de que não haveria alternativas aos seus princípios, exigindo-se tanto dos adeptos quanto dos opositores adaptar-se às suas normas e diretrizes, razão pela qual pode se dizer que é hegemônico (Anderson, 1995). Economicamente, Anderson (1995, p. 12) afirma que o neoliberalismo fracassou por não ter conseguido “nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado”. Nesse ponto tem-se discordância. Ainda que as políticas neoliberais não tenham sido capazes de gerar crescimento econômico nas décadas de 1980 e 1990 – embora tenham reduzido a inflação (Behring; Boschetti, 2011) – e que, à época, as TICs não estivessem tão amplamente difundidas e arraigadas na sociedade, defende-se, nesta pesquisa, que o neoliberalismo, como ideologia componente da nova direita, possibilitou que o capitalismo não apenas se adaptasse e evoluísse (Harvey, 2014), mas se transmutasse (Zuboff, 2019) com o uso das TICs. Paradoxalmente, embora dependente das tecnologias e com efeito de aumento da produtividade, esse capitalismo transmutado ampliou desigualdades, empobrecimento e prescindibilidade de parte da população, gerando uma verdadeira “economia do absurdo” (Burgaya, 2023).

2.3 Neoconservadorismo

As Décadas de Crise (1973-1989), além de marcarem o fortalecimento e propagação do neoliberalismo, especialmente a partir do final dos anos 1970, assinalaram, em paralelo, a emergência do neoconservadorismo. A ideologia neoconservadora foi originada nos EUA, tendo como principal expoente e fundador

Irving Kristol. O neoconservadorismo começou a ser gestado ainda em meados da década de 1930, a partir de reuniões de um grupo de estudantes do *City College of New York*: Irving Howe, Nathan Glazer, Daniel Bell, além do próprio Kristol, entre outros. De origem judia e da classe trabalhadora, os jovens trotskistas encontravam-se em uma cafeteria da Universidade para discutir política, integrando a chamada Alcova número um (Hartman, 2022; Hartocollis, 2004).

Enquanto trotskistas radicais, e estimulados a defender argumentações em conflituosos debates, os universitários viram-se obrigados a dominar densas bibliografias das ciências humanas e sociais, desenvolvendo hábitos mentais e aprendendo a pensar e teorizar, dois atributos considerados cruciais aos partidários da futura ideologia neoconservadora. Os estudantes – que eram dissidentes da Alcova número dois, grupo maior e defensor incondicional da URSS – se decepcionaram com o comunismo e, mais tarde, com a esquerda intelectual (Pereira, 2016). Renegaram o marxismo político, embora tenham mantido a “tendência marxista analítica de diagnosticar problemas em relação às suas causas primeiras, lógicas internas e estruturas abrangentes” (Hartman, 2022).

Após a Segunda Guerra Mundial, os jovens aderiram ao liberalismo, então fragmentado em dois grandes grupos desde a morte do presidente dos EUA, Franklin D. Roosevelt (1945). De um lado, encontravam-se os liberais inclinados ao socialismo e às medidas socialmente protetivas do Estado de Bem-Estar, como o *New Deal* de Roosevelt; do outro, estavam os liberais avessos à esquerda política representada pela URSS. Neste segundo grupo, achavam-se Kristol e seus colegas do tempo de academia, contrários ao modelo soviético. Os jovens, temerosos com a difusão dos ideais comunistas para o liberalismo, integraram-se ao Partido Democrata e apoiaram a eleição de Harry S. Truman, que viria a suceder Roosevelt na presidência do país (Pereira, 2016).

Mesmo contrários ao socialismo, os ex-trotskistas, agora liberais, não se opunham a algumas medidas de proteção social e reformas políticas e econômicas. Inclusive, introduziram a análise científica dos problemas sociais, acreditando estarem rompendo com a tradição do uso da instituição ou da ideologia no trato dessas questões. Os diagnósticos, a partir dos métodos e técnicas das ciências sociais, contribuíram para a busca por soluções ou formas de alívio aos problemas sociais identificados. Os governos, geralmente, eram instados a agir. Nesse sentido, as

décadas de 1950 e 1960 estiveram repletas de políticas sociais, porém, de cunho liberal, com acentuado caráter gerencialista, tecnocrático e focalista, nos âmbitos educacionais, habitacionais e antipobreza (Pereira, 2016).

Entre 1947 e 1952, Kristol, considerado um liberal anticomunista, foi editor da revista *Commentary*²⁷. Ele escrevia predominantemente sobre religião e filosofia, exprimindo uma visão neoliberal para os parâmetros estadunidenses da época. Ao constatar que diversas opiniões de liberais eram propensas ao regime stalinista, interessou-se por temas políticos, um primeiro movimento que o distanciaria das posições liberais que defendia até então. O contato com o conservadorismo britânico seria um segundo passo de afastamento. Kristol ficara fascinado pelo fato de os conservadores britânicos, apesar de minoritários, serem aceitos pela sociedade e terem um lugar legítimo no espectro político. Mas, conforme Teixeira (2007), foi apenas nas décadas seguintes (1960 e 1970), devido ao surgimento dos movimentos de contestação dos valores e costumes a partir de uma perspectiva contracultural de esquerda, que Kristol e outros liberais romperiam definitivamente com o liberalismo.

Em meados de 1960, Kristol, agora editor da *Basic Book*, e Daniel Bell, professor de sociologia da *Columbia University*, criaram a revista *The Public Interest*²⁸. Os amigos receberam considerável doação para iniciarem as atividades de comunicação. A primeira edição do periódico teve aproximadamente 1.200 exemplares, divulgando artigos, entre outros, de Robert Nisbet, Nathan Glazer, Pat Moynihan, e do próprio Bell. Mas logo o número de exemplares seria aumentado e o subsídio da revista elevado em “várias dezenas de milhares de dólares por ano” (Kristol, 2005. p. 7). Afinal, os meios de comunicação impressos, durante grande parte do século XX, constituíram importante instrumento de poder, capaz de influenciar opiniões; interferir na formação de agendas públicas e governamentais; e atuar como aparelhos ideológicos para organizar interesses (Fonseca, 2011).

Nesse sentido, a *The Public Interest* foi um importante veículo de divulgação e propagação dos ideais neoconservadores. O arcabouço teórico de ideias contrárias à

²⁷ A revista estadunidense foi lançada em 1945, por um grupo de judeus, com objetivo de propagar ideias liberais e anticomunistas. A partir da década de 1960 tornou-se um dos mais importantes veículos de propagação do neoconservadorismo.

²⁸ Conforme Hartman (2022, p. 70), o título da revista (*The Public Interest*, cuja tradução livre pode ser O Interesse Público) é derivado de um trecho de um ensaio de Walter Lippmann, o qual transcreve: “O interesse público pode ser considerado o que os homens escolheriam se vissem com clareza, pensassem racionalmente, agissem de forma desinteressada e benevolente”.

expansão das políticas de *Welfare State*; hostis aos movimentos sociais e os de contracultura; e opostas à política externa que ameaçava o protagonismo internacional, já em declínio, dos EUA (Neto, 2021) passou a ser produzido e publicado trimestralmente na revista, pelo período de quatro décadas (1965 – 2005). Durante os sete primeiros anos, o periódico foi considerado moderadamente liberal pelo fato de os editores e a maioria dos colaboradores serem ligados aos democratas (Kristol, 2005). Mas essa tendência homogênea não tardou a se desintegrar, pois Kristol já flertava há anos com o conservadorismo, como mencionado anteriormente.

Nas eleições de 1972, Kristol e Bell se posicionaram em opostos partidários, precipitando as primeiras divisões políticas do grupo. Bell permaneceu com os democratas, mas Kristol apoiou a reeleição do republicano Richard Nixon, vencedor da disputa. A atitude de Kristol causou estranheza na comunidade intelectual e acadêmica devido à sua trajetória teórica e política (Kristol, 2005). A partir desse fato, no ano seguinte, Michael Harrington²⁹, líder e escritor socialista norte-americano, popularizou o termo “neoconservador” para denominar Kristol, que teria traído seus ideais, virando-se cada vez mais para a direita do espectro político. O termo, que tinha intenção de ser pejorativo, foi na verdade aceito por Kristol, e acabou por nominar no discurso político estadunidense o grupo de ex-socialistas e ex-liberais (Hartman, 2022; Teixeira, 2015; Pereira, 2016; Kristol, 2005), também chamados de neocons. Eles, até então, eram conhecidos como liberais anticomunistas (Teixeira, 2015).

Para os neoconservadores, o Estado deveria ser reformulado, principalmente no contexto de decadência econômica, com a crise do petróleo, a estagflação, o aumento da pobreza e do desemprego, os problemas urbanos da década de 1970 e seguintes. O descontentamento da sociedade estadunidense era generalizado e intensificado pelos acontecimentos da Guerra do Vietnã. Os questionamentos sobre os gastos públicos foram ampliados e houve fortalecimento dos movimentos de contracultura, que contestavam as determinações das autoridades sociais e das convenções dominantes ou subculturais. Destacaram-se as ações de grupos pacifistas; de movimentos estudantis; da militância política negra; de mulheres feministas.

²⁹ Harrington denunciava contraste do agravamento da pobreza estrutural invisibilizada nos EUA com a riqueza do país. O Estado, para ele, a partir da ampliação do *Welfare* e dos programas distributivos, era a única instituição capaz de acabar com a pobreza (Neto, 2021)

A contracultura, para Goffman e Joy (2007), é um fenômeno histórico e perene, que provoca rupturas e inovações radicais na arte, ciência, espiritualidade, filosofia, estilo de vida, diversidade, comunicação. Tem como três características mais destacadas: a precedência da liberdade individual partilhada acima das convenções sociais, o que não se confunde nem com a individualidade que oprime o outro, tampouco com avareza ou egoísmo; o desafio ao autoritarismo e às restrições governamentais ou religiosas, de forma desvelada ou sutil; e a defesa de ocorrência de mudanças individuais e sociais. As características da contracultura podem provocar o recrudescimento de valores tidos como conservadores³⁰ por determinada sociedade, e motivar perseguição violenta pela cultura hegemônica, exílio e fuga de territórios.

Cenários de crise social, como o colapso da sociabilidade capitalista do final da década de 1970 e início da seguinte, são propícios para o desenvolvimento do irracionalismo que, ao exercer sua função de “enfrentamento das tensões e contradições sociais” contribui, “direta ou indiretamente, para a apologia do capitalismo”, conforme Barroco (2015, p. 624). Para a autora, a partir de Lukács, o irracionalismo propaga o pessimismo, o anti-humanismo, o individualismo, além de desvalorizar a verdade objetiva, escamotear as contradições sociais e naturalizar suas consequências. O resgate de valores morais faz parte do ideário neoconservador (Barroco, 2015).

Os neoconservadores, ao contrário das leituras feitas pela esquerda, não consideravam as crises como sendo decorrentes da estrutura produtiva capitalista. Para eles, nem a institucionalidade econômica e tampouco as fraquezas e capitulações das elites políticas que manipulavam o aparelho estatal poderiam explicar a conjuntura caótica: “tratava-se de uma crise *moral e cultural* resultante do rompimento de um consenso ético-político voltado à construção de uma sociabilidade burguesa harmoniosa” (Dalio, 2020, p. 14, grifos do autor). O Bem-Estar contribuiria com essa crise, pois, para Kristol, o indivíduo sob a tutela do Estado ficava liberado da atuação das instituições tradicionais da sociedade, como a família e religião, as

³⁰ O termo conservadorismo tem trajetória histórica longa. Utilizado para identificar correntes políticas e filosóficas, o termo, como corrente ideológica, origina-se na Europa, século XVIII, em oposição aos ideais propalados na Revolução Francesa. O conservadorismo tem influenciado intelectuais de todo o mundo, mas, embora apresenta características particulares conforme a formação social em que emerge, possui postulados comuns, como preservação à tradição e às instituições políticas, a exemplo da família, Igreja e mercado; e respeito aos hábitos, costumes e valores morais rígidos.

quais seriam responsáveis por inibir “maus comportamentos e patologias sociais e espirituais como crime, vício, promiscuidade e divórcio”, especialmente em mulheres e negros (Neto, 2021, *online*). No governo Reagan, considerada uma experiência prática dos ideais neoconservadores, houve grandes tentativas de deslegitimação dos movimentos sociais desses dois grupos (Neto, 2021).

O atendimento às demandas sociais era considerado demasiado e, por essa perspectiva, sobrecarregaria o Estado e levaria à paralisia fiscal, além de provocar a deslegitimação estatal, devido à impossibilidade de satisfazer às reivindicações populares. E naquele contexto, almejava-se não apenas um Estado forte capaz de conter os movimentos de contracultura e de estabelecer limites à satisfação das demandas sociais, mas também apto a criar condições de funcionamento para o mercado garantidor de mais-valia ao capital e a conter o comunismo ou posturas consideradas comunistas (Neto, 2021; Dalio, 2020).

Os neoconservadores, como afirma Ehrman (1993), não formavam um grupo homogêneo, mas dois traços eram comuns a todas as correntes: o primeiro deles, o anticomunismo; o segundo, a crença na superioridade dos valores democráticos estadunidenses frente a outras nações. A convicção dessa supremacia – baseada tanto no sentimento de nacionalismo quanto no de patriotismo, sendo este o amor não apenas ao território, mas sim aos ideais e princípios universais dos Estados Unidos, relacionados ao passado da nação – fundamenta a concepção neoconservadora de missão civilizatória da humanidade pelos EUA. Daí por que esse país considera fundamental sua interferência em assuntos globais, pois contribui com a construção de uma ordem internacional que, ao satisfazer seus próprios desejos e objetivos, está, paralelamente, atendendo aos interesses de todos os países democráticos (Ehrman, 1993; Neto, 2021; Dalio, 2020).

Esse internacionalismo neoconservador comum na política externa, embora não seja unânime, como nos lembra Ehrman (1993), apresenta algumas peculiaridades, se comparado com o internacionalismo liberal. Enquanto para os liberais o internacionalismo favoreceria intervenções de caráter humanitário e universalista, com forte atuação de instituições supranacionais, para os neoconservadores, as intervenções utilizariam critérios mais relacionados ao poder e à segurança estadunidense, conforme sua análise de conjuntura. Além disso, para a perspectiva neoconservadora, os arranjos e acordos com entidades supranacionais,

deveriam ser analisados com desconfiança, principalmente após o fim da Guerra Fria, pois essas organizações internacionais poderiam limitar a atuação dos Estados Unidos, além de serem fóruns com possibilidade de manifestações de países contrários aos EUA. Os neoconservadores tentam solapar tais entidades questionando sua eficácia e legitimidade (Teixeira, 2007).

As dúvidas, assim como os ideais neoconservadores, eram propagadas tanto pelo Estado quanto pela mídia. No primeiro caso, o governo de Ronald Reagan contou com a ocupação de cargos públicos por muitos neoconservadores em áreas como política externa, segurança nacional, economia e educação, inclusive, com o filho de Irving Kristol (William Kristol) como Chefe de Gabinete do Secretário de Educação (Neto, 2021). Em relação às mídias, os ideais neoconservadores eram propagados a partir de emissoras de rádio, canais de televisão, periódicos acadêmicos e revistas, como a *The Public Interest* e a *Commentary*, enfim, utilizando-se o aparato comunicacional ao qual tinham não somente acesso, mas, muitas vezes, financiamento e controle. Essas ações assemelham-se a algumas das estratégias comumente utilizadas para o espraiamento da nova direita, como será visto posteriormente no desenvolvimento desta pesquisa.

A ascensão do neoconservadorismo na cena política contemporânea, com ênfase no Brasil, para Dalio (2020), apresenta quatro estratégias de ação política que podem ser incorporadas no contexto de crise: inicialmente, deve-se buscar a validação de poder e defesa do governo, o qual necessita de autoridade para o exercício da liberdade de mercado e para limitar o atendimento de demandas sociais pelo Estado – não se pretende destruir o *Welfare State*, mas racionalizar e limitar sua atuação. Em segundo lugar, deve-se travar uma guerra sem trégua contra qualquer manifestação de pensamento crítico com práticas e valores considerados antitéticos ao estilo de vida burguês, assim, por exemplo, posicionamentos críticos contra pobreza, crimes ambientais e violência devem ser considerados antipatrióticos; programas sociais devem ser tachados de socialistas; e questionamento a gastos governamentais podem ser denunciados como apoio ao comunismo.

O terceiro ponto de ação neoconservadora, relaciona-se à reversão das expectativas de atendimento aos direitos sociais e às prerrogativas de cidadania ativa e participativa das camadas populares, reconhecendo-se a prevalência do mercado e dos valores tradicionais da religião e da família sobre as demandas sociais e

contribuindo-se para implantação da agenda neoliberal. Por último, a quarta estratégia indica o desenvolvimento de um projeto hegemônico, com unidade nacional, lealdade e disciplina adequados aos valores e às rotinas do mercado, da família e da autoridade política: constrói-se imaginativamente, um inimigo a ser combatido, como ocorreu durante a Guerra Fria (Dalio, 2020).

As características das correntes ideológicas neoconservadorismo e neoliberalismo estão presentes na nova direita. O esforço para caracterização e compreensão da forma de atuar da nova direita não é novo e estarão presentes no debate que está sendo desenvolvido nesta pesquisa.

2.4 Situando a nova direita: o que dizem os artigos sobre essa temática?

O esforço para caracterizar e compreender a nova direita não é novo. Essa constatação, já apresentada anteriormente, serve de mola propulsora para o desenvolvimento desta etapa da Tese, que se inicia a partir de pesquisas avançadas nas bases científicas *Scopus* e *Scielo*, como detalhado na metodologia, item 1.4.2. As duplicidades e os conteúdos alheios à temática foram retirados, formando-se um *corpus* de 40 artigos para análise. Em seguida, as publicações foram agrupadas em cinco grandes categorias elaboradas a partir da observação preliminar dos conteúdos: 1) Apresentação de elementos conceituais, conteúdos ideológicos e/ou características da nova direita; 2) Estratégias e/ou metodologias de difusão da ideologia da nova direita; 3) Análise de conteúdos e/ou discursos; 4) Efeitos, consequências ou impactos da ideologia da nova direita; 5) Ideólogos, agentes políticos e política externa.

O objetivo de agrupar não é classificar. Inclusive, um mesmo artigo poderia ser inserido em mais de uma categoria, porém, por questões didáticas, integram apenas uma delas. Tampouco a proposta é apresentar um resumo de cada texto, ou, ainda, trazê-los em ordem cronológica de publicação. O que se pretende ao investigar o uso do termo nova direita em outras produções acadêmicas, nacionais e internacionais, e reuni-las em conjuntos agregadores é examinar e evidenciar aspectos específicos, similaridades e divergências a partir de perspectivas que favoreçam a compreensão deste fenômeno mundial e contemporâneo. Não se trata de um estudo de caráter comparativo em sentido estrito – ainda que a comparação seja inevitável – mas, em verdade, exploratório. Por isso, essas cinco categorias são fluídas, interpenetráveis e dialógicas entre si.

Relembre-se – antes de passar-se às categorias propriamente ditas – que esta etapa estará restrita ao pensamento abordado no artigo, não se estendendo à obra total dos autores. Além disso, é mister recordar que a expressão “nova direita” é polissêmica e pode apresentar termos correlacionados, como extrema direita, ultradireita, direita 2.0, modernização conservadora, entre outros. Nas categorias abaixo, optou-se por utilizar a denominação conforme consta nos artigos. Esse fato não constitui prejuízo ao presente estudo; ao contrário, permite observar com maior acuidade o fenômeno que se quer apreender. Feitas essas considerações, inicia-se a análise dos artigos em cada uma das cinco categorias:

2.4.1) Apresentação de elementos conceituais, conteúdos ideológicos e/ou características da nova direita

Esta categoria analisará dez artigos publicados entre 2000 e 2023. O enfoque, como sugerido no subtítulo, recairá sobre as definições e características essenciais da nova direita. Observou-se nessas publicações que a nova direita pode ser compreendida como um fenômeno mundial; um movimento transnacional; uma corrente intelectual ou ideológica; uma vanguarda intelectual; ou, ainda, uma assembleia política global vagamente delimitada. As características podem variar, possuir vertentes e se relacionar com a historicidade de cada território em que se manifesta.

O texto mais antigo sobre a nova direita é da virada deste século e de autoria de Maria Teresa Gonzaga Alves (2000). A pesquisadora estuda a disseminação de conteúdos ideológicos associados à agenda da nova direita e o crescimento do voto de direita no município de São Paulo (Brasil), após a redemocratização e o processo eleitoral de 1989. Para tanto, Alves (2000) utiliza duas pesquisas quantitativas de opinião pública (*surveys*) realizadas naquela cidade, nos anos 1993 e 1995. Os resultados do trabalho de Alves (2000) indicam que essas expansões estão inseridas na tendência mundial de renovação da direita. Em países capitalistas avançados essa revitalização da direita foi iniciada no final dos anos 1970, e na América Latina, aproximadamente, uma década depois.

A nova direita é definida por Alves (2000) como um fenômeno contemporâneo caracterizado não apenas pela ofensiva e êxito de programas neoliberais, mas

também por uma onda conservadora paralela. Neoliberalismo e conservadorismo seriam as duas faces da nova direita. Mas a pesquisadora reconhece a pluralidade mundial no uso do termo “nova direita”: genericamente, estava sendo utilizado para se referir tanto a partidos políticos e políticas públicas, quanto a movimentos culturais e círculos de debates acadêmicos. Alves (2000) também apresenta o uso do termo em diversas vertentes: francesa (*Nouvelle Droite*), estadunidense (*New Right*), nova direita cristã nos EUA (*New Christian Right*), neoconservadorismo, neoliberalismo e extrema direita. Ainda que Alves (2000) não apresente características de cada uma das vertentes, enfatiza que as fronteiras entre elas nem sempre são bem definidas, pois elas inspiram-se, misturam-se, aproximam-se e afastam-se mutuamente. Uma reage à outra. Em comum, essas correntes criticam o modelo igualitário erigido no segundo pós-guerra mundial, além de proporem novos parâmetros frente a crise do Estado de Bem-Estar, quer por cortes nas políticas sociais que o sustenta, quer utilizando-se de justificativas teóricas anti-igualitaristas.

Alves (2000) aponta que a transposição desse debate internacional para o Brasil trouxe desafios complexos, sendo uma das razões a ausência de partidos políticos e de grupos específicos ou acadêmicos autodenominados como nova direita. A autora defende que mesmo aqueles que se encontravam à direita no espectro político brasileiro apresentavam-se como liberais ou conservadores. Então, no Brasil, a nova direita referia-se “ao conteúdo programático de partidos políticos, ou à retórica e à forma de atuação política de alguns setores específicos da sociedade que se diferenciam dos paradigmas da ‘velha direita’” (Alves, 2000). Grande parte dos atores principais da nova direita brasileira emergem dessa direita “antiga” e os setores conservadores foram mais incorporados às instituições democráticas, desvinculando-se progressivamente do passado autoritário.

A agenda neoliberal de privatizações e desregulamentações teria se tornado hegemônica junto aos setores conservadores, mesmo com o “caráter matizado da versão brasileira do neoliberalismo em que o liberalismo do *laissez-faire* coincide com o conservadorismo no campo social” (Alves, 2000). O estudo da pesquisadora, por um lado, conclui que o eleitor é sensível ao debate ideológico da nova direita. Por outro, identifica ao menos duas clivagens direitistas no Brasil: uma mais ideológica, baseada em discurso conservador articulado e inspirado na agenda neoliberal e outra mais personalista e clientelista. O segmento ideológico tem base social nas camadas

mais ricas da sociedade, enquanto o outro – personalista e clientelista – nos estratos populares mais baixos, mobilizados por temas mais morais que políticos (Alves, 2000).

Para Cowan (2018), embora muitos historiadores estadunidenses definam a nova direita como uma renovação conservadora que seguiu o movimento de Direitos Civis dos EUA nos anos 1960 e 1970, trata-se na verdade de um movimento transnacional concebido como o “casamento” da reação social, religiosa e cultural conservadora com doutrinas econômicas renovadas e radicais de desregulamentação, autossuficiência triunfalista e capitalismo *laissez-faire*. A propagação transfronteiriça desses ideais foi possível pela atuação de ativistas e o estabelecimento de instituições e entidades criadas especificamente para esta finalidade, as quais organizavam fóruns, palestras e eventos para reunir e conquistar apoiadores. Em geral, buscava-se combater três grandes ameaças: o marxismo global, o modernismo e a dissolução da moralidade social (Cowan, 2018).

O papel do ativismo conservador cristão é destacado por Cowan (2018) como fundamental no processo de avanço da nova direita. Para o pesquisador, uma poderosa configuração do conservadorismo religioso se estenderia dos EUA ao Brasil, dois países relevantes na expansão neodireitista. Esse arranjo estaria longe de ser coincidência. Era, antes, o resultado da elaboração de estratégias, compartilhamento de informações e da politicagem entre os dois países, com o objetivo de construir uma plataforma capaz de conectar a direita e disputar uma “guerra cultural”. A colaboração desses ativistas demonstrou sua capacidade de unir elites reacionárias tanto no Brasil, quanto nos EUA e em outros países; facilitar a ascensão do cristianismo conservador como onda populista; e converter o Brasil e os EUA em dois centros de poder capazes de agregar adeptos conservadores evangélicos, armamentista, e ruralistas, que respondem pelo acrônimo BBB, relativo aos termos Bíblia, Bala e Boi.

Os estudos de Cowan (2018) indicam que o conservadorismo no Brasil é marcado pelo patriarcalismo, autoritarismo, intransigência da elite e cristianismo politizado, este último fundamental para redefinir os contornos da direita no rescaldo da ditadura militar. Nesse período, entre 1964 a 1985, a confluência do moralismo, do anticomunismo e dessa politização levaram à ascensão da direita evangélica no país. Evangélicos e católicos cederam aos apelos de que os fiéis superassem o apolitismo e revigorassem o conservadorismo com o núcleo baseado na moralidade sexual,

tradicionalismo da cultura, austeridade fiscal e rigidez religiosa interrelacionados e combatessem a tendência da Igreja para a esquerda.

Já para Camila Rocha (2022), a ascensão da nova direita no Brasil é um fenômeno mais recente: começaria a se consolidar em 2006, ainda no segundo mandato do presidente Lula, vinculado ao Partido do Trabalhador (PT) de esquerda. Tratava-se de um grupo que não se sentia representado pelo governo e tampouco pela direita tradicionalista que atuava nos marcos do presidencialismo de coalização e da Constituição Federal de 1988. Essa nova direita era mais radical na defesa do livre mercado e o conservadorismo era mais pragmático que o da direita tradicional. Ela apresentava-se como uma frente ultraliberal-conservadora, que pretendia romper com a direita tradicionalista. Uma de suas características marcantes seria o uso de redes sociais – à época, *Orkut* e, posteriormente, o *Facebook* – para se comunicar e se organizar em fóruns de Internet. Os usuários, entre 2006 e 2010, possuíam elevada escolaridade e renda (classe média e alta) e estavam situados nas regiões Sul e Sudeste. Era comum o uso de pseudônimos para a criação e difusão de contradiscurso (Rocha, 2022).

Outro aspecto relevante da nova de direita emergente, que se soma ao uso do digital, conforme Rocha (2022), seria a compreensão de que havia uma nova esfera pública múltipla, voltada para a sociabilidade e a formação de vínculo entre estranhos, pessoas que não se conheciam *a priori*. Isso exigiria a adoção de modos discursivos destinados a qualquer público e a argumentação baseada na reflexão crítico-racional, funcionando como uma ideologia hegemônica em públicos dominantes e permitindo interlocução mais eficaz tanto com o Estado, quanto com a Ciência e o Capital. Embora os temas debatidos pela nova direita brasileira fossem diversos, Rocha (2022) destaca a defesa radical do livre-mercado; a destruição do inimigo político pela impossibilidade de cooptação, negociação ou derrota temporária; o antipetismo radical; o enaltecimento da monarquia brasileira; o combate às elites globalistas e seu projeto de poder mundial; e a necessidade de impulsionar as tradições relacionadas ao Ocidente cristão.

Rocha (2022) também apresenta como atributo da nova direita brasileira o fato de seus adeptos comungarem da percepção de uma “hegemonia cultural esquerdista” especialmente em arenas discursivas centrais, como jornais, revistas, editoras, universidades, emissoras de televisão e no próprio Estado. Olavo de Carvalho foi o

principal propagador dessa ideia-força e do ideal de necessidade premente de combate a essa hegemonia, com adoção da estratégia de “política de choque” ou “contrapublicidade”, “*performances* disruptivas e recebidas como indecorosas, como forma de chamar a atenção para determinadas demandas no debate público” para que um novo pacto social pudesse ser construído (Rocha, 2022). Para a autora, o bolsonarismo insere-se no âmbito da contrapublicidade dominante³¹ e foi capaz de mobilizar subjetividades e ecoar descontentamentos, desde a ansiedade e sensação de descartabilidade frente ao mundo do trabalho e medo de perda do já reduzido poder econômico, à carência de lutas que incluíssem temáticas coletivas (Rocha, 2022).

Para Mattos e Silva (2021a), a nova direita é um fenômeno internacional que se assenta no amálgama liberal-conservador. Sua apresentação pública no Brasil teria ocorrido no âmbito do turbilhão de efervescência social após as manifestações de junho de 2013, embora para ele sua origem também esteja em 2006. Uma década depois, a nova direita brasileira encontraria na coalizão de forças lideradas por Jair Bolsonaro, deputado federal do baixo clero por quase trinta anos, sua expressão institucional. Com Bolsonaro seria possível converter a hegemonia ideológica – enquanto expressão da vida individual e coletiva – em capital político, especialmente com sua eleição à Presidência da República em 2018, paralelamente à crise do lulismo³². Porém, para que esse avanço se concretizasse, foi necessário, antes, promover a difusão e o enraizamento de um ideário profundamente ancorado na síntese liberalismo-conservadorismo. A construção desse arcabouço da nova direita somente foi factível com a atuação central e estratégica de intelectuais orgânicos, nos termos de Gramsci, entre os quais teria maior proeminência Olavo de Carvalho (Mattos e Silva, 2021a).

O avanço da nova direita no Brasil é apresentado por (Mattos e Silva, 2021a) como relacionado à conjugação de cinco características principais, para além da conjuntura de insatisfação com o governo de centro-esquerda, da amplificação da hegemonia discursiva de direita, e da conversão da hegemonia ideológica em capital político: priorização da disputa cultural como fundamento para a conquista do poder político; o anti-intelectualismo, que desconfia das instituições tradicionais e legítima

³¹ Rocha (2022), a partir de Warner (2002), define a contrapublicidade como “choque intencional, do recurso à performatividade disruptiva e da transgressão de normas de decoro, os quais podem ser utilizados de forma consciente como uma estratégia política contra-hegemônica radical”.

³² Lulismo é um termo cunhado por André Singer para referir-se ao fenômeno político brasileiro de esquerda em torno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

outros regimes; o antielitismo, com valorização do homem médio e do senso comum; adoção da retórica performática e disruptiva embasada na narrativa do politicamente incorreto; e a síntese entre a defesa do livre-mercado e do conservadorismo moral. O traço distintivo para a projeção política da nova direita seria a batalha cultural com atuação dos intelectuais orgânicos, favorecida, entre outros aspectos, pelo uso da Internet para a rápida difusão de pautas, ideias e argumentos; a atuação sistemática de aparelhos privados de hegemonia, com especial participação de agremiações religiosas, neopentecostais ou não; e a atuação dos *think tanks* no processo de formação ideológica (Mattos e Silva, 2021a).

As narrativas da nova direita no Brasil, fossem elas retóricas, teórica ou estratégicas, apresentariam, conforme Mattos e Silva (2021a), seis aspectos comuns: narrativa de terra arrasada, em que a trajetória nacional seria marcada pela ausência de virtudes; hegemonia da esquerda, com monopólio sobre a produção cultural adquirido a partir do processo de redemocratização; moralização do debate público, pois a esquerda seria não apenas equivocada, mas moralmente vil (desvio ético ou patológico); dualidade realismo/idealismo, em que a direita constrói seus postulados a partir do empirismo, enquanto a esquerda se baseia na abstração; crença em um suposto acesso privilegiado à verdade o que possibilita o revisionismo (histórico, conceitual ou analítico) e as teoria de conspiração; a compatibilização entre o *homo economicus* e o *ethos* conservador, afastando-se ou solapando-se o medo do conservadorismo clássico em relação ao potencial destruidor da universalização da lógica da mercadoria. Além disso, a centralidade na família patriarcal e a identificação da arena cultural como *locus* privilegiado de disputas políticas são duas características não apenas da nova direita brasileira, mas da nova direita internacional (Mattos e Silva, 2021a).

O pesquisador Bar On (2012) concentra sua pesquisa na nova direita francesa (*nouvelle droite*). Para ele, a nova direita é um movimento transnacional de direita, pan-europeu, heterogêneo, com diferentes tendências ideológicas, e posterior a 1968. De modo geral, a nova direita francesa é considerada antimoderna e reacionária, mas os estudos de Bar On – a partir dos principais intelectuais dessa escola do pensamento, especialmente o francês Alain de Benoist – indicam que ela possui concepção revolucionária e modernista, não sendo nem liberal, nem socialista. O apogeu desse movimento na mídia local e nos debates acadêmicos, na França, se

deu no final dos anos 1970. Seu líder, De Benoist, definia a nova direita como uma escola cultural de pensamento (*école de pensée*) com variadas correntes, desde a tradicionalista à modernista, relacionadas à cultura e batalhas de ideias. Esse pensador francês foi o responsável por disseminar as ideias da nova direita para classes menos abastadas que as elites, para todos os países da Europa, e fora dela, como EUA, Canadá, Austrália, e também para a América Latina (Bar On, 2012).

A nova direita francesa, conforme Bar On (2012), ao mesmo tempo que reconhece a grande importância de Estados e Impérios, também legitima redes, crenças, processos e instituições que transcendem esses espaços politicamente definidos. Entre as características gerais da nova direita, o pesquisador menciona a negação tanto da igualdade legal e administrativa, quanto da noção de que as pessoas são iguais em termos de aptidão para governar, além de rejeitar a herança republicana da Revolução Francesa. Ademais, a nova direita teria o atributo de ser tecnologicamente experiente e ativista, embora crítica à tecnofobia e à tecnofilia³³; ser antiliberal, anticomunista, anticonservadora; aspirar a comunidades políticas etnicamente homogêneas, a um quadro político corporativista e a uma ordem secular, “espiritual” e revolucionária.

Bar On (2012) conclui, a partir das contribuições de Roger Griffin³⁴, que os teóricos da nova direita se encaixam em estruturas modernistas que tentam resgatar a Europa contemporânea de uma profunda crise e decadência combinando, ainda que de forma contraditória, influências políticas e filosóficas pré-modernas, modernas e pós-modernas, em um “*mazeway resynthesis*” (em tradução livre, ressíntese do labirinto³⁵). Também se enquadra em conformações fascistas e pode ser interpretada como atuante no âmbito de uma “*larger modernist revolutionary framework rooted in the 19th and 20th centuries. Most ND thinkers search for an alternative political modernity superseding liberal and socialist meta-narratives about modernity and the*

³³ Silva e Costeski (2021) definem tecnofobia é a rejeição radical, individual ou institucional ao desenvolvimento e à tecnologia e tecnofilia, o culto desmedido ao progresso técnico.

³⁴ Bar On (2021) utiliza definições de “modernismo de tipo ideal” e “fascismo como modernismo político” de Roger Griffin para argumentar que a nova direita opera no âmbito de uma estrutura revolucionária modernista estabelecida nos séculos XIX e XX.

³⁵ Conforme Bar On (2012), Roger Griffin toma emprestado de Anthony Wallace o termo “ressíntese de labirinto” para se referir conotativamente a uma visão de mundo sincrética que emerge em situações específicas (“*liminod situations*”), como reação a crises reais ou percebidas, culturais ou políticas, e ao declínio de um *nomos* abrangente.

“*end of history*”³⁶ (Bar On, 2012). Por fim, menciona o caráter revolucionário da nova direita: uma revolução “silenciosa”, “não violenta”, que surgiria pelo triunfo de seus valores culturais para enfrentar crises (orientação metapolítica) e buscar uma reestruturação radical das instituições europeias políticas, econômicas, sociais e culturais (Bar On, 2021).

O estudo de Von Egger (2021) apresenta a nova direita como uma corrente intelectual que surgiu no final da década de 1960. Originalmente, a nova direita teria sido concebida como um esforço metapolítico para que se travasse uma guerra estritamente no campo de batalha das ideias (guerras culturais). Isso poderia significar tanto o uso de partidos políticos legais e debates eleitorais para difundir seus princípios, quanto a mobilização de ativistas e a condução do olhar da mídia para pontos de discussão como pautas identitárias de povos específicos e retorno de imigrantes para suas pátrias. Para o pesquisador, mais recentemente, no século XXI, a nova direita tem sido traduzida em política real, com impactos concretos como o sucesso eleitoral de partidos como o *Rassemblement National* na França, *Lega Nord* na Itália, e *AfD* na Alemanha (Von Egger, 2021).

Nesse contexto, Von Egger (2021) considera fundamental entender qual a forma de governo prevista pela nova direita. Para tanto, o pesquisador analisa a compreensão dessa corrente intelectual – mais especificamente do ideólogo Alain de Benoist – sobre a Revolução Francesa. Von Egger (2021) esclarece que a interpretação da história pela nova direita e seus intelectuais é realizada pela perspectiva do tradicionalismo, cíclico, idealista e violentamente oposto à modernidade. Nesse sentido, dois projetos políticos de mundo são considerados por De Benoist, conforme Von Egger (2021): o jacobinismo e o federalismo. O jacobinismo é definido como uma ideologia homogeneizadora extrema do Estado moderno, que torna as pessoas essencialmente iguais (unidade política, cultural, linguística ou étnica) por meio da atuação estatal. Esse seria o principal inimigo da nova direita.

Para se opor a esse rival, De Benoist afirma que se deve recorrer ao que ele denomina federalismo etnopluralista, um projeto para defender diferenças étnicas, culturais, linguística, entre outras. Von Egger (2021) conclui que esse

³⁶ Em tradução livre tem-se o seguinte texto: a nova direita atua no âmbito de “uma estrutura revolucionária modernista maior enraizada nos séculos XIX e XX. A maioria dos pensadores da ND [nova direita] busca uma modernidade política alternativa que substitua as metanarrativas liberais e socialistas sobre a modernidade e o “fim da história”.

contramovimento quase mítico e quase histórico da nova direita deve ser compreendido como um “fascismo federalista”. Ao invés de partidos de massa e de um estado-nação não autoritário, a nova direita faria reviver (retorno de mitos fundadores) uma comunidade indo-europeia composta por diversos povos regionais. Esses grupos supostamente realizarão sua natureza autêntica por meio de sociedades etnicamente purificadas e governadas por um sistema político descentralizado (federalismo) que sustentará as diferenças entre os vários grupos étnicos (Von Egger, 2021).

Copsey (2013a) concorda com estudos que situam a origem da nova direita francesa no final dos anos 1960. Para ele, esse movimento rejeita o liberalismo, a imigração, o multiculturalismo e os EUA, e gradualmente adotou o pan-nacionalismo europeu, o etnopluralismo, e a disputa metapolítica nos termos de Gramsci. Além disso, a nova direita teria investido em sofisticada inversão do vocabulário político de esquerda, em especial o “direito à diferença”, em que todos teriam o direito de preservar sua identidade étnico-cultural. A negação dessa prerrogativa seria “racista”. Isso provocou o fortalecimento de estratégias discursivas e ideológicas de partidos como o *Front National* e favoreceu o processo contínuo de difusão transnacional da nova direita. O impacto reverberou no espectro político da extrema direita europeia contemporânea, e a difusão dos ideais da nova direita francesa foram amplamente disseminados, razão pela qual Copsey (2013a) defende a existência de uma nova direita europeia.

Copsey (2013a) reconhece haver um importante debate em curso sobre a possível classificação da nova direita como neofascista. O pesquisador percebe o fascismo como um movimento dinâmico, capaz de modificar-se e adaptar-se continuamente a diversos contextos. Novas ideias e estruturas táticas e discursivas são recepcionadas, promovendo uma evolução que afasta o fascismo das manifestações dominantes do período entreguerras e o converte em neofascismo, moldado às questões do século XXI. Para o pesquisador, o neofascismo tem desempenhado um papel crítico na adaptação da extrema direita às normas e realidade da sociedade multiétnica e liberal-democrática, e também na sofisticação das características definidoras do populismo radical de direita, inclusive o nativismo (nacionalismo xenofóbico), o autoritarismo e a adoção do discurso etnopluralista. Copsey (2013a) compreende a nova direita europeia como um dos quatro subtipos do

neofascismo propostos por Roger Griffin, o da revolução conservadora³⁷. Por isso, discorda de que essa nova direita seja um novo paradigma político e argumenta que na verdade é uma permutação revisionista do neofascismo.

Os estudos de Marvakis (2015) apontam para o fato de a nova direita emergente estar sendo moldada por um novo fascismo que se apropria e distorce necessidades e esperanças reais e não cumpridas da sociedade. Para ele, esse movimento não se confunde com o neofascismo do pós-guerra, ainda que possa ser representado pelas mesmas pessoas. Não deve ser subestimado, principalmente por mobilizar grande parcela de indivíduos e por ser capaz de recrutar princípios de solidariedade, confinando-o a um “nós” restrito e limitado. As reflexões do pesquisador partem de um exemplo considerado por ele “amargo”, em 2007, na Grécia, quando percebeu que Dimitra Arapoglou, segunda deputada surda no mundo a compor um parlamento, estava vinculado a partido de direita, e não de esquerda, tradicionalmente mais preocupado com pautas solidárias.

Para Marvakis (2015) a nova direita tem se apoderado de diversos temas centrais da esquerda, colocando problemas sociais em primeiro plano, ainda que pela perspectiva da direita, e que não passe de retórica ou tenha por propósito iludir ou enganar. O objetivo não seria o de ampliar a solidariedade social, mas sim o de limitá-la. A nova direita seria o “protoplasma do novo fascismo”, tendo como características: o nacionalismo radical, com a substituição do conceito de povo pelo de nação; o elemento antissistêmico que questiona a adequada capacidade de dirigentes para liderar o sistema político; a união entre neoliberalismo e reivindicação/exigência de preferência nacional, inclusive contrária a imigrantes; e esforço no sentido de mobilização massiva baseadas no sentimento de vulnerabilidades subjetivas.

Para Drolet e Williams (2022), a nova direita é diversa. Os autores a designam como uma vanguarda intelectual que impulsionou ideologicamente o ressurgimento da direita radical não apenas na Europa e EUA, mas nos mais variados países do mundo. Na Europa, a origem histórica estaria relacionada à nova direita francesa, no final dos anos 1968, e à sua propagação, em pouco mais de uma década, a países como Itália (*Nuova Destra*) e Alemanha (*Neue Rechte*), para citar alguns. Além da abordagem semelhante à francesa, os países europeus estabeleceram grupos de

³⁷ Copsey (2013a), a partir de Roger Griffin, cita quatro tipo de neofascismo: nacionalismo revolucionário; criptofascismo; revisionismo do Holocausto e revolução conservadora.

estudos, conferências, plataformas *online*, entre outras ações, formando uma rede ampla e transnacional que passaria a ser conhecida como nova direita europeia. Nos EUA, a nova direita estaria associada ao movimento histórico paleoconservador³⁸, que pretendia revitalizar a “velha” direita e combater vertentes neoconservadoras e neoliberais do conservadorismo. Os paleoconservadores consideravam a mobilização da classe trabalhadora, branca e industrial – estimulada pela insegurança econômica e pelo ressentimento cultural – como um catalisador potencial para o desafio conservador radical à ordem liberal (Drolet; Williams, 2021).

Ainda que as expressões da nova direita tenham assumido formas e expressões distintas nos diversos países dentro e fora da Europa, Drolet e Williams (2022) citam entre as convicções partilhadas a crença no êxito das revoluções culturais da década de 1960 em politizar todas as esferas da atividade humana, repercutindo no debate parlamentar e nas políticas governamentais, e também o sucesso e a hegemonia dos princípios igualitários da esquerda. A única estratégia viável para desafiar esse “poder cultural” seria *“to turn the ideology critique of the Left against its own universalist categories and egalitarian common sense”*³⁹ (Drolet; Williams, 2022). Assim, para os pesquisadores haveria a intenção da nova direita em remodelar os debates públicos em meta-nível teórico, com a rearticulação de ideias, conceitos e significados para uma nova compreensão e definição de mundo, fornecendo bases para desafiar a esquerda e a ordem liberal dominante.

Ademais, Drolet e Williams (2021) mencionam a ocorrência de apropriações autoconscientes de temas e pensadores da Teoria Crítica para fins conservadores radicais e reacionários. Esse seria não apenas um esforço sistemático de intelectualização da nova direita, e sim uma estratégia consciente que viabilizaria a disseminação essencialmente de ideias, perspectivas e visões de intelectuais conservadores de direita. A linhagem teórica neodireitista seria longa, por vezes sofisticada, com *insights* estratégicos de Gramsci, lições da Escola de Frankfurt e alguns temas do pós-modernismo, com foco metapolítico. Entre os objetivos da nova direita estaria a de assumir o controle da globalização com o desenvolvimento de uma

³⁸ Paleoconservadorismo é considerado uma ideologia política originária dos EUA no final do século XX que buscava retomar o conservadorismo que propunha o governo limitado, valores sociais tradicionais e política externa não interventiva. Suas origens relacionam-se ao movimento político que se opunha às políticas do *New Deal* nas décadas de 1930 e 1940.

³⁹ Em tradução livre, tem-se que a única solução viável seria “voltar a crítica ideológica da esquerda contra suas próprias categorias universalistas e senso comum igualitário”.

ordem alternativa que garantisse a prosperidade do capitalismo, ao mesmo tempo em que mantivesse noções de herança civilizacional compartilhada, mitos de comunidades com autoridade tradicional, e visão de supostas ameaças culturais e demográficas do sul global e do Islã. Por essas razões, entre outras, a nova direita não poderia ser reduzida a retrocessos populista e nativista ou a produto de líderes efêmeros e carismáticos. Tampouco poderia ser considerada apenas como reações espasmódicas a deslocamentos sociais e econômicos transitórios ou extensões do fascismo histórico (Drolet; Williams, 2021).

Outro estudo recente, o de Michelsen, De Orellana e Buranelli (2023), considera a nova direita como uma assembleia política global vagamente delimitada que busca a renovação radical do modo de pensamento, ações e tomadas de decisão a partir de mudanças revolucionárias nas regras das relações internacionais. Para Michelsen, De Orellana e Buranelli (2023), a nova direita deve ser entendida como um corpo de ideias que articula o internacionalismo reacionário – definido pelos autores como uma base filosófica para um projeto difuso de reação global – com objetivo de unir governos populistas conservadores em Estados supostamente liberais a antiliberais explícitos, populistas religiosos, monarquistas e autocratas. Assim, para os pesquisadores, a nova direita reuniria um “grupo descompassado” de políticos populistas em Estados democráticos – a exemplo dos EUA (Donald Trump), Reino Unido (Boris Johnson), França (Marine Le Pen), Itália (Giorgia Meloni e Matteo Salvini), Brasil (Jair Bolsonaro), Índia (Narendra Modi) e Hungria (Viktor Orbán) – a governos autoritários, tais como os da Rússia (Vladimir Putin) e da China (Xi Jinping).

Esses políticos compartilhariam, conforme Michelsen, De Orellana e Buranelli (2023), de um desdém pelo pluralismo político, política participativa, igualdade entre as pessoas e direito das mulheres, e imigração. Também comungariam do desejo em dismantelar normas internacionais liberais, sobretudo direitos e multilateralismo baseado em regras, e substituí-las por uma visão distinta de soberania baseada em uma arquitetura institucional que prioriza a cultura de nascimento (*birth-culture*), as esferas exclusivas de competência (*exclusive spheres of competence*) e o transnacionalismo (*transactionalism*). Os autores apresentam a cultura de nascimento como a relação do Estado com o povo baseada no fato de a identidade ser cultural e determinada pelo nascimento. O local de nascimento atua como condição e restrição ao pertencimento cultural, evitando-se menções explícitas a raça, cor e outros traços

fenotípicos. Os direitos humanos, o nacionalismo, a igualdade entre as pessoas e a territorialidade legítima são subsumidos e há negativa às garantias de direitos humanos e da igualdade de gênero, além da oposição à migração.

Já as esferas exclusivas de competência, segundo a pesquisa de Michelsen, De Orellana e Buranelli (2023), legitimam hegemonias com base na autoctonia cultural e áreas de participação de responsabilidade, estando ligadas ao direito de o Estado exercer poder no espaço delimitado por sua cultura de origem; suplantam a ideia de grande gestão de poder e reestruturam a lógica do equilíbrio de poder e guerra, como a reivindicação da Rússia sobre a Ucrânia, a “linha das nove raias” da China e a reivindicação da Índia sobre os hindus. Essas esferas estabeleceriam o princípio para distinguir interesses internacionais legítimos de ilegítimos. Por fim, o transnacionalismo é a ferramenta operacional de pactos normativos baseados na hierarquia e na desigualdade como princípios constitutivos; daí decorrem negociações oportunistas irrestritas com outras culturas de nascimento, com os líderes tendo liberdade para negociar livremente em nível quase pessoal e o Estado assumiria papéis cada vez mais gerenciais, tecnocráticos, paternalistas e vigilantes. As instituições subsumidas são, entre outras, a diplomacia, o direito internacional, os mercados, o ambientalismo e o multilateralismo. Essas três novas instituições reacionárias, cultura de nascimento, esferas exclusivas de competência e transnacionalismo, são interdependentes, mutuamente modeladoras, reforçadoras e constitutivas, e cruciais para reconstituir o conceito de soberania da nova direita (Michelsen; De Orellana; Buranelli, 2023).

2.4.2) Estratégias e/ou metodologias de difusão da ideologia da nova direita

Esta categoria analisará seis artigos que tratam da propagação da ideologia da nova direita. Identificou-se que os caminhos, principalmente na atualidade, envolvem o uso massivo de redes sociais virtuais como ferramentas metapolíticas⁴⁰, a exemplo

⁴⁰ O conceito de metapolítica, no século XXI, tem sido adotado por movimentos de direita e identitários nos EUA e na Europa, sendo considerado central na construção cultural da nova direita. Amparando-se no que Gramsci defende sobre o fato de a cultura e as ideias precisarem ser produzidas para que se pudesse realizar mudanças políticas no longo prazo, a nova direita, principalmente a partir de Alain de Benoist, difundiu a ideia de que os intelectuais deveriam começar a produzir e circular ideias (Maly, 2020). Essa apropriação de Gramsci tem sido chamada de “gramscismo de direita” (Secco, 2019; Rueda, 2021).

do *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, além do uso de mídias mistas, que abarcam conteúdos impressos e digitais, por exemplo. Outros métodos utilizados por essa ideologia envolvem o sistema educacional, a exemplo da criação do programa Escola Sem Partido; o apelo eleitoral; a atuação de *influencers* e *think tanks*; as teorias da conspiração; e uso da música politizada. Os artigos foram publicados de 2013 a 2022.

Ico Maly (2019) estudou o ativismo do movimento identitário belga da região de Flandres (Bélgica), o *Schild & Vrienden* (Escudo e Amigos, em tradução livre). Utilizando-se da *netnografia*, Maly (2019) observou o uso intenso de redes sociais como estratégia comunicativa populista. Seu ponto de partida foi a atuação de um grupo de mais de 20 ativistas extremistas de direita: eles invadiram um protesto pacífico realizado por organizações da sociedade civil contra políticas migratórias europeias desumanas, em março de 2018. Os jovens neodireitistas filmaram a intervenção no Castelo *Gravensteen* em Ghent, Bélgica, editaram o conteúdo e publicaram na página oficial do movimento no *Facebook*. O vídeo viralizou rapidamente.

Porém, Maly (2019) indica que o elevado alcance do conteúdo não ocorreu apenas devido ao uso da rede social, mas sim à integração de três estratégias do *Schild & Vrienden*: nexos *offline*, *online* e televisivo. Assim, no episódio do Castelo, o ativismo *offline* foi mediado pelas principais notícias de jornais, o que causou o aumento do número de seguidores *online*. A publicação do vídeo na página do *Facebook* deu início a um novo ciclo de reportagens, despertando atenção dos meios de comunicação de massa de Flandres e, em seguida, os da extrema direita de vários países do mundo. Um ano depois, o conteúdo foi republicado, e tornou-se viral novamente. Essa interação complexa entre meios de comunicação tradicionais e recentes e interações *offline* e *online* são a essência do ativismo sociotécnico adotado pelo movimento flamengo (Maly, 2019).

O *Schild & Vrienden* utilizou a metapolítica 2.0, que incorpora tecnologias digitais para realizar a montagem do conteúdo; (re)mediatizar esse ativismo denominado de ativismo algorítmico; orientar o fluxo de informação e produção de mensagem; e aumentar o número de seguidores nas páginas das redes sociais virtuais, ampliando a alavancagem para postagens futuras, avançando na batalha político-ideológica da nova direita. A velocidade de interação e os compartilhamentos que acionaram os algoritmos do *Facebook* ajudaram a viralizar os conteúdos. Além

disso, o movimento da Bélgica se organiza em diferentes grupos restritos no *Facebook* e no aplicativo *Discord* (Maly, 2019).

Em 2020, novamente com o uso da *netnografia*, Maly (2020) investiga características de influenciadores metapolíticos da nova direita, a partir do caso de Brittany Pettibone⁴¹, que entre outros aspectos tem protagonismo no movimento identitário pan-europeu *Generation Identity*⁴². Os influenciadores da direita radical ou extrema direita apresentam discurso que se aproxima do assédio, medo e exclusão, além de se apropriarem da cultura e das tecnologias digitais. Eles utilizam as principais mídias digitais, como *YouTube*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, e conectam-se a fóruns, plataformas de financiamento coletivo e redes de *bots* para promover uma guerra cultural ou ideológica pela hegemonia de valores da nova direita. Com a influência exercida, acabam por se tornar microcelebridades⁴³ (Maly, 2020).

A microcelebrização da metapolítica é um fenômeno diretamente ligado à ideologia capitalista neoliberal e envolve a construção técnica das mídias digitais e de suas estratégias de personalização, que moldam as câmaras de eco ou bolhas radicais. Essas bolhas são agenciamentos sociotécnicos que dependem, em parte, dos algoritmos, mas também, da literacia mediática dos influenciadores, o “eu editado” que ao ser aceito capta a atenção dos usuários e os mobiliza para interações como comentários, curtidas e compartilhamentos de conteúdo (Maly, 2020).

A influenciadora Brittany Pettibone, ainda em 2016, após realizar campanhas de apoio a Donald Trump e de propagar a teoria da conspiração sobre tráfico de pessoas e exploração sexual infantil com a *#pizzagate*⁴⁴, teve expressivo aumento de

⁴¹ Também conhecida como Brittany Sellner, após casar e passar a usar o sobrenome do marido Martin Sellner, ativista político austríaco de extrema-direita e líder do Movimento Identitário da Áustria.

⁴² Trata-se de um movimento racista, originado na França, que defende o etnopluralismo para segregar e separar pessoas segundo linhas raciais. Os países mais proeminentes são, além da França, Alemanha, Itália e Áustria.

⁴³ Citando Marwick; Boyd (2011) e Senft (2013), Maly (2020) argumenta que o termo microcelebridade ou celebridade de mídia digital deve ser entendido como uma técnica de autoapresentação, em que o indivíduo enquanto pessoa pública será consumido por seguidores/inscritos em redes sociais. Essas microcelebridades utilizam a intimidade estratégica para atrair seguidores, considerados fãs.

⁴⁴ O “*Pizzagate*” foi uma teoria da conspiração criada durante o ciclo de eleições de 2016 nos EUA, sobre funcionários do alto escalão do Partido Democrata americano que estariam envolvidos com restaurantes dos EUA para suposto tráfico humano e formação de quadrilha para exploração sexual infantil. A teoria surgiu após a invasão de e-mails pessoais de Jonh Podesta, diretor da campanha de Hillary Clinton, presidenciável à época. Conforme Caro, Quiral e Riquelme (2022), Trump e Vladimir Putin estabeleceram relações pessoais desde as campanhas eleitorais daquele ano. Em setembro, dois meses antes das eleições, Putin deu apoio explícito a Trump. A partir de 2017, o FBI e o Congresso estadunidense denunciaram a existência de uma “conspiração russa” em que aquele país teria roubado e-mails do Partido Democrata, pelo qual Hillary Clinton concorria, com objetivo de ajudar Trump a vencer as eleições em novembro de 2016.

engajamento nas principais redes sociais, tornando-se microcelebridade. As atividades impulsionadoras incluíram o uso das *hashtag* – fundamentais para marcar expressões, prolongar visibilidade de *posts* e atingir novos públicos específicos – assim como interação da *influencer* com humanos e não humanos (*bots*). Também foi observada a prática da “intimidade em rede” que tem o objetivo de criar percepção de autenticidade e de vincular o público aos influenciadores. No caso do *Youtube*, as estratégias de Pettibone para a projeção rápida dos conteúdos foram: usar seus seguidores do *Twitter* como alavanca; colaborar com *youtubers* mais famosos; produzir conteúdo com objetivo de aceitação; focar em mecanismos de busca e otimização de recomendações. Em 2020, a influencer digital acumulava milhares de seguidores em suas contas no *Instagram* (30.500) e no *Twitter* (154.200), além de inscritos no canal do *Youtube* (137.000). Entre as pautas abordadas pelos *influencers* da nova direita estão a celebração da desigualdade; além do antifeminismo, antimaterialismo e anti-esquerdismo (Maly, 2020).

Outra estratégia adotada pela nova direita para propagar sua ideologia, conforme os estudos de Watson e Barnes (2022), apoia-se no uso da retórica populista em pequenas comunidades *online* (micropopulismo) relacionadas a políticas educativas. O populismo educacional *online* surgiu da ocorrência de uma série de fatores, entre eles, o desenvolvimento tecnológico, que inclui o papel das mídias sociais e a forma como os indivíduos se relacionam em plataformas digitais e redes sociais; o comportamento e a relação individual com o poder, inserindo-se a cultura, a política e as normas sociais; o poder das instituições na vida das pessoas; e o contexto político, econômico e social, além da configuração do capitalismo.

A nova direita contemporânea denominada pelos autores de “Nova Direita 2.0”, sofisticada no uso de meios de comunicação híbridos para promover a aceitação da privatização de serviços públicos em combinação com voluntariado, e a receptividade à moralidade socialmente conservadora. Essa nova direita é fundamental para promover o populismo educacional das redes sociais da Inglaterra e da Austrália apoiando-se, também, na mediatização de grupos de reflexão, os *think tanks*. Esses agentes, quando ligados à nova direita, desenvolvem pesquisas e apoiam a formulação de políticas para o desmantelamento de instituições que visam o bem-estar. Ademais, utilizam-se do ativismo algorítmico associado à retórica populista para

promover a viralização nas redes sociais e acabam por estimular interações polarizadas que moldam atos políticos (Watson; Barnes, 2022).

Watson e Barnes (2022) concluem que o micropopulismo educacional nas redes sociais é diferente na Inglaterra e na Austrália. No caso britânico, esse fenômeno serve como defensor, vibrante e por vezes agressivo, da política neoconservadora; no australiano, estimula uma arena centrada nos interesses do papel da educação, sendo força motriz para a ruptura com o populismo dos *think tanks* da “Nova Direita 2.0”.

Soares e Sousa Junior (2022) apresentam metodologia diversa adotada no Brasil para evocar valores moralistas e neoconservadores no âmbito educacional: a criação do programa Escola Sem Partido (ESP)⁴⁵, em 2004. Inspirado na iniciativa estadunidense *No Doutrination*, hoje extinta, o movimento brasileiro define-se como uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem vinculação política, ideológica ou partidária. Um dos objetivos do programa é coibir o “exército organizado de militantes travestidos de professores [que] abusa da liberdade de cátedra e se aproveita do segredo das salas de aula para impingir-lhes [aos alunos] a sua própria visão de mundo”, como pode ser observado no site oficial do ESP.

Soares e Sousa Junior (2022) afirmam que, na verdade, identificam características típicas de um partido político no escopo do movimento, como a formulação de políticas e de estratégias de ação para condução de massas. O movimento ESP pretende a conservação do *status quo* e a propagação de seus ideais com o uso de discurso de fácil assimilação pelas massas e a difusão do ódio a um determinado seguimento da sociedade, nesse caso os professores. Em outras palavras, pode-se compreender o ESP como um partido militante conservador autoritário, formador de opinião e de intimidação moral a professores, sob o discurso de preocupação com contaminação político-ideológicas nas salas de aulas brasileiras.

A pesquisa quanti-qualitativa de Soares e Sousa Junior (2022) sobre a percepção de docentes relativa ao movimento ESP, realizada em 2018, indicou que um terço dos professores manifestou apoio ao programa apesar de mais de 95% não

⁴⁵ O ESP foi criado em 2004 pelo promotor de justiça de São Paulo Miguel Nagib. O programa, inspirado no estadunidense *No Doutrination* é definido como uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem vinculação política, ideológica ou partidária. O movimento ESP acusa professores de serem militantes abusadores da liberdade de cátedra para impor aos alunos sua visão de mundo. Afirma, ainda, que pretende “coibir” o que considera “abuso intolerável da liberdade de ensinar” tendo como “vítimas” as crianças, indivíduos vulneráveis em processo de formação, como pode ser verificado em sua página inicial na Internet.

perceber doutrinação no ambiente de trabalho e, praticamente o mesmo percentual, não ter conhecimento desse tipo de prática por parte de colegas. Em relação à religião, mais de 15% informou acreditar em sua influência no conteúdo lecionado, razão pela qual os pesquisadores realizaram recorte com as duas maiores religiões informadas pelos professores para saber sobre o apoio ao projeto: professores que se identificam como católicos manifestaram-se majoritariamente contrário ao Escola Sem Partido, e os evangélicos, favoráveis. Os autores salientam que o movimento religioso, em especial o evangélico, ultrapassam a esfera religiosa, principalmente em questões relacionadas a diversidade sexual, mudança do papel da mulher na sociedade, novas configurações familiares e autonomia do indivíduo. Entre as conclusões do estudo está a de que a aceitação ao ESP vincula-se mais a visões de mundo e de sociedade, ou seja, questões ideológicas, que a questões pedagógicas em si (Soares; Sousa Junior, 2022).

A formação de partidos políticos é outro recurso que pode ser adotado para garantir o sucesso da nova direita e da politização da cultura neoconservadora (Schulte-Cloos, 2022). Na Europa, a crise financeira e o desenvolvimento do euroceticismo da nova direita contribuíram para a ascensão de partidos populistas de direita radical em toda o continente. Esses partidos, conforme Schulte-Cloos (2022), articulam na retórica populista o sentimento dos eleitores de não atendimento de suas demandas, o descontentamento contra as elites políticas estabelecidas, e a fragilização de relações com partidos tradicionais. Soma-se a isso, as atitudes culturalmente conservadoras frente ao elevado índice de imigração e heterogeneidade étnica e transferência de autoridade da soberania nacional para a União Europeia.

Os resultados da pesquisa de Schulte-Cloos (2022), ao estudar o sucesso do partido político alemão populista de extrema-direita, o Alternativa para a Alemanha (do alemão, AfD), sugerem que o apelo eleitoral da direita populista praticada por esse partido alcança pequenas redes locais de extrema direita, reativando sentimentos xenófobos, nativistas e culturalmente conservadores enraizados na sociedade, e auxiliando a propaga-los e intensifica-los.

Por fim, Copsey (2013b) apresenta o conteúdo da Conferência Internacional sobre ideólogos fascistas e de extrema direita dos séculos XIX e XX. A atividade, realizada em parceria pelas universidades britânicas *Teesside University* e *Cambridge University*, examina as características, continuidade e mudanças na ideologia fascista;

o uso de meios de comunicação, como jornais, para difundir a produção intelectual crítica da sociedade moderna e que propaga o tradicionalismo e a crença na hierarquia espiritual; a difusão do cristianismo cultural e tentativas de obter apoio à causa fascista entre cristãos na Grã-Bretanha; o ódio anti-muçulmano *online* pela extrema direita, o anti-multiculturalismo, a islamofobia, e o *lobby* pró-israelenses.

Copsey (2013b) também informa sobre a realização de painel temático dedicado ao uso da música politizada para disseminar a ideologia da extrema direita. A cultura, de modo geral, é um mecanismo para socializar e radicalizar ideologias, reforçando o compromisso ideológico. No caso das canções, além de serem repetidas inúmeras vezes, há a “demonização” do inimigo construído – o não-branco, esquerdista, liberal, antifascista – e do sistema, o governo de ocupação sionista⁴⁶ e aparelho estatal repressivo. A Conferência também serviu para marcar o lançamento formal do Centro de Estudos Fascistas, Antifascistas e Pós-Fascista sediado na *Teesside University*.

2.4.3) Análise de conteúdos e/ou discursos

Esta categoria examinará seis artigos cujas temáticas relacionam-se à análise de conteúdos ou de discursos utilizados pela nova direita. O que se pretende neste tópico é identificar as temáticas centrais abordadas, os elementos discursivos reiterados, as intenções para uso de determinadas narrativas, se há indícios de possíveis interações, além de se observar apontamentos gerais dos resultados alcançados nas pesquisas. Os artigos foram produzidos entre 2019 e 2023, e os conteúdos retirados de publicação impressa, disponível em *e-book*, resenhas da *Amazon* e, majoritariamente, redes sociais (*Twitter*, *Facebook* e *Instagram*).

Romancini e Castilho (2019) analisaram o ativismo conservador e os recursos de comunicação utilizados por usuários na conta oficial do antigo *Twitter*, hoje X, do Escola Sem Partido (ESP)⁴⁷. O estudo indicou que o ESP mantém estreita relação com os meios digitais desde o seu lançamento, em 2004, e que as maiores interações realizadas foram por apoiadores de direita que usaram a hashtag escola sem partido

⁴⁶ O termo “governo sionista” refere-se a uma teoria da conspiração antisemita cuja defesa é de que os judeus controlam secretamente um determinado país, enquanto o governo oficial é apenas um regime manipulado.

⁴⁷ Para mais informações vide nota de rodapé 45.

(#escolasempartido). Na rede social, há manifestações de deputados de direita, como Eduardo Bolsonaro e Sóstenes Cavalcante, e de Olavo de Carvalho. O ESP incentiva que os usuários enviem denúncias sobre suposta doutrinação em escolas e divulga propostas legislativas para criação de leis que defendam as crenças do ESP, estimulando o ativismo jurídico⁴⁸. Essas ações resultaram, entre 2014 e 2019, em 124 iniciativas legislativas, sendo 90 delas em âmbito municipal, com nove aprovações; 22 estaduais; e 12 federais (Romancini; Castilho, 2019).

Os resultados da pesquisa também revelam, entre outros pontos, que não há incentivo ao debate, mas sim o reforço de crenças gerais, com uso de linguagem emocional, apelativa ou inflamada, tanto por apoiadores quanto por não-apoiadores do programa, ou seja, observa-se que a difusão de conteúdo se sobressai em relação ao debate de conteúdo. A estratégia de convencimento é baseada no constante uso da retórica de acusação e indignação, e não no desenvolvimento de ideias bem fundamentadas. Os autores lembram que essa estratégia foi amplamente utilizada na campanha presidencial de Jair Bolsonaro (2018). Além disso, existe a presença de ‘líderes suaves’, que embora se declarem como meros apoiadores, apresentam características de ativistas profissionais de causas conservadoras, utilizando técnicas de mídia participativa – com narrativas de *youtubers*, memes e vídeos curtos – que viralizavam na rede (Romancini; Castilho, 2019).

Para Moraes, Oliveira e Moraes (2021) o X, antigo *Twitter*, é uma ferramenta digital que pode ser utilizada para interação política da nova direita, ao menos a da brasileira. Os pesquisadores analisaram a cadeia lexical da formação discursiva de Jair Bolsonaro no período entre 31 de março de 2010, quando da abertura da conta de Bolsonaro na plataforma, e 07 de março de 2019, a partir de 4,5 mil *tweets* postados, excluindo-se da amostra reenvio de *tweets* antigos (*retweets*) e respostas a *tweets* ou discussões (*replies*). Os resultados apontam para a personalização crescente da política – com o aprofundamento da sensação de proximidade do líder; a dissolução contínua da diferença entre posicionamentos público e privado; a preponderância do *ethos* sobre o *logos* na atual racionalidade política – e para a radical substituição da organização argumentativa clássica dos pronunciamentos para a fala com base no senso comum.

⁴⁸ O ESP iniciou atividades de ativismo jurídico em 2014, quando Nagib escreveu um projeto de lei a pedido de grupos radicais e do deputado de direita do Partido Social Cristão (PSC) Flávio Bolsonaro.

Entre o uso dos termos lexicais e expressões identificados, a palavra “verdade” demonstrou um aumento de atenção no debate público nacional. Para eles, esse fato decorre de duas razões principais: a primeira delas, a tentativa de se recriar ou alterar verdades a partir do revisionismo histórico de narrativas como por exemplo, no caso brasileiro, da ditadura militar, ou de outros movimentos autoritários/conservadores. A segunda motivação seria a tentativa de desconstrução da “verdade do outro”, transformando esse outro em inimigo, opositor, um agente que tenta infundir suas verdades particulares, promovendo doutrinação.

Tais fenômenos são, fundamentalmente, os mecanismos pelos quais têm se instaurado um “regime de pós-verdade” na organização da dinâmica política no país; ou seja, de um lado, tenta-se revelar a “verdade” – em si – escondida pelos grupos supostamente excluídos que tomaram/haviam tomado o poder, os quais teriam dominado o país e seriam responsáveis pela perseguição ao “cidadão de bem” (ricos/classe média, brancos, heterossexuais, da – extrema – direita política), alicerce semântico da “normalidade” na formação discursiva da extrema direita brasileira na atualidade; de outro, busca-se destruir “fatos estabelecidos” e “verdades objetivas”, associando-as à expressão política dos interesses de grupos ideológicos que buscariam controlar o país, sendo, portanto, os verdadeiros opressores, transgressores, dominadores. Nesse processo, há a massificação do uso das *fake news* (Morais, Oliveira e Moraes, 2021).

A neutralidade ideológica dos grupos extremistas ampara-se em conceitos com suposto teor a-histórico/metafísicos, como “Deus”, “natureza”, “nação”, “tradição” e “moral”. Os grupos que diferem desses ideários são acusados de tentarem impor uma dominação cultural contra a “ordem”, conceito transdiscursivo que perpassa os discursos político, religioso, econômico e militarista (Morais, Oliveira e Moraes, 2021).

Essas tentativas de “revisionamento de narrativas” e de “desconstrução da verdade do outro” também estão presentes nos resultados do trabalho de Poppe, Havenstein e Schäfer (2023). A investigação dos pesquisadores centra-se no uso da metapolítica como estratégia discursiva da nova direita na esfera pré-política da cultura. A disseminação de narrativas de conspiração e desinformação inserem-se nessa estratégia. Os estudos foram realizados a partir de sete publicações impressas (série de mangá em cinco volumes e dois livros), disponíveis em formato *e-book*, do

autor histórico-revisionista Kobayashi Yoshinori durante a pandemia da Covid-19, e de avaliações desses conteúdos na plataforma digital *Amazon*.

Em momentos de incertezas, sensibilidade política e de polarização da opinião pública – a exemplo da pandemia da Covid-19, do referendo do *Brexit*, e de disputas eleitorais polarizadas, como as de Trump e de Bolsonaro –, as narrativas de teorias da conspiração e as estratégias de desinformação são formuladas e propagadas com maior intensidade. Elas coexistem com narrativas públicas e fatos científicos verídicos, e geram ruídos na comunicação, tornando-se difícil distinguir fatos verdadeiros de falsos, principalmente diante da acelerada divulgação de conteúdos possibilitada pelo uso da internet e redes sociais. Além dessa rápida produção e circulação, há a atuação de profissionais especializados, os “manipuladores de mídia”, que exploram estrategicamente o que foi descrito como “vazios de dados” criado pela escassez de informações confiáveis (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023).

Os estudos sugerem, entre outros pontos, que Kobayashi instrumentalizou a pandemia da Covid-19 para propagar sua visão de mundo, conceitos ideológicos e opiniões revisionistas que desacreditam a confiança nas instituições públicas, com a reprodução de fragmentos de desinformação que circularam em âmbito nacional e global. O uso da estratégia discursiva metapolítica, e, possivelmente, do algoritmo de recomendação da *Amazon*, favoreceu a ampliação do público leitor, que recebeu e divulgou as mensagens de críticas do escritor de mangá sobre os meios de comunicação em massa, especialistas médicos e instituições públicas, todos considerados por ele como atores prejudiciais durante a pandemia. Além dessa estratégia, o discurso conspiratório sobre a atuação dos atores acima mencionados e da emergência de redes de poder secretas e não autorizadas (“Estado profundo”) assemelham-se às utilizadas pela nova direita na Europa e EUA, o que sugere que essa ideologia está interligada e globalizada, que se utiliza de semelhantes estratégias discursivas metapolíticas, com narrativas anti-*media*, anti-*establishment* e anti-ciência. A pesquisa concluiu, ainda, que a adoção de práticas de mídia mista recria agendas antigas sobre xenofobia nativista, anti-globalismo, e narrativas revisionistas históricas para um público inteiramente novo (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023).

Outro mecanismo utilizado pela nova direita, agora a partir dos estudos de Silva, Ferrari e Caetano (2022), é o discurso ideológico moralizante, capaz de acionar os imaginários coletivos e ações ultraconservadoras que reduzem os direitos e

conquistas das minorias. Esse discurso baseia-se tanto no arquétipo que considera natural a superioridade do chamado cidadão de bem⁴⁹, quanto na ficção de que a sociedade se divide em papéis incontestáveis e necessários para a manutenção da ordem. Essa suposta supremacia encontraria respaldo na defesa da família “*cisheteropatriarcal*”⁵⁰; no enfrentamento à igualdade de gênero; e na oposição sistemática aos direitos populares da comunidade LGBTQIAPN+, evidenciados em espaços formais das institucionalidades. Esses três pontos sintetizariam a convergência de agendas punitivistas, militaristas, sexistas, anticomunistas, empreendedoras e familistas que ganharam maior relevância com a aproximação entre o (neo)conservadorismo e o neoliberalismo.

Os autores realizam a análise de dois conteúdos disponíveis na página oficial do *Facebook* da Nova Resistência (NR), organização brasileira de direita com intensa base na região Sul do país: o caso de Bridger Walker e o artigo *Não existe “Masculinidade Tóxica”*. No primeiro, a NR parabeniza Walker, o menino estadunidense de seis anos que, em 2020, defendeu a irmã, mais nova que ele, do ataque de um cachorro e levou 90 pontos no rosto devido às mordidas do animal. A ação do menino poderia ser compreendida como mobilizada por um conjunto de afetos, mas a escolha da narrativa foi a de deslocar o ato para uma suposta virilidade e superioridade masculina, um efeito protetor típico à essência desses indivíduos. O texto da página da rede social defende a diferença entre homens e mulheres, e que coragem, violência e agressividade são características inatas à psique do homem, logo não devem ser tolhidas (Silva; Ferrari; Caetano, 2022).

Silva, Ferrari e Caetano (2022) observam, tanto nos textos sobre o menino Walker, quanto no artigo *Não existe “Masculinidade Tóxica”*, a presença da pedagogia da masculinização, um modo supostamente adequado de se educar para ser, pensar e agir como “homem”, o que estimula práticas de significação e reconstituição histórica

⁴⁹ Silva, Ferrari e Caetano (2022) indicam que cidadão de bem é o indivíduo que se enquadra em uma noção de cidadania limitada e naturalizada dos que obedecem a determinados marcadores e comportamentos públicos: defende a liberdade por meio de discursos e práticas carregadas de violência a exemplo da misoginia, do racismo, da LGBTQIAPN+fobia, do machismo. Essa posição de superioridade está alicerçada no androcentrismo cristão, neoliberal, heterossexual e supostamente monogâmico.

⁵⁰ Os autores apresentam essa categoria, citando estudos de Silva, Nascimento e Caetano (2021), como sendo a da junção de conceitos de cisgeneridade (refere-se ao sujeito que se identifica com o gênero atribuído no nascimento), heteronormatividade (sistema político que determina a dicotomia complementar e assimétrica entre sexos/gêneros instituindo a heterossexualidade como norma) e o patriarcado (sistema político-social em que o homem adulto detém o controle nas relações de poder).

da masculinidade tóxica. Os estudos indicam que os arquétipos tradicionais de masculinidade reforçam elementos como violência, status, sexo e poder do homem, exaltando a diferença de gênero que fortalece a cultura e estereótipo de domínio masculino heterossexual. Essa pedagogia recai, principalmente, sobre autonomia das mulheres e legitima assimetrias sexuais e guerras culturais de gênero.

Os conteúdos masculinistas veiculados pela NR – baseados no moralismo neoconservador e nos ensinamentos de reprodução do passado que valoriza os princípios da hierarquia social, pureza e superioridade racial e sexual do homem branco – tem por objetivo, entre outros, recontar uma história e reforçar uma determinada lógica de sociedade, levando à produção de leis simbólicas, difundidas de modo sutil – portanto, com pouco ou nenhuma resistência – normalizando práticas sociais. Os assuntos são transnacionais, inseridos no debate internacional e mediados e repetidos nas redes sociais, como estratégia de um projeto que mantém limitada a noção de cidadania.

A repetição é o elemento chave para a reprodução e manutenção das ideologias masculinistas, que perpassam, quando do desenvolvimento da ideia de sujeito, marcadores sociais como gênero, raça, sexualidade e gerações. O movimento masculinista nas redes sociais articula-se a diferentes pedagogias da nova direita que se atualizam para legitimar e reforçar visões binárias, como puro/impuro e civilizado/selvagem, além de representar o avanço do neoconservadorismo, a partir das tradições culturais e religiosas de domínio dos sexos, e com o interesse do neoliberalismo para limitar a justiça social promovida pelo Estado democrático (Silva, Ferrari e Caetano, 2022).

A abordagem discursiva, visual e afetiva da narrativa política digital no *Instagram* de duas líderes populistas na Espanha, durante a pandemia da Covid-19 – Isabel Díaz Ayuso, presidente da Comunidade de Madrid, referência da nova direita, e Ada Colau, prefeita de Barcelona e líder global do movimento municipalista de esquerda – também foi objeto de análise. Santamaría (2022) estudou a ética do cuidado durante as quatro primeiras ondas da doença no país hispânico, colocando a lógica do cuidado e o populismo no centro do debate. O cuidado, enquanto dever político para com um povo, pode ser compreendido considerando-se a infraestrutura social, política e institucional; o trabalho material; e as condições sociais, emocionais e estruturais que possibilitam à maioria das pessoas viver bem. O cuidado, de um

lado, estrutura relações sociais, e de outro, constrói fronteiras coletivas de pertencimento.

Ambas as líderes são consideradas por Santamaría (2022) como populistas. Pela abordagem feminista do populismo, nos esclarece a autora, o cuidado é reconhecido como fundamental para a vida, substituindo a economia como principal objetivo da política. Ela observa a oscilação performativa entre as diferentes versões do eu político, a partir da tríade da representação populista apresentada como: a representação performativa do líder, do seu povo e de seu inimigo [a pandemia da Covid-19, neste caso]. Os líderes, a depender de sua posição no espectro político podem construir o “nós” homogêneo e excludente, como no populismo de direita, ou heterogêneo e inclusivo, como no de esquerda. A centralidade do cuidado na política é ponto de partida para combater o populismo de direita e sua lógica excludente entre os que merecem cuidado e os que não merecem.

O estudo *netnográfico* das práticas discursivas digitais indica que Ayuso, representante da nova direita, alinha-se com o *ethos* de um bom sujeito neoliberal, que se apresenta como o próprio entretenimento, ocupando o lugar de indivíduo celebridade, engraçado, otimista e infinitamente resiliente, autônomo, empreendedor, desprovido de fragilidades, e desconectado do cerne dos problemas sociais. Ayuso estimulou o individualismo, culpou imigrantes pelo aumento de casos de Covid-19, ridicularizou a situação de estudantes bolsistas que recebiam auxílio para alimentação. Ela está visualmente presente nos *posts*, em escolas ou hospitais, porém, o cuidado está ausente. Já Colau, representante da esquerda, se apresenta como autêntica, sem pretensão de ser perfeita, com fotos sem filtro; a autorrepresentação é menos personalizada, valorizando a atuação dos profissionais de saúde, sem se promover. O cuidado assume enfoque social e coletivo, e não individual, e se estende às unidades familiares. Há defesa de que os serviços sociais sejam reforçados para que todos possam ser incluídos. As mensagens de otimismo associam-se a apelos para ações coletivas, à paz, ao antirracismo.

As conclusões de Santamaría (2022) são no sentido de que os desempenhos de cuidados apresentam significativas diferenças a depender do posicionamento no espectro político. Enquanto o comprometimento com a nova direita leva à personalização que estimula o descuido institucional, a liberdade em detrimento da responsabilidade, o entretenimento e o consumismo ao invés dos compromissos

sociais, os chamados imperativos de positividade que promovem desconexões em relação à necessidade de cuidados; o alinhamento com a esquerda coloca a vida no centro da política, abordagem inclusiva orientada para a democracia, promovendo ativismo e projetos colaborativos. A lógica feminista na análise do populismo revela o descuido excludente neoliberal e da nova direita e a necessidade de estabelecimento de hierarquias de cuidado.

Por fim, a pesquisa de Schröter (2022) se debruça, à luz do metadiscurso, sobre o silêncio e silenciamento da extrema direita política alemã. O trabalho se desenvolve no âmbito da página do *Facebook* do partido político Alternativa para a Alemanha (do alemão *Alternative für Deutschland* - AfD). O autor observa na página com mais de 500 mil seguidores, e a partir de estudos anteriores relativos a publicações e comentários de usuários sobre imigração, a ocorrência de atos comunicativos daquilo que denominou de silêncio explícito. Significa que diante de um *post*, alguns usuários se manifestam informando que não vão se manifestar ou que vão se abster de comentários, ao invés de simplesmente não reagirem. Esse ato intencional e significativo é ambíguo, pois revela a intenção de se ocultar algo que não se pode ou não se quer dizer, o que geralmente envolve motivações negativas de evitação, desligamento, rejeição ou recusa.

O estudo revela que os conteúdos publicados na página do AfD costumam ser provocativos, sensacionalistas e abordam tópicos controversos. Além disso, observou-se que a inibição da comunicação *online* foi reduzida, evidenciando-se a presença de opiniões extremas e discursos de ódio. Por outro lado, e paralelamente, também foi identificado presença de comentários no *Facebook* que refletem o metadiscurso mais amplo por parte da nova direita alemã: afirmam que são silenciados, excluídos e marginalizados dos discursos, fazendo uso do silêncio explícito, que pode ser devido à consciência de evitar opiniões consideradas ofensivas, discriminatórias, escandalosas ou sancionável de alguma maneira. Na verdade, essa escolha tácita em firmar um posicionamento, mesmo sem expressar a opinião, cria uma ambiguidade e imprecisão de forma deliberada e estratégica, transferindo ao outro a responsabilidade de fixar uma interpretação e evitando-se o debate direto (Schröter, 2022).

2.4.4) Efeitos, consequências ou impactos da ideologia da nova direita

Esta categoria observará o conteúdo de nove artigos, produzidos no período de 2011 a 2022, com enfoque sobre os impactos da difusão da ideologia da nova direita. Os achados indicam diversos efeitos em áreas como educação, trabalho, cultura, eleições, racismo e etnopluralismo, e imigração.

Na educação, a pesquisa de Smith (2014) demonstra que o apelo da nova direita europeia e estadunidense para a melhoria educacional guardava articulação de reformas neoconservadoras e neoliberais objetivando padronizar e uniformizar conhecimentos e comportamentos de estudantes – principalmente após os movimentos de contracultura –, além de dar continuidade a amplos processos de privatização do ensino.

O discurso era amplamente aceito, conforme Smith (2014), em decorrência da desconfiança sobre os administradores públicos por quatro razões principais: o declínio do Estado de bem estar e da oferta de serviços públicos, em razão da crise do capitalismo na década de 1970, o que também gerava exigência de maior responsabilidade fiscal; o uso do ensino com enfoque no desenvolvimento de habilidades estudantis que interessassem ao mercado e promovessem destaque na economia; o receio de que a mobilidade de estudantes pertencentes às minorias, em virtude de ações visando o fim de segregação racial, pudesse ameaçar os privilégios da classe média; e a alienação da classe trabalhadora e da famílias das minorias, oriundas da experiência tradicional de educação.

A disparidade de desempenho racial nos EUA integrou a crise do sistema de ensino, exigindo mudanças no financiamento e na elaboração de relatórios que indicassem as falhas da educação. Além disso, os movimentos de direitos civis criticavam duramente, na década de 1970, os testes de inteligência e o uso de resultados simplistas pautados meramente no quociente de inteligência (QI). A retórica da nova direita associada aos resultados dos relatórios e dos testes atribuíam a responsabilidade, de forma implícita ou explícita a determinados indivíduos, instituições ou condições. A simplificação excessiva de temas complexos, reduzindo-se o alinhamento de problemas e respectivas soluções a crenças culturais já estabelecidas, tinham mais fácil aceitação pelo público (Smith, 2014).

Os testes de inteligência entraram em declínio no final dos anos 1970, e outros exames para comparar o desempenho de estudantes de escolas públicas e privadas

foram adotados, como os testes de responsabilização. Nesse caso, esclarece Smith (2014), a performance do aluno é atrelada à escola ou ao professor, repassando-se a responsabilidade pelo desempenho estudantil dos alunos para esses agentes educacionais, tornado as relações entre comunidade familiar e escolar mais hostis, ao invés de incentivar o trabalho conjunto em busca de soluções para os problemas. Ademais, o resultado dos testes de responsabilização acarreta a aplicação de consequências formais ou informais, positivas ou negativas, sobre os educadores e instituições de ensino. Assim, os interesses da nova direita são atendidos, por um lado, por que esses exames acabam por alterar e moldar o comportamento dos docentes, atores políticos locais que interagem com a realidade, atuam na implementação de políticas e influenciam o comportamento de alunos; e por outro, pressionam as escolas a atuarem conforme a lógica de mercado, tornando-se um produto para escolha do consumidor.

O impulso pela renovação educacional também repercutiu nas universidades, no progressivo campo de estudos culturais. Conforme Miller (2011), o discurso da indústria criativa representava a resposta mais vantajosa e favorável diante da emergência da sociedade do conhecimento e da crise de relevância das disciplinas inseridas na grande área de conhecimento humanidades. Para ideólogos do capital humano, a ênfase na pesquisa e desenvolvimento do Estados, indústria e educação eram fundamentais para a economia global. A indústria da informação garantia produtividade e mercados competitivos.

A indústria criativa foi inserida na agenda econômica internacional pela Unesco, alcançando não apenas o produto, mas o processo de desenvolvimento. A nova direita investe na economia evolutiva da indústria criativa, valorizando empresários que reconhecem as inovações tecnológicas como motores de desenvolvimento capitalista, bem como em escolas instrumentais, além de favorecer o desenvolvimento do currículo mais focado na carreira sob alegação de desafios práticos da indústria, culminando na geração de mercados internos e aliança com setores comerciais. A relevância neoliberal recai sobre a criatividade e o incentivo ao conhecimento enquanto inovação, imaginação e pensamento crítico (Miller, 2011).

Mas Miller (2011), após apresentar trajetória histórica sobre a consolidação da indústria criativa, conclui que o uso do adjetivo é vago e permite a qualquer coisa considerada lucrativa ser classificada como “criativa”. Além disso, os esforços para

uma definição mais específica do termo desmascaram uma estratégia otimista de colocar a humanidade no centro da inovação econômica, quando na verdade o lucro e exercício de poder não ocorre entre os empresários culturais das pequenas empresas, e sim entre grandes corporações de meios de comunicação e governo.

Conclusão adicional é de que o discurso atual das indústrias criativas desconsidera consequências críticas, como trabalho precário e a exploração da propriedade intelectual de produtores, sendo os beneficiários das inovações as grandes empresas. O impacto ambiental e sanitário e a poluição também são ignoradas: apesar de ser difundida a noção de supostamente limpas, as indústrias criativas consomem muita água e produzem grande quantidade de detritos, e o lixo eletrônico é uma das maiores fontes de metais pesados e contaminação tóxica no mundo. No ano de 2006, por exemplo, somente a Califórnia enviou cerca de vinte milhões de libras de lixo eletrônico para Malásia, Brasil, Coreia do Sul, China, México, Vietnã e Índia. O imperialismo cultural, no desenvolvimento da indústria criativa, é ignorado (Miller, 2011).

Já a pesquisa de Humphrys e Cahill (2017) ao reexaminar o neoliberalismo na Austrália a partir da crise econômica de 2008, argumenta que, apesar de a narrativa dominante postular que o neoliberalismo foi um projeto da nova direita imposto coercitivamente à sociedade civil, na verdade as organizações trabalhistas e o movimento operário australiano tiveram papel ativo na revolução neoliberal naquele país. Para os autores – que afirmam concordar com o fato de a transformação neoliberal econômica e dos Estados implicar no enfraquecimento do poder do trabalho organizado, assim como no aumento da exploração trabalhista – é preciso considerar que essa doutrina teve desenvolvimento geográfico desigual, que pode atribuir características distintas ao processo de implementação dela.

Os autores, utilizando a Austrália como estudo de caso, defendem que naquele país o desenvolvimento do neoliberalismo, principalmente de 1983 a 1996, se deu pelo governo trabalhista social-democrata e com apoio de movimento operário. Humphrys e Cahill (2017) concluem que o envolvimento dos trabalhadores no desenvolvimento do neoliberalismo não é um fenômeno específico da Austrália e que há indícios de que, tanto no Reino Unido, quanto nos EUA, as alas políticas e industriais do movimento operário estiveram ativas na fase inicial do processo de neoliberalização.

Na América Latina, conforme Lara e Dello Buono (2020), as políticas neoliberais foram obrigatoriamente introduzidas em decorrência de dívidas dos países latino-americanos com organismos financeiros internacionais, no início da década de 1980. Houve a emergência de governos de direita, posteriormente de esquerda, e no século XXI, após cenário de crise prolongada de partidos tradicionais e de abstenções em processos eleitorais, a nova direita renova seus mecanismos de dominação para manter e ampliar seus objetivos, entre eles, o mais importante de todos, proteger o capitalismo neoliberal (Lara; Dello Buono, 2020).

Para Lara e Dello Buono (2020), o imperialismo estadunidense, direta ou indiretamente, cria obstáculos para governos progressistas em instituições financeiras internacionais e incentiva o método de Guerra de Quarta Geração, um conflito em nível tático e multidimensional que emprega recursos políticos, econômicos, sociais ou militares, e ocasionalmente chega ao nível operacional. Essa estratégia associa ações ofensivas simultâneas e permanentes de diferentes tipos e intensidade para manter o foco e atenção de governos progressistas na solução de conflitos, impedindo-o de governar livremente. Ademais, são aplicados “golpes suaves”, em que intermediários removem do governo atores políticos considerados inconvenientes ou incompatíveis com o modelo neoliberal (Lara; Dello Buono, 2020).

No que tange às eleições periódicas, para os pesquisadores, como continuam a ser meio de acesso ao poder, tornam-se intenso campo de batalha. A nova direita utiliza linguagem renovada, inclusive com apropriação de termos do arsenal da esquerda, como promessas de mudanças e melhorias sociais [ainda que excludentes] e busca por uma sociedade menos conflitiva. Também desacredita líderes de esquerda, com acusações – reais, ou não – de corrupção ou de má conduta pessoal; financia partidos de oposição; cria Organizações Não Governamentais (ONG) para realizar trabalhos desestabilizadores, dentre outras estratégias consideradas por Lara e Dello Buono (2022) como subversivas.

Farrall *et al.* (2020) observam que as consequências da ideologia da nova direita podem ser identificadas no comportamento de eleitores décadas depois. A partir dos estudos da relação entre o Thatcherismo⁵¹ como ideologia e os valores e

⁵¹ Os autores defendem que o thatcherismo continua a ser importante dado seu legado político duradouro e a profunda influência e mudanças na sociedade, instituições sociais, econômicas e políticas, no discurso político e nos padrões de votação, além da persistência na definição de agendas.

atitudes dos cidadãos, 40 anos após Margaret Thatcher ter sido eleita primeira-ministra britânica, os autores concluíram que, em alguns casos, a liderança política pode continuar moldando atitudes populares décadas mais tarde, pois alguns valores continuam a ser incorporados em culturas sociais e políticas mais amplas, especialmente se os discursos populares e os meios de comunicação estabelecerem ligações conceituais. A mudança de atitudes não é drástica, estando, por vezes, sujeita a substituições intergeracionais.

A pesquisa revelou que, após quatro décadas e entre os quase seis mil entrevistados, os mais jovens, a partir dos 16 anos, incorporaram mais valores thatcheristas que os mais velhos. A hipótese de Farrall *et al.* (2020), é de que os mais jovens cresceram no contexto de naturalização de valores como desejo de educação privada, gerir o próprio negócio, além de valores neoconservadores. Os autores observam que, apesar de o termo Thatcherismo ter se tornado impopular, conotando período turbulento na histórica recente do Reino Unido, e de os jovens não se autodenominarem como adeptos dessa ideologia, os valores foram incorporados por eles. Isso sugere, conforme os pesquisadores, que embora Thatcher tenha perdido no âmbito do discurso, venceu no campo ideológico.

Outra temática identificada refere-se à emergência do combate ao antirracismo na atualidade. Os estudos de Burnett (2015), indicam que o apogeu do denominado “anti-antirracismo” ocorreu durante o Thatcherismo, na década de 1980. Mas o discurso de oposição foi atualizado e renovado: insere-se no âmbito da integração da Europa Ocidental e apresenta a noção de multiculturalismo, inerente ao movimento imigratório da “não-elite”, como ameaça aos valores culturais do Reino Unido. Essa visão também defende que o combate à imigração não tem conexão com o racismo. Essa mudança moral ou ideológica reflete-se tanto em discursos políticos, quanto em livros e grupos de reflexão e foi provocada pelas incertezas inerentes ao processo de globalização; pelos impactos de medidas de austeridade; pela incapacidade de o Estado proporcionar bem-estar, educação e saúde; por uma esquerda indolente frente ao avanço do projeto neoliberal; e pela ascensão de formas específicas de nacionalismo.

Burnett (2015), a partir de seu artigo de revisão, mostra que o antirracismo é considerado pelos seus opositores como um método de policiamento de comportamento, um tema que invadiu todas as esferas da vida pública, por isso deve

ser refreado, tornado impotente ou aniquilado. Nesse contexto, três novos temas emergem no ressurgente ataque ao antirracismo: o prejuízo à classe trabalhadora branca; ser parte de uma conspiração maior arquitetada por uma elite liberal; e estar ligado a uma definição de multiculturalismo que ameaça a cultura ocidental cristã. Entre os argumentos para esses temas, pode-se mencionar que há sentimentos de raiva e ódio a uma parcela da classe trabalhadora. Essa raiva não é direcionada à proliferação de empregos exploradores e desprotegidos, mas à ideia de que os “nativos” europeus são “bons demais” para empregos pouco qualificados. A classe trabalhadora é considerada violenta, preguiçosa, mal-educada, e pode ser vista como vítima da imigração e da diversidade. Também há repulsa aos benefícios da seguridade social para combate à pobreza, já que há armadilhas para que os malsucedidos, em nome da justiça social, utilizem de malícia para tirar proveito do trabalho dos bem-sucedidos.

Para os adversários do antirracismo, a desigualdade é inerente à diversidade e a “imigração não-elite” e o multiculturalismo conduzem a violência e a criminalidade a índices bastante elevados na história inglesa. Embora as causas desses fenômenos tenham explicação na pobreza, injustiças históricas, racismo e estereótipos de jovens, é na hierarquia cultural que os “anti-antirracismo” encontram as explicações: algumas culturas, como a europeias, são admiráveis; outras, como a muçulmana não, o que torna complexo e difícil a coexistência delas. Soma-se a isso, a defesa de que manifestar atitudes e preconceitos raciais faz parte da natureza humana e que as tentativas para reconhecer, compreender e responder ao racismo são ações equiparadas ao totalitarismo (Burnett, 2015).

Ainda nessa vertente, Rueda (2021) analisa criticamente o etnopluralismo como parte da virada cultural do racismo, ou seja, a passagem do racismo biológico e pseudocientífico para o racismo alterofóbico⁵² baseado em preferências nativistas, étnicas e culturais. O neofascismo, desde a década de 1960, defende a ideia de uma Europa forte, como resposta à influência cultural da URSS e dos EUA após a Segunda Guerra Mundial, e à pretensa padronização global reforçada pelo capitalismo. Esse movimento estratégico significou a passagem lenta e constante da ideia de raça para o particularismo étnico sob o discurso de que diferentes culturas não devem coexistir

⁵² Alterofobia é um neologismo utilizado para expressar o processo social de medo, rejeição ou aversão ao outro, ao diferente de mim.

pois o caráter único de cada uma delas deve ser preservado e respeitado. Mas a ideia de cultura está frequentemente associada à geografia e esse “diferencialismo” é hierárquico e discriminatório.

Os estudos de Rueda (2021) indicam uma das estratégias intelectuais utilizadas foi a fundação do Grupo de Pesquisa e Estudos para a Civilização Europeia (Grece, em francês) em 1968, tendo como um de seus fundadores Alain de Benoist. Esse grupo surge como um *think tank* que empregaria a abordagem metapolítica não para alcançar a vitória eleitoral, mas sim com objetivo de minar lenta, constante e gradualmente os alicerces da democracia liberal e cada vez mais multicultural do pós-guerra. A lógica é de que a consolidação do poder só acontece efetivamente após a conquista da cultura. Assim, o caminho a ser percorrido seria o de focar nas “guerras culturais” contra o liberalismo e a esquerda, uma tática denominada por De Benoist de “gramscismo de direita”.

O etnopluralismo embora não seja uma variante do racismo, pode gerar novas formas de racionalizar tanto a estigmatização étnica, quanto as políticas discriminatórias contra imigrantes não europeus. É uma renovação da xenofobia e representa uma ameaça às sociedades multiculturais pois desafia a possibilidade de coexistência pacífica entre diferentes culturas. Além disso, o etnopluralismo justifica o separatismo étnico, a estigmatização e os acordos coloniais. Essa é a base discursiva para a defesa de posições antimiscigenação (Rueda, 2021).

A legalização do aborto também foi uma temática identificada nesta categoria. Sourojon (2020) se debruçou sobre a tensão quando da votação, em 2018, de projeto de lei na Argentina para autorizar a interrupção voluntária de gravidez. A problemática do aborto é utilizada pelo autor como “campo de observação” que facilita perceber contradições no discurso dos valores neoconservadores e neoliberais da nova direita no âmbito do partido argentino *Propuesta Republicana* (PRO). Os resultados da análise conjuntural indicam que ainda que o PRO não demonstre abertamente discordâncias internas, no caso do aborto essas divergências foram observadas na linguagem (verbal e não-verbal) dos políticos.

Os argumentos da vertente mais conservadora apelavam para a cosmovisão de ética presente na história, tradição e valores, com apelo para crenças e preceitos pessoais, e ataque à liberdade individual, comparada ao egoísmo. Os deputados defendiam que era necessário preservar os valores dos “mais humildes”, recorrendo-

se à descrição romântica dos cenários de pequenos povoados distantes das capitais, em que a moral é forte e as tradições não foram corrompidas pela vida multicultural. O aborto era considerado imoral e decorrente da promiscuidade e da irresponsabilidade, sendo uma demanda imposta por setores acomodados e em contato com concepções estrangeiras e internacionais (Sourojon, 2020).

Por outro lado, os pressupostos defendidos pela vertente mais neoliberal consideraram o corpo como propriedade privada e o aborto como um problema de liberdade – e o projeto político é de liberdade econômica e individual, como proposto por Hayek, ou, enquanto liberdade negativa. O Estado deveria ser neutro e reconhecer a pluralidade da vida humana e a individualidade de cada um. Outro argumento foi reconhecimento das obrigações maternas às mulheres, enquanto o mesmo não ocorria com a paternidade aos homens. Somou-se a isso a defesa de que a cultura do mundo civilizado deveria ser seguida, e que a legalização do aborto poderia ser considerada como uma característica de civilidade e não de selvageria. Na votação de 2018 a legalização do aborto reprovada. Porém, o projeto de lei foi reapresentado e aprovado em 2020 (Sourojon, 2020).

Varga e Buzogány (2021) defendem que a nova direita possui duas faces ou “linhagens” na Europa: a revolucionária-conservadora e a nacional-conservadora. Os autores reconhecem que há uma série de compatibilidades entre o discurso dessas duas vertentes da nova direita e citam, entre outros, a reversão das mudanças oriundas dos movimentos de contracultura do final dos anos 1960 e das emancipações relacionada a gênero; a ideia de solidariedade como resposta ao liberalismo e à economia de mercado; e a apropriação do conservadorismo no campo ideológico das eleições, embora ambas as correntes minimizem tradições conservadoras estabelecidas.

Para eles, a nova direita revolucionária-conservadora emergiu na década de 1960, em resposta às revoltas estudantis de 1968. Essa corrente considera o liberalismo como uma força globalizante que ameaça as identidades ancestrais ao equiparar as sociedades aos mercados. Em relação ao fascismo, é ambivalente e mantém afinidade pela revolução e pela identidade europeia. Nela, conforme Varga e Buzogány (2021), acredita-se que as nações europeias estão ameaçadas por instituições e tendências supranacionais que suprimem as diferenças culturais. Em relação à percepção da história e da geopolítica, apoiam construções político-

econômicas “eurasianas”, opostas à influência dos EUA e aberta à cooperação da Rússia autoritária.

Já a nova direita nacional-conservadora teria emergido com a rede global de direita do pós-guerra, relacionada à emigração de intelectuais alemães e austríacos para os EUA, como Hayek, Mises e Popper, sendo difundida com a criação da Sociedade de *Mont Pèlerin*, em 1947. O discurso dessa corrente concentra-se mais nas ameaças à ordem moral, sendo desenvolvido em oposição ao liberalismo e ao socialismo, valorizando a herança cristã europeia. Essa corrente equipara o liberalismo e o socialismo ao fascismo e mantém afinidade pela restauração e pela ordem. Acredita-se na perda do peso normativo nas sociedades modernas de forma geral. Em relação à percepção histórica e geopolítica, defendem a coesão cultural da civilização ocidental, incluindo os EUA e os países de maioria cristã ocidental na Europa Oriental (Varga; Buzogány, 2021).

As diferenças entre as correntes da nova direita repercutem não apenas na política econômica e social do país, mas, por exemplo, na política climática, em que as atitudes favoráveis à ciência são mais evidente entre os conservadores-nacionais; na política de imigração, com ações mais restritivas pelos conservadores-radicais; nos cuidados durante a pandemia da Covid-19, quando a vertente nacional-conservadora restringiu a liberdade de locomoção dos cidadãos, implementando ações massivas de teste e vacinação (Varga; Buzogány, 2021).

2.4.5) ideólogos, agentes políticos e política externa

Nesta categoria serão analisados nove artigos, com enfoque sobre a influência de ideólogos e agentes políticos da nova direita; impactos na política externa – inclusive na celebração de acordos de livre-comércio e relações exteriores – e na política interna; e ascensão tanto de um populismo de direita quanto da direita negra. Os conteúdos foram produzidos de 2013 a 2023.

O pensamento de Alain de Benoist, ideólogo da nova direita francesa (*Novelle Droite*), germinou na penumbra, permanecendo nas sombras durante muitas décadas, a partir dos anos 1970, conforme os estudos de Frey Nymeth (2018). Mas, devido às circunstâncias políticas do século XXI, como os fluxos migratórios mais intensos de países africanos e árabes para Europa e a crise financeira de 2008,

dispersou-se pelo mundo, recebendo maior atenção. Frey Nymeth (2018) afirma que é importante conhecer o contexto histórico no qual o pensamento de De Benoist foi fomentado, pois a França passava por um intenso processo de mudanças em seu tecido social, especialmente devido ao desenvolvimento econômico proporcionado pelos trinta anos gloriosos (1945-1975), quando a sociedade passou, no curto intervalo de tempo, de majoritariamente agrária, para moderna e industrial. Esse processo levou um século na Alemanha, e mais de dois na Inglaterra.

Além disso, a França – acostumada aos fluxos migratórios de grupos que comungavam de aspectos culturais semelhantes aos seus – passou a receber imigrantes de culturas diversas, principalmente da África negra e da Magrebe árabe. As relações entre nativos e imigrantes foram tensionadas. Ademais, experimentava-se na Europa uma crescente imbricação internacional que tendeu a homogeneizar os povos em conformidade com padrões europeus e/ou estadunidenses, igualando estilos de vida, escala de valores, modelos de consumo. Esse direcionamento decorrente do liberalismo, que transformava tudo em mercadoria, relegou as particularidades nacionais para um segundo plano no âmbito dos processos de internacionalização e retirou dos costumes seculares e da educação tradicional a garantia de privilégios sociais (Frey Nymeth, 2018).

O pensamento de Alain de Benoist, para além do contexto sócio-histórico e político, foi bastante influenciado por Friedrich Nietzsche, Oswald Spengler, Moeller van den Bruck e Carl Schmitt. A crítica à moral e o rechaço aos postulados de igualdade e fraternidade da Revolução Francesa tiveram elevada relevância e são comuns aos pensadores da *Novelle Droite*. De Benoist defende uma sociedade com lugares fixos para os indivíduos, ou seja, que se mantenha uma sociedade com classes estáveis, embora, em sua visão, a burguesia e seus valores devam ser rejeitados. Além disso, o ideólogo francês tem promovido a reinterpretação, atualidade e circulação do pensamento da “revolução conservadora”⁵³ que dominou o pensamento alemão do período entreguerras (Frey Nymeth, 2018).

Um dos objetivos de Alain de Benoist tem sido propagar sua ideologia para alcançar a hegemonia cultural e, como consequência, reformar a sociedade. Nesse

⁵³ Os ideais da “revolução conservadora” na Alemanha estiveram associados, especialmente, ao pensamento político tradicionalista ou espiritualista pagão, sendo crítico do individualismo cristão e do Iluminismo, e, ao mesmo tempo, defensor de sociedades baseadas no valor da hierarquia sacralizada. Esse pensamento da direita reacionária radical, anticapitalista e antimoderna, teve como resultante política principal a fundamentação do regime nazista (Vasconcelos, 2022).

sentido, fundou o Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Civilização Europeia (do francês, Grece), um *think tank* da nova direita do qual continua dirigente até os dias atuais. Além da França, o Grece exerce grande influência na Alemanha, Espanha e Itália. A transcendência política e o alcance das ideias do pensador francês foram possíveis devido à assimilação de ideologias de direita, e, paradoxalmente, de algumas teorias da esquerda marxista, além do não compartilhamento à chamada “russofobia” do campo direitista (Frey Nymeth, 2018).

O ponto de partida da teoria de Alain de Benoist é a identificação do inimigo ideológico, objetivando-se travar com ele uma guerra cultural. Reconhecer o inimigo também serve para definir o posicionamento político que se pretende adotar. Para o estudioso francês, um dos principais inimigos ideológicos é o liberalismo, pois, apesar de ter trazido certo aumento de bem estar, causou a escassez intelectual. Para ele, certos valores culturais foram abandonados e substituídos pelo enfoque mercantil. De Benoist também adotou o conceito de democracia identitária que, baseada na homogeneidade social, torna-se antipluralista e avessa ao parlamentarismo e aos partidos políticos. O pluralismo, supostamente, dissolveria a unidade do povo, ameaçando a sociedade e enfraquecendo o Estado (Frey Nymeth, 2018).

Mas Drolet e Williams (2018) argumentam que, para a nova direita atual, o pluralismo não conduz à fragilização do Estado. A perda de valores tradicionais e o “esvaziamento” de conteúdo positivo de direitos e valores nas democracias liberais têm finalidade definida: incorporar esses direitos e valores às tradições locais, às instituições concretas e aos valores sociais para que sejam “preenchidos” conforme determinações de grupos dominantes na estrutura social e institucional. Desse modo, o significado da igualdade e do conteúdo de direitos pode ser alterado e moldado para atender a interesses específicos.

O pluralismo seria aparente e subordinado à elite liberal, que se utilizaria da suposta fraqueza do Estado como cobertura ideológica para exercício de poder. Para os autores, a partir de Paul Gottfried, o Estado liberal é o instrumento de uma classe política que camufla seu poder sob alegação de estar limitado entre grupos de interesse, com intuito de ter acesso ao poder e de exercer influência sobre os cidadãos. Inclusive, uma importante fonte do poder liberal consiste no controle às instituições culturais e educativas, viabilizando, relativizando ou mesmo restringindo os acessos. Esse poder da ordem liberal não é apenas interno aos Estados: na

verdade, para a nova direita, é intrinsecamente internacional e relacionado à globalização, ao capital transnacional, aos valores ocultos sob a ideologia pluralista e aos fluxos culturais sem fronteira – processos vinculados à ascensão e consolidação do poder estadunidense (Drolet; Williams, 2018).

As instituições internacionais liberais podem ser entendidas como a expressão tanto do poder global do Estado gestor, quanto dos interesses e valores (universalismo e igualitarismo) da elite. Já as relações internacionais são compreendidas como uma ordem que procura transformar o mundo sob princípios supostamente universais, a exemplo dos direitos humanos internacionais que, sob o pretexto de pluralismo e tolerância, representariam uma estratégia neoliberal para excluir valores, direitos e legitimidades “nativas” e possibilitaria a definição ou oposição aos direitos públicos nacionais e valores particularistas (Drolet; Williams, 2018).

Para a nova direita, a teoria internacional não é simplesmente descritiva ou explicativa. É, na verdade, uma forma de ação política que engloba um conjunto de ideias sistemática e historicamente propagadas e insere-se no contexto de apelo à ação, à combinação de luta teórica, cultural e política, muitas vezes descrita por essa ideologia como gramscismo de direita⁵⁴. A propagação da ideologia da nova direita faz parte de um projeto cultural e político, que embora diverso, apresenta correlações transnacionais significativas e, também, questões políticas internacionais intrínsecas, como o imperativo em erradicar culturas supostamente ameaçadoras ou hostis. Esse entendimento, de modo geral, mobiliza estigmas sobre concorrência estrangeira, desemprego, bem-estar e imigração (Drolet; Williams, 2018).

No que tange aos vínculos transnacionais, os estudos de Contreras (2022) apontam que o uso das redes políticas internacionais, formais ou informais, foram bastante úteis para propagar ideologias em diversos países, em especial na América Latina. A dimensão transnacional abarca a dimensão internacional, transpondo territórios e regiões, e prioriza a interconexão, interpenetração, transferência e circulação tanto de ideias, quanto de discursos e bens. As relações internacionais dialogam com as culturas políticas nacionais, onde ocorrem a recepção e entrelaçamento de ideias: diversos atores podem aderir a certas visões de mundo,

⁵⁴ Ver Nota de Rodapé nº 40.

mas a materialização nacional implica em enfrentar as complexidades e culturas em âmbito local.

As redes políticas incluíram embaixadas e parcerias entre universidades para a difusão de conhecimento, assim como a criação de *think tanks*. Na década de 1950, houve um primeiro ciclo de ampliação da Sociedade de *Mont Pèlerin* com o *Hoover Institution* (norte americana) ou *Institute of Economic Affairs* (britânica). Dos anos 1960 até meados da década de 1980, houve um segundo momento de expansão das redes internacionais de *think tanks*, com surgimento, por exemplo, da *Fundação Hanns Seidel* (alemã), *Heritage Foundation* e *ATLAS Network* (estadunidenses), *Fraser Institute* e *Cato Institute* (canadenses), entre outros (Contreras, 2022).

Ainda na década de 1980, foi fundada a *International Democratic Union* (IDU)⁵⁵, com a pretensão de estabelecer uma rede internacional de caráter mais formal, institucional, intelectual e tecnocrático que os *think tanks*. A IDU almejava aproximação com os países da América Latina, promovendo o neoliberalismo e, no caso chileno, assegurando que a transição para a democracia não interrompesse as reformas de mercado promovidas durante a ditadura militar. Na década de 1990, a atuação da IDU e a criação da União de Partidos Latino-americanos (UPLA) resultaram na participação ativa e na organização de novas instituições latino-americanas de direita neoliberal estáveis e orgânicas para debater o impacto dos tratados de livre comércio. As instituições operavam em espaços de *lobby*, diálogo e coordenação entre parlamentares na defesa ativa de interesses, favorecendo a transversalidade de ideias, interferindo em posicionamento, e por vezes, aproximando partidos políticos adversários. Um exemplo foi o caso chileno, quando da celebração do Tratado de Livre Comércio Chile-Canadá, em 1977, o que exigiu o apoio de partidos de centro-esquerda ao partido de direita *Renovación Nacional* (Contreras, 2022).

Para Moiseev *et al* (2023), as diversas dimensões transnacionais da política, os espaços transnacionais e as comunidades identitárias ganham mais espaço na configuração da política mundial. Os autores defendem que a Rússia, três décadas após o colapso da URSS, tem buscado seu lugar e identidade – manifestada na

⁵⁵ A IDU foi criada em 1983 por partidos políticos conservadores, liberais e alguns de centro, de forte tradição anticomunista ou neoliberal de dezenove países, entre eles EUA, Reino Unido, França, Alemanha. A IDU incorporou a União Internacional de Jovens Democratas, criada em 1981, e posteriormente, a União Internacional Democrata de Mulheres. Em 2020, foi considerado o grupo de direita internacional que possui maior número de membros (Contreras, 2020).

religião, etnia, experiência histórica, linguagem e ideologia –, principalmente após os acontecimentos de 2014, com a anexação da Crimeia, e do ano 2022, com a guerra da Ucrânia⁵⁶; e no contexto da globalização. A construção desse mundo globalizado e uniforme, decorrente da hegemonia dos EUA e dos modelos impostos pelas organizações internacionais governadas pelo Ocidente, é, muitas vezes, inadequado para os países em desenvolvimento, e culturas diversas como a árabe, a chinesa, a indiana e a russa. O conservadorismo, nesse sentido, se apresenta, de um lado, como poderoso antagonista do discurso globalista ao estilo estadunidense, e de outro, como difusor da defesa do mundo multipolar ou policêntrico.

Moiseev *et al* (2023) identificam mudanças no discurso e pronunciamentos do presidente Vladimir Putin, desde 2007, que insere acusações de imposição de estereótipos ideológicos e de padrões pelo Ocidente, e, posteriormente, o destaque à necessidade de preservar a identidade russa, seus valores espirituais e morais tradicionais, seu patrimônio cultural e histórico, seu povo. Também é mencionado pelo presidente que o desenvolvimento cultural e social da Rússia contrasta com o modelo liberal ocidental que implica em valores materialistas, igualitários e cientificistas, concebido como liberalismo de esquerda, e combatidos, desde a década de 1960 pela nova direita, e desde os anos 2010 pelos EUA, com a chamada direita alternativa, compreendida como um movimento mais populista. Putin tem buscado cooperação internacional no contexto em que as configurações políticas não se limitam a interações das grandes potências, e incorporam dimensões transnacionais. O modelo clássico dos atores políticos internacionais centrado no Estado começam a ser considerados falhos, pois carecem de uma visão multidimensional que permita refletir as oposições políticas, contra-elites e grupos de interesse (Moiseev *et al*, 2023).

Na ciência política russa, o paradigma civilizacional no âmbito da geopolítica vem ganhando grande destaque devido a quatro modelos: via euro-atlântica; abordagem neo-euroasiana; abordagem isolacionista; e via bizantina. No primeiro caso, considera-se que a Rússia, assim como EUA, integra a civilização europeia, e esses três atores, juntos, devem substituir a ordem mundial ultrapassada por uma nova, inter-civilizacional, baseada no reconhecimento de valores como tradição cultural e civilizacional cristã; democracia; abandono a práticas de resolução de

⁵⁶ A invasão da Ucrânia pela Rússia ocorreu em 24 de fevereiro 2022 e persistiu até o momento de finalização desta Tese.

conflitos pelo uso da força. Na abordagem neo-euroasiana, em que se identificam os europeus, os russos, os islâmicos e os chineses, as civilizações – áreas geográficas e culturais que podem incluir vários Estados, e são unidas por atitudes espirituais, ideológicas, psicológicas, experiências históricas, e que têm os limites idênticos aos das religiões mundiais – objetiva-se o reconhecimento mútuo deles como centros multipolares, além da abstenção a conflitos entre si. Os conservadores europeus são vistos possíveis aliados russos (Moiseev *et al*, 2023).

No terceiro modelo, a abordagem isolacionista – cujo conceito de civilização relaciona-se aos povos ou conjunto de povos controlados pelo Estado e isolados da configuração geográfica do mundo – defende que a Rússia deveria firmar aliança com Irã e China para enfrentar rivais geopolíticos. Os russos estariam isolados tanto pela configuração geográfica, quanto por estar próxima a territórios sob influência dos EUA e de outros centros de poder. Por fim, no quarto modelo, o da via bizantina, os aliados para a Rússia estariam no Oriente, em especial Índia e Irã, assim como na Europa. Neste modelo, entende-se a civilização como associada ao estágio de desenvolvimento, e, ao mesmo tempo, a um super sistema supranacional, uma comunidade com essência universal baseada na tradição espiritual e moral. O globalismo moderno e o neoliberalismo colocariam toda a civilização mundial em perigo, pois desencadeiam guerras entre ricos e pobres, fortes e fracos. Os valores tradicionais e o fator civilizacional tornam-se denominador comum para o diálogo da Rússia com diferentes países, inclusive os hostis aos russos (Moiseev *et al*, 2023)

A adoção do sistema de valores tradicionais pela Rússia representa uma oportunidade de construção e expansão de diálogo com as civilizações, Estados, ou forças sociopolíticas que possuam pontos de vista conservadores semelhantes. O uso desse sistema visa preservar, apoiar e reproduzir fundamentos básicos da sociedade, como a religião, a cultura, a família, e, paralelamente, opor-se ao individualismo, igualitarismo, ateísmo, culto da razão, relativismo moral e cosmopolitismo. Nesse sentido, os russos aproximam-se da nova direita, compreendida como ideologia seguidora de atitudes conservadoras-revolucionárias, que pretende a preservação da identidade europeia como centro de civilização mundial. As ideias são propagadas pelos *think tanks* Grece e *Club de l’Horloge*, que partilham pesquisas sobre os problemas de integração da Europa Ocidental. A política cultural é compreendida como elemento chave para a política internacional europeia. E o confronto entre

doutrinas políticas e ideológicas, de acordo com os autores, camufla as disputas para consolidação cultural (Moiseev *et al*, 2023).

Outro estudo analisado nesta pesquisa, o de Caro, Quitral e Riquelme (2022), defende que o contexto de crise econômica de 2008 e os processos migratórios acentuados com a guerra civil na Síria, desde 2011, favoreceram a ascensão da nova direita radical na Europa e EUA. Há, ainda, o surgimento de partidos populistas autoritários em diversos países, como Áustria, Itália, Holanda, Polônia, Suíça. A vitória eleitoral de Donald Trump nos EUA, em 2016, representou a consolidação do fenômeno de avanço desse populismo de extrema direita, que decorre de um processo de repolitização e contestação tanto das normas e das instituições, quanto da ordem internacional liberal. As matérias internacionais, como as relacionadas a defesa e segurança nacional, comércio exterior e inteligência, têm implicações derivadas das mudanças internas ideológicas, econômicas e culturais. Assim, a política externa e a política interna se fortalecem e se influenciam mutuamente.

A condução da política externa dos EUA no período de 2017 a 2021, durante a presidência de Trump, um referente para a nova direita radical, apresenta o nacionalismo e o personalismo como características mais contundentes desse governo populista. Ações como os bloqueios e impedimentos relacionados às correntes migratórias; a retirada dos EUA do Acordo de Paris e do Tratado de Associação Transpacífico (TPP, na sigla em inglês); a crítica ferrenha tanto aos acordos de livre comércio, quanto ao multilateralismo, especialmente contra a Organização Mundial da Saúde (OMS) durante a pandemia da Covid-19, são atributos do nacionalismo trumpista (Caro; Quitral; Riquelme, 2022).

Além disso, observa-se na política externa a substituição da retórica baseada na construção e estabilização de nações e da difusão da democracia e de valores ocidentais, pela confiança nas forças armadas e no papel do conflito como instrumento político. O objetivo é gerar coesão e apoio entre os partidários de certos ideais, a partir da identificação do “nós”, os bons, e dos “outros”, os maus, ou seja, reconhecer os inimigos conforme a noção de Carl Schmitt. Trump é considerado o porta-voz do “daltonismo político e moral” e populista, com características do fascismo italiano, como a emotividade irracional, a obsessão por teorias conspiratórias, a visão do diferente como ameaça e a promessa de restaurar um passado saudosista repleto de grandeza mística. Os questionamentos ao Estado de direito e às garantias do

pluralismo democrático; o discurso antiglobalista; o isolacionismo acentuado com a crise mundial decorrente da pandemia da Covid-19; e a culpabilização da China pela propagação do vírus também são mencionados (Caro; Quitral; Riquelme, 2022).

Em relação ao personalismo, Trump se apresentou como próspero empresário, homem de negócios hábil e exitoso, e reduziu o interesse nacional a relações pessoais, assim como os complexos assuntos internacionais a negociações bilaterais, ainda que às custas da estabilidade internacional. A aproximação, à época, a líderes populistas, como Vladimir Putin, presidente da Rússia, Benjamin Netanyahu, primeiro ministro de Israel, e Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, atendeu mais a interesses pessoais que nacionais. Além disso, o personalismo de Trump se revelou no uso da máquina pública objetivando o alcance a interesses próprios, a exemplo da nomeação do genro para o cargo de conselheiro e enviado especial nas relações entre Israel e Palestina (Caro; Quitral; Riquelme, 2022).

A consolidação de empresários como líderes políticos também ocorreu na América Latina. Essa nova forma de fazer política foi tema da pesquisa de Mariana Mendonza (2020) sobre a construção da imagem política dos ex-presidentes do Chile, Sebastián Piñera (2010-2014 e 2018-2022), e do Peru, Pedro Pablo Kuczynski (2016-2018). O discurso de ambos – não como mero ato enunciativo, mas como prática que gera transformação na realidade social, considerando-se o contexto histórico – abarca a ineficiência dos mecanismos até então adotados para gerir o Estado, bem como a urgência no combate à corrupção, e, principalmente, com a possibilidade de eles realizarem mudanças se vitoriosos no processo eleitoral.

Os dois candidatos constroem suas imagens políticas a partir de quatro mecanismos: primeiramente, o discurso de distanciamento da esfera política e de pertencimento ao mundo empresarial como competência distintiva para uma gestão pública aprimorada. Essa perspectiva relaciona-se com o segundo mecanismo, a eficiência, apresentada como meio para sanar o mal funcionamento do Estado. Os candidatos valorizam a experiência e expertise adquirida na iniciativa privada, baseada na tecnocracia e no mérito individual, para promoverem a mudança “pró-futuro”. O terceiro é a construção de uma espécie de vocação pública e de sacrifício pessoal, em termos simbólicos e econômicos, em prol do progresso coletivo. Por fim, o quarto mecanismo é a afirmação de possuírem a capacidade necessária para

promover as mudanças urgentes e desejáveis na sociedade, principalmente se considerado o fracasso da política em momentos anteriores (Mendonza, 2020).

As privatizações na América Latina, decorrentes do neoliberalismo, favorecem o ativismo empresarial e, também, a adoção de estratégias discursivas no período eleitoral, a exemplo das utilizadas por Piñera e Kuczynski. Essas estratégias contribuem para o apelo à implementação de uma nova forma de governar dirigida por tecnocratas e especialistas capazes de promover as mudanças necessárias no governo, além de fortalecer a ideia de renovação como meio para alcançar a aceitação pública de representantes do empresariado. Esse contexto denota a participação na política como garantia à continuidade do modelo socioeconômico cuja hegemonia foi interrompida pelos chamados governos pós-neoliberais (Mendonza, 2020).

No Brasil, o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), significou, de acordo com os estudos de Mattos e Silva (2021), um subproduto da crise estrutural da Nova República brasileira; a expressão institucional da ascensão da nova direita no Brasil; e, um período de paralisia histórica, denominado pelos autores como interregno, nos termos de Gramsci, sendo o bolsonarismo o seu principal sintoma mórbido. A Nova República é apresentada como a manifestação brasileira de um fenômeno mundial, iniciado na década de 1960, baseado no conceito de tolerância, em que há apoio ao pluralismo liberal; reconhecimento da multiplicidade de expressões culturais, étnicas, sexuais e de gênero; e consolidação da democracia, após a ditadura militar. A esse campo semântico nomeou-se de “politicamente correto”. A crise da Nova República foi originada na corrosão do pacto sociopolítico elaborado durante a reconstrução democrática nas décadas de 1980 e 1990, agudizada pelos efeitos da crise de sociabilidade capitalista na fase neoliberal pós-2008 (Mattos e Silva, 2021).

Essa corrosão dos fundamentos ideológicos e estruturais é explicada a partir de sete movimentos articulados: o ativismo judicial; a politização dos quartéis militares; a crise da centro-direita – tendo como pilares as crises da direita moderna e democrática e do “pacto pemedebista”⁵⁷; a crise da sociabilidade neoliberal; as revoltas do precariado – relacionado à precarização e flexibilização do trabalho e, da mesma forma, à acentuada pauperização das classes populares em todo o mundo; o

⁵⁷ O pacto pemedebista é apresentado como elemento estruturante da dinâmica institucional da Nova República no Brasil. O pemedebismo, como fenômeno político central gestado durante a oposição à ditadura militar, defende a premissa de necessidade de supermaiorias parlamentares para a manutenção da governabilidade no país (Mattos e Silva, 2021).

avanço político do neopentecostalismo – com perfil conservador no campo político e moral, ancorado na perseguição religiosa e na ameaça comunista, e baseado na teologia da prosperidade; e, por fim, como resultado dos demais movimentos, a ascensão da nova direita, uma resposta brasileira à crise de hegemonia e à incapacidade das classes dirigentes de manter o pacto de dominação estabelecido pela Nova República. A combinação desses sete movimentos resulta no processo de esgotamento da Nova República (Mattos e Silva, 2021).

O bolsonarismo é considerado pelo autor como um fenômeno de base popular, tal como o fascismo histórico, tendo, porém, o precariado como núcleo de sustentação. O bolsonarismo se revelou com potencial de capturar o signo da revolta sistêmica no sentido ultraconservador; de adotar o politicamente “incorreto”; e de refletir uma agenda pública baseada no negacionismo científico, no conspiracionismo, no anticomunismo, no aumento expressivo de candidatura de membros das forças armadas e das corporações policiais em cargos eletivos, e na militarização dos cargos públicos. Inclusive, Mattos e Silva (2021) afirma que durante o governo Bolsonaro, o número de militares ocupando esses cargos teve aumento de mais de 100%, um quantitativo elevado até se comparado com o período de ditadura militar no Brasil. Soma-se a essa agenda pública, o incentivo à percepção das conquistas sociais com ressentimento ou “raiva cultural”, principalmente pelo precariado masculino e/ou branco. Esse sentimento de raiva e exclusão é considerado um importante componente da ascensão política e ideológica do conservadorismo contemporâneo (Mattos; Silva, 2021).

Ramos (2021) menciona que a política de ódio coincide com políticas neoliberais a pró-capitalismo, e serve para gerir contradições de governos. O autor estudou a expressão do novo populismo de direita com base na vitória de Rodrigo Duterte para presidência das Filipinas, com mandato de 2016 a 2022. O êxito do candidato filipino significou uma marca da tendência iliberal trinta anos depois do regime autoritário de Fernando Marcos no país. Duterte rejeita abertamente a democracia e os direitos humanos e seus compromissos de campanha relacionaram-se com as promessas de mudança, considerando-se o suposto fracasso das elites liberais anteriores; a garantia da segurança e da ordem, incluindo o combate às drogas e à criminalidade; e a descentralização do domínio político e econômico de Manila, capital do país. Sob a justificativa de honrar os compromissos de campanha, o líder

populista se utilizou de uma série de práticas autoritárias e iliberais, como por exemplo, promover o assassinato de supostos traficantes e usuários de drogas; prender opositores; atacar as liberdades civis e individuais e os meios de comunicação independentes de Manila; e destituir chefes do Judiciário (Ramos, 2021).

As condições para perpetuar tanto a doutrina econômica neoliberal, quanto as práticas autoritário-iliberais, são fomentadas pelo projeto neoliberal de despolitização e mercantilização de todos os setores da sociedade. A despolitização pode ser entendida como o legado político do neoliberalismo, em que se constrói o domínio do Estado como local de comportamento individual, egoísta e propenso à corrupção. Nesse contexto, é favorecida a simbiose entre práticas neoliberais e autoritário-iliberais sob a liderança de políticos do novo populismo de direita. Nas Filipinas, essa política foi impulsionada, entre outros fatores, por processos estruturais e avanços tecnológicos; pela confluência de forças globais e tradições locais específicas; pelo uso da violência performativa enquanto violência bruta, para a efetivação de ordens e ampliação de poder e autoridades pessoais; e pela insatisfação e descontentamento da sociedade com as formas limitadas das instituições democráticas liberais de garantirem a lei, a ordem e os serviços públicos eficazes (Ramos, 2021).

A política iliberal funciona como uma proteção ao neoliberalismo e, mesmo com o aumento dos ataques populistas contra a democracia liberal – inclusive ao sistema de freios e contrapesos e às garantias de direitos individuais civis e humanos – os governos realizam gestões para que as contradições possam continuar existindo, de modo que o neoliberalismo e o capitalismo global permanecem preservados. A ascensão da nova política populista de direita é considerada, ao mesmo tempo, uma reação ao neoliberalismo, e um projeto dele (Ramos, 2021).

Outro tema abordado nos artigos que integram este tópico cinco é a ascensão da direita negra nos EUA. Henry (2023) inicia seu trabalho com a frase um famoso reverendo negro, Jupiter Hammon, que pode ser traduzida como “sempre existiram conservadores negros”. Mas, Henry (2023) defende que daí a existirem direitistas negros, desde os afro-britânicos da era pré-Guerra da Independência estadunidense, até os republicanos negros do governo Nixon, seria algo difícil de ocorrer. Isso por que os negros, embora com diferentes perspectivas, acreditavam que seus destinos estavam ligados na luta pela igualdade. E, a direita, em geral, considera o negro como não-americano; o “outro”; uma raça de cultura inferior.

As raízes da direita negra estariam no neoconservadorismo, um conjunto de mudanças sociais para a direita do espectro político, liderada por Ronald Regan. Essas mudanças assentam-se em, ao menos, três fatores. O primeiro, a rejeição da política de identidade do final dos anos 1960 e 1970 associada à reafirmação da hegemonia branca. O segundo, a reação tanto do declínio econômico, representado pela formação da OPEP, quanto do militar, com a derrota na Guerra do Vietnã. E, por fim, os questionamentos dos valores liberais da década de 1960, no âmbito dos movimentos de contracultura, refletidos em temas como aborto, quebra de tabus sexuais, secularismo (Henry, 2013).

O neoconservadorismo possui duas vertentes que podem ser conflitantes: a direita religiosa e a direita intelectual. No primeiro caso, os questionamentos giravam na crítica aos valores culturais emergentes, como consumo de drogas, direitos das mulheres, direitos dos homossexuais, religião nas escolas. No segundo, a direita intelectual questionava o crescimento do governo e dos gastos públicos com políticas sociais e afirmativas, e abordava temas relacionados a violência e política externa. A criação de diversos *think tanks* e o uso de revistas e jornais como *The Public Interest* e a *Commentary* relacionavam-se com essa vertente (Henry, 2013).

Os precursores da direita negra nos EUA podem ser identificados nos neoconservadores negros que refutam a luta coletiva histórica do grupo e atacam os movimentos pelos direitos civis, como Herman Cain – quando da breve candidatura ao cargo eletivo de presidente dos EUA, em 2012, demonstrando que poderiam atrair eleitores conservadores brancos. Entre as características dessa direita estão a crença no capitalismo; o anti-sindicalismo; a oposição a políticas afirmativas; a negação de direitos da mulher e da diversidade; e o apoio ao individualismo extremo, que além de rejeitar o destino negro coletivo, considera a identidade negra como um fator limitante (Henry, 2013).

O papel histórico da religião e da igreja negras como centro da política negra também são fundamentais e ressaltados por Henry (2023) para compreender a ascensão da direita negra. Inicialmente, os escravizados eram incentivados, no período anterior à Independência dos EUA, a adotar o cristianismo como religião. Duas vertentes foram adotadas por eles: a considerada clandestina, baseada no Livro do Êxodo, e na qual os escravizados se identificavam com os hebreus oprimidos na escravidão do Egito – tradição em declínio no século XX e reavivada por Martin Luther

King. A segunda vertente, aceita pelos então senhores, era baseada no Evangelho de Paulo, pregada por brancos e negros. Ensinava-se aos escravizados a obediência para que pudessem receber a recompensa celestial. É majoritária e utilizada por líderes, religiosos e políticos, como Cain. Para essa prática, é individual o relacionamento com o Deus que acompanha esses homens em momentos de dificuldade e permite que eles possam aferir lucros (Henry, 2013).

Essa compreensão guarda enorme semelhança com a teologia da prosperidade, que favorece o surgimento de megas igrejas cristãs, mantendo a noção calvinista de que a riqueza é para os escolhidos de Deus. A teologia da prosperidade não só aceita, como promove a desigualdade devido ao materialismo e individualismo extremo. Embora essas características sejam contrárias à tradição cívica da igreja negra – cujas lideranças vêm sofrendo tentativas de serem suplantadas desde Regan, inclusive com republicanos negros –, são fundamentais para a narrativa republicana conservadora que racionaliza a desigualdade como fracasso do indivíduo e não como estrutural ou sistêmico (Henry, 2013).

2.5 Consensos e dissensos: diálogos sobre a nova direita

Para o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, o diálogo entre os artigos tenderá a seguir o encadeamento lógico das cinco categorias nas quais os conteúdos foram inseridos. Essa metodologia permitirá observar e explorar convergências – que podem parecer repetitivas – e divergências entre os textos para, ao final, termos um panorama investigativo mais amplo e sólido. Como era de se esperar – considerando-se o estudado até agora – o termo ‘nova direita’ possui definições e características distintas. Por vezes os conceitos aproximam-se; em outros momentos, afastam-se. Em relação à primeira categoria de análise, que aborda “Elementos conceituais, conteúdos ideológicos e/ou características da nova direita” e é composta por dez artigos, há consenso de que a nova direita é um fenômeno global com impactos relevantes na sociedade.

No que tange à origem da nova direita, a maioria dos pesquisadores (90%) compreende como um fenômeno contemporâneo, decorrente da segunda metade do século XX, e apenas um deles, Mattos e Silva (2021), como mais recente, oriundo do século XXI. Cowan (2018) acredita que a gênese da nova direita poderia se relacionar

ao movimento de Direitos Civis nos EUA, década de 1960. Já Bar On (2012), Von Egger (2021) e Copsey (2013a) defendem os primórdios na França (*nouvelle droite*), a partir de 1968. Para esses três autores, os ideais da nova direita francesa foram propagados para vários países na Europa, assumindo caráter local e, posteriormente, transnacional e também continental (nova direita europeia). Ao mesmo tempo, a ideologia neodireitista teria sido difundida para diversos países do mundo (Bar On, 2012; Von Egger, 2021; Copsey, 2013a).

Drolet e Willians (2022) concordam com o início da nova direita francesa no final dos anos 1960, e mencionam também a vertente estadunidense, relacionada ao movimento paleoconservador, embora não apontem um momento determinado de criação. Alves (2000) considera que a Inglaterra, no final dos anos 1970, e os EUA, início da década seguinte, foram os pioneiros da nova direita no mundo. Por fim, Marvakis (2015), Michelsen, De Orellana e Buranelli (2023) e Rocha (2022) não especificam nos artigos estudados data e lugar determinados de surgimento da nova direita. Um brevíssimo resumo sobre a definição da nova direita para cada um desses dez artigos estudados será apresentado na Tabela 3, abaixo:

Tabela 3: Conceitos e características

Pesquisador(es/as)	Como a nova direita é conceituada:	Características (campo econômico e social)
Alves (2000)	Fenômeno plural, contemporâneo, inserido na tendência mundial de revitalização da direita. Exerce ferrenha crítica ao modelo igualitarista do segundo pós-guerra. Origem a partir do final dos anos 1970 e seguintes na Inglaterra e nos EUA, manifestando-se na América Latina ao final de 1980. A autora reconhece a pluralidade do uso do termo “nova direita.”	Movimento neoliberal e conservador.
Cowan (2018)	Movimento transnacional que une a reação social, religiosa e cultural conservadora com doutrinas econômicas neoliberais renovadas e radicais. O Brasil é considerado <i>lócus</i> crítico para gestação da nova direita, principalmente pela atuação de ativistas cristãos conservadores.	“Casamento” neoliberal-conservador.
Rocha (2022)	No Brasil, fenômeno facilitado pela reação conservadora diante dos avanços progressistas, tanto do Estado quanto da sociedade civil, e do crescente antipetismo. Começa a se consolidar no país em 2006, tendo o auge a partir de 2016. Faz uso da “contrapublicidade”.	Frente ultraliberal-conservadora.
Mattos e Silva (2021a)	Fenômeno internacional com tensão permanente entre o dogmatismo do mercado e o <i>ethos</i> conservador. No Brasil, o movimento origina-se em 2006, tem ascensão a partir de 2013 e converte a hegemonia ideológica em capital político em 2018, com as eleições presidenciais.	Amálgama liberal-conservador.
Bar On (2012)	Movimento transnacional, posterior a 1968, pan-europeu, heterogêneo, etnopluralista, com diferentes tendências ideológicas. Possui concepção revolucionária e modernista. Nega a igualdade e o igualitarismo.	Movimento antiliberal e anticonservador.

Von Egger (2021)	Corrente intelectual originada no final dos anos 1960, na França, para travar guerras culturais. No século XXI, tem sido traduzida em política real, como por exemplo em eleições democráticas.	“Fascismo federalista”. Crítica o liberalismo.
Copsey (2013a)	Movimento transnacional, etnopluralista, originário na França no final dos anos 1960. É considerado uma “permutação revisionista do neofascismo”.	Antiliberal; anti-imigração, avesso aos EUA.
Drolet; Williams (2022)	Vanguarda intelectual que impulsionou ideologicamente a revitalização da direita radical em diversos países do mundo. Origem francesa, a partir de 1968. Nos EUA, origem relacionada ao paleoconservadorismo.	Antiliberal e conservador.
Marvakis (2015)	Movimento antissistema, nacionalista radical, que se apropria de necessidades e esperanças não cumpridas da sociedade para mobilizar grandes massas. É o protoplasma de um novo fascismo.	Neoliberal e nacionalista
Michelsen; De Orellana; Buranelli (2023)	Assembleia política global vagamente delimitada; um corpo de ideias que articula o internacionalismo reacionário para unir governos populistas conservadores a antiliberais, populistas religiosos, monarquistas e autocratas. Favorece a formação de alianças oportunistas com objetivo de dismantelar as normas internacionais liberais e o pluralismo democrático.	Despreza o igualitarismo e políticas participativas. Relativiza direitos internacionais.

Fonte: elaborado pela autora com base nos artigos investigados no Capítulo 2 desta Tese (2024).

Infere-se dos estudos apresentados na Tabela 3, acima, que a nova direita está sujeita ao contexto histórico, social e territorial no qual está inserida. A vertente neodireitista que reconhece a vanguarda francesa (*nouvelle droite*) caracteriza, em geral, a nova direita como antiliberal e anticonservadora. As linhagens inglesa e estadunidense a definem como liberal ou neoliberal, e conservadora. Para Rocha (2022), no Brasil, a nova direita é ultraliberal-conservadora e para Mattos e Silva (2021), o amálgama liberal-conservador. Quatro publicações consideram a nova direita como a renovação ou revitalização de uma “velha” direita. Ademais, os países mais citados como exemplos de desenvolvimento da nova direita são França (60%), EUA (50%) e Brasil (50%). Nesta Tese, como já estabelecido anteriormente, a nova direita será considerada ao amálgama do neoliberalismo e do neoconservadorismo (Pereira, 2016; 2019; 2023; Pinelli, 2024).

Duas características da nova direita que aparecem com frequência nos conteúdos estudados são o autoritarismo (90%) e o combate ao comunismo (60%). Além disso, identificou-se o populismo (50%), o ativismo político (4%), a rejeição à esquerda (40%) e o etnopluralismo (40%). No que tange ao ativismo político, Cowan (2018) destaca o papel das Igrejas no estímulo à politização e engajamento dos fiéis e também à atuação desses ativistas cristãos para unir elites reacionárias e conservadoras. Bar On (2012) menciona além dos ativistas sociais militantes, a

atuação dos *think tanks* para propagar os ideais neodireitistas. Mattos e Silva (2021) não faz menção explícita a ativistas, mas ressalta a atuação dos *think tanks* como um dos pilares necessários para a ascensão de um contrapúblico radicalizado de direita, e também para o processo de formação ideológica e de formadores de opinião da nova direita, entre os quais pode-se inserir os ativistas militantes.

Em relação ao etnopluralismo ou etno-diferencialismo, Copsey (2013a) o considera como uma característica marcante da nova direita. O conceito desenvolvido por Alain de Benoist relaciona-se ao fato de raças e etnias não serem necessariamente superiores ou inferiores, mas diferentes e incompatíveis. Para Bar On (2012), o etnopluralismo não descarta as noções biológicas ultrapassadas de pertencimento cultural, sendo, na verdade, uma forma disfarçada de racismo. Copsey (2013a) concorda, inclusive, resumindo o etnopluralismo como “racismo cultural”. Na mesma esteira, Von Egger (2021) afirma que o etnopluralismo tem a finalidade de viabilizar modelos políticos que reflitam e reproduzam as desigualdades dos seres humanos como se fossem “naturais”.

Além disso, a partir do etnopluralismo a nova direita rejeitaria a imigração por considera-la uma força culturalmente prejudicial para as sociedades ‘anfitriãs’ e ‘nacionais’ – ainda que considere a responsabilidade não do imigrante, mas das nações industrializadas que reduzem a humanidade a mercadoria que pode ser realocada em qualquer lugar – e estabelece uma *etnocracia* baseada no cuidado prioritário e no domínio legal, econômico e cultural dos europeus ‘originais’ sobre os não europeus (Bar On, 2012; Marvakis, 2015).

Outro ponto que chama atenção na primeira categoria de análise é o fato de a nova direita ser considerada tecnologicamente avançada (50% dos artigos). Para Drolet e Williams (2022), o uso da tecnologia possibilita a manipulação em escala não mensurável e movimentos disruptivos para romper com o igualitarismo e reestruturar uma relação entre o local e o global. Além disso, a nova direita promove a disponibilização de conteúdos em diversos idiomas como francês, inglês, espanhol, alemão, italiano, holandês, polonês e tcheco (Bar On, 2012), seja em portais eletrônicos, seja no uso de redes sociais e *blogs* (Bar On, 2012; Rocha, 2022; Mattos e Silva, 2021). Esses espaços digitais são utilizados como arena cultural para as disputas políticas ancoradas no uso da metapolítica (Bar On, 2012; Von Egger, 2021; Copsey, 2013a; Mattos e Silva, 2021; Drolet; Williams, 2022).

Essas duas estratégias, o uso da Internet e da metapolítica, também são identificadas como relevantes na segunda categoria de análise (item 2.4.2), composta por seis artigos: “Estratégias e/ou metodologias de difusão da ideologia da nova direita”. No que tange à utilização da Internet, Maly (2019 e 2020), Watson e Barnes (2022) e Copsey (2013b) acreditam que esse uso não ocorre de forma isolada, mas associado a outros métodos de comunicação tradicionais, constituindo mídias híbridas. Maly (2019) defende que as combinações *online* e *offline* são complementares e fundamentais para o desenvolvimento e consolidação de um ativismo *online* (sociotécnico e algorítmico). Esse ativismo, capaz de viralizar e republicar conteúdos específicos e de promover sua aceitação social, é utilizado como parte da relação comunicativa populista.

A retórica populista tem sido beneficiada pelo uso da Internet e de redes sociais (Watson; Barnes, 2022; Schulte-Cloos, 2022; Soares; Sousa Junior, 2022). No caso dos partidos de direita radical, essa retórica tem amplificado ressentimentos e queixas antissistema e elevado os descontentamentos sociais em diversas temáticas conservadoras, como as relacionadas à erosão das identidades de gênero tradicionais e aos elevados níveis de imigração, especialmente na Europa (Schulte-Cloos, 2022). Os ressentimentos extremados favorecem o sentimento de aversão ou ódio a segmentos específicos, como à esquerda e ao feminismo (Maly, 2020); a mulçumanos e ao multiculturalismo (Copsey, 2013b); a imigrantes (Schulte-Cloos, 2022); a profissionais da educação e professores (Soares; Sousa Junior, 2022). A difusão do ódio por um determinado segmento da sociedade assemelha-se a movimentos autoritários do pós-Primeira Guerra Mundial, especialmente o fascismo e o nazismo (Soares; Sousa Junior, 2022).

Em relação à metapolítica, 50% dos artigos da Categoria 2 apresentam-na como uma importante ferramenta para difusão dos ideais neodireitista. A metapolítica, adotada por diversos movimentos estadunidenses e europeus identitários e de nova direita (Maly, 2020), é central para que a luta política seja precedida pela batalha cultural, no sentido gramsciano do termo (Maly, 2019; Maly, 2020; Copsey, 2013b). O objetivo é criar, explorar e direcionar fluxo de informações para produzir e hegemonizar o pensamento que rejeita a democracia liberal, a esquerda e a tradição radical do iluminismo, utilizando-se, na atualidade, de influenciadores e ativistas digitais (Maly, 2020). A microcelebrização de *influencers* (Maly, 2020); o

micropopulismo e o populismo educacional nas redes sociais (Watson; Bares, 2022); e a demonização do inimigo construído, inclusive pela difusão da música politizada (Copsey, 2013b), são alguns dos processos favorecidos pela arquitetura digital.

No que concerne à terceira categoria “Análise de conteúdos e/ou discursos”, composta por seis artigos, a relação entre a nova direita e o mundo digital permanece evidente. Romancini e Castilho (2019) identificam, entre outros achados, que o discurso de políticos e de intelectuais de direita na Internet além de fortalecer crenças, estimula determinadas ações dos internautas, como por exemplo, o ativismo legislativo em prol do programa Escola Sem Partido (ESP) e também a formulação de denúncias de suposta doutrinação por professores em ambiente escolar.

As narrativas dos agentes da nova direita costumam se basear no transdiscurso, perpassando pelo discurso político, econômico, religioso e militarista, e mobilizam emoções em detrimento da razão: são apelativos e inflamados (Romancini; Castilho, 2019; Moraes, Oliveira; Moraes, 2019; Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023; Schröter, 2022). Também utilizam a retórica de acusação, indignação e provocação (Moraes, Oliveira; Moraes, 2019; Schröter, 2022); propagação do medo e de teorias da conspiração e desinformação, especialmente em momentos de incerteza e/ou instabilidade social (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023; Schröter, 2022); discurso ideológico moralizante e redutor de direitos de minorias e da justiça social promovida pelo Estado democrático (Silva; Ferrari; Caetano, 2022).

A análise de discurso pelos pesquisadores da terceira categoria de análise também revelou a personalização crescente da política, com líderes realizando pronunciamento com base no senso comum e em canais não clássicos, adotando posicionamento público e privado muito aproximados (Moraes, Oliveira; Moraes, 2019). Além disso, pode-se mencionar a repetição recorrente de palavras ou expressões específicas (Moraes, Oliveira; Moraes, 2019), a exploração estratégica de “vazios de dados”, a instrumentalização de tragédias para propagar visões de mundo (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023), e o desenvolvimento de narrativas neodireitistas que constroem o “nós” homogêneo e excludente, em detrimento do heterogêneo e inclusivo (Santamaría, 2022).

Outro ponto percebido é a constante defesa de o discurso ideológico da nova direita ser supostamente neutro devido ao uso de conceitos a-históricos ou metafísicos, como Deus, natureza e nação (Moraes, Oliveira e Moraes, 2021). Além

disso, observa-se o uso do silêncio explícito, enquanto ato intencional, aberto e deliberado de se manter silente frente a determinada pauta, promovendo o constrangimento de outros exteriorizarem suas opiniões (Schröter, 2022). Ao mesmo tempo, e de modo contraditório, permite que esses mesmos indivíduos afirmem que são silenciados e tenham seus discursos marginalizados (Schröter, 2022).

Em relação aos “Efeitos, consequências ou impactos da ideologia da nova direita”, abordados na quarta categoria de análise, que possui nove artigos, observa-se que são diversos. No caso da indústria criativa, por exemplo, os investimentos da nova direita em inovações tecnológicas que ampliam o desenvolvimento capitalista desconsideram consequências críticas como exploração da propriedade intelectual por grandes empresas, elevada produção de lixo eletrônico e poluição ambiental (Miller, 2011). Na área da educação, há direcionamento para padronizar e uniformizar o comportamento de estudantes e professores (Smith, 2014), além de haver estímulo para que os estabelecimentos de ensino respondam à lógica de mercado e desenvolvam currículos voltados mais para práticas industriais que atividades reflexivas (Smith, 2014; Miller, 2011).

Outra consequência é a propagação sutil no imaginário social de estereótipos, preconceitos e discriminações, como o racismo (Smith, 2014), e de sentimentos de repulsa e ódio a públicos marginalizados (Smith, 2014; Brunett, 2015; Rueda, 2021). Imigrantes, negros e outras minorias são vistos como ameaça à cultura ocidental cristã. Emergem pautas contrárias à luta antirracista, sob justificativa de defesa de direitos de trabalhadores brancos, assim como contra Estados que promovam seguridade social no combate à pobreza (Brunett, 2015). Esses e outros valores naturalizados na sociedade podem levar à incorporação intergeracional de culturas sociais e políticas distorcidas e terem repercussão no comportamento eleitoral, especialmente no de jovens, como ocorreu no Reino Unido, quatro décadas depois do thatcherismo (Farrall *et al.*; 2020).

Os impactos sobre o trabalho também são relevantes: enfraquecimento do poder trabalhista organizado e aumento da exploração e da precarização do trabalho (Humphrys; Cahill 2017; Miller 2011). Além disso, governos progressistas e a própria democracia são atacadas, seja com uso de métodos como o de Guerra de Quarta

Geração⁵⁸ (Humphrys; Cahill 2017), seja a partir da abordagem metapolítica de *think tanks* criados para essa finalidade (Rueda, 2021). A produção científica é desacreditada e há uma série de outros retrocessos conservadores em avanços decorrentes de lutas sociais seculares e também do período contracultural, a exemplo das emancipações relacionadas a gênero (Varga; Buzogány, 2021) e discussões sobre aborto (Sourojon, 2020).

Por fim, a quinta categoria de análise, integrada por nove artigos, está intitulada “Ideólogos, agentes políticos e política externa”. Observou-se, de modo geral, que Alain de Benoist é reconhecido como o “pai” da nova direita francesa (Frey Nymeth, 2018), e Olavo de Carvalho é mencionado como propulsor da nova direita no Brasil (Mattos e Silva, 2021b). De Benoist apropria-se de conceitos elaborados por Antonio Gramsci, principalmente no que tange à guerra no campo das ideias, para propagar ideologia, originando o que se chama de ‘gramscismo de direita’ (Frey Nymeth, 2018; Drolet; Williams, 2018; Mattos e Silva, 2021b). A guerra cultural prioriza a difusão, interpenetração e circulação de determinados conteúdos a partir de interconexões nacionais e, principalmente, internacionais, seja pela criação e atuação de *think tanks*, seja pela formação de redes políticas e parcerias com embaixadas e universidades, entre outras estratégias (Frey Nymeth, 2018; Drolet; Williams, 2018; Contreras, 2022).

No mundo globalizado e uniformizado, a atuação dos agentes políticos tem impactos diretos na política interna e externa de seus países, tanto pela celebração de acordos internacionais, quanto pelo fluxo cultural e de bens, não restrito a fronteiras territoriais. O objetivo é fortalecer aliados e subordinar, ou mesmo erradicar, culturas consideradas ameaçadoras ou hostis (Drolet; Williams, 2018; Contreras, 2022). A hegemonia estadunidense e a imposição de modelos por organizações internacionais ocidentais, favorecem o cenário de emergência de líderes populistas e extremistas de direita, como Vladimir Putin, na Rússia (Moiseev *et al*, 2023; Caro; Quitral; Riquelme, 2022), Donald Trump, nos EUA, Benjamim Netanyahu, em Israel (Caro; Quitral; Riquelme, 2022), Jair Bolsonaro, no Brasil (Caro; Quitral; Riquelme, 2022; Mattos e Silva, 2021) e Rodrigo Duterte, nas Filipinas (Ramos, 2021). Também há a consolidação de empresários como líderes políticos, como Sebastián Piñera, no Chile, e Pedro Pablo Kuczynski, no Peru. Soma-se a isso, a atuação de líderes religiosos

⁵⁸ Guerra de Quarta Geração é um conflito em nível tático e multidimensional que emprega recursos políticos, econômicos, sociais ou militares, e ocasionalmente chega ao nível operacional (Lara; Dello Buono, 2020).

que adotam narrativa republicana conservadora para justificar a desigualdade como relacionada aos desígnios de Deus e associada ao fracasso individual, e não decorrente de um processo assimétrico estrutural e sistêmico (Henry, 2013).

O discurso desses líderes populista é personalista e carregado de emotividade irracional (Caro; Quitral; Riquelme, 2022) e do uso de violência performativa (Ramos, 2021). Pode-se identificar em mais de 60% desses artigos da quinta categoria de análise, entre outras características: a rejeição à democracia e aos direitos humanos; o enaltecimento ao mérito individual, incentivando o individualismo social; a crítica ao Estado de direito supostamente egoísta e propenso à corrupção, logo, passível de salvação urgente por esses mesmos líderes; o incentivo a práticas preconceituosas e racistas; a promessa de restauração de um passado saudosista repleto de grandeza mítica; a redução do interesse nacional a relações pessoais; e a transformação do descontentamento da sociedade em raiva e ressentimento cultural e ódio político.

O cenário apresentado a partir da análise desses 40 artigos e organizados em cinco categorias de análise contribui com o avanço dos estudos desta Tese.

Capítulo 3: Análise *netnográfica* do *TikTok*

Neste capítulo, propõe-se analisar como o território virtual tem sido utilizado e apropriado pela nova direita. A *netnografia* foi a estratégia metodológica adotada para investigar, na rede social *TikTok*, a ocorrência desse fenômeno. As pesquisas centraram-se no perfil de quatro políticos criadores de conteúdo em países onde houve expansão da nova direita nos últimos anos: EUA/Donal Trump, Espanha/Santiago Abascal, Brasil/Jair Bolsonaro e El Salvador/Nayib Bukele.

3.1 Caracterizando o *TikTok*

O *TikTok* é uma rede social chinesa que permite a criação e o compartilhamento de vídeos curtos. Inicialmente, os conteúdos poderiam ter até 60 segundos de duração, porém, com os ajustes e aperfeiçoamentos, a plataforma permitiu que os conteúdos pudessem chegar a dez minutos. Lançada em 2017 no mercado mundial, a plataforma emergente aproximou-se, em pouco mais de cinco anos, dos números de usuários das gigantes *YouTube*, *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram*, criadas, respectivamente, em 2005, 2006, 2009 e 2010. Rompendo com a hegemonia estadunidense, o *TikTok* ocupou, em 2023, o quarto lugar entre as redes sociais mais utilizadas no mundo, mantendo a liderança no ano seguinte, em relação ao tempo de uso mensal, que ultrapassa 34 horas (*We are social, Meltwater*, 2024). Também se destacou, em 2024, por ingressar no *e-commerce* estadunidense, unindo consumo e entretenimento. A estratégia fez com que o *TikTok Shop*⁵⁹ superasse as famosas *Shein* e *Sephora* em vendas *online* nos EUA (Lopes, 2024).

O crescimento exponencial do *TikTok* ocorreu de 2020 a 2023. O número de usuários passou de 800 milhões para 1,5 bilhão nesse período. O sucesso pode ser atribuído a alguns fatores, entre eles a origem da plataforma e a finalidade de entretenimento durante o isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19. Em relação à procedência, o *TikTok* resulta da fusão de duas redes sociais também

⁵⁹ Até 2024, o *TikTok Shop* somente estava disponível nos EUA e em fase de teste nos mercados do Reino Unido e Ásia (Olha Digital, 2023).

chinesas, o *Douyin*⁶⁰, em sua versão internacional, e o *Musical.ly*⁶¹. Quando da unificação com o *Musical.ly*, em 2018, os 200 milhões de inscritos da plataforma e seus conteúdos, migraram automaticamente para o *TikTok*, com inovações como a possibilidade de reagir aos vídeos e usar filtros tipo realidade virtual (Klug, 2018). O *TikTok* reunia, em um único aplicativo, recursos e ferramentas mais desenvolvidas, sofisticadas, e de fácil utilização para edição de vídeos pós-produção, o que não ocorria, até então, com as concorrentes.

Outro fator de sucesso do *TikTok*, para além da ampliação de recursos multimodais, foi a incorporação de diversas estratégias voltadas à monetização dos usuários. Conforme informações da própria plataforma, os criadores de conteúdo recebem dinheiro baseado em visualização dos vídeos publicados no perfil do *tiktoker* (a cada mil visualizações) e no cumprimento de metas diárias estabelecidas pela plataforma – o que pode incluir assistir a vídeos específicos, responder a pesquisas ou enquetes direcionadas, e convidar amigos para se cadastrarem na rede social (TikTok, 2025)l. Além disso, há monetização ao participarem de programas como o de Recompensas do Criador (para aqueles que possuem mais de 10.000 seguidores, entre outros requisitos) ou usarem ferramentas como o *Creator Marketplace* que conecta marcas anunciantes com produtores de conteúdo para fazerem divulgação e propagandas de seus produtos (*marketing* de afiliados).

O aumento de popularidade e downloads do *TikTok* coincide, em grande medida, com o período da pandemia da Covid-19. Decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como emergência de saúde pública internacional de março de 2020 a maio de 2023, a pandemia significou não apenas uma crise sanitária, mas também econômica, política, social e cultural, com impactos no *modus operandi* da sociedade global, alterando-o permanentemente, mesmo após a fim da crise sanitária. Novos arranjos sociais foram forjados naquele contexto nefasto que provocou, conforme dados da OMS, a morte de mais de 15 milhões de pessoas no mundo (WHO, 2022), número que se aproxima ao da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. O

⁶⁰ O *Douyin*, lançado pela *ByteDance* exclusivamente na China, em 2016, é uma interface de vídeos curtos, com foco em *live shopping*. Nela os usuários poderiam vender produtos ao vivo. Foi criada, em 2017, a versão internacional, para usuários fora da China, com o nome *TikTok* (Klug, 2018).

⁶¹ O *Musical.ly* foi criado em 2014. A rede social, permitia a produção de vídeos com sincronização labial; edições de coreografias e dança baseada em música, principalmente sem sincronização labial; e reencenação de sequências de palavras de forma dramática, especialmente em vídeos de comédia e esquetes. Destinava-se ao público pré-adolescente (Klug, 2018).

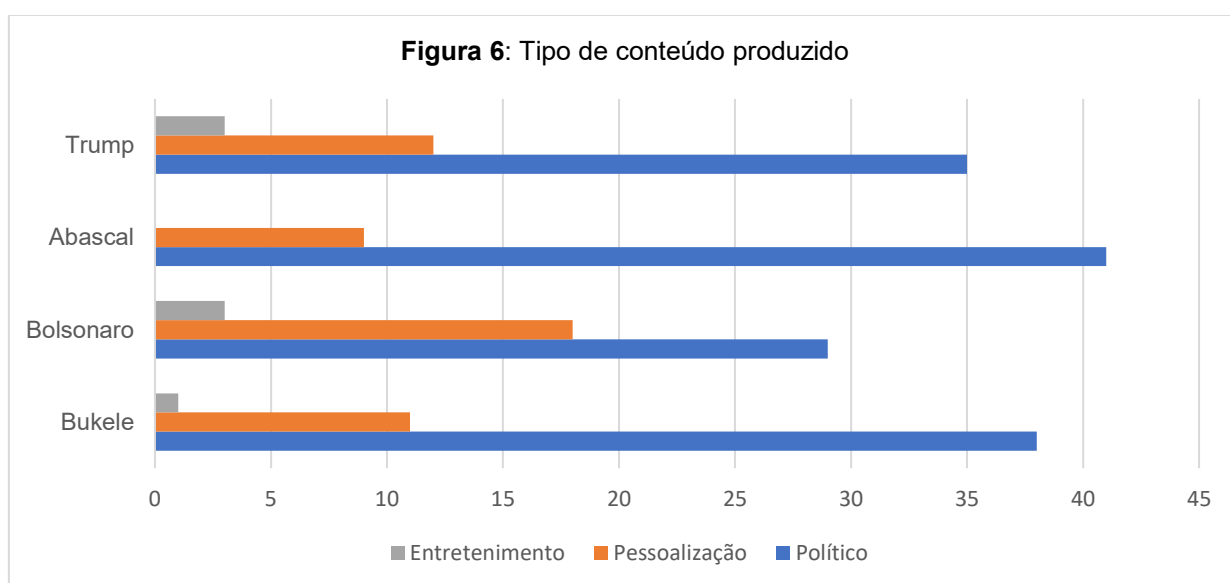
momento exigiu o distanciamento e isolamento social como medidas para mitigar a propagação do vírus, até que a vacina fosse desenvolvida para imunizar a população.

O digital foi enaltecido como mediador das formas de interação e o ciberespaço firmou-se como *lócus* de ocorrência de relações sociais. O consumo digital e o uso das redes sociais foram catapultados, principalmente pela disponibilidade de utilização em *smartphones*, ainda que, como mencionado anteriormente nesta Tese, os artefatos tecnológicos não estejam homogeneamente distribuídos no globo. Trabalho, educação, comunicação, ócio, cultura, praticamente tudo perpassava o digital. Acredita-se que o sucesso do *TikTok* nesse período pode estar relacionado não apenas à possibilidade de consumo de conteúdo de entretenimento, mas pela viabilidade de também produzir e viraliza-los com celeridade na Internet.

Porém, a expansão rápida e vertiginosa do *TikTok*, especialmente no período em que o mundo vivenciava a pandemia da Covid-19, veio acompanhada de receios e acusações por outras potências tecnológicas. Os EUA, por exemplo, acusaram a rede social de representar uma ameaça à segurança nacional pela possibilidade de repasse de dados de usuários estadunidenses à China e por espionagem, o que é negado pela plataforma (Figueiredo, 2020). Donald Trump, presidente em seu primeiro mandato à época, tentou banir o uso da rede social em seu país, embora não tenha logrado êxito. Joe Biden, que assumiu o governo em 2021, revogou medidas adotadas por Trump, apesar da persistência de acusações sobre uso indevido de informações. Em junho de 2024, quando Biden anunciou lei que poderia efetivamente banir a plataforma no país, Trump se disse favorável à permanência da rede social chinesa (Shepardson, CNN Brasil, 2024). Inclusive, no período de campanha eleitoral para presidência dos EUA em 2024, Trump criou seu perfil no *TikTok*, e pôde utilizar a plataforma para se comunicar com os mais de 13 milhões de seguidores, e alcançar visualizações da ordem de 120 milhões. Esse fato denota o potencial multiuso da plataforma, apesar de ela ser reconhecida como de entretenimento. É esse potencial de múltiplas comunicações que faz com que tenha sido selecionada para a realização da pesquisa *netnográfica*.

3.2 Trajetória investigativa

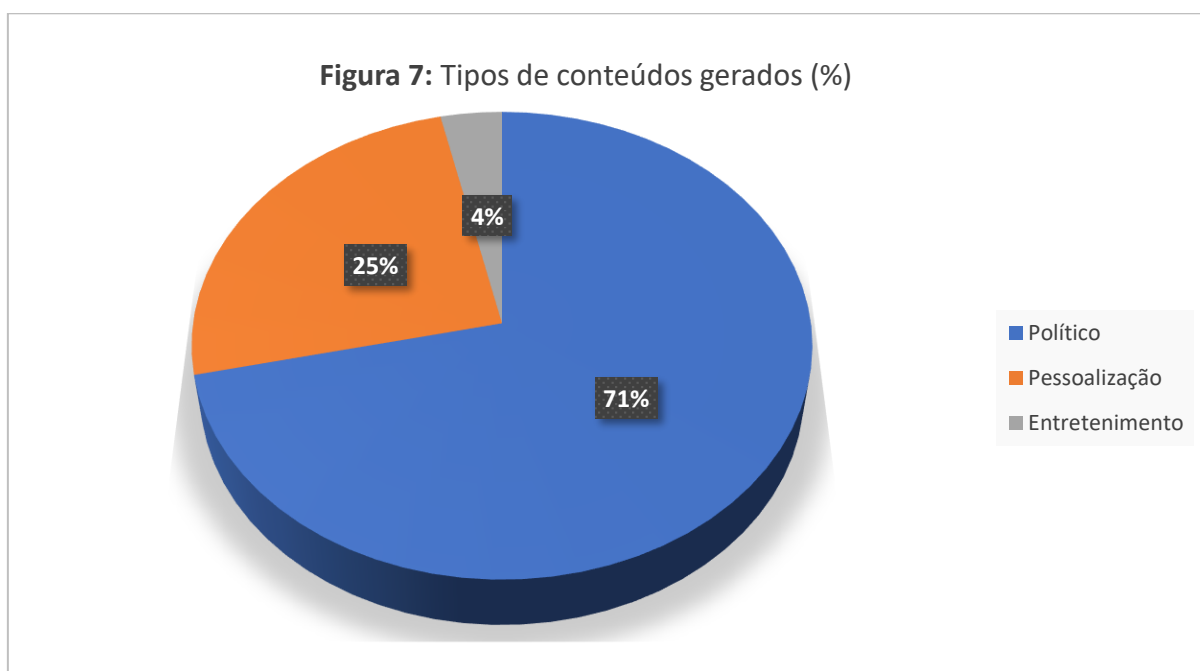
O percurso metodológico para a análise quanti-qualitativa, conforme mencionado na Introdução desta Tese, iniciou-se com a formação de um *corpus* de 200 vídeos a partir da coleta de dados no perfil de políticos criadores de conteúdo no *TikTok*, em quatro países: EUA/Donald Trump, Espanha/Santiago Abascal, Brasil/Jair Bolsonaro e El Salvador/Nayib Bukele. Foram selecionados os 50 vídeos mais populares, ou seja, os que possuem maior engajamento em cada canal. A própria plataforma possui recurso de classificação desses conteúdos. A fórmula utilizada para ordenar os vídeos não está completamente clara, mas infere-se que considera número de visualizações, curtidas e comentários, entre outros. As principais métricas de cada vídeo foram coletadas (análise quantitativa) e dispostas em tabela em formato *Excel*. A partir de análise qualitativa preliminar, os vídeos do *TikTok* foram classificados em entretenimento, humanizador ou personalizado, e político. O resumo dos resultados pode ser conferido na Figura 6, abaixo:



Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados no TikTok de Trump, Abascal, Bolsonaro e Bukele (2025).

Considerando essa amostra de 50 vídeos publicados por cada um, observa-se que Abascal não divulgou nenhum vídeo de entretenimento, Bukele apenas um, e Bolsonaro e Trump, menos de cinco, ou seja, menos de 10% do total. Bolsonaro é o que mais utiliza a plataforma para publicar conteúdos de humanização ou personalização, o que representa 36% do total, e Abascal, o menor, com 18%. O conteúdo político foi predominante em todos os canais. Em termos percentuais,

Bolsonaro, o que tem menor índice, produziu quase 60%; seguido de Trump, 70%; Bukele, 76% e Abascal, 82%. Reunindo-se todos os vídeos, totalizando 200, e compilando o resultado geral por categoria, tem-se que apenas 4% dos vídeos são de entretenimento, 25% de humanização ou pessoalização, enquanto mais de 70%, político, conforme Figura 7, abaixo:



Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados nas contas de *TikTok* @realdonaldtrump; @santiabascal_; @bolsonaromessiasjair; @nayibbukele.

Os resultados gerais, principalmente os relativos ao tipo de conteúdo veiculado no *TikTok*, corroboram os achados de outros estudos, como os de Travesedo-Rojas, Gll-Ramirez e Chamizo-Sánchez (2023); Gamir-Ríos e Sánchez-Castilho (2022); Cervi, Tejedor e Lladó (2021) sobre o uso ideopolítico da plataforma.

A partir desses dados quantitativos gerais, passou-se à análise quanti-qualitativa de cada um dos 40 vídeos selecionados. Os conteúdos foram investigados por país/perfil e, conforme descrito na Introdução, item I.IV.I, o enfoque recaiu sobre aqueles classificados como de conteúdo político, ainda que seja possível mencionar outros vídeos de entretenimento ou pessoal, para melhor compreensão do fenômeno estudado. Além dos 40 vídeos, também foram observados os dez primeiros comentários⁶² de cada um, totalizando 400. Relembre-se que as escolhas dos países

⁶² Não foi identificado nos manuais do *TikTok* ou Central de Ajuda da plataforma quais os critérios utilizados para ordenar os comentários dos vídeos. Sabe-se que não é cronológica, e relaciona-se mais

e perfis relacionaram-se à expansão da nova direita nesses territórios, bem como pelo fato de esses atores políticos serem figuras públicas importantes no processo democrático de suas nações, além de terem atuação expressiva na rede social, como descrito no item I.IV.II. Os cuidados éticos adotados foram explicitados no item I.IV.III.

A coleta de dados foi realizada manualmente no perfil oficial dos quatro *tiktokers* políticos, no período de 31/10/2024 a 14/11/2024, ainda que a análise quantitativa tenha ocorrido em momento posterior. Os dados, inclusive o *link* de cada vídeo, foram dispostos em tabela elaborada com categorias construídas a partir da observação da rede social e das métricas por ela disponibilizadas, além de estudos preliminares sobre a plataforma⁶³, como descrito no item I.IV.II. A pesquisadora atuou apenas como observadora (*lurker*), sem contato direto ou interação com os seguidores ou comentaristas no canal.

O uso da tabela foi fundamental por possibilitar armazenar, compilar e comparar os dados dos canais dos *tiktokers*. É importante lembrar que as métricas da rede social são dinâmicas, e apresentam variações no decorrer do tempo, embora não alterem os resultados do que se pretende estudar. Um exemplo é o número de seguidores em cada perfil. No caso de Trump, quando do levantamento de dados nos primeiros dias de novembro de 2024, ele tinha 12,7 milhões de seguidores. Com o resultado da eleição ocorrida alguns dias depois, e da vitória do empresário estadunidense à presidência de seu país, esse número aumentou substancialmente e, em poucas semanas, ultrapassou os 14 milhões. Em junho de 2025, o novo valor era próximo a 14,5 milhões. O mesmo ocorre com as demais métricas, mas essas alterações não modificam o resultado do objeto estudado.

Para melhor compreensão dos conteúdos, a análise *netnográfica* foi iniciada com breve contextualização do processo histórico de formação dos Estados nacionais. Ressalte-se que não houve aprofundamento da temática, mas tão somente apresentação de um panorama geral, com fins específicos de situar o leitor. Em seguida, foi apresentado o eu digital de cada um dos *tiktokers* políticos, que não se refere ao indivíduo que utiliza a rede social, mas sim à persona criada para socializar naquele território digital. O eu digital transmite ou manifesta a personalidade desejada,

ao número de curtidas e de respostas. Por isso, os dez comentários selecionados foram os dez primeiros que apareceram. Alguns comentários podem ser fixados manualmente pelo proprietário da conta.

⁶³ Conforme Tabelas 1 e 2 desta Tese.

seja de modo consciente, ou não. Ademais, não corresponde necessariamente às características identificadas no indivíduo no mundo real. O eu digital é complexo: define o estilo de sociabilidade do internauta e expressa interesses no mundo digital.

A próxima etapa será de análise *netnográfica* propriamente dita de cada um dos vídeos selecionados. As principais métricas dos conteúdos audiovisuais serão apresentadas em formato tabela, contendo:

- **Ranking de visualização:** posição do vídeo, conforme ordem entre os “mais populares”, entre os 50 selecionados. As demais métricas dão pistas sobre o engajamento gerado e potencial de propagação nas redes sociais.
- **Data de publicação:** dia, mês e ano em que o conteúdo foi publicado. É fundamental para contextualizar a narrativa e identificar acontecimentos pontuais para a compreensão do vídeo.
- **Tempo do vídeo:** o tempo ideal de vídeo indicado para o *TikTok*, conforme a própria plataforma, é de 10 a 15 segundos, porém, os conteúdos podem ter até dez minutos. Observar o tempo dos conteúdos gerados pelos atores pesquisados nos ajuda a compreender como os conteúdos são criados e as finalidades de uso da plataforma.
- **Visualização:** indica quantas vezes o vídeo foi assistido e não necessariamente a quantidade de pessoas que viram. O maior número de visualizações afeta o algoritmo, ampliando a chance de o conteúdo ser visto por novos públicos. Mas, não significa engajamento profundo, pois alguns conteúdos podem ter muitas visualizações e poucas interações reais, como curtidas e comentários.
- **Curtida (*like*):** expressa aprovação do interlocutor. O maior número de curtidas indica relevância, e reforça a imagem do criador de conteúdo como influente ou popular.
- **Compartilhamento:** indica que o internauta considerou o conteúdo relevante ou interessante. Ao compartilhar, é expandido o alcance orgânico do vídeo, pois pode ser enviado para outras redes sociais, como *WhatsApp* e *Instagram*. O compartilhamento potencializa o efeito viral.
- **Vídeo salvo:** quando um conteúdo é salvo, sugere-se valor contínuo, pois o vídeo pode ser revisto de forma mais rápida e prática.

- **Descrição/Título/chamada:** percebeu-se que alguns vídeos possuem frases similares a descrição, títulos ou chamadas que dão pistas aos consumidores de conteúdo sobre opiniões e temas que serão abordados na produção audiovisual.
- **Hashtags (#):** símbolo que funciona como etiqueta para ajudar os usuários a descobrir, compartilhar e interagir com conteúdo que considerem relevante. Conforme a plataforma, auxiliam a alcançar um público mais amplo e a aumentar a visibilidade do conteúdo publicado.
- **Legenda:** alguns vídeos publicados possuem legenda no idioma local, mas também em outro idioma, o que pode indicar diversidade de público. Será indicada se houve uso de legenda, e em qual idioma.

Após a tabela, foi apresentada figura com quatro cenas, em média, de cada vídeo. A decisão de trazer as figuras foi principalmente para tornar o conteúdo mais tangível e concreto. Além de facilitar a compreensão, as imagens funcionam como extensão e evidência visual do texto. O passo seguinte descreveu o que ocorre no vídeo, de forma objetiva, priorizando elementos centrais, como ações principais, protagonistas, elementos e/ou efeitos visuais e sonoros marcantes. Por fim, foi realizada a análise do conteúdo e apresentação dos comentários do vídeo, com agregação de dados. Os comentários expressaram apoio (explícito ou implícito/sugerido); oposição (explícito ou implícito/sugerido); ou neutro/não identificado. Feitas essas considerações, passa-se à análise *netnográfica*.

3.3 EUA

Os EUA é um dos maiores países do mundo: o quarto maior em extensão territorial, com mais de nove milhões de km², e o terceiro em população, com cerca de 340 milhões de pessoas. Colônia britânica de 1607 a 1776, quando declarou sua independência, os EUA mais que dobraram o tamanho do país com aquisições como do território da Louisiana comprada da França; Flórida, da Espanha; e anexação do Texas, entre outros. O período foi marcado por forte violência, expropriação de terras, expansão agrícola e produção industrial. Obras de infraestrutura, como rodovias, ferrovias, hidrovias, e de comunicações contribuíram para aumentar o grau de

especialização produtiva, produção mecânica e unificação do mercado nacional, especialmente a partir de meados do século XVIII (Sebben; Silva, 2018).

A tríade indústria, infraestrutura e protecionismo marcou o modelo de desenvolvimento estadunidense. Isso não significou homogeneidade no processo. Ao contrário, o Sul do país era latifundiário escravagista, enquanto o Norte, industrial, e o Oeste, de agricultores independentes. As tensões acirradas culminaram na Guerra Civil Americana, conhecida como Guerra de Secessão, entre 1861 e 1865. A vitória nortista significou a intensificação do protecionismo tarifário e a abolição da escravidão. Também permitiu a formação de um território continental, uma economia nacional forte e autocentrada, e a aliança entre Estado nacional e capital financeiro, que favoreceriam a nacionalização, tanto do Exército como do sistema bancário, e o imperialismo estadunidense. Nos anos 1900, o país já era a maior economia mundial, com destaque para a produção de aço e consumo de petróleo (Sebben; Silva, 2018).

Em 1904, para consolidar a hegemonia estadunidense nas Américas, o presidente Theodore Roosevelt redefiniu a Doutrina Monroe afirmando que os EUA poderiam intervir militarmente em países da América Latina que tivessem mau comportamento crônico e afrouxamento nos laços de civilidade, sob a escusa de garantir estabilidade e proteger os interesses da região (Fiori, 2009). A entrada na Primeira Guerra Mundial, em 1917, significou a luta pela hegemonia na Europa e a conquista de poder global (Fiori, 2009). Quase três décadas depois, após a Segunda Guerra Mundial, a superpotência capitalista enfrentaria a oposição da superpotência socialista, URSS, no conflito que ficou conhecido como Guerra Fria (Hobsbawm, 1995; Fiori, 2009).

O final do século XX nos EUA foi de relativa prosperidade econômica e consenso político. Sob a liderança do presidente democrata Bill Clinton, de 1993 a 2001, o multilateralismo foi relevante com a criação, por exemplo, do Acordo Norte-americano de Livre Comércio (Nafta)⁶⁴, a ativação da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec) e o incentivo à Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Nesse período, a China foi considerada concorrente estratégica; houve incentivo ao fortalecimento dos novos Estados independentes da antiga URSS, o que significaria, em termos práticos, fragilizar a Rússia; e também preocupações com armas de destruição em massa (Guimarães, 2002). George W. Bush, republicano que governou

⁶⁴ O Nafta foi substituído pelo Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA) em 2020.

de 2001 a 2009, contribuiu notavelmente com a tendência aos impulsos para o antidesarmamento, especialmente em países considerados ameaçadores, como o Iraque (Guimarães, 2002).

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, que atingiram o World Trade Center e o Pentágono, oito meses após Bush iniciar seu primeiro mandato presidencial, justificaram a resposta brutal do governo estadunidense. O etnocentrismo anti-islâmico, há tempos cultivado no país, manifestou-se interna e externamente, e abriu espaço para a formulação política maniqueísta de “quem não está comigo sofrerá punições”. O inimigo passou a ser não apenas um líder ou país propriamente dito, mas o “terror”. Dessa forma, com esse inimigo não concreto e não delimitado territorialmente, era possível aos EUA combater e guerrear por meio do militarismo e da repressão, inclusive com guerras preventivas, com grandes investimentos na área de segurança nacional e militar (Guimarães, 2002). No segundo mandato Bush, tem-se início, em 2007, a crise imobiliária do segmento subprime nos EUA, que adquiriu contornos de uma bolha especulativa, agravada pela falência do Lehman Brothers, em meados de setembro de 2008, uma crise com impactos na economia global (Borça Junior; Torres Filho, 2008).

Esse cenário favoreceu a vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais de 2008. O democrata, que havia vencido Hillary Clinton nas eleições prévias do partido, foi o primeiro negro a governar o país, de 2009 a 2017, e representou não apenas o alívio em relação à crise financeira, mas a possibilidade de acomodar interesses internacionais, como pacificar as guerras contra o Iraque e o Afeganistão e se aproximar da Rússia para contribuir com o mundo livre de armas nucleares, e de salvar a democracia (Marie, 2009; Jesus, 2014). A gestão da crise econômica foi uma das prioridades do governo Obama, que também investiu na saúde pública e na regulação financeira, transferindo gastos de segurança nacional para gastos econômicos e sociais. Agora, após o segundo mandato de Obama, Hillary Clinton concorreria às eleições presidenciais, pelo partido Democrata, contra Donald Trump, pelo Republicanos. A disputa acirrada, em que a democrata recebeu maioria dos votos populares, mas não na maioria de Colégios Eleitorais, teve Trump como vencedor. O primeiro mandato de Trump encerrou em 2021, com a vitória do democrata Joe Biden. Nas eleições de 2024, Trump retornou ao poder nos EUA, sendo o primeiro republicano, desde 2004, a vencer no voto popular. A posse ocorreu em 20/01/2025.

3.3.1 Trump, o “*Don* honesto”

Trump abriu sua conta no *TikTok* em junho de 2024, ano que marcaria a disputa eleitoral para a presidência dos EUA. Entre junho e novembro, o então candidato republicano alcançou quase 13 milhões de seguidores, embora tenha publicado apenas 58 vídeos. O último foi postado em 05/11/2024, dia da eleição estadunidense, quando o *tiktoker* político pediu aos eleitores que comparecessem às urnas. Depois disso, não foi postado nenhum conteúdo, nem mesmo em decorrência da posse em 20 de janeiro de 2025⁶⁵. Infere-se que a plataforma foi utilizada apenas como estratégia política para campanha eleitoral. Ainda assim, o número de seguidores aumentou em mais de 1,5 milhão entre novembro de 2024 e junho de 2025. Trump – que se auto-apelidou de “*Honest Don*” (Neath, 2024), em tradução livre “Don honesto”, em sua rede social *Truth Social* – segue apenas dois canais do TikTok, o de seu vice-presidente, J. D. Vance, com 2,5 milhões de seguidores, e o *Team Trump*, com 11 milhões de seguidores.

O empresário estadunidense bilionário, o mais velho presidente a ser eleito, aos 78 anos, costuma aparecer nos vídeos trajando terno azul marinho, camisa social branca e gravata vermelha. A variação é a retirada da gravata e a colocação de um boné, também vermelho. As cores e o traje remetem à icônica imagem do Tio Sam (*Uncle Sam*)⁶⁶, caricatura mundialmente conhecida e utilizada como símbolo da expansão estadunidense e de incentivo ao nacionalismo do país e servem para reforçar visualmente a mensagem de patriotismo e tradição americana que ele quer transmitir. O boné de Trump é personalizado com o *slogan* de campanha: *make America great again*, que pode ser traduzido como “faça a América grande novamente”. A frase foi originada na candidatura à eleição presidencial do também republicano Ronald Reagan, em 1980, e reproduzida por Trump nas campanhas de 2016, 2020 e 2024.

Os vídeos publicados no *TikTok* de Trump são bastante curtos e acelerados. A sequência rápida e dinâmica de cortes é, conforme o *TikTok Media Buying Certification Study Guide*, uma técnica de produção de conteúdo audiovisual para

⁶⁵ Verificação em 10 set. 2025.

⁶⁶ A referência ao Uncle Sam tem origem no comerciante Samuel Wilson (1766-1854) eu fornecia carne para o exército dos EUA. Como as embalagens tinham as iniciais U.S., de United States, os soldados diziam que significava Uncle Sam. O governo norte americano fez uma caricatura do personagem que simbolizava a expansão americana e o nacionalismo.

prender a atenção dos visualizadores e, como consequência, gerar maior engajamento e ampliar a possibilidade de se tornar viral nas redes sociais. Ainda assim, diversos elementos informacionais e sugestivos de comportamentos, como o incentivo à participação no processo eleitoral, são apresentados nos breves segundos das narrativas. Suspeita-se que essa metodologia de geração de conteúdo contribua para que um mesmo vídeo seja visto mais de uma vez por cada usuário, contribuindo para o maior número de visualizações. Inclusive, para o desenvolvimento da presente análise, os conteúdos foram revistos diversas vezes, utilizando-se o recurso de velocidade reduzida (0,75 x do normal), com objetivo de perceber elementos que poderiam passar despercebidos em uma observação mais superficial.

Os conteúdos costumam ser gerados a partir de fragmentos de aparições públicas de Trump, geralmente em comícios ou atividades relacionadas à campanha, e por vezes, trechos em que ele se comunica com o interlocutor olhando diretamente para a câmera. Essa estratégia, conforme Gutmann (2014), a partir dos estudos de Eliséo Veron, não é apenas estética, mas sim uma forma de linguagem subjetiva para desficcionalização do discurso, posicionando o destinatário da mensagem como receptor direto da fala, constituindo dimensão dialógica. A linguagem direta, provocativa e performática de Trump é acompanhada do tom de voz firme, por vezes agressivo, com variações inesperadas, geralmente mobilizando sentimento de tensão e urgência. As narrativas nem sempre são lineares e claras, embora sempre estruturadas e impactantes, com mensagens simples e apelativas, muitas vezes com comandos diretos. As expressões faciais são marcantes, com sobrancelhas franzidas, queixo levemente inclinado para frente, poucos sorrisos. A postura corporal sempre ereta com movimentos rígidos e pouco fluidos reforçam a imagem de líder combativo.

Para suavizar essa imagem, e alcançar um número maior de eleitores, são postados alguns conteúdos que buscam promover a sociabilidade do político e humanizar sua persona, ainda que o conteúdo não esteja entre os mais visualizados. Observou-se, nesse sentido, que o eu digital de Trump passa a ser permeado pelo humor e pelo cuidado. No primeiro caso, Trump, um senhor de 78 anos, sem histórico de práticas desportivas, coloca-se cara a cara com o lutador campeão de *Wrestling* na *World Wrestling Entertainment* (WWE), Logan Paul. Essa atitude de enfrentamento, conhecida como *staredown*, é comum durante a pesagem de lutadores antes do combate. O objetivo é demonstrar preparo para a luta, confiança,

domínio e controle emocional. Trump e Paul aproximam-se, encarando-se. Trump é o primeiro a rir, quebrando o clima do confronto, mas ditando o tom da interação, ou seja, é ele quem detém o controle da situação. Eles se abraçam, reforçando respeito e amizade ou aliança. A leitura que se pode fazer é de um eu digital forte, mas também humano e acessível, que sabe agir conforme a situação exige. Essa também é uma tentativa de Trump se conectar com o público jovem. O vídeo de apenas seis segundos de duração tem mais de 165 milhões de visualizações.

Já em relação à empatia, pode-se mencionar o dueto entre Trump e Justin (não é indicado sobrenome), um jovem hospitalizado para tratamento de saúde. O candidato à presidência inicia sua fala no interior de seu jatinho, desejando a rápida recuperação do jovem. Há transição de cena para Justin, que está deitado em uma maca do hospital, com aparelhos médicos em volta. Ele usa touca na cabeça e um cobertor sobre o corpo. Seu discurso é dirigido a um terceiro, que não aparece na imagem [pode ser uma pessoa ou um *smartphone*, por exemplo]. Justin é enfático sobre a crença de que quando terminar o tratamento, Trump estará de volta à Casa Branca. O vídeo de 32 segundos, o mais longo entre os 50 analisados, está entre os dez mais visualizados do canal, e atingiu métricas impressionantes em menos duas semanas: mais de 20 milhões de visualizações e 2,5 milhões de curtidas. Trump cria narrativa emocional para se aproximar do público em geral pela lógica do cuidado, especialmente com os jovens. Entre os comentários, alguns internautas se perguntam, sem resposta, sobre quem é Justin. Outros apenas estimam melhoras ao enfermo. Outros, ainda, atacam Kamala Harris e afirmam que ela jamais teve semelhante atitude que refletisse cuidado com o povo.

Esses dois exemplos revelam que a construção do eu digital de Trump perpassa a mensagem de um presidenciável combativo, forte, destemido, autêntico, corajoso e capaz de enfrentar o sistema para promover mudanças necessárias. Mas também reflete um candidato descontraído, que abraça aqueles que não ofereçam perigo, com um lado humano que se preocupa com seu povo, mesmo para pessoas pouco conhecidas, como o enfermo, aproximando-se da população. Feitas essas considerações, passa-se à análise dos vídeos classificados como políticos, conforme abaixo.

3.3.1.1 Análise *netnográfica* vídeo 1 – Trump

O primeiro e mais popular vídeo de Trump possui métricas bastante elevadas. As visualizações chegaram a 43 milhões, com mais de 10% de curtidas, conforme pode ser visualizado abaixo, na Tabela 4:

Tabela 4: Análise quantitativa do vídeo 1 – Trump				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 5º lugar				
Data de publicação: 20/10/2024				
Tempo de duração do vídeo: 18 segundos				
Chamada: <i>I've offically worked longer at McDonalds than Kamala!</i> (em tradução livre: Eu trabalhei mais tempo oficialmente no McDonalds do que Kamala!)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
43 milhões	4,7 milhões	56,6 mil	539,9 mil	368,6 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados TikTok de Donal Trump (2025).

As imagens do conteúdo são apresentadas na Figura 8:

Figura 8: Imagens vídeo 1 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no TikTok de Donal Trump (2025)

Descrição do vídeo: O vídeo é filmado em uma das lojas de rede de *fast food* McDonald's. Trump inicia sua fala dirigindo-se a um homem branco vestido em terno na cor cinza, provavelmente o gerente do estabelecimento. O candidato à presidência afirma estar em busca de emprego e menciona sempre ter desejado trabalhar em uma daquelas lanchonetes. Não há música de fundo, apenas som ambiente. No topo do vídeo há título que pode ser traduzida como “trabalhei um turno no McDonald's”. Trump entra na loja, cumprimenta a balconista branca, tira o blazer, coloca o avental e começa a realizar algumas tarefas, como recolher batatas fritas do óleo e entregar

sanduíche no *drive thru*. Enquanto ele prepara os alimentos, aparece de relance, no fundo da cena, uma funcionária negra.

Durante a realização das atividades na lanchonete, a narrativa de Trump é direcionada ao interlocutor do vídeo, sem contexto bem delimitado. Ele afirma estar concorrendo com uma pessoa que diz inverdades e que também falseia a realidade. Infere-se ser Kamala Harris. Antes que se possa questionar sobre quais seriam as inverdades, a cena é interrompida pelo brado de um desconhecido. A legenda, que até então estava na cor branca, muda para a cor vermelha: “presidente Trump!”. Em seguida, retorna para o branco. Ao ouvir as palavras, Trump – que está na janela entregando um pacote de lanche à cliente no carro – vira levemente o corpo em direção ao emissor do grito. Ouve-se o aplauso de diversas pessoas, embora não haja imagem delas. O *tiktoker* acena em direção aos aplausos, afirma estar se divertindo naquele lugar e recomenda o cuidado com *fake news*.

Análise: A narrativa desenvolvida por Trump traz uma série de pontos interessantes a serem abordados. O primeiro deles relaciona-se ao local onde a filmagem ocorreu. O McDonald’s é a maior rede de *fast food* dos EUA, com mais de 40 mil franquias no país. Esse modelo de negócio alcançou sucesso global e simboliza o capitalismo, a padronização e o imperialismo cultural estadunidense. Um ícone, assim como o Tio Sam. Apesar de a rede de lanchonetes ser conhecida pela precarização do trabalho, é um dos maiores empregadores dos EUA, e tem cerca de 800 mil funcionários. Um a cada oito estadunidenses já trabalhou nas lanchonetes (Valinsky, 2025). Então, o local carrega simbolismo forte, criando empatia com: trabalhadores, pois Trump aproxima-se do cotidiano deles, mesmo sendo bilionário; consumidores, reforçando sua conexão com o cidadão de classe mediana, que consome *fast food* e que vive apressado; e com o empresariado, donos de franquias, investidores, defensores do livre mercado e do neoliberalismo.

As críticas a Kamala Harris são indiretas e irônicas. Ainda que o nome da adversária política não seja citado nas falas de Trump, está explícito na descrição do vídeo: “*I’ve offically worked longer at McDonalds than Kamala!*”. Uma das leituras é a de incompetência de Kamala, que em quase quatro anos como vice-presidente do país fez menos que ele em apenas um turno de atividades na lanchonete. A rival seria seu oposto, um presidenciável disposto a trabalhar e pronto para servir. Soma-se a isso o fato de a narrativa sugerir que as inabilidades de Kamala são acompanhadas

do descompromisso com a verdade e a ética. A falta de argumentos e elementos concretos nas alegações permitem que os usuários permaneçam com a dúvida ou preencham as lacunas informacionais com qualquer ideia disponível em seu repertório, ainda que careçam de evidências ou veracidade.

Em suma, o ator principal é o proprietário da conta, a ação principal é falar, o conteúdo político é campanha negativa (ataque ao adversário político), as emoções básicas mobilizadas são de desprezo e medo, e o tipo de interação é a informação e promoção (espectador passivo). Observa-se, no conteúdo audiovisual, a retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019) e a consolidação do empresário como líder político (Mendonza, 2020).

A reação ao vídeo nos comentários tem 70% de apoio a Trump e 30% de oposição. Entre os que se posicionam favoravelmente, há comentários sobre Trump ser o melhor funcionário de todos os tempos e demonstrar qualidades de liderança por se permitir vivenciar nova experiência, além de internautas declarando amor ou admiração pelo político. A oposição afirmava que ele é mentiroso; que invejava Kamala e queria ser como ela e que talvez algum dia ele sentisse amor verdadeiro (pela nação). Ele também é chamado de palhaço senil (*senile clown*). Os comentários são superficiais e nenhum questionou os motivos para a desconfiança em relação a Kamala, ou sobre qual seria o fato falso ou *fake news* mencionados por Trump.

3.3.1.2 Análise *netnográfica* do vídeo 2 – Trump

A análise quantitativa do segundo vídeo analisado no perfil do *TikTok* de Trump pode ser visualizado na Tabela 5:

Tabela 5: Análise quantitativa do vídeo 2 – Trump				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 7º lugar				
Data de publicação: 14/08/2024				
Tempo de vídeo: 20 segundos				
Chamada: <i>Your future is at stake</i> (em tradução livre: Seu futuro está em jogo)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
27,5M	3,1M	133,6K	12,6K	152,2K

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Trump (2025).

Para ilustrar o segundo vídeo de Trump, apresenta-se a Figura 9:

Figura 9: Imagens vídeo 2 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Trump (2025).

Descrição do vídeo: Trump inicia sua fala no vídeo intitulado “Seu futuro está em jogo”, no interior de seu luxuoso avião particular. A roupa, como de costume é o terno azul, camisa branca, gravata vermelha, e um *botton* da bandeira dos EUA do lado esquerdo do terno. Não há uso de efeitos ou música de fundo. Ele fala olhando diretamente para a câmera sobre o aumento dos preços durante o período em que Kamala Harris esteve no poder e sobre o endividamento das famílias a níveis extremamente altos. Ele encerra o vídeo dizendo, em tradução livre: “se você quiser baixar os preços, se quiser ter uma vida boa, vote em Trump”.

Análise: O aumento de preços e o endividamento são dois temas sensíveis nos EUA. Trump reforça receios e temores dos cidadãos, e culpa o governo de Biden e Harris pela crise econômica. Ao demonstrar grande descontentamento com a elevação de custos, gera empatia com o sofrimento da sociedade, aproximando-se do eleitor. Ao citar o endividamento, ativa emoções de frustração, medo e indignação e consegue apoio, pois apresenta-se como candidato capaz de estabilizar a economia. O local onde a temática é abordada complementa a mensagem: em seu luxuoso avião particular, reforça a narrativa de empresário bem-sucedido e de líder atarefado e poderoso. Ainda que seja contraditório, pois sendo bilionário não sofre o impacto do aumento dos preços da mesma maneira que o restante da sociedade, ele demonstra preocupação com a pauta, inclusive, conseguindo tempo na agenda para tratar de temas que afetam e interessam à população.

De modo geral, tem-se que o ator principal do vídeo é o proprietário da conta; sua principal ação é falar; o conteúdo político é a campanha negativa (ataque à adversária política); a linguagem é apelativa, pois busca incitar a indignação para que a reação seja receber votos; as emoções básicas mobilizadas são indignação e medo; e o principal tipo de interação é a participação e mobilização. A narrativa possui retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); apelo eleitoral reativando sentimentos enraizados na sociedade, como medo e injustiças (Schulte-Cloos, 2022); apresentação do político empresarial bem sucedido e único governante capaz de promover as mudanças necessárias (Mendonza, 2020), e estímulo à ação (Romancini; Castilho, 2019).

Em relação aos comentários do vídeo, a maioria (70%) são de apoio a Trump e o restante (30%), contrário. Do total das mensagens, 50% são apelativas, pedindo a Deus que permita que o candidato vença as eleições; que ele salve o país e o mundo; ou simplesmente declarando voto nele. Uma das mensagens menciona que gostaria de ter Trump no Canadá. Outros 10% questionam quais serão as medidas que Trump irá adotar para mudar a situação, sugerindo que ele apresente propostas; 10% criticam o fato de ele abordar o assunto de dentro de um jato particular. Os outros 30% do total, são de mensagens em torno do fato de ele não pronunciar corretamente o nome de Kamala Harris, sendo que 20% divertem-se, inclusive, usando *emojis* que denotam riso e concordância (apoio indireto) e 10% mostram descontentamento, com *emoji* de choro (oposição indireta). É comum Trump não pronunciar adequadamente o nome da oponente. A atitude proposital, já que não há pedido de desculpas ou tentativa de fazê-lo de forma correta, revela desdém e tentativa de reduzir a legitimidade da adversária.

3.3.1.3 Análise *netnográfica* vídeo 3 – Trump

O terceiro vídeo com maior engajamento analisado no *TikTok* de Donald Trump tem as seguintes métricas, conforme Tabela 6:

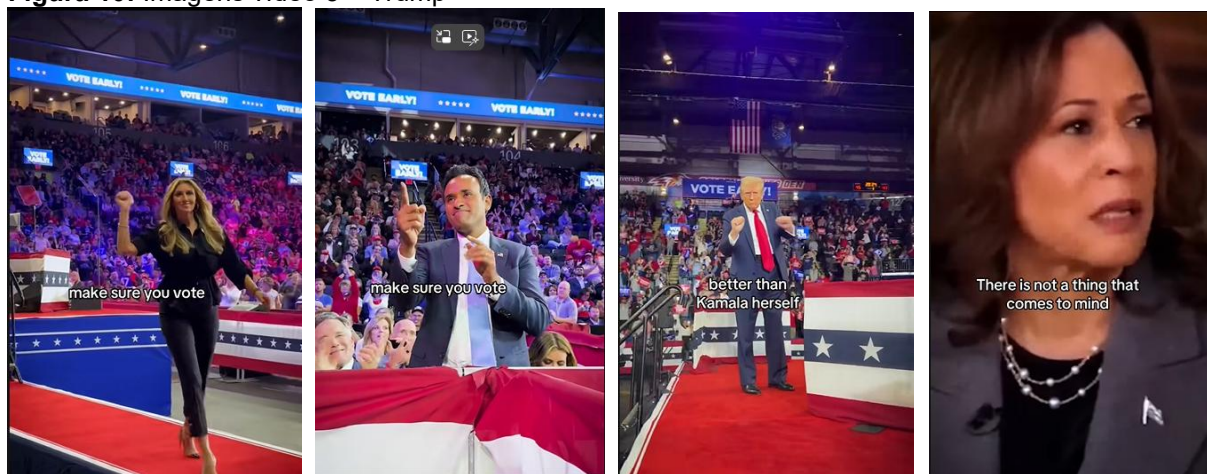
Tabela 6: Análise quantitativa do vídeo 3 - Trump
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 8º lugar
Data de publicação: 10/10/2024
Tempo de duração do vídeo: 23 segundos

Chamada: <i>Let's win so big!</i> (em tradução livre: Vamos ganhar de forma esmagadora!)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
19 milhões	2,6 milhões	27,1 mil	71,5 mil	151 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Trump (2025).

As imagens que evidenciam o conteúdo audiovisual podem ser conferidas abaixo, na Figura 10:

Figura 10: Imagens vídeo 3 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Trump (2025).

Descrição do vídeo: A narrativa se desenvolve em Las Vegas, durante campanha eleitoral de Trump, e inicia-se com trilha sonora com ritmo acelerado, dinâmica intensa e agitada, e muitos elementos sonoros simultâneos. A música, associada ao palco elevado, forrado com tapete vermelho, e a decoração toda nas cores da bandeira estadunidense, lembram a abertura de grandes shows ou eventos de luta. Uma mulher abre uma cortina azul, encerrando-a atrás de si, e dirige-se ao público afirmando que outra pessoa, infere-se ser Kamala Harris, não mudará coisa alguma. Ela convoca a público a colocar “Trump em ação” pelo voto. É possível ler o *slogan* “*vote early*”, que significa vote antecipadamente. O uso de efeitos é exacerbado, mostrando os atores por diversos ângulos distintos. A cena é cortada bruscamente, e o interlocutor está diante de um homem que repete o *slogan* de campanha, e reforça e que é necessário votar em Trump para ter mudanças. Utiliza-se efeitos sonoros de compressão e reverberação de som, a sentença “vote em Trump” torna-se mais imperativa. Há cenas rápidas de Trump subindo a escada e, sem seguida, no centro do palco. Ele alega que Kamala é mentirosa. Há um corte

brusco para uma entrevista em que a democrata é perguntada se faria algo diferente nos últimos quatro anos. O rosto dela, com semblante que expressa dúvida, é enfatizado. Ela titubeia e responde que nada vem à mente naquele momento. O vídeo, de 16 segundos, encerra subitamente.

Análise: Os elementos visuais nesse vídeo são impactantes. A cor do carpete reforça ideia de prestígio, e a decoração vermelha, azul e branca evocam sentimento de patriotismo. A iluminação e a estética, incluindo aparição curta e teatral de Trump, criam cenário espetacularizado, gerando engajamento emocional. O apelo para que o público consumidor do conteúdo participe da eleição e vote é bastante forte. Como mencionado anteriormente, Trump altera a estratégia de questionar o processo eleitoral para incentivar massivamente a participação dos eleitores, inclusive de modo antecipado, pelos correios. Essa alteração mostra a capacidade adaptativa frente a novos contextos do republicano, já que nas eleições anteriores, os democratas lideraram nessa modalidade de voto. A música, intensa e agitada, reforça a mensagem de desassossego e de necessidade de mudança. A aparição de Trump no material audiovisual é curto, mas a presença marcante: ele ataca Kamala Harris diretamente, chamando-a de mentirosa. Além disso, a entrevista de Harris é descontextualizada e o trecho apresentado está centrado em momento específico em que a democrata hesita diante de uma pergunta. A imagem explorada por Trump é de uma mulher insegura, despreparada, indecisa, incapaz de liderar frente os desafios da nação. Essa técnica também desvia o foco de questionamentos mais profundos e debates sobre políticas públicas, nas quais a democrata demonstrava mais segurança que o republicano.

De modo resumido, os atores principais do vídeo são celebridades, ainda que as cenas de Trump e da entrevista de Harris sejam marcantes; a principal ação é falar; o conteúdo político é a campanha negativa; a linguagem é apelativa; além de mobilizar emoções básicas de excitação e desprezo. O principal tipo de interação é a mobilização. A narrativa é apelativa, com críticas explícitas; retórica de acusação e forte apelo à ação (Romancini; Castilho, 2019; Lara; Dello Bueno, 2022). Ademais, Harris é convertida em inimiga (demonização) que deve ser combatida (Copsey, 2013b). O processo eleitoral assemelha-se a um campo de batalha intenso (Lara; Dello Bueno, 2022). Trump é apresentado na narrativa como celebridade (Maly, 2020).

Em relação aos comentários 100% são de apoio a Trump. Desse total, 90% são de seguidores afirmando que necessitam de Trump em seus países, como por exemplo, Polônia, Serra Leoa, Reino Unido, Alemanha, Canadá e os demais, de que o mundo necessita de Trump.

3.3.1.4 Análise *netnográfica* vídeo 4 – Trump

As métricas do quarto vídeo classificado como de conteúdo político no perfil de Donald Trump possuem os seguintes resultados, conforme Tabela 7:

Tabela 7: Análise quantitativa vídeo 4 – Trump				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 10º lugar				
Data de publicação: 18/10/2024				
Tempo de duração do vídeo: 16 segundos				
Chamada: <i>Take your pick</i> (em tradução livre: Faça sua escolha)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
26,8 milhões	2,1 milhões	47,4 mil	342,8 mil	133,9 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Trump (2025).

As cenas abaixo, na Figura 11, ilustram o vídeo:

Figura 11: Imagens vídeo 4 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Donald Trump (2024).

Descrição do vídeo: O vídeo inicia-se com três homens sentados lado a lado em um sofá. Trump está ao centro, sendo nomeado “presidente Trump”. À esquerda está Kane e à direita, Undertaker. A dupla de lutadores profissionais de *World*

Wrestling Entertainment (WWE), conhecida como “*Brothers of Destruction*”, é considerada icônica nos EUA pela trajetória e títulos alcançados. A música de fundo tem timbres graves, ritmo pulsante e reverberações longas ou com eco, semelhantes a filmes de mistério ou contexto sombrio. A imagem não é estática, e a câmera parece estar flutuando, com a imagem levemente trêmula. Ouve-se o som de badaladas de relógio. O sentimento de incerteza e premência é reforçado pela frase “*America depends on it*” que aparece durante todo o vídeo intitulado “*Take your pick*”, que pode ser traduzido como “faça sua escolha”. O conteúdo audiovisual de 16 segundos é um dos poucos a utilizar efeito, música e texto na mesma produção, e é o terceiro mais compartilhado entre todos os demais do canal.

A fala predominante é de Undertaker. Kane apenas concorda com o que é dito. Em suma, o lutador associa o cinco de novembro daquele ano, dia da eleição presidencial estadunidense, ao *WrestleMania*, maior evento anual de luta livre no mundo, utilizando-se do termo “*ElectionMania*”. O discurso de Undertaker cria senso de responsabilidade coletiva, pois, segundo ele, o futuro da nação dependeria de ação individual do eleitor. Trump afirma que a escolha é fácil. Undertaker oferece duas opções simples: o trio formado por aquela dupla de lutadores e o “presidente” Trump, ou a tríade de Kamala Harris, que conta ainda com seu candidato à vice-presidência, Tim Walz, e o também lutador profissional de WWE e ator Dave Bautista.

Análise: Uma poderosa estratégia é adotada nesse vídeo: a associação. O *WrestleMania* é conhecido pelos confrontos épicos, carregados de emoção e intensa rivalidade entre os lutadores, que manifestam arquétipos nas disputas do bem contra o mal, do rebelde contra o sistema, do tirano que precisa ser derrotado. Ao criar e relacionar o termo “*ElectionMania*”, pretende-se que a transmissão de sentimentos de credibilidade, engajamento e polarização estimulem os usuários a participar das eleições. A emocionalidade é sobreposta à razão, sendo reforçada pela opinião sobrevalorizada de Undertaker, convertido em autoridade no assunto. Ele faz uso de linguagem coloquial e apelativa, convocando eleitores a votarem no republicano.

Outro elemento curioso é a utilização de efeitos no vídeo. Os movimentos da câmera, a música de fundo e o som das badaladas do relógio transmitem sensação de suspense, urgência, instabilidade e insegurança. Em contraste, Trump parece calmo e seguro entre a dupla de lutadores campeões. Já a imagem de Kamala Harris, ao contrário, aparece solta, negatizada, ridicularizada tanto pela fala de Undertaker

quanto por meme. O mesmo ocorre com os outros dois nomes associados a ela. Nota-se que Trump está relacionado a dois lutadores, enquanto Kamala, a apenas um, logo a percepção é de maior fragilidade e desproteção. Soma-se a isso o fato de Bautista ter a carreira mais voltada para o cinema, e ser conhecido por sua infância pobre e violenta, e por ter protagonizado algumas controvérsias relacionadas a *doping*.

Também é importante mencionar que Trump é um antigo conhecido do WWE. Ele participou, em 2007, do *WrestleMania* na famosa “Batalha dos Milionários”, contra Vince McMahon, CEO da WWE. Na ocasião, cada multimilionário escolheu um lutador para representá-lo no combate. O perdedor teria a cabeça raspada pelo oponente. McMahon simbolizava o vilão clássico, arrogante e manipulador, capaz de usar artimanhas para vencer. Trump, o adversário carismático e provocador que desafia o sistema. Essa imagem perpetuaria durante as campanhas eleitorais. Trump, que selecionou Bobby Lashley, saiu vencedor contra McMahon, retratado por Ugama. O político raspou, ao vivo, a cabeça de McMahon, sedimentando imagem de vencedor implacável. Em 2013, o presidenciável tornou-se membro do *Hall* da Fama da WWE.

Em suma, os atores principais do vídeo são, além do proprietário da conta, duas celebridades relacionadas ao WWE. As ações principais são falar; o conteúdo político é campanha negativa; a linguagem, apelativa, para que escolham votar em Trump; as emoções básicas mobilizadas são excitação e desprezo; e o tipo de interação, participação e mobilização. A narrativa apresenta a dualidade moral representada pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); estímulo a interações polarizadas (Watson; Barnes, 2022); apresentação como líder salvador, único governante capaz de promover as mudanças necessárias (Mendonza, 2020), e estímulo à ação (Romancini; Castilho, 2019).

Em relação aos comentários, metade exprime desapontamento pelo fato de os lutadores estarem apoiando Trump, e 20% tem concordância com o posicionamento dos lutadores. Outros 20% afirmam amar Undertaker e seguir o que ele está sugerindo, e o restante se questiona sobre o que pode ter havido com Dave Bautista. Os comentários, assim como no vídeo anterior, são bastante superficiais.

3.3.1.5 Análise *netnográfica* vídeo 5 – Trump

O quinto vídeo analisado possui os seguintes dados, conforme Tabela 8:

apresenta a fonte da informação. Os itens de consumo cotidiano mostrados no vídeo conferem maior tangibilidade e memória visual ao conteúdo. Além disso, a presença do banner com informações sobre alimentação de crianças e do objeto representando casa, mobilizam sentimentos relacionados à família e proteção de vulneráveis. Assim, a crítica econômica torna-se mais contundente e Trump, com a postura de indignação e fala em tom informal e direto, aproxima-se emocionalmente do eleitor/consumidor comum e das famílias em geral, e reforça a imagem de líder atento e cuidador do povo, uma espécie de guardião.

De modo geral, o ator principal do vídeo é o proprietário da conta; sua principal ação é falar; o conteúdo político é a campanha negativa; a linguagem é expressiva; além de mobilizar emoções básicas de indignação e medo. O principal tipo de interação é a mobilização. A narrativa é apelativa e possui retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); e potencializa sentimentos enraizados na sociedade, como medo (Schulte-Cloos, 2022) pelo impacto dos preços na vida das famílias

Os comentários, em sua maioria (60%) apoiam Trump com pedidos para que ele salve o país, que continue conversando com a população, ou afirmando que ele realmente se importa com o país. Outros simplesmente declaram explicitamente que irão votar em Trump (comentários com maior engajamento), ou ironizam alegando que votar em Kamala, após a gestão de Biden, é inútil ou irrelevante. Um dos comentários afirma necessitar de Trump na Alemanha. Em relação às críticas, 40% do total se queixa sobre a situação do país, mencionando baixos salários e aumento de preço na conta de energia. Mais uma vez, apenas 10% levantam dúvida sobre ações que Trump adotaria para mudar o cenário e pedem que ele explique em detalhes o que ele pretende fazer para conter a inflação e como irá implementar um plano sobre isso.

3.3.1.6 Análise *netnográfica* vídeo 6 – Trump

O sexto vídeo analisado de Trump, um dos mais curtos entre os analisados, possui as seguintes métricas, conforme Tabela 9:

Tabela 9: Análise quantitativa vídeo 6 – Trump
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 13º lugar
Data de publicação: 14/08/2024
Tempo de vídeo: 12 segundos

Chamada: <i>Too big to rig</i> (em tradução livre: Grande demais para ser fraudado)				
Hashtag: #vote				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
17 milhões	1,9 milhão	57,8 mil	58,4 mil	78,1 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Trump (2025).

Para ilustrar a análise, apresenta-se a Figura 10, abaixo:

Figura 13: Imagens vídeo 6 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Trump (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo, que possui música de fundo em ritmo levemente acelerado, com progressão ascendente, evocando grandiosidade e superação, começa com Trump, em segundo plano, saindo de um carro preto. A sequência de cenas indica que ele estava sendo aguardado para uma entrevista coletiva. Há imagens de alguns seguranças pessoais, em primeiro plano, movimentando-se de um lado a outro. Dois cortes rápidos aproximam Trump das câmeras. Ele cumprimenta um terceiro não identificado na cena e, enquanto caminha, olha diretamente para a câmera e com voz firme, diz: “*Too big to rig. Better be*”, que pode ser traduzido livremente como “Grande demais para ser fraudado. É melhor ser”. Há algumas imagens dele concedendo e finalizando a entrevista e, novamente, ele está diante da câmera, ratificando a sentença sobre ser grande demais para ser fraudado ou manipulado. Mais uma vez, Trump se dirige diretamente à câmera e anuncia que “nós” faremos a América grande novamente. O então presidencialável aponta para o lado esquerdo do peito, onde é possível ver dois bottons, um com a bandeira do país e outro sobre veteranos, e afirma que tornar a América grande é para os veteranos.

Análise: Para compreender o contexto desse vídeo, é necessário retroceder um pouco no tempo. Trump questionou o resultado das votações desde 2020, devido à derrota das eleições presidenciais para Joe Biden. Suas alegações, ainda que sem fundamentos formais ou provas, foram de fraude eleitoral generalizada, principalmente pelo voto por correio. Uma das consequências desses questionamentos foi a invasão do Capitólio por apoiadores de Trump, em 2021, durante a sessão que certificaria a vitória de Biden. Em 2024, durante a campanha política, o republicano voltou a colocar dúvidas sobre a lisura do processo, alegando que, caso Kamala Harris vencesse, significaria fraude. Então, adotou o *slogan* “*too big to rig*”, transmitindo a ideia de que sua vitória será com grande diferença de votos, de modo que o resultado não poderia ser manipulado ou adulterado. No vídeo de apenas 12 segundos, Trump repete o *slogan* em dois momentos, sendo que em um deles, fala pausadamente. Por um lado, mobiliza os eleitores a participarem das votações para garantir resultado incontestado. Por outro, cria narrativa de desconfiança, sinaliza que qualquer desfecho diferente de sua vitória seria ilegítimo, justificando a possibilidade de protestos agressivos, violentos ou antidemocráticos em caso de derrota.

Ao dizer “nós” tornaremos a América grande novamente e fazer alusão aos veteranos de guerra, Trump insere-se como parte de um grupo, criando conexão emocional e reforçando um objetivo comum. Traz à tona o patriotismo estadunidense, incentivando ações em defesa da nação, da liberdade, da justiça. Essa retórica que apresenta os veteranos como heróis nacionais reforça a ideia de Trump como um líder patriótico e alinhado com as Forças Armadas. Ainda que o discurso seja contraditório – pois Trump sugeriu [e implementou, em 2025] uma série de medidas que prejudicam a classe dos veteranos – gera apoio entre conservadores, militares e eleitores desatentos que não acompanham os rumos da política. Além disso, ao exaltar o patriotismo, enaltece, indiretamente, o dever do voto, e estimula que os internautas compareçam às urnas, mesmo o voto sendo facultativo nos EUA.

Em suma, o ator principal é o proprietário da conta; falar é sua principal ação; e, o conteúdo político é campanha negativa. A linguagem é expressiva; a emoção básica mobilizada é o medo, ou desconfiança sobre fraude no processo eleitoral; e o tipo de interação, a promoção, embora, indiretamente, Trump esteja solicitando ação de votar. A narrativa é apelativa e carregada de patriotismo; discurso com traços

conspiratórios e *slogan* que funcionam como opiniões que desacreditam a confiança em instituições públicas e (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023); cadeia lexical com repetição (Morais; Oliveira; Moraes, 2020), reforçando conteúdos específicos; e estímulo à ação (Romancini; Castilho, 2019), nesse caso, aderir ao processo eleitoral.

Em relação aos comentários, não apresentam reflexões: 40% são de pessoas abençoando Trump ou afirmando que ele é maravilhoso ou “o cara”; 30% repetem o *slogan* “*make America great again*”; 20% alegam ser de outros países ou viver fora dos EUA, mas na torcida por Trump; e 10% desconfiam que o político está tramando algo escuso, mas não apresentam qualquer fundamento para isso. A única *hashtag* utilizada é *#vote*.

3.3.1.7 Análise netnográfica vídeo 7 – Trump

Os índices do sétimo vídeo dos conteúdos classificados como políticos no *TikTok* de Trump serão demonstrados na Tabela 10, a seguir:

Tabela 10: Análise quantitativa vídeo 7 – Trump				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 15º lugar				
Data de publicação: 16/09/2024				
Tempo de duração do vídeo: 11 segundos				
Chamada: <i>Thank you, Las vegas – I love you!</i> (em tradução livre: Obrigado, Las Vegas – Te amo!)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
14,2 milhões	1,8 milhão	25,2 mil	174,4 mil	108,8 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Trump (2025).

As cenas que elucidam o vídeo foram dispostas na Figura 14:

Figura 14: Imagens vídeo 7 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Donal Trump (2024).

Descrição do vídeo: O conteúdo inicia-se com Trump descendo de seu avião, em Las Vegas. A narrativa é desenvolvida em espaço fechado, onde ocorre o comício, com infraestrutura com tapete vermelho e decoração nas cores da bandeira estadunidense. A música de fundo é uma composição suave do *rapper* Nettspend, e o apresentador do evento, o cantor portoriquenho do ritmo latino-caribenho *reggaeton* Nicky Jam. Ele está usando um boné vermelho, com o slogan da campanha de Trump. No púlpito, e com voz relativamente afetuosa, o latino afirma que necessitam de Trump de volta. Na sequência, é a vez de Bryce Hall, famoso influenciador estadunidense no *TikTok* e *YouTube* subir ao palco, usando um boné vermelho com o acrônimo do *slogan* da campanha (MAGA, de *Make America Great Again*). Outros convidados repetem que precisam de Trump. O último a falar é Jam, agora em espanhol, com tom de voz firme e apelativo: “*necesitamos a Trump*”. O cantor de *reggaeton* continua em inglês “*Let’s Make America Great Again*”. O vídeo é encerrado com um breve abraço dele em Trump.

Análise: Esse é mais um dos vídeos com forte apelo para que o eleitor vote em Trump. No material, de apenas 11 segundos, a frase “*necesitamos de Trump*” é repetida cinco vezes, e o *slogan* “*Make America Great*”, duas. O uso da música do *rapper* estadunidense Nettspend; a apresentação do trecho do comício por Nick Jam⁶⁷, e a participação de Bryce Hall evidenciam que o conteúdo audiovisual foi produzido para alcançar um perfil de eleitor que tradicionalmente não votaria no

⁶⁷ Um mês depois do comício, Nick Jam retirou o apoio à candidatura de Trump. Essa ação, segundo relatou em um vídeo em sua rede social deve-se ao fato de um comediante ter chamado Porto Rico de “lixo” antes de um comício de Trump em Nova Iorque (G1, 2024).

republicano: jovens e latinos. As pesquisas de boca de urna indicaram uma redução de apoio latino aos democratas em relação às campanhas nos anos 2016, 2020 e 2024, principalmente entre os homens (Braun, BBC News, 2024) Ademais, a construção da narrativa se desenvolve com sentimento de necessidade de Trump no poder, embora não se justifique o porquê. Essa atitude adotada por celebridades funciona como validação simbólica para os internautas que se identificam com os famosos, induzindo que também apoiem o republicano, e que assimilem a mensagem de que apenas aquele político é capaz de mudar a realidade.

Em suma, os atores principais do vídeo são celebridades; a principal ação é falar; o conteúdo político é a campanha positiva; e a linguagem é expressiva. As emoções básicas mobilizadas são de desejo e necessidade. O principal tipo de interação é a mobilização. A narrativa é apelativa (Romancini; Castilho, 2019) e possui cadeia lexical com repetição (Morais; Oliveira; Moraes, 2020).

No que tange aos comentários, 70% centram-se na música de fundo, do *rapper* Nettspend. Os seguidores se mostram surpresos com a escolha da canção e, em geral, fazem elogio. Outros 20% repetem o slogan da campanha, inclusive Bryce Hall. O restante, 10%, perguntam, superficialmente, se Bryce Hall está no palco e se apoia a Trump, o que corrobora o entendimento da influência de celebridades na formação de opiniões dos eleitores.

3.3.1.8 Análise *netnográfica* vídeo 8 – Trump

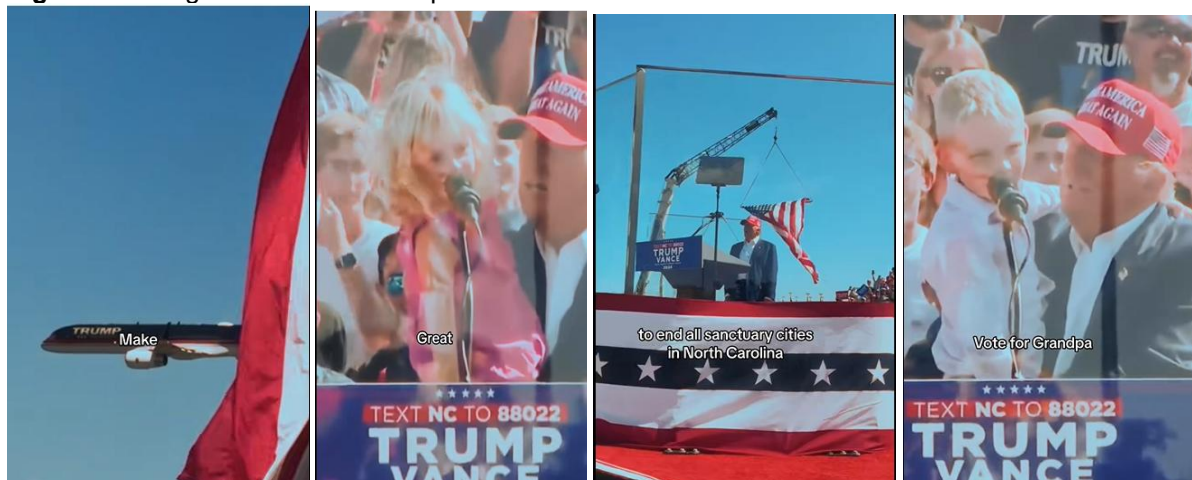
O oitavo dos dez vídeos analisados de Trump tem os seguintes dados, dispostos na Tabela 11:

Tabela 11: Análise quantitativa vídeo 8				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 16º lugar				
Data de publicação: 22/09/2024				
Tempo de duração do vídeo: 15 segundos				
Chamada: <i>Thank you, North Carolina!</i> (em tradução livre: Obrigado, Carolina do Norte)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
13,2 milhões	1,7 milhão	19,9 mil	11,9 mil	113,9 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Trump (2025).

A imagens que ilustram o conteúdo audiovisual estão na Figura 15:

Figura 15: Imagens vídeo 8 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Trump (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo começa com a bandeira dos EUA flamulando e a imagem do avião de Trump voando. Ouve-se a voz de uma menina repetindo o *slogan* de campanha de Trump. A cena seguinte é dele com a criança, sua neta, no colo. Ao fundo é possível visualizar, rapidamente, um outdoor com a frase “melhor com Trump” (“*Better off with Trump*”). O comício é em local aberto. Trump faz breve discurso com uma promessa de campanha: um plano para acabar com as “cidades santuário” em Carolina do Norte e no restante do país. A fala seguinte é a de seu neto, também em seu colo, dizendo: votem no vovô (*vote to Grandpa*). A trilha sonora é uma canção do *rapper* e produtor musical estadunidense negro, Ken Carson, com batidas progressivas, intensas e repetitivas.

Análise: A aparição dos netos de Trump foi cuidadosamente selecionada neste vídeo. A promessa de campanha do republicano, uma das poucas apresentadas, é de eliminar as cidades santuário, consideradas aquelas que protegem e apoiam imigrantes, inclusive os que chegam ao país sem documentos. A presença das crianças – que simbolizam pureza, esperança, sensibilidade, possibilidade de crescimento – denota senso de cuidado, responsabilidade e defesa pelo Estado, família e sociedade. Esses sentimentos abrandam a abordagem árida do tema imigração e são uma tentativa de legitimar medidas extremas propostas por Trump, como as de deportação em massa, justificadas por uma suposta proteção intergeracional, escamoteando a desumanização do imigrante e os sentimentos xenófobos. O que se pretende é gerar engajamento emocional e associação da

imagem do republicano à de líder protetor. Ademais, o conteúdo é apelativo, com o reforço tanto do *slogan* de campanha, quanto do apelo para que o eleitor vote em Trump. A música de fundo, de Ken Carson, é eletrizante, e confere percepção de ação e tom de rebeldia, contribuindo com a imagem de político outsider capaz de enfrentar o sistema.

De modo sucinto, o ator principal do vídeo é o proprietário da conta; sua principal ação é falar; o conteúdo político é pauta reacionária; a linguagem é apelativa; além de mobilizar emoções básicas de desprezo (ao imigrante), sob a escusa de um futuro seguro para a nação. O principal tipo de interação é a mobilização. A narrativa é apelativa, e incita o interlocutor a agir (Romancini; Castilho, 2019); há simplificação excessiva de temas complexos (Smith, 2014), no caso a imigração; e o incentivo, ainda que de forma subjetiva, à xenofobia e à discriminação contra imigrantes (Rueda, 2021; Schulte-Cloos, 2022).

Sobre as reações ao vídeo, 50% dos comentários foram sobre a música de fundo, de Ken Carson. De modo geral, os internautas afirmavam que só pelo fato de Trump utilizar a trilha sonora, já seria motivo suficiente para votar nele. Outros 30% abençoaram ou disseram amar o presidente; 10% elogiaram os netos; 10% afirmam estar na torcida pelo republicano.

3.3.1.9 Análise *netnográfica* de Trump – vídeo 9

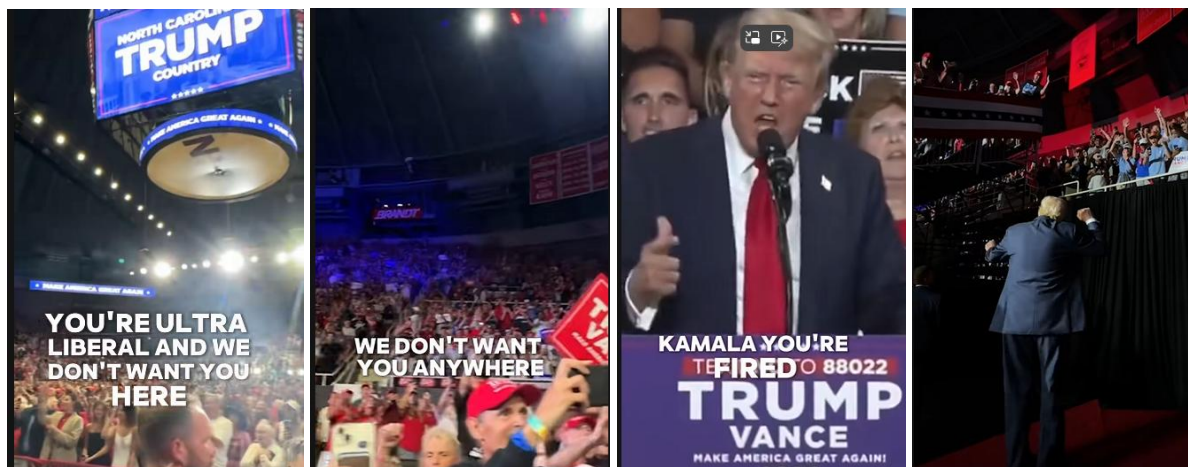
O nono vídeo analisado possui os seguintes dados, conforme Tabela 12:

Tabela 12: Análise quantitativa vídeo 9 – Trump				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 17º lugar				
Data de publicação: 24/07/2024				
Tempo de duração do vídeo: 12 segundos				
Chamada: <i>Kamala, you're fired</i> (em tradução livre: Kamala, você está demitida)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
18,2 milhões	1,7 milhão	31,4 mil	85,9 mil	113,4 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Donal Trump (2025).

O vídeo pode ser exemplificado pelas imagens da Figura 16:

Figura 16: Imagens vídeo 9 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Trump (2025).

Descrição do vídeo: O som desse vídeo está indisponível, fazendo com que as legendas sejam fundamentais para o que o conteúdo seja inteligível. Mais uma vez, o vídeo começa com imagem do avião de Trump voando. A aeronave pousa e o presidente desembarca. Na sequência, são mostradas imagens em uma rodovia, pela perspectiva do condutor do carro. A próxima imagem é do candidato à presidência discursando no palco de um comício em arena fechada. Enquanto as cenas são apresentadas, as legendas do vídeo intitulado “Kamala você está demitida” afirmam: “tudo o que você faz é ruim”. E continua: “Você é ultraliberal e não queremos você aqui. Não queremos você em nenhum lugar. Kamala, você está demitida. Vá embora. Você está demitida”. O corpo de Trump está levemente inclinado para a frente, com o dedo indicador em riste. A testa está franzida e boca em formato de grito, sugerindo irritação. A imagem seguinte é de Trump de costas, dançando para a câmera e, depois, a de seu avião em solo. O vídeo é encerrado.

Análise: Esse é vídeo mais antigo entre os dez analisados de Trump. O conteúdo foi publicado após Joe Biden anunciar que não concorreria à reeleição, e antes de Kamala Harris ser nomeada candidata do Partido Democrata. O republicano constrói narrativa de ataque explícito à Harris, convertida em inimiga política. Ela é chamada de mentirosa, incompetente, ultraliberal e indesejada. Além disso, com postura corporal agressiva e teatralizada, Trump “demite” Harris, assim como fazia quando era apresentador no *reality show The Apprentice*, ou, “O Aprendiz”, do canal NBC. Então, além da desqualificação explícita, o republicano faz uma desqualificação simbólica, sugerindo que Harris ainda não está pronta para assumir a liderança de um

país, e tenta deslegitimar a ascensão da concorrente na disputa eleitoral. Ao mesmo tempo, e ao contrário de Harris, Trump promove sua imagem de empresário de sucesso e experiente para o cargo. A frase “*you’re fired*” pronunciada de forma enfática e relativamente lenta, além de ser provocativa, converte o conteúdo em espetáculo, com forte apelo emocional e potencial para viralizar nas redes sociais.

O ator principal do vídeo é o proprietário da conta; a principal ação é falar, ainda que o som não esteja disponível; o conteúdo político é a campanha negativa; a linguagem é expressiva; as emoções mobilizadas são raiva e desprezo. O principal tipo de interação é a mobilização. A narrativa é apelativa, com críticas explícitas, e também, retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019; Lara; Dello Bueno, 2022). Harris é convertida em inimiga a ser combatida (demonização) (Copsey, 2013b) e Trump, ao contrário, valorizado, ainda que indiretamente, como empresário que se tornou líder de sucesso (Mendonza, 2020).

Em relação aos comentários, são bastante superficiais. 40% são de apoio à figura de Trump, com afirmações de que ele é amado, ou o melhor presidente; 20% são hostis com Harris, chamando-a de demitida ou pedindo que tirem ela daqui; 20% perguntam sobre a ausência de som no vídeo; 10% se espantam com a velocidade em que o vídeo foi curtido (25 mil, em apenas 18 minutos); 10% dizem ser de fora dos EUA, e não compreendem com clareza o conteúdo, perguntando o que está havendo no país.

3.3.1.10 Análise *netnográfica* de Trump – vídeo 10

O último vídeo do canal de Trump analisado possui as métricas conforme Tabela 13, abaixo:

Tabela 13: Análise quantitativa do vídeo 10 - Trump				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 18º lugar				
Data de publicação: 23/09/2024				
Tempo de vídeo: 25 segundos				
Chamada: <i>Make America affordabke again!</i> (em tradução livre: Faça a América acessível novamente!)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
18,5 milhões	1,7 milhão	46,6 mil	85 mil	102 mil

Fonte: elaborado pela autora com base em dados *TikTok* de Trump (2025).

As cenas que evidenciam o conteúdo audiovisual podem ser conferidas na Figura 17, a seguir:

Figura 17: Imagens vídeo 10 – Trump



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Donal Trump (2025).

Descrição do vídeo: Trump está dentro de um mercado. No topo da cena há texto informando que os preços de insumos explodiram, e que Trump irá fixá-lo. Ele se reporta ao internauta, olhando para a câmera, informando que os cidadãos estão gastando de 30% a 50% a mais nas compras. Ele pergunta aos clientes se o que está dizendo está correto e ouve-se, ao fundo, a resposta sim. O político conclui que essa situação “é uma vergonha” (“*it’s a disgrace*”). Trump passa por alguns setores do mercado, escolhe um item popular (*snack*), vai ao caixa, e ao pagar, embora não seja possível identificar o valor, diz à atendente que rateie a gorjeta com os demais colegas. Em seguida, o candidato à presidência afirma: “vocês precisam votar” (*you gotta get out to vote*) e se despede do público, saindo sob aplausos. Durante todo o tempo, Trump é observado por clientes, que parecem se divertir com a presença do político naquele local. O som é apenas ambiente.

Análise: O aumento de preços de alimentos é tema que, mais uma vez, está presente nos vídeos com maior engajamento de Trump. Na produção audiovisual, o então candidato à presidência aproxima-se ao máximo da população ao elaborar o vídeo no mercado, local frequentado por pessoas de todas as classes sociais. Ele interage com o público, e faz uma espécie de diálogo com o interlocutor do vídeo e com os presentes no local. As perguntas sobre a percepção do aumento de preço são

reducionistas da complexidade do tema. A crítica ao governo da situação é indireta, mas está presente e é construída de forma mais interativa e descontraída, favorecendo o processo de humanização de Trump. A escolha de *snack* popular reflete a tentativa de criar empatia e identificação com o público, e a generosa gorjeta, comum na cultura estadunidense, transmite ideia de atenção, generosidade e solidariedade com a equipe de trabalhadores. Trump convoca o interlocutor a agir e votar.

Em síntese, o ator principal do vídeo é o proprietário da conta; sua principal ação é falar; o conteúdo político é a campanha negativa, ainda que no título haja a promessa de melhorias com Trump. A linguagem é expressiva e motiva emoções básicas de indignação. O principal tipo de interação é a mobilização. A narrativa é apelativa, com retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019) e simplificação excessiva de temas complexos (Smith, 2014).

No que tange aos comentários, 50% se posicionam favoráveis ao presidente, o considerando honesto e desejando que ele realmente seja presidente, ou apenas repetindo que o *slogan* da campanha (“Faça a América grande novamente”). Um dos comentários afirma necessitar dele na Grécia. Outros 30% reclamam sobre como o preço dos alimentos está mais caro, sem se posicionarem explicitamente favoráveis ao presidente; 20% comentam sobre a gorjeta dada à atendente, inclusive, reforçando que Trump foi gentil em reconhecer o trabalho árduo dos funcionários.

3.4 Espanha

Espanha é um reino e uma monarquia parlamentar constitucional: o rei é o chefe de Estado e o primeiro-ministro, eleito pelo parlamento, o chefe de do Executivo ou presidente de Governo. Com a segunda maior extensão territorial da União Europeia, embora longe de gigantes como EUA e Brasil, a Espanha abriga 17 comunidades autônomas e duas cidades autônomas nos mais de 505 mil km² de território. A população quase 49 milhões de habitantes passa por processo de envelhecimento, tendo maior concentração de idade entre 45 e 49 anos de idade (OMS, 2025). A dinâmica de imigração é bastante intensa e marcada principalmente pela entrada de colombianos, marroquinos e venezuelanos (Thykjaer, 2025).

No século XVI, a Espanha exerceu domínio sobre países da América, Ásia e Europa. Nas Américas, os grandes impérios Asteca e Inca foram conquistados, explorados e expropriados de suas riquezas, especialmente ouro e prata, que financiaram guerras e a expansão do reino da Espanha. Porém, no final do século XVII, o império espanhol, o maior do mundo desde o século anterior, foi enfraquecido por guerras incessantes, como a Guerra dos Trinta Anos e a dissolução da União Ibérica, com restauração da independência de Portugal; perdas territoriais; e fragilização da economia. No Século das Luzes, a Guerra de Sucessão Espanhola (1702-1714) significaria a ascensão de outras nações europeias que disputavam a hegemonia mundial, o controle dos territórios convertidos em colônia e do comércio transoceânico, especialmente o relacionado ao tráfico de escravos (Furtado, 2011).

O território hispânico também viveu período de grande instabilidade política e econômica no século XIX. A invasão francesa, por Napoleão Bonaparte, em 1808, pôs fim ao absolutismo. A reação foi a Guerra Peninsular, ou Independência Espanhola, envolvendo, além da Espanha, Portugal e Reino Unido. Esse conflito violento culminou na promulgação da primeira constituição liberal do país, em 1812. Nesse contexto, os territórios convertidos em colônias declararam independência, principalmente nas Américas, e a economia espanhola colapsou (Tuño de Lara, 1977). A entrada espanhola no século XX foi marcada por forte violência política, que pode ser tradicionalmente compreendida a partir de quatro períodos da história: restauração da monarquia Bourbon, iniciada no final do século anterior (1874), estendendo-se até 1931; Segunda República e Guerra Civil; ditadura franquista; e novo regime democrático (Aróstegui; Calleja; Souto, 2000).

O período da Primeira e da Segunda República foram breves: 1873 a 1874, apenas um ano, e 1931 a 1939, respectivamente. A Guerra Civil começou em 1936, durante a Segunda República, em decorrência da tentativa frustrada de golpe militar de Francisco Franco contra o governo republicano. Desdobra-se, então, luta armada entre republicanos *versus* nacionalistas liderados por Franco. Em 1939, o conflito terminou com a vitória dos franquistas, e a ditadura foi implantada, perdurando até a 1975. Esse período foi marcado pela violência, havendo medidas como fuzilamento de inimigos vencidos, principalmente do clero, trabalhadores, professores; lutas de guerrilheiros; e repressão policial intensa. A partir dos anos 1960, começa o que o ditador denominou de luta contra o terrorismo, que em verdade relacionou-se ao

extermínio de movimentos ligados à esquerda de inspiração marxista, leninista, maoísta, ou ligados à luta antifascista (Aróstegui; Calleja; Souto, 2000). Em 1975, houve a morte de Franco e a transição para a democracia. Mesmo assim, a violência política persistiu: modificou-se, tornando-se mais localizada, seletiva e centrada no suposto terrorismo de raiz étnico-nacionalista. Progressivamente, ficou “mais clara a analogia de seu impulso com os comportamentos típicos do fascismo, em contraste com as formas democráticas. O terrorismo tornou-se assim uma exemplificação do 'antimovimento social'” (Aróstegui; Calleja; Souto, 2000, p.87, traduzido pela autora).

O retorno à democracia, após décadas de isolamento na arena internacional, possibilitou a integração da Espanha à OTAN (1982) e à Comunidade Europeia (1986). O Partido Socialista (PSOE) foi eleito para o governo em 1982, trazendo mudanças e inovações ao país. As duas décadas seguintes foram de grande crescimento econômico, modernização, melhorias e reformas no sistema de desenvolvimento social e no mercado de trabalho, inclusive com aumento de empregos (Royo, 2020). Mesmo nesse cenário otimista, impulsionado em grande medida pelo mercado imobiliário e pelo turismo, a Espanha foi duramente impactada pela crise financeira global que eclodiu em 2008. O índice de desemprego disparou e, em 2012, ultrapassou 27%. A pobreza tornou-se alarmante, com impactos mais severos sobre os imigrantes (Royo, 2020; Pinto, 2015). O PSOE, que tinha Jose Luis Rodríguez Zapatero à frente do governo, foi derrotado pelo Partido Popular (PP) de direita, que também avançou em âmbito regional e local. Os socialistas sofreram perdas históricas no governo do país. A crise econômica e fiscal desencadeou a polarização política, instabilidade e fragmentação do sistema partidário (Royo, 2020).

Em 2011, Mariano Rajoy, do PP, assumiu o governo. Dois anos depois, Santiago Abascal, vinculado ao mesmo partido desde 1994, acusou o presidente do governo de trair os ideais do PP, com a inação frente ao movimento nacionalista separatista catalão. Ademais, para Abascal, as ações de Rajoy teriam facilitado a redução de pena de membros do movimento separatista basco, o ETA⁶⁸ e provocado a liberdade carcerária de terroristas dessa organização (Valdivia, 2013). Abascal denominou o PP de direita covarde e deixou o partido. Para Valdívía (2013), um dos

⁶⁸ ETA é a sigla para *Euskadi Ta Askatasuna*, uma organização que atuou como principal ator no conflito basco. O grupo autointitulado de Movimento de Libertação Nacional Basco, fundado em 1959 por estudantes influenciados pelos conflitos como a Guerra da Argélia (1954-1962) e pela Revolução Cubana (1953-1959), foi oficialmente dissolvido em 2018 (Silva, 2025).

pontos centrais para o rompimento do deputado com o PP seria a polêmica relacionada ao fim da subvenção estatal para a *Fundación para el Mecenazgo y Patrocinio Social*, na qual Abascal era dirigente e percebia € 82.491,80 anuais. Somase a isso o fato de Abascal sentir-se afastado de órgãos diretivos e de listas eleitorais do partido. Em novembro de 2013, Abascal deixou o PP e no mês seguinte, fundou o Vox, “*la voz de la España Viva*”, livre e valente, com projeto de promover:

*la defensa de España, de la familia y de la vida; en reducir el tamaño del Estado, garantizar la igualdad entre los españoles y expulsar al Gobierno de tu vida privada. Somos la España que no necesita mirar encuestas ni leerse un periódico para saber cuál es el discurso de moda. Nuestro discurso nace de nuestras convicciones, al margen de si éstas son más o menos populares*⁶⁹ (Vox, 2025, grifos no original).

O discurso perigoso, em especial por rejeitar a visão política informada por dados, pesquisas e evidências, enfraquecer as possibilidades de controle social e o debate democrático. Ao mesmo tempo, fortalece e defende visões de mundo baseadas em convicções ou interesses pessoais ou escusos.

Conforme o Manifesto Fundacional, o Vox é, além de um partido, um projeto político para renovação e fortalecimento da vida democrática espanhola, sob a justificativa de o Estado e as forças políticas tradicionais serem incapazes de promover mudanças necessárias no sistema institucional e jurídico do país. Entre os objetivos do Partido estariam o de promover coesão nacional, conseguir eficiência do Estado, melhorar a qualidade das instituições e impulsionar o crescimento econômico. Em 2019, o Vox conseguiu 52 assentos das 350 cadeiras para deputados no parlamento espanhol. Após as eleições gerais de 2023, o número de deputados foi reduzido para 33, conforme informações disponibilizadas no site do próprio partido.

3.4.1 Abascal, o “corajoso”

⁶⁹ Em tradução livre, tem-se: “a defesa da Espanha, da família e da vida; na redução do tamanho do Estado, na garantia da igualdade entre os espanhóis e na expulsão do governo da sua vida privada. **Somos a Espanha que não precisa consultar pesquisas ou ler jornais** para saber qual é o discurso atual. Nosso discurso nasce de nossas convicções, independentemente de serem mais ou menos populares”.

O *TikTok* de Santiago Abascal foi criado em julho de 2022. O sociólogo graduado pela Universidade de Deusto, Bilbao – cidade profundamente marcada pelas tensões políticas decorrentes do movimento separatista basco – tinha mais de 275 mil seguidores em novembro de 2024, número que triplicaria em menos de um ano, ultrapassando 854 mil no início de setembro de 2025. Similarmente ao aumento expressivo de seguidores, a quantidade de conteúdos publicados também foi elevada: dos mais de 600 vídeos postados, ao menos 280, ou seja, quase metade, foram publicados de janeiro a meados de setembro de 2025.

Abascal iniciou sua carreira política no Partido Popular (PP). Em 2004 tornou-se deputado no parlamento basco, sendo reeleito em 2009, com atuação fortemente vinculada ao combate ao terrorismo do ETA e às pautas relacionadas à defesa da unidade nacional. Com a fundação do Vox, em 2013, ele transita de um ativismo político regional, marcado por questões de segurança, para um movimento com projeção internacional baseado no discurso de enfrentamento tanto às elites políticas e aos meios de comunicação tradicionais, como o de não ceder a pressões internacionalistas (Silva, 2025). Esse discurso ficou mais evidente a partir 2019, quando o parlamentar foi eleito deputado por Madri no Congresso dos Deputados da Espanha. Ele foi reeleito nas eleições gerais em 2023. Além de deputado, Abascal permanece presidente do Vox, desde 2014. No ano 2019, com a chegada do Vox ao Parlamento Europeu, o político hispânico intensificou alianças com forças nacional-conservadoras e soberanistas europeias (Silva, 2025).

Em 2020, Abascal criou a *Fundación Disenso*, um *think tank* que defende valores como liberdade, soberania nacional, vida, família e Estado de Direito na “*Iberosfera*”, que seria uma comunidade com mais de 700 milhões de pessoas, e da qual a Espanha formaria parte, conforme informações na página principal do site da Fundação. Fernández-Vázquez e Ibarra (2022, p. 13) esclarecem que o neologismo *Iberosfera* tem sido utilizado por Abascal, a partir de 2019, e traduz o “*hipanismo étnico*” que confere preferência para assimilação étnica e cultural de imigrantes latino-americanos em detrimento daqueles de procedência islâmica. Entre as justificativas estariam os laços culturais entre as metrópoles, espanhola e portuguesa, e as antigas colônias. O *think tank*, além de se reservar o direito de “*cuestionar la opinión dominante y las imposiciones de lo políticamente correcto, al considerarlas*

*limitaciones para el ejercicio pleno de las libertades*⁷⁰, conforme consta em seu site, tem por objetivo barrar o avanço do comunismo (Silva, 2025).

No ano 2024, o Vox passou a integrar novo partido *Patriots for Europe*, uma aliança política transnacional integrada por partidos nacional-conservadores e soberanistas europeus objetivando coordenar ações no Parlamento Europeu. O partido foi criado naquele ano, e tendo como um dos líderes fundadores, Viktor Orbán, do partido húngaro *Fidesz*. Além dele, integram o partido políticos como Herbert Kickl, do austríaco FPÖ; Marine Le Pen, do francês *Rassemblement National*; Matteo Salvini, do italiano *Lega Nord*; e Tom Van Grieken, do *Vlaams Belang*, de Flandres, Bélgica. Em novembro de 2024, Abascal foi escolhido líder do *Patriots for Europe* (Silva, 2025). Inclusive, a presença mais constata de deputado espanhol no *TikTok* pode estar relacionada com esses acontecimentos, refletindo tanto a necessidade de alcançar público mais expressivo, mobilizando maior número de seguidores e eleitores, como de permanecer no controle das narrativas, pautando temas e moldando a percepção pública.

Os vídeos de Abascal geralmente são fragmentos de aparições públicas, principalmente de discursos proferidos no parlamento espanhol. O uso de efeitos visuais e músicas de fundo é moderado e todos os vídeos têm legenda no idioma espanhol. O político hispânico costuma trajar terno e gravata em cores escuras, e camisa social branca. O corte das roupas ajustado ao corpo e as cores selecionadas conferem, ao estilo tradicional, sobriedade e autoridade. Os movimentos de Abascal são contidos e pouco fluídos, a postura corporal rígida e a expressão facial tensa. O tom de voz é acusatório e firme, e a imagem transmite percepção de disciplina e combatividade constante. Mesmo em entrevistas e aparições externas, como em comícios, Abascal mantém a postura formal e séria, embora não faça uso do terno e aposte em camisa social e calça jeans. O político não costuma sorrir com naturalidade.

As falas de Abascal são contundentes e agressivas. Os adversários políticos são convertidos em inimigos e acusados de covardes, manipuladores, inescrupulosos, corruptos, mentirosos, fraudadores da democracia. Geralmente ele não apresenta evidências ou dados concretos para validar as acusações que profere, e seu discurso, frequentemente, apresenta trechos de ironia, provocações ou ridicularização dos

⁷⁰ Em tradução livre, tem-se: "Desafiar a opinião dominante e as imposições do politicamente correto, considerando-as limitações ao pleno exercício das liberdades".

opponentes. Enquanto ele fala, não raro são mostradas cenas hipotéticas de reações de Pedro Sánchez, presidente do governo e principal inimigo político de Abascal, a quem o deputado ataca na grande maioria dos conteúdos audiovisuais produzidos. É comum que Sánchez apareça com semblante desatento, confuso, ou rindo, como se estivesse debochando da situação.

O eu digital de Abascal reflete um político firme, conservador, autoritário, combativo, *outsider*, capaz de enfrentar sistema político tradicional. Até 2024, poucos conteúdos suavizavam essa imagem. Porém, a partir de 2025, observa-se mudança na humanização do político. A quantidade de vídeos em que o político passeia pelas ruas da cidade, com trilha sonora suave, cumprimentando cidadãos e conversando brevemente com eles, aumentou. Também foram postados conteúdos em que Abascal aparece com a família. O espanhol casou duas vezes e tem cinco filhos, sendo dois adultos, do primeiro matrimônio, e um adolescente e duas crianças do segundo. Porém, apenas mais recentemente foram divulgadas cenas com os mais novos. Outra mudança percebida relaciona-se ao visual do espanhol. Nos vídeos mais recentes, ele aparece em eventos externos usando camiseta branca com a palavra “*freedom*” e camisa jeans aberta ou jaqueta de couro, algo mais casual e jovial. Também foram modificados ângulos de filmagem, e Abascal produz conteúdo em formato *selfie*, enquanto conversa diretamente com o interlocutor, buscando estabelecer maior conexão emocional. Os vídeos também parecem ser mais curtos, ainda que diversos fragmentos sejam postados em sequência.

Em relação aos vídeos do TikTok classificados como de conteúdo político, inicia-se a análise no tópico 3.4.1.1, abaixo:

3.4.1.1 Análise netnográfica vídeo 1 – Abascal

O primeiro e mais popular vídeo de Abascal foi visualizado por 5,5 milhões de pessoas, e curtido por mais de 10% do total. As métricas podem ser observadas abaixo, na Tabela 14:

Tabela 14: Análise quantitativa vídeo 1 – Abascal
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 1º lugar
Data de publicação: 18/09/2024
Tempo de duração do vídeo: 2 min 37 seg.

Chamada: <i>Si van a gastar el dinero de los españoles que sea para pagarles un billete de vuelta a sus patrias. O a Bruselas.</i> (em tradução livre: Se vão gastar o dinheiro dos espanhóis, que seja para pagar uma passagem de volta às suas pátrias. Ou para Bruxelas)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
5,5 milhões	452,5 mil	13,2 mil	62,2 mil	43 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do TikTok de Abascal (2025)

Para ilustrar os acontecimentos do vídeo, tem-se a Figura 18, abaixo:

Figura 18: Imagens vídeo 1 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no TikTok de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: Abascal está de pé, discursando para o parlamento espanhol. O som é ambiente. Ele se reporta diretamente ao presidente do Governo, Pedro Sánchez, e pergunta porque o Governo está financiando imigrações ilegais com recursos das famílias espanholas. O deputado apresenta alguns números de gastos relacionados a esses estrangeiros, como alimentação e estadia. Ele acusa haver a propagação de uma mensagem perigosa: incentivo à imigração ilegal massiva custeada pelos espanhóis, especialmente autônomos explorados; jovens que saem do país em busca de melhores oportunidades; aposentados; pessoas que não possuem casa; enfim, os mais humildes. Abascal fala em combater a imigração ilegal massiva, utilizando-se o recurso público não para acolhê-los, mas sim para deportá-lo imediatamente a seus países de origem. Em tom provocativo, sugere que, alternativamente, os imigrantes ilegais sejam enviados a Bruxelas. O político também alega que deveria haver uma consulta pública sobre os locais onde seriam

implantados os “Mena” – centro de acolhimentos a menores estrangeiros desacompanhados.

Análise: O combate à imigração massiva ilegal é um dos pilares da retórica de Abascal. Ele defende que o Governo prioriza políticas públicas que favorecem os migrantes em detrimento da população espanhola. Essas políticas seriam financiadas com recursos arrecadados dos impostos dos espanhóis, logo, incidiriam de forma mais profunda sobre as camadas mais populares. Além disso, haveria uma sobrecarga de serviços de educação e saúde pela grande demanda dos imigrantes. Esse discurso cria um “nós” contra um “eles”, que devem ser combatidos. Isso é reforçado pela quantidade de vezes que Abascal fala as palavras Espanha e seus gentílicos, espanhóis e espanholas: 12 vezes em apenas dois minutos e 37 segundos. A solução para o problema complexo é apresentada a partir de soluções simplistas, como a de deportar imediatamente os imigrantes ilegais e cortar benefícios para esse público. Além disso, Abascal usa a ironia para criticar e desvalorizar a Comissão Europeia, responsável por tratar temas como imigração.

O ator principal é o proprietário da conta, a ação principal é falar, o conteúdo político é pauta reacionária e campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são de desprezo e medo, e o tipo de interação é a deliberação e discussão, pois busca promover a opinião (negativa) sobre determinada informação. Observa-se, no conteúdo audiovisual, a dualidade moral representada pela luta do bem, o povo espanhol, *versus* o mal, o imigrante ilegal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); a simplificação excessiva de temas complexos (Smith, 2014), no caso a imigração, e a demonização desse inimigo construído, o imigrante ilegal, e incitação do ódio contra ele (Copsey, 2013b; Smith, 2014); a retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); cadeia lexical com repetição (Morais; Oliveira; Moraes, 2020), reforçando conteúdos; e opiniões que desacreditam a confiança em instituições públicas (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023), como a Comissão Europeia.

Em relação aos comentários, os internautas do canal interagiram com comentários simples e curtos. Todos expressam apoio a Abascal, alguns se questionam como as pessoas não escutam esse “homem incrível” e outros acreditam que a Espanha necessita dele com urgência. Não foi utilizada *hashtags*.

3.4.1.2 Análise *netnográfica* vídeo 2 – Abascal

O segundo vídeo mais engajado de Abascal possui os seguintes dados, apresentados na Tabela 15:

Tabela 15: Análise quantitativa vídeo 2 – Abascal				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 2º lugar				
Data de publicação: 03/11/2024				
Tempo de duração do vídeo: 3 min 32 seg.				
Chamada: <i>Es el momento de ayudar y acompañar a los afectados, pero ante una de las mayores catástrofes a las que nos hemos enfrentado, ante tanta maldad e incompetencia, y después de la comparecencia infame del presidente del Gobierno, no podemos estar callados://Sánchez es el primer responsable de no haber activado todos los recursos del Estado cuando todavía podían salvarse vidas.</i> (em tradução livre: É hora de ajudar e apoiar os afetados, mas diante de uma das maiores catástrofes que já enfrentamos, diante de tanta maldade e incompetência, e após a infame aparição do Primeiro-Ministro, não podemos nos calar. Sánchez é o principal responsável por não acionar todos os recursos do Estado quando vidas ainda poderiam ter sido salvas.)				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
4,4 milhões	391,5 mil	20 mil	34,9 mil	25,6 mil

Para exemplificar o conteúdo audiovisual, tem-se a Figura 19:

Figura 19: Imagens vídeo 2 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no TikTok de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: Este vídeo começa com Abascal se reportando às vítimas da tragédia de Valência, alguns dias após o ocorrido. Há símbolo de luto do lado esquerdo da tela e, ao fundo, uma imagem desfocada na qual se pode identificar apenas as cores amarela e vermelha da bandeira espanhola. O som é apenas o da voz do deputado, que reforça estarem diante de uma das maiores catástrofes da história do país. Ele presta solidariedade aos atingidos pelo caos. Em seguida,

começa uma série de ataques ao suposto desprezo e inação do Governo, mencionando sentimentos de incredulidade, impotência, raiva e, até mesmo, vergonha pela incapacidade de reação do Governo.

Abascal afirma que “todos nós” somos tomados pelas mesmas perguntas que se converterão em gritos de indignação: quais as razões de o Exército não ter sido totalmente mobilizado? Por que não houve aceite de ajuda internacional nos primeiros momentos do desastre, quando era possível evitar perda de vidas humanas? Qual o motivo de criminalizar a ajuda voluntária? Por que os espanhóis foram abandonados à sua própria sorte, convivendo com cadáveres, e sofrendo ataques de bandidos como se fosse um país de terceiro mundo? Ele prossegue os questionamentos e críticas e afirma que Pedro Sánchez, como sempre, mentiu e fez promessas sobre medidas a serem adotadas. Por isso, ainda que reconheça que o momento é de oração e solidariedade às vítimas, reforça seu compromisso de exigir que os culpados sejam responsabilizados política, civil e penalmente.

Análise: A tragédia de Valência, a terceira maior cidade da Espanha, ocorreu em 30 de outubro de 2024, quando choveu em apenas oito horas o equivalente a um ano de precipitação. As causas do elevado índice de chuva relacionaram-se a fatores meteorológicos e provocaram a pior enchente em décadas no país, conforme o jornal espanhol *El País* (2024). Mais de 200 pessoas morreram e muitas ficaram desaparecidas. O governo valenciano foi acusado de demora no repasse do alerta, o que teria agravado as consequências do desastre. Os acontecimentos provocaram uma comoção nacional. Nesse sentido, a produção de um vídeo para prestar solidariedade às vítimas demonstra sensibilidade e reforça a imagem de líder próximo do povo, preocupado com ele e atento às suas necessidades. As cores da bandeira, ainda que na imagem distorcida, remetem a sentimentos patrióticos. O símbolo de luto expressa respeito por aqueles que tiveram perdas.

Porém, Abascal utiliza o espaço mais para criticar o governo que para prestar solidariedade ao povo. Ele apenas publicou o conteúdo após a visita de Pedro Sánchez ao local, quando o primeiro-ministro foi recebido com hostilidade. Abascal intensifica sentimentos de revolta e indignação popular. Atribui somente aos dirigentes a culpa pelos ocorridos, desconsiderando, por exemplo, aspectos estruturais e meteorológicos. Apresenta como solução para o problema a mobilização integral do Exército, ainda que o governo tenha mobilizado mais de 10 mil soldados e policiais.

Além disso, não está claro a que ajuda internacional Abascal se referia. Em relação à criminalização de voluntários, apenas identificou-se que o fluxo de ajuda foi tão intenso que o governo pediu publicamente que as pessoas parassem de se deslocar para Valência, evitando comprometer a logística de resgate excesso de pessoas, ou seja, Abascal distorce a realidade para que sua opinião seja mais contundente.

Em suma, o ator principal é o proprietário da conta, a ação principal é falar, o conteúdo político é pauta campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são indignação e medo. O tipo de interação é formar opinião (deliberação e discussão) sobre como o governo deveria ter atuado. Tem-se narrativa com demonização do inimigo construído, no caso o Governo, em especial Pedro Sánchez, e incitação do ódio contra ele (Copsey, 2013b); a retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); e discurso conspiratório (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023) e antissistema (Marvakis, 2015).

O discurso de Abascal repercutiu nos comentários do vídeo. Ainda que 60% tenham sido de apoio ao dirigente do Vox, com *posts* como “se ele fosse presidente, a Espanha seria outra” ou “estou com você, Abascal”, 20% criticaram a tentativa de ele tirar proveito político da situação, ou sugeriram que ele fosse efetivamente ajudar as vítimas. Outros 20% questionaram a comparação pejorativa com países de terceiro mundo, inclusive por ele desconhecer procedimentos céleres de atuação. Não houve uso de *hashtags* no material.

3.4.1.3 Análise *netnográfica* vídeo 3 – Abascal

O terceiro vídeo com conteúdo político analisado de Abascal possui as métricas conforme Tabela 16, abaixo:

Tabela 16: Análise quantitativa vídeo 3 – Abascal				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 3º lugar				
Data de publicação: 26/09/2023				
Tempo de duração do vídeo: 2 min 20 seg.				
Chamada: <i>#PedroSánchez pagará por sus fechorías.</i> (em tradução livre: # Pedro Sánchez pagará por seus crimes.)				
Hashtag: <i>#VOX #España #tiktokespaña #Congreso #sánchezdimisión, #PedroSánchez</i>				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
3,1 milhões	217,9 mil	4,2 mil	21,8 mil	17,3 mil

A Figura 20 ilustra o conteúdo audiovisual:

Figura 20: Imagens vídeo 3 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: O vídeo é um trecho do discurso de Abascal no Plenário. Ele se dirige diretamente a Pedro Sánchez, embora afirme que, naquele momento, o líder do Governo não está disposto a debater. O deputado declara que Sánchez será lembrado na história, entre outros motivos, por ter patrocinado inimigos da Espanha; por deslegitimar instituições, como tribunais; e por propor anistia a agressores da guerra civil. Além disso, diz que o adversário político será reconhecido como líder de estupros, devido ao recorde dos crimes contra mulheres durante os últimos quatro anos, e líder da ruína, pela maior redução real de salários entre as grandes economias europeias. Também fala dos elevados gastos do Governo e acusa Sánchez de “encher os bolsos de seus apoiadores”. Abascal fala em corrupção e sentimentos de raiva e vergonha. Em alguns breves momentos, são mostradas imagens de Sánchez.

Análise: A narrativa de Abascal busca deslegitimar moralmente Pedro Sánchez, convertendo-o em inimigo do povo. Os temas abordados em seu discurso são sensíveis para a Espanha. Abascal não deixa evidente quais ações do primeiro-ministro são de financiamento de inimigo, nem tampouco, sobre a deslegitimação dos tribunais. Já em relação à Lei de Anistia, considera tratar-se de um acordo político para troca de favores entre o PSOE e partidos separatistas catalães, em decorrência da tentativa de independência da Catalunha, em 2017. Abascal explora a percepção de impunidade e de favorecimento pessoal para manter Sánchez no poder, afirmando que o adversário político é descarado.

No que tange aos casos de estupro e violência contra as mulheres, há controvérsias para as alegações do presidente do Vox. Isso se deve a duas razões principais. A primeira, por que os dados do *Ministerio del Interior*, da Espanha, indicarem aumento do número do registro de casos, e não da ocorrência em si. A segunda, e mais contundente, pelo fato de, antes de 2022, haver dois tipos de delitos sexuais na Espanha, o abuso sexual (sem violência ou intimidação) e violação (com violência ou ameaça). Com a aprovação da *Ley de Libertad Sexual*, em 2022, conhecida popularmente no país como lei do “Só o sim é sim”⁷¹, toda relação sexual sem consentimento explícito passou a ser considerada agressão sexual, o que pode contribuir para elevar o número de casos (BBC News, 2024).

Por fim, sobre a redução real do salário, conforme o Relatório Anual do Banco Central Europeu (BCE), de 2024, referente ao ano de 2023, quando foi publicado o vídeo no *TikTok* de Abascal, de fato o ano foi marcado pelo aumento da inflação em decorrência, entre outras razões, da Guerra entre Rússia e Ucrânia. O impacto foi sentido pela população, que teve o poder de compra reduzido, mesmo com aumento nos salários (BCE, 2024). Então, a insatisfação é generalizada entre todos os seguimentos da população. Abascal culpa Sánchez pela pressão econômica na vida dos espanhóis, o nomeia de “líder da ruína” e amplia a indignação, a revolta, o medo e a insegurança em relação ao futuro. Ademais, associa a suposta incompetência do socialista à corrupção, pois sugere que mesmo diante desse contexto impactante, ele beneficia apoiadores para defender e manter sua posição política de primeiro-ministro e líder do Governo.

O ator principal do vídeo é o proprietário da conta, a ação principal é falar, o conteúdo político é campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são medo, raiva e indignação. O tipo de interação é a informação e promoção (espectador passivo). A retórica de Abascal tem características de discurso antissistema e nacionalista (Marvakis, 2015); demonização do inimigo construído (Copsey, 2013b); a retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); e discurso conspiratório (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023).

⁷¹ A reforma na legislação teve origem com o caso de estupro coletivo na Espanha, conhecido como *La Manada*, em 2016. O julgamento dos cinco jovens acusados do crime foi caracterizado, inicialmente, como abuso sexual e causou revolta mundial, mobilizando uma série de movimentos sociais, especialmente feministas, que clamavam por justiça.

Os comentários são 100% favoráveis a Abascal. Alguns mencionam não entender por que há medo de Abascal se tornar presidente, pois essa seria uma mudança para melhor. Outros, concordam, mas se perguntam onde estão os eleitores de Vox no momento das eleições. Há ainda os que criticam a Sánchez, afirmando que ele dissimula, como se as alegações não fossem verdadeiras. As *hashtags* utilizadas foram: #VOX #España #tiktokespaña #Congreso #sánchezdimisión #PedroSánchez.

3.4.1.4 Análise *netnográfica* vídeo 4 – Abascal

O quarto vídeo com maior engajamento no TikTok de Abascal possui os seguintes dados apresentados na Tabela 17, a seguir:

Tabela 17: Análise quantitativa vídeo 4 – Abascal				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 4º lugar				
Data de publicação: 12/06/2024				
Tempo de duração do vídeo: 3 min 03 seg				
Chamada: <i>TODO para tapar su corrupción política y económica.//NADA para defender los intereses de España y de los españoles..</i> (em tradução livre: TUDO para encobrir sua corrupção política e econômica.//NADA para defender os interesses da Espanha e do povo espanhol.)				
Hashtag: #viral #parati #fyp #España #VOX #Congreso #PedroSanchez				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
3,9 milhões	147,9 mil	2,3 mil	3 mil	12,4 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do TikTok de Abascal (2025)

O conteúdo audiovisual é ilustrado pelas cenas na Figura 21:

Figura 21: Imagens vídeo 4 – Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no TikTok de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: Abascal não costuma utilizar muitos efeitos nos vídeos publicados na sua conta de *TikTok*. Também não costuma introduzir trechos de fala de outros políticos. Então, esse é um dos poucos em que ambas as coisas acontecem. O conteúdo começa com 48 segundos de fala do deputado do Vox, que pergunta a Sánchez se ele está disposto a colocar a todos em uma guerra para esconder o cometimento de atos de corrupção política e econômica. Abascal afirma que os questionamentos são feitos devido aos conflitos diplomáticos iniciados por Sánchez contra Argentina e Israel. Além disso, conforme Abascal, o primeiro-ministro espanhol teria insultado seus iguais na Itália e na Hungria, assim como ao futuro dirigente dos EUA e a quem, cedo ou tarde, governará a França. Também critica a Lei de Anistia como sendo o fim da igualdade dos espanhóis. Passa-se à imagem da réplica de Sánchez, que se limita a afirmar que, embora Abascal se denomine patriota, coloca-se favorável ao bombardeio de Gaza, e que essa não é a posição do Governo. O volume do som é mais baixo e a cena, em preto e branco, dura apenas 20 segundos.

Inicia-se a tréplica de Abascal, em cores, volume elevado e duração de mais de 150 segundos (aproximadamente 1,8 minuto). Ele fala em tentativa de divisão de opinião, ódio, mentira, manipulação e que Sánchez é um verdadeiro representante de si mesmo, que tenta esconder a corrupção de seus ministros, irmão e esposa e de comprar sua investidura com a Lei da Anistia. Abascal acusa Sánchez de não priorizar os espanhóis, de não proteger a população da imigração ilegal, nem mulheres das situações de violência, tampouco o campo e a indústria da ameaça de morte do Pacto Verde e da Agenda 2030. Por fim, ratifica que o pior de Sánchez está por vir, e que tudo o que disse é verdade, e Sánchez sabe; e que nada do que Sánchez venha a dizer é verdade, e ele também sabe disso. O vídeo se encerra.

Análise: Este vídeo é bastante denso. Para compreender as acusações de Abascal, considera-se pertinente retomar alguns pontos, de modo sucinto. Os conflitos com Argentina relacionam-se à retirada da embaixada da Espanha no país latino-americano. A medida foi adotada após Javier Milei, presidente argentino, chamar a esposa de Pedro Sánchez de corrupta, quando participava do evento “Europa Viva 24”, organizado pelo Vox. Milei não se reuniu com Sánchez ou com o rei, mas foi autorizado a aterrizagem e decolagem da base militar Torrejón de Ardoz, por onde chegam chefes de governo e de Estado. Begoña Gómez, esposa de Sánchez, foi acusada por Milei de tráfico de influência e corrupção por um coletivo ligado à extrema-

direita espanhola. Após investigação do Ministério Público do país, a denúncia foi arquivada por ausência de provas. A acusação de Milei à mulher foi considerado como um ataque às instituições democráticas espanholas, inclusive pelo fato de ter havido investigação por órgãos competentes. O governo espanhol pediu retratação e pedido de desculpas, mas Milei se negou a fazê-lo (Gonzáles, 2024).

Em relação a Israel, a acusação foi devido ao fato de a Espanha – assim como outros 140 países, inclusive o Brasil, desde 2010 – reconhecer o Estado da Palestina. Sánchez alegou que o ato se ampara no respeito internacional e é uma questão de reparação histórica (*Euronews*, 2024). Abascal considerou a medida hostil e afirmou que, uma vez à frente do governo, reverterá a decisão. Já sobre Giorgia Meloni (Itália), Viktor Orbán (Hungria), Donald Trump (EUA) e Marine Le Pen (França), todos de direita, não foram identificados insultos no período anterior à publicação do vídeo, embora tenha sido possível encontrar críticas à política italiana de combate à imigração daquele país. Relembre-se que Meloni, Orbán e Le Pen participaram do evento “Europa Viva 24” organizado pelo Vox (Soto, 2024), e que Sánchez fez críticas ao evento e, indiretamente, aos participantes. Não houve qualquer indisposição com Trump no período.

Sobre a menção à imigração ilegal e violência contra as mulheres, são duas temáticas recorrentes nos discursos de Abascal, como já abordado na *Análise Netnográfica* Abascal, vídeos 1 e 3. Em relação ao Pacto Verde Europeu, foi lançado em 2019 como resposta às demandas cidadãs na Europa por ações climáticas. Alinhado com a Agenda 2030 da ONU, o Pacto tem por objetivo alcançar a neutralidade climática, promovendo a transição energética economicamente sólida e socialmente justa, conforme o *site* oficial da União Europeia. Mas, para Abascal, trata-se de um plano silencioso e massivo de demissões tanto no setor primário, como também na indústria, e corresponderia a uma grande dependência estrangeira, “uma sentença de morte” para a Espanha, conforme declarou no *site* oficial do Vox. Essas alegações visam conectar Abascal a públicos que se sentem prejudicados pelas políticas ambientais, além de conservadores que consideram a temática climática e a Agenda 2030 como ameaçadoras à tradição e à soberania. Ademais, o aproxima de eleitores nacionalistas ou que rejeitam as interferências da União Europeia no país.

A narrativa de Abascal é contundente, apelativa e distorcida. Ele transmite a imagem de Sánchez como um líder inábil e incompetente nas questões internas, e

extremamente corrupto, nas pautas internacionais, a ponto de estremecer relações, que poderiam culminar em guerras com objetivo de supostamente escamotear suas ações. Abascal mobiliza, principalmente, sentimentos de raiva, indignação e medo. Além disso, Abascal transfere a responsabilidade de todos os acontecimentos a Sánchez, mesmo quando agentes externos ameaçam a soberania das instituições democráticas do país, como os ataques de Milei que, indiretamente, recaem sobre a lisura da atuação do Ministério Público espanhol.

A estratégia de apresentar a fala de Sánchez em preto e branco, e com voz em volume mais baixo, reforça a percepção de frieza, distanciamento e falta de vitalidade, características importantes diante de um cenário conturbado. Soma-se a isso o tempo de fala reduzido de Sánchez, apenas 20 segundo no vídeo com mais de três minutos de duração, que sugere repertório político restrito e argumentos frágeis frente a quem domina o debate. Abascal, ao contrário, tenta disseminar a própria imagem de político ético, forte, vigoroso, disposto e capaz de lutar pelos cidadãos.

Em suma, nesse vídeo, o ator principal é o proprietário da conta, a ação principal é falar, o conteúdo político é campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são raiva e indignação, e tipo de interação, informação e promoção. A retórica de Abascal tem características de discurso antissistema e nacionalista (Marvakis, 2015); propagação do medo e de teorias da conspiração e desinformação (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023; Schröter, 2022); retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); e transdiscurso apelativo e inflamado, perpassando pelo político, econômico e internacional (Romancini; Castilho, 2019; Moraes, Oliveira; Moraes, 2019).

Os comentários ao vídeo foram majoritariamente favoráveis à Abascal (70%). Alguns questionaram quais as razões do rei espanhol para não intervir e retirar Sánchez da liderança do país, ou por que ele se mantém no cargo; 20% são favoráveis a Sánchez, inclusive afirmando que, apesar das reclamações, é quem mais faz pela Espanha, e 10% perguntam sobre a origem do Vox. As *hashtags* utilizadas são #viral #parati #fyp #España #VOX #Congreso #PedroSanchez.

3.4.1.5 Análise *netnográfica* vídeo 5 – Abascal

O vídeo em que Abascal acusa Sánchez de ser capaz de qualquer coisa para permanecer no poder tem os seguintes dados, conforme Tabela 18:

Tabela 18: Análise quantitativa vídeo 5 – Abascal				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 5º lugar				
Data de publicação: 29/09/2024				
Tempo de duração do vídeo: 1 min 44 seg				
Chamada: #PedroSánchez es capaz de cualquier cosa con tal de seguir en el poder (em tradução livre: #PedroSánchez é capaz de tudo para permanecer no poder.)				
Hashtag: #VOX #España #Congreso #tiktokespaña #fyp #PedroSánchez				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
2,2 milhões	135,3 mil	3,03 mil	11,7 mil	8,32 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do TikTok de Abascal (2025)

O conteúdo audiovisual pode ser representado pelas imagens da Figura 22:

Figura 22: Imagens vídeo 5 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no TikTok de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: O vídeo começa com Abascal no Plenário afirmando que se Pedro Sánchez precisasse de votos de um partido de ladrões, certamente proibiria encarceramento; se fossem votos de um partido de traficantes de órgãos, lhes daria o endereço do Instituto Anatômico Forense; e se fossem votos de um partido de estupradores e pederastas, teria o voto de agradecimento pela conhecida lei do “Só sim é sim”, que tanto os beneficiou. Por fim, ele conclui que se faltam votos de um partido golpista, Sánchez negocia uma Lei da Anistia, ainda que isso facilite golpes posteriores contra o Estado de Direito. Conforme Abascal, as ações de Sánchez representam riscos para a convivência nacional e para a Constituição do país. O presidente do Vox esclarece que são essas as razões pelas quais apoiará a investidura de Alberto Nuñez Feijóo, do Partido Popular (PP), para recuperar a

normalidade democrática, a neutralidade das instituições, a unidade nacional e colocar fim ao “*cordón sanitario*”, em tradução livre “cordão sanitário”, imposto a partidos e milhões de espanhóis, que tem direito a discordar e se opor ao pensamento. A música de fundo, comovente, só é utilizada nos segundos finais do vídeo.

Análise: Mais uma vez, Abascal profere uma série de acusações contra o líder do PSOE, convertendo-o em inimigo do povo. As pautas abordadas envolveram o hipotético relacionamento de Sánchez a bandidos, traficantes, pederastas, estupradores e golpistas, com intenção de se manter no governo. Os sentimentos de ódio, ojeriza, repulsa e indignação são mobilizados. Estrategicamente, alinha-se com o PP apesar das divergências declaradas, para formar uma ofensiva contra a esquerda. O principal objetivo de Abascal era eliminar o chamado “cordão sanitário”, uma estratégia política informal utilizada por partidos políticos para evitar que partidos extremistas tenham influência ou participem do governo. O líder do Vox, a partir desse limite de atuação, reforçou sua narrativa de perseguição por um sistema político corrompido e por urgência em modificar o cenário político espanhol atual. Feijóo se comprometeu, em caso de vitória, a não aplicar o “cordão sanitário” com o Vox, mas apenas com outros partidos (CNN Portugal).

Em síntese, nesse conteúdo audiovisual o ator principal é o proprietário da conta, a ação principal é falar, o conteúdo político é campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são raiva e indignação, e tipo de interação, informação e promoção. A retórica de Abascal tem características de discurso antissistema e nacionalista (Marvakis, 2015); retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); demonização do inimigo construído (Copsey, 2013b).

Em relação aos comentários, 60% são de apoio a Abascal; 30% questionam o resultado da eleição por acreditarem haver algum tipo de fraude; 10% debocham do Vox, dizendo que o partido não está alinhado com princípios democrático e tampouco com a Constituição espanhola. As *hashtags* utilizadas foram: #VOX #España #Congreso #tiktokespaña #fyp #PedroSánchez.

3.4.1.6 Análise *netnográfica* vídeo 6 – Abascal

O sexto vídeo analisado de Abascal tem as seguintes métricas, apresentadas na Tabela 19:

Tabela 19: Análise quantitativa vídeo 6 – Abascal				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 6º lugar				
Data de publicação: 24/07/2024				
Tempo de duração do vídeo: 1 min 30 seg				
Chamada: ¡Viva #Venezuela libre de comunismo! (em tradução livre: Viva a #Venezuela livre do comunismo!)				
Hashtag: #viral #parati #internacional #VOX #España #Venezuela				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
2,2 milhões	122,4 mil	4,47 mil	8,89 mil	6,49 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do TikTok de Abascal (2025)

Para ilustrar o conteúdo audiovisual, tem-se a Figura 23:

Figura 23: Imagens vídeo 6 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: Abascal envia uma mensagem de apoio e ânimo ao povo venezuelano poucos dias antes das eleições presidenciais naquele país. Na cena, que possui dois *emojis* que representam as bandeiras dos países, e enquadramento de meio-plano, o deputado espanhol afirma que, apesar das fraudes eleitorais planejadas pelo tirano Nicolás Maduro e seus “capangas” (“*secuaces*”) do Foro de São Paulo e do *Grupo de Puebla*, o regime narco-comunista estaria chegando ao fim. Alega que nenhuma fraude poderá frear a mobilização popular pela liberdade, que transcende fronteiras e abre caminhos, levando esperança à região. Abascal também diz que quem lidera essa mobilização – oriunda do esforço e do amor do povo pela pátria – é Maria Corina Machado, admirada, respeitada e apoiada por seu partido, o Vox. Abascal diz que o regime narco-comunista não vai amordaçar a Venezuela por muito

tempo, e nem impedir que o país se abra a uma nova fase. Ele finaliza o conteúdo com a frase “*Viva Venezuela y viva Española!*”. Não há música de fundo.

Análise: O discurso de Abascal é apelativo, internacionalista e combativo. O presidente do Vox se coloca como defensor da democracia não apenas na Europa, mas na América Latina. Ele mobiliza sentimento de ódio, medo contra o comunismo, raiva e indignação contra movimentos de esquerda, os quais criminaliza ao denominá-los de “capanga” de tirano e associa-los ao narco-comunismo⁷², termo que vem utilizando ao menos desde 2021 para relacionar regimes de esquerda ao narcotráfico (LPO, 2021). As alegações deslegitimam governos, sugerem a ocorrência de movimentos conspiratórios e fortalecem a polarização com a ameaça de um inimigo comum a ser combatido. Abascal fala, ainda, em esforço e amor pela pátria, em esperança e exemplo para o restante da região latino-americana, deslegitimando governos de esquerda que estejam no poder, como é o caso do Brasil. Os *emojis* de bandeira e a frase final, de viva aos países, reforçam o tom patriótico do discurso.

O vídeo tem como ator principal o proprietário da conta. A ação principal é falar, o conteúdo político é campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são indignação e desprezo, e tipo de interação, informação e promoção. A narrativa de Abascal possui retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); demonização do inimigo construído (Copsey, 2013b), no caso, os narco-comunista; discurso com teorias da conspiração, propagação do medo e desinformação (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023; Schröter, 2022).

A reação ao vídeo é de 80% de concordância com o discurso de Abascal. Curiosamente, parte do apoio é advindo de pessoas que afirmam, de modo geral, serem oposição ao deputado. Os *posts* alegam que pela primeira vez que Abascal diz algo coerente e racional. Outros desconfiam e perguntam se o conteúdo foi realmente produzido por ele ou por IA. Em relação aos demais comentários, 10% provocam Pedro Sánchez por supostamente não ter se pronunciado sobre o tema, e 10% ironizam o fato de a Espanha falar em democracia e ter um rei. As *hashtags* utilizadas são: *#viral #parati #internacional #VOX #España #Venezuela*.

⁷² Em 2021, o termo foi utilizado por Abascal em visita ao então presidente Jair Bolsonaro (LPO, 2021),

3.4.1.7 Análise *netnográfica* vídeo 7 – Abascal

O sétimo conteúdo audiovisual analisado na plataforma de Abascal possui os seguintes números e sentenças, conforme Tabela 20:

Tabela 20: Análise quantitativa vídeo 7 – Abascal				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 7º lugar				
Data de publicação: 30/06/2023				
Tempo de duração do vídeo: 3 min 23 seg				
Chamada: <i>Gracias #Salamanca!</i> . (em tradução livre: Obrigado, #Salamanca!)				
Hashtag: #Salamanca #VOX #España #VivaEspaña #viralvideo #parati #fyp シ				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
1,5 milhão	117,6 mil	2,17 mil	8,78 mil	8,46 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do TikTok de Abascal (2025)

Algumas cenas do vídeo são apresentadas na Figura 24:

Figura 24: Imagens vídeo 7 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: Neste vídeo, Abascal está realizando campanha para eleições gerais em Salamanca. Ele usa camisa social azul clara e calça *jeans*. Ao caminhar pelas ruas, cumprimenta cidadãos e tirando fotos com eles. A música de fundo possui melodia suave e ritmo fluido e comovente. Pode-se ouvir risos e burburinhos. Ele para, conversa com idoso, jovens, crianças, mulheres e homens, público majoritário nas imagens. Os diálogos mais longos, ainda que durem poucos segundos, são com anciãos, que desejam que o político tenha sorte e sucesso nas

eleições. Um dos idosos lembra-se de ter conhecido Manuel Abascal, avô do deputado e prefeito de Amurrio, político que teria feito muito pela população. As pessoas se aproximam com certa curiosidade e euforia. Ele atende a todos com sorriso e simpatia. A canção ganha mais vigor e progressões harmônicas que mobilizam sentimentos de esperança. Uma pequena multidão em torno dele grita: presidente! Presidente! Depois, ele é parado por um senhor que pede uma foto e diz: “*em tus manos encomiendo mi espíritu*”. Outros bradam: Viva a Espanha! O vídeo é encerrado com o *slogan* que pode ser traduzido como “decide: liberdade, segurança, fronteira, indústria, campo, família. Decide o que importa”. Na parte inferior da tela há *emojis* da bandeira do país.

Análise: Embora o título do vídeo seja “*La España real que no reflejan los medios*”, em verdade o que se pretende é apresentar outra faceta pouco conhecida do político, mais humana e próxima do povo. O contato direto busca transmitir empatia e favorece o estabelecimento de conexão emocional com os eleitores. O cumprimento a idosos, jovens e crianças tenta reforçar a preocupação intergeracional de Abascal. A estratégia de dar mais atenção aos idosos, motiva percepção de respeito, compromisso com tradições e com o legado político, reforçado pelas lembranças do ancião que se recorda do avô de Abascal, prefeito de uma cidade espanhola. A narrativa alcança o auge do apelo emocional ao apresentar Abascal como líder salvador, no momento em que outro idoso repete a última frase de Jesus Cristo a Deus, quando de sua crucificação, conforme o Evangelho de Lucas (LC, 26, 46): “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. Ao final do vídeo, os valores populistas de liberdade, segurança, família são retomados, acrescentando-se fronteira, em alusão à entrada massiva de imigrantes e o campo, devido à oposição e críticas sobre o Pacto Verde e a Agenda 2030, por exemplo. Os *emojis* de bandeira da Espanha também reforçam sentimentos patrióticos e nacionalistas.

O vídeo tem como ator principal o proprietário da conta, ainda que apareça rodeado e interagindo com pessoas comuns. A ação principal é interagir com as pessoas (outros), o conteúdo político é campanha positiva para si mesmo, a linguagem é apelativa, as emoções básicas mobilizadas são surpresa, felicidade e otimismo, e tipo de interação é participação e mobilização. A narrativa promove a intimidade com o político e microcelebrização dele (Maly, 2020) e a apresentação do

político como líder salvador e único capaz de promover as mudanças necessárias (Mendonza, 2020)

Os comentários são, majoritariamente, de apoio a Abascal (70%), com frases como “meu presidente” e “gente jovem, idosa, de classe média que querem levantar a Espanha. Viva a Espanha”. Os outros 30% são de oposição, com explicitação de sentimentos de receio e medo de que Abascal chegue ao poder, além de questionarem a falta de conhecimento dos jovens em relação à história do país. Nesse caso, a reação ao *post* gerou comentários sobre ditadura e período de miséria até os anos 1950, e de rejeição ao Vox por considera-lo xenofóbico e retrogrado. As *hashtags* usadas foram: #Salamanca #VOX #España #VivaEspaña #viralvideo #parati #fypシ.

3.4.1.8 Análise *netnográfica* vídeo 8 – Abascal

A produção audiovisual em oitavo lugar no *TikTok* de Abascal tem as seguintes métricas, compiladas na Tabela 21:

Tabela 21: Análise quantitativa vídeo 8 – Abascal				
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 8º lugar				
Data de publicação: 16/10/2024				
Tempo de duração do vídeo: 1 min				
Chamada: <i>Le preguntaré por su corrupción las veces que haga falta ¿A cuántos CEOs de empresa llamó para que recibieran a su esposa?</i> . (em tradução livre: Perguntarei a ele sobre sua corrupção quantas vezes forem necessárias. Para quantos CEOs de empresas ele ligou para receberem a sua esposa?)				
<i>Hashtag</i> : NA				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
1,1 milhão	114 mil	1,52 mil	2,97 mil	7,65 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Abascal (2025)

A Figura 25, abaixo, retrata o conteúdo:

Figura 25: Imagens vídeo 8 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: Abascal começa este vídeo com uma provocação a Pedro Sánchez, uma pergunta não retórica, segundo ele. Antes de inicia-la, convida o primeiro-ministro a subir ao púlpito para responder, pois é a sexta vez que irá perguntar: “a quantos CEOS de empresas cotizadas que dependem de regulação pública Sánchez teria chamado, pessoalmente, para conversar com sua esposa?” A entonação se torna mais vigorosa. Imagens de Sánchez, com ar de riso, balançando a cabeça são intercaladas com as de Abascal. Ele pergunta se Sánchez tem condições de refutar, a exemplo dele mesmo, que sempre responderia aos questionamentos feitos pelo adversário socialista. Alguns parlamentares aplaudem Abascal, que continua as perguntas, agora relacionados a gastos do Partido Popular (PP), 42 milhões de euros e do PSOE, 28 milhões; enquanto do Vox, apenas nove milhões. Ele sugere falcatuas de ambos os partidos. Repete, pela sétima vez, a pergunta inicial. Termina sua fala recolhendo suas anotações e desafiando a Sánchez: *“tenga lo que hay que tener para subir aqui e contestar”*.

Análise: A pergunta “não retórica” de Abascal sugere corrupção de Sánchez, ainda que não sejam apresentados dados ou evidências. O tom provocativo e a linguagem agressiva do deputado geram impacto no interlocutor, e rejeição ao estilo “politicamente correto”, pretende conferir autenticidade e coragem de se posicionar diante de supostas irregularidades que poderiam levar ao benefício próprio em detrimento do bem da sociedade. A imagem dos parlamentares aplaudindo cria consenso visual e validação simbólica. O riso de Sánchez pode ser visto como deboche, sarcasmo ou mesmo desprezo pelas acusações. Além disso, Abascal critica gastos tanto do Partido Popular, de direita, quanto do PSOE, de esquerda, e sugere

irregularidades e desvios de recursos, diferentemente do Vox. Assim, ele reforça sua imagem de político implacável contra as elites e a corrupção. Esse conjunto de fatores ativa sentimentos de indignação, raiva, injustiça, impunidade, desejo de ordem. Abascal apresenta-se como defensor do povo, destemido, e a única alternativa capaz de enfrentar a corrupção e defender os interesses da nação.

Observa-se, que o ator principal do vídeo é o proprietário da conta, a ação principal é falar, o conteúdo político é campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são raiva e indignação, e tipo de interação, informação e promoção. A narrativa possui retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); características de discurso antissistema e nacionalista (Marvakis, 2015); autoapresentação como único político destemido e capaz de promover as mudanças necessárias (Mendonza, 2020); e fragilização da imagem de partidos tradicionais (Schulte-Cloos, 2022).

Os comentários foram, em sua maioria, de apoio e validação a Abascal (80%), inclusive, com ironias à Sánchez, com *posts* que alegavam que Sánchez ria para não chorar, e outros afirmando que o socialista não teria coragem de contestar as acusações. Os outros 20% são de descrença nos dois candidatos, com sentenças como a de que o povo está morrendo de fome, enquanto políticos perdem tempo com esse tipo de debate e, ainda, que há décadas, nenhum presidente serve à Espanha. Não houve uso de *hashtags*.

3.4.1.9 Análise *netnográfica* vídeo 9 – Abascal

O nono vídeo analisado no perfil de Abascal tem os seguintes dados, conforme Tabela 22:

Tabela 22: Análise quantitativa vídeo 9 – Abascal
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 10º lugar
Data de publicação: 12/09/2024
Tempo de duração do vídeo: 1 min 6 seg
Chamada: <i>Este es el mensaje que hay que lanzar a las mafias, ONGs colaboracionistas y a los ilegales 🗣️ Lo cuento en Radio #Libertad @VOX España es.</i> (em tradução livreEsta é a mensagem que deve ser enviada às máfias, ONGs colaboracionistas e ilegais 🗣️ Vou contá-la na Rádio #Libertad @VOX Espanha es)
<i>Hashtag:</i> #viral #parati #inmigracion #armada #tiktokespaña #VOX

Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
1,1 milhão	80,3 mil	3,19 mil	3,24 mil	3,72 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do TikTok de Abascal (2025)

As cenas da Figura 26 ilustram o vídeo:

Figura 26: Imagens vídeo 9 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no TikTok de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: Trata-se de um trecho de entrevista concedida à rádio espanhola *Libertad*, às vésperas das eleições para o parlamento, em setembro de 2024. O entrevistador pede a Abascal que mencione algumas medidas que o Vox adotaria de imediato, em caso de vitória, para combater a imigração ilegal. Abascal diz que, em primeiro lugar, propagaria a mensagem de que aqueles que entrassem ilegalmente no país jamais teriam sua situação regularizada: nunca, enfatiza ele, para não haver precedentes. Em segundo, investiria na vigilância armada, tanto marítima, como de combate às máfias de tráfico de pessoas. O político pondera que a vigilância armada não deveria ser vista por uma perspectiva caricaturizada, de canhões atirando contra pobre migrantes, mas sim como medida para perseguir as máfias, impedir seu trânsito, e evitar que ONGs apoiadoras, as quais inclusive recolhem imigrantes no mar, possam atuar. Com isso, ele acredita que metade do problema de imigração ilegal seria resolvido.

Análise: O discurso de Abascal propõe soluções simples para problemas complexos. De fato, o tráfico de seres humanos tem aumentado consideravelmente na Europa nos últimos anos, tendo como principais causas a exploração sexual, o trabalho forçado e as atividades criminosas forçadas, conforme dados do Parlamento

Europeu (2024). Mas a imigração é apresentada por Abascal não como um fenómeno migratório multicausal, mas de modo simplório como uma invasão ao seu país. Esse discurso facilita a aceitação de possibilidade de ações radicais como a de expulsão massiva ou não regularização de imigrantes que entram irregularmente no país, ainda que contra sua vontade. As medidas polémicas são desarrazoadas, pois a Espanha é signatária de tratados internacionais a exemplo da Convenção de Genebra, relativa ao Estatuto de Refugiados, de 1951, e a Convenção Internacional da ONU sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas Famílias, de 1990, que garantem direito de asilo, proteção contra deportações arbitrárias, e assistência a imigrantes. Soma-se a isso o recente compromisso da Espanha, em 2018, com o Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular, também da ONU. Ademais, a Constituição da Espanha e a *Ley Orgánica n° 4/2000*, conhecida como Lei do Estrangeiro, preveem garantia de direitos fundamentais e mecanismos de regularização da situação de migrantes, respectivamente.

Abascal ainda relaciona a ação da máfia de tráfico de pessoas a ONGs de proteção e apoio a vítimas, embora não haja apresentação de dados, evidências ou citação de casos específicos ou concretos. Ao contrário, o quinto Relatório da Comissão Europeia sobre os *Progressos alcançados pela União Europeia na luta contra o tráfico de seres humanos*, publicado em 2025, revela que os traficantes operam em redes ou grupos “pouco interligados numa relação criminosa de tipo empresarial ou como organizações criminosas estruturadas” e que o tráfico de pessoas aumento mais de 20% após a pandemia da Covid-19 (Comissão Europeia, 2025, p. 2), ou seja, nem todos que ingressam ilegalmente no país o fazem por vontade própria. Ademais, não foi identificado no referido Relatório indício de que as máfias atuem em conjunto com ONGs.

Em relação a recolher migrantes no mar, tratam-se de ações de resgate a pessoas como mulheres grávidas e crianças em embarcações abandonadas à deriva, como revela reportagem da CNN Portugal (2023). Convenções Internacionais, como a Salvaguarda da Vida Humana no Mar (SOLAS), estabelecem normas para resgate de pessoas em perigo em alto mar. Mesmo assim, Abascal apela para a necessidade de segurança, militarização e criação de fronteira.

Em suma, sobre esse vídeo, tem-se que o ator principal é o proprietário da conta, ainda que haja a presença do entrevistador; a ação principal é falar; o conteúdo

político é campanha positiva com apresentação de propostas, ainda que elementos reacionários estejam presentes; a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são indignação e desprezo, os emoticons de pessoa falando na descrição do vídeo reforçam a mensagem, e tipo de interação, deliberação e discussão, poris busca estimular opinião. A narrativa possui retórica de acusação às ONGs que atuam junto a imigrantes (Romancini; Castilho, 2019); relativização à garantia dos direitos humanos (Michelsen; De Orellana; Buranelli, 2023; Silva; Ferrari; Caetano, 2022); dualismo moral representada pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); opiniões que desacreditam a confiança em instituições públicas (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023).

A quase totalidade dos comentários são de apoio a Abascal (90%). Alguns mencionam ser de esquerda, mas que votarão no presidente do Vox, inclusive um seguidor que se diz cubano nacionalizado. Apenas 10% são conteúdos de oposição, e mencionam haver diretriz clara e contundente do almirante da Marinha e Chefe de Estado-Maior de Defesa do país, Teodoro López Calderón, de que a obrigação é resgatar os imigrantes em alto mar. As *hashtags* utilizadas foram: #viral #parati #inmigracion #armada #tiktokespaña #VOX.

3.4.1.10 Análise *netnográfica* vídeo 10 – Abascal

O último vídeo analisado no canal de Abascal possui as métricas conforme Tabela 23, abaixo:

Tabela 23: Análise quantitativa vídeo 10 – Abascal				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 11º lugar				
Data de publicação: 19/07/2024				
Tempo de duração do vídeo: 1 min 37 seg				
Chamada: <i>Ni un paso atrás frente al socialismo que deshumaniza, crea el caldo de cultivo de la viol3nci4 y después pretende amordazarnos..</i> (em tradução livre: Nem um passo atrás do socialismo que desumaniza, cria condições propícias à violência e depois tenta nos amordaçar.)				
Hashtag: #viral #parati #congreso #trump #VOX #España #tiktok				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
690 milhões	79,4 mil	3,31 mil	4,88 mil	5,91 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do TikTok de Abascal (2025)

As imagens da Figura 27 ilustram o conteúdo audiovisual:

Figura 27: Imagens vídeo 10 - Abascal



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Santiago Abascal (2024).

Descrição do vídeo: O vídeo começa com um fragmento do discurso de um deputado do PSOE. A primeira sentença, iniciada no meio da frase dele é: “*La violencia siempre viene de la izquierda*”. Ele afirma ser de esquerda, assim como seu grupo, e que jamais encorajaram a violência. Ao contrário, sempre condenaram, não importando de onde ela viesse. Conclui que isso não deve constar no Diário de Sessões do parlamento. A fala seguinte é a de Abascal, visivelmente contrariado e com discurso bastante inflamado. Ele diz, em tom irônico e elevado, para retirarem o que quiserem pois continuaria a repetir e reiterar o que havia dito: que a violência sempre vem do mesmo lado, da esquerda e do islamismo. Nesse instante, inicia música de fundo comovente, e ele começa a enumerar casos de violência, supostamente cometido por esse ‘lado’. Para cada caso citado aparece imagem da vítima na parte inferior da tela.

Abascal cita como exemplos recentes, entre outros, o tiro contra Donald Trump e a facada contra Jair Bolsonaro. Também fala de primeiros-ministros assassinados pela esquerda, e de tentativas fracassadas. Ele é aplaudido e adverte: “*Le pareceram exageraciones, pero és la puñetera verdad, señora ministra*”. O líder do Vox finaliza seu discurso ratificando que o PSOE está se vitimizando e que os socialistas apoiam terroristas do ETA, por serem de esquerda e socialistas como o PSOE. Durante o vídeo, aparecem algumas cenas de Sánchez rindo.

Análise: A estratégia inicial de Abascal é de distorcer fatos e manipular narrativas. O fragmento de fala do parlamentar do PSOE está descontextualizado. Em uma primeira visualização do conteúdo, tem-se a leitura equivocada de que o parlamentar estaria afirmando ser a esquerda a fonte de violência, quando em

verdade, está negando a sentença. O parlamentar do PSOE pede que haja ponderação sobre inserção de algum conteúdo no Diário de Sessões, embora não fique claro ao interlocutor do vídeo de *TikTok* do que se trata, devido à seleção do excerto. Mas Abascal utiliza-se desse fato para manifestar sua indignação por supostamente ser sentir tolhido em sua fala. Em vez de moderação, ele reage agressivamente, mostrando-se feroz, impetuoso, raivoso, autêntico e contrário a tentativas de suavização ou filtros a seu discurso. Também desafia, de forma teatralizada, o Congresso, por deixar claro que seu pensamento não ficará limitado e transcenderá aquele espaço. As palmas de parlamentares fomentam aprovação simbólica, e o riso de Sánchez, o descaso com a situação.

Abascal intensifica a tensão ao acusar a esquerda e o islamismo de fontes de violência. Ele mobiliza o medo, a indignação e a raiva para reforçar a existência de inimigos e intensificar a radicalização e a polarização. O presidente do Vox cita uma série de crimes como se tivessem motivações política ou religiosa, o que não é verdade. Em relação ao atentado contra Trump, o FBI não encontrou evidências de motivação política, sendo o criminoso tratado pelas autoridades como terrorista doméstico (G1, 2024). Sobre Bolsonaro, a situação é semelhante: a Polícia Federal não encontrou evidências de que houve vinculação política, e o autor do crime foi diagnosticado com transtorno delirante, considerado inimputável pela Justiça Federal e internado em unidade de psiquiatria de segurança máxima (CNN, 2024). Então, as alegações de Abascal são falsas e tentam deslegitimar a esquerda, reforçando a ideia de que é corrupta e capaz de qualquer ação para se manter no poder, inclusive, matar. Os exemplos internacionais fortalecem laços com movimentos populistas de outros países e intensifica o medo de uma atuação mundialmente orquestrada pela esquerda. Abascal promove uma generalização ideológica de que o diálogo da esquerda e do islamismo foram substituídos pelo confronto e violência.

O vídeo tem como ator principal o proprietário da conta; a ação principal é falar; o conteúdo político é campanha negativa, a linguagem é expressiva, as emoções básicas mobilizadas são indignação e desprezo, e tipo de interação, informação e promoção. A narrativa possui retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); dualismo moral representada pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); propagação do medo, de teorias da conspiração e desinformação reativando sentimentos arraigados na sociedade (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023; Schröter,

2022); retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); opiniões que desacreditam a confiança em instituições públicas (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023), como as forças policiais dos EUA e Brasil.

Em relação aos comentários, 80% são de apoio a Abascal, com frases como “verdades fortes”, e “não esqueceu e nem perdoou”. Em relação aos demais, há *posts* alegando que não manifestará o que pensa, exercendo o silêncio explícito, ato intencional de informar que não revelará o comentário (Schröter, 2022) e outro com três emojis de “chorando de rir” e ironizando o fato de a direita sendo apresentada como “não tendo nada com isso”.

3.5 Brasil

O Brasil é o maior e mais povoado país da América do Sul. Reconhecido por suas riquezas e belezas naturais, o território possui mais de 8,5 milhões de km², o quinto maior do mundo. Essa extensão ocupa quase a metade do continente sul americano e abriga uma população que ultrapassa os 200 milhões de habitantes, sendo a idade média 35 anos (IBGE, 2022). O último país a abolir oficialmente a escravidão, em 1888, enfrentou um longo e violento processo de colonização portuguesa, do início do século XVI ao XIX, quando o Brasil declarou independência em 1822. A República somente foi proclamada mais de 60 anos depois, em 1889. A expropriação de riquezas, genocídio de povos originários e escravização, principalmente de pessoas de origem africana, foram brutais.

O fim oficial do trabalho escravo teve imenso significado político e social, mas não alterou substancialmente a distribuição da renda ou de terras no país (Furtado, 2005). A transição para a mão de obra assalariada ocorreu com grandes distorções, desigualdade e exploração, principalmente da mão de obra da população negra, e também com intensas diferenças regionais. O Nordeste, estava estagnado com a crise açucareira e do algodão desde o século anterior; o Sudeste e Sul viviam o dinamismo da expansão cafeeira, novo centro dinâmico econômico do país. Aí predominava o trabalho assalariado do imigrante europeu, direcionado, pela primeira vez, às grandes plantações no Brasil. Assim, e em decorrência do aumento populacional, houve formação de novas classes ou grupos com interesses distintos e, muitas vezes, divergentes (Furtado, 2005).

A crise de 1929 forçou o desenvolvimento do mercado interno e da indústria no país, porém, com forte dependência da importação de equipamentos e bens, principalmente dos EUA, favorecendo a subordinação ao processo de incorporação de progresso técnico de economias consideradas centrais (Furtado, 2005). Houve investimento em infraestrutura, industrialização e crescimento da produção agrícola, principalmente a partir de meados dos anos 1950, com o presidente Juscelino Kubitschek (JK) e o nacional desenvolvimentismo. No início da década seguinte, o presidente João Goulart, de origem trabalhista, desagradou grupos progressistas, com medidas consideradas superficiais, e conservadores com as propostas de reformas de base e o estabelecimento de normas como a Lei de Remessa de Lucros (1962), que estabelecia o limite de 10% para envio de lucros das empresas para fora do país. As ações foram vistas como uma guinada à esquerda.

Os militares, em abril de 1964, apoiados pelo grande empresariado brasileiro e pelos EUA, deram um golpe de Estado civil-militar no presidente eleito, e instituíram a ditadura militar. O período de exceção, sob a escusa de segurança nacional, foi marcado por violência, prisões arbitrárias, cassações, torturas, execuções, cerceamento da liberdade de expressão e locomoção e perdurou por mais de duas décadas, até 1985. Ainda assim, de 1968 a 1973, o país vivenciou o milagre econômico, seguido de período de estagnação econômica, a partir dos anos 1980, a chamada década perdida (Ferreira, 2015; Sampaio, 2019). Ademais, ao final dos anos 1980, com a retomada da democracia, foi promulgada a nova Constituição Federal e, no ano seguinte, houve eleições para presidente da República.

Fernando Collor de Melo assumiu como primeiro presidente eleito após a ditadura militar, em 1990, permanecendo no governo por apenas dois anos, devido os escândalos de corrupção que culminariam no processo de *impeachment*. O vice-presidente, Itamar Franco, completou o mandato e, com apoio do Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso (FHC), conseguiu conter a inflação com o lançamento do Plano Real. FHC, filiado ao PMDB⁷³, candidatou-se às eleições, conseguindo ser eleito e reeleito presidente, permanecendo de 1995 a 2003 no poder. Nesse período promoveu muitas reformas neoliberais, com privatizações e desnacionalização do parque industrial brasileiro. Em 2003, Lula, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT),

⁷³ PMDB é a sigla do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Desde 2017, a palavra Partido foi retirada do nome, a atualmente é apenas MDB.

é escolhido pelo povo para governar o país. Ele também permanece por dois mandatos, de 2003 a 2010, devido à reeleição. A economia continuou se desenvolvendo, mesmo durante a crise financeira global de 2008. A política adotada previa a valorização do consumo pelo mercado interno e implementação de políticas sociais que valorizavam o desenvolvimento social, e entre 2001 e 2011, o país experimentou acentuada queda da desigualdade e da pobreza (Oliveira; Fachini, 2024; Couto, 2023).

Em 2011, a também petista Dilma Rousseff foi eleita para suceder a Lula no governo brasileiro. Primeira mulher a ocupar o cargo de presidente do Brasil, Rousseff manteve crescimento econômico, estabilidade dos preços e elevadas taxas de emprego até o final de seu primeiro mandato, quando a economia entra em colapso. Mesmo assim, ela consegue se reeleger em 2014. Contudo, dois anos depois, em 2016, sofreu *impeachment*, acusada de liberar créditos orçamentários utilizando decretos em desconformidade com a meta fiscal, as chamadas “pedaladas fiscais”⁷⁴. Na ocasião, conforme a Agência do Senado, o Tribunal de Contas da União (TCU) entendeu que o governo teria atrasado o repasse de recursos aos bancos oficiais para o pagamento de benefícios sociais, sem autorização do Congresso, e as contas públicas apresentariam melhores resultados, porém, irreais. Por essa razão, Dilma Rousseff foi a julgamento, e deputados e senadores concluíram que a presidenta tinha cometido crime de responsabilidade.

Entretanto, diversos pesquisadores entendem que o *impeachment* de Dilma Rousseff foi, em verdade, um golpe parlamentar forjado com motivação de defender os interesses políticos e financeiros das elites (Souza, 2016; Braz, 2017; Berbara et al., 2021; Botelho, et al. 2021; Mattos e Silva, 2021a). Essa estratégia serviria para tirar o PT dos mais quase 15 anos de governo. Para Luciana Tatagiba (2018), houve uma laboriosa construção do antipestismo e mesmo do ódio ao PT a partir da política institucional e do uso da insatisfação social apresentada na Jornada de Junho de 2013, inclusive devido às investigações relacionadas a corrupção, com a Operação Lava Jato. Ademais, para relativa aceitação social, teriam sido utilizados mecanismos para desconstrução e reconstrução de discursos, com informações de baixa qualidade

⁷⁴ Conforme a Agência do Senado, “pedalada fiscal” é uma manobra contábil feita pelo Poder Executivo para forjar o equilíbrio entre receitas e despesas nas contas públicas.

no cenário de polarização política (Tatagiba, 2018; Solano; Ortellado; Moretto, 2017; Couto, 2023), manipulando-se e distorcendo-se a realidade (Souza, 2016).

Michel Temer, vice-presidente assume o governo com discurso de liberalização econômica, o que não era compartilhado pela maioria do país (Solano; Ortellado; Moretto, 2017). Nas eleições seguintes, em 2017, o então deputado federal Jair Bolsonaro, que durante o julgamento de Dilma Rousseff exaltou em seu voto o Coronel Brilhante Ustra, chefe do serviço de inteligência e repressão, o DOI-Codi durante a ditadura militar de 1964, e torturador de Rousseff, foi eleito presidente da República (Guimarães, 2018; Sardinha, 2020). Bolsonaro foi bastante criticado pelo posicionamento durante a pandemia da Covid-19, pelo negacionismo e postura antivacina. Em 2020, Bolsonaro tentou criar um novo partido político. Nomeado de Aliança pelo Brasil, o partido foi registrado em cartório, entretanto, precisava recolher 492 mil assinaturas para os trâmites de criação, conseguindo apenas 183 mil e os trâmites foram interrompidos em 2022, quando Bolsonaro filiou-se ao outro partido, o Partido Liberal, para concorrer à reeleição presidencial (Moliterno, 2022). Bolsonaro esteve filiado a pelo menos oito partidos diferentes durante sua trajetória política.

As eleições seguintes, em 2022, foram as mais acirradas desde a ditadura militar. Bolsonaro e Lula disputaram o segundo turno, com vitória do petista por menos de um por cento de diferença no total de votos. Relembre-se que Lula não pôde concorrer nas eleições de 2018. Em julho de 2017 ele havia sido condenado no âmbito da Operação Lava Jato pelo juiz Sérgio Moro. O julgamento foi considerado pelo Comitê de Direitos Humanos da ONU como violador de direitos como imparcialidade e presunção de inocência, inclusive pelo fato de a prisão ter sido decretada com recursos pendentes. Em 2021, as condenações foram anuladas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por ausência de provas (Figueiredo; Lara, 2022).

Após a vitória de Lula, em 8 de janeiro de 2023, como mencionado na introdução, item I.III.II, apoiadores de Bolsonaro invadiram e depredaram os prédios do Congresso Nacional, Palácio do Planalto e do STF, sob falsas alegações de fraude eleitoral. A violência chocou o país e foi comparado à invasão do Capitólio, nos EUA, em 2021, após a derrota de Donald Trump para presidência daquele país. As autoridades brasileiras condenaram a ação dos invasores como ataque à democracia, e iniciaram investigações sobre a origem da atividade. Após quase dois anos de investigações, ficou comprovado que a invasão integrava uma tentativa de golpe de

Estado, comandada por Bolsonaro, e que os planos incluíam conspiração para impedir a posse do presidente democraticamente eleito, Lula, assiná-lo, e também ao ministro do STF, que investigava a cúpula bolsonarista, Alexandre de Moraes. Em 11 de setembro de 2025, Bolsonaro foi julgado pelo STF, e condenado a 27 anos e três meses de prisão, por plano de golpe (Boechat, Vittorazzi, 2025).

3.5.1 Bolsonaro, o “mito”

A conta de Bolsonaro no *TikTok* tem produção constante e elevada de conteúdos, com mais de 500 publicações. O vídeo com data mais antiga de publicação a que se teve acesso é de dezembro de 2021. Em junho de 2025, Bolsonaro ultrapassou 6,5 milhões de seguidores, cerca de 600 mil a mais em menos de um ano. Entre os *tiktokers* políticos analisados, é o que mais utiliza a plataforma para fins de entretenimento e pessoalização. Isso pode ser decorrente da tentativa de suavizar, com humor, a imagem polêmica e controversa de Bolsonaro.

Militar da reserva do Exército, o ex-capitão lançou-se à carreira parlamentar no final dos anos 1980, como vereador no Rio de Janeiro. Na década seguinte, a candidatura foi para deputado federal pelo mesmo estado. Ele foi reeleito sete vezes consecutivas, permanecendo por 28 anos no cargo, filiado a diversos partidos diferentes. A carreira política tornou-se um empreendimento familiar para Bolsonaro. Após três casamentos, o militar teve cinco filhos, quatro homens e uma mulher. Os quatro mais velhos lograram êxito na política, como deputado, senador ou vereador. A atual esposa de Bolsonaro, Michelle, embora não tenha cargo eletivo, ao menos até 2025, tornou-se figura pública relevante, especialmente entre o eleitorado evangélico.

Bolsonaro é um político que ganhou notoriedade na Câmara dos Deputados não pelo protagonismo político ou atividades institucionais desempenhadas, mas sim, conforme Couto (2023, p. 6) por um discurso supostamente antissistema e por “seu comportamento extravagante, suas declarações ultrajantes e sua presença constante na mídia, em especial de entretenimento, que o tratava como atração de circo de horrores”. Para Veiga e Domenici, (2025), o deputado era tratado como personagem do baixo clero, se grande expressão, atuando em pautas da defesa dos direitos dos militares ativos, inativos e pensionistas, redução da maioria penal e posse de arma de fogo para cidadãos sem antecedentes criminais. Também defendeu o retorno ao

voto impresso ao invés do uso de urnas eletrônicas, alegando falsamente que seria uma forma auditável mais simples. O político ainda se destacava pela defesa conservadora de valores cristão e da família, e por declarações machistas, misóginas, homofóbicas e racistas (Veiga; Domenici, 2025) em falas públicas, como:

Maiorias, minorias, Estado laico

– “Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as maiorias” (encontro na Paraíba, fevereiro de 2017).

Negros

– “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles” (Em palestra no Clube Hebraica, abril de 2017).

[...]

Estupro

– “Eu falei que não ia estuprar você (a então deputada Maria do Rosário) porque você não merece (em discurso na Câmara, em 2003). Ao explicar a frase ao jornal Zero Hora em dezembro 2014: “Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”. (Istoé, 2018).

Esse discurso é suavizado na rede social. Ainda que o ex-presidente aborde temáticas polêmicas, e que defenda e ratifique posicionamentos políticos, não raro, posta no *TikTok* fragmentos de entrevistas descontextualizados, distorcendo a realidade para justificar suas falas que tiveram repercussão negativa, como será visto adiante, na análise *netnográfica*.

O eu digital de Bolsonaro no *TikTok* traz um político controverso, antissistema, irônico e autêntico, pois fala o que pensa. Sua imagem foi construída, principalmente a partir de 2018, como a de um político salvador, único e necessário para mudar a realidade do país. Por isso, foi apelidado de mito, embora apresente poucas propostas para efetivamente promover transformações. Ele rompe com o “politicamente correto” e o tradicionalismo, utiliza linguagem simples, e por vezes vulgar ou desrespeitosa, para se reportar ao seu público. Em maio de 2021, ao se reunir com apoiadores no Palácio da Alvorada, em Brasília, foi perguntado sobre seu estado de saúde. Ele

respondeu: “Fica tranquilo, já falei que sou imorrível, imbroxável e incomível” (UOL, 2021). Os tipos de conteúdo publicados são diversos, mas costumam ser fragmentos de aparições públicas, seja em ambiente político, ou não, como em cenários de entrevistas concedidas. Nesses casos, ele geralmente veste camisa social clara, e terno escuro, sem uso de gravata. Ele explora a aparição de celebridades para gerar maior engajamento, e também pessoas comuns.

Outro traço do eu digital de Bolsonaro é o uso de linguagem apelativa e carregada de humor. Em um dos conteúdos mais visualizados no canal, por exemplo, o político postou vídeo de um internauta que se parece fisicamente com ele. O homem, que está em cenário simples, parecendo o quintal de uma casa, traça camisa azul clara, chinelos e bermuda amarela extravagante. Ele dança fazendo movimentos soltos, de modo desajeitado e engraçado. A música de fundo é animada, em ritmo acelerado conferindo tom cômico à cena. Na descrição do vídeo, Bolsonaro deixa claro não se tratar dele, mas a semelhança é grande. O conteúdo provocou muitos risos expressos nos comentários dos seguidores. Mas o humor, usado em outros conteúdos audiovisuais postados é também uma forma de escamotear discriminações, preconceitos e autoritarismo presente em suas falas.

Ressalte-se que, durante a coleta de vídeos no *TikTok* de Bolsonaro, a maioria dos que tinham maior engajamento e popularidade foram publicados durante a campanha eleitoral de 2022. Os acontecimentos posteriores, principalmente a partir de meados de 2025, quando se aproxima o julgamento e condenação dele pelo STF, pode ter provocado alterações significativas tanto nos conteúdos publicados, quanto na retórica utilizada e nas métricas dos novos *posts*, tendência menos relevante nos demais *tiktokers* políticos analisados. Por essa razão, e evitando-se enviesamento nos resultados, optou-se por permanecer com a análise dos vídeos conforme estabelecido na metodologia desta Tese. Feita essa consideração, inicia-se a análise *netnográfica* no perfil de Bolsonaro.

3.5.1.1 Análise *netnográfica* vídeo 1 – Bolsonaro

O vídeo com maior engajamento no *TikTok* de Bolsonaro, o primeiro da análise e o segundo do canal, chegou a 29 milhões de visualizações. As métricas do conteúdo podem ser verificadas na Tabela 24:

Tabela 24: Análise quantitativa vídeo 1 – Bolsonaro				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 2º lugar				
Data de publicação: 29/09/2022				
Tempo de duração do vídeo: 13 segundos				
Chamada: NA				
Hashtag: #neymar #presidente #jairbolsonaro #bolsonaro #brasil #BR #22				
Legenda: Não				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
29 milhões	1,9 milhões	63,2 mil	138,3 mil	72,2 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

As imagens da Figura 28, abaixo, ilustram o conteúdo audiovisual:

Figura 28: Imagens vídeo 1 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo é bem simples, informal e descontraído. Neymar aparece próximo a uma mesa de reuniões. Ele está sentado em uma cadeira e coloca o *jingle* da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro para tocar no celular. A canção tem melodia simples e repetitiva, com ritmo acelerado e dançante. O jogador sinaliza para que as pessoas escutem e, em seguida, começa a fazer coreografia fácil de ser reproduzida. Ele reforça o número 22 do candidato com os dedos das mãos. Por trás dele, é possível ver que a mesa está coberta por material nas cores verde e amarelo.

Análise: A aparente simplicidade do conteúdo não reduz sua importância: é o segundo vídeo com maior engajamento no canal. Gerou mais de 29 milhões de visualizações e 63 mil comentários. Isso relaciona-se com alguns fatores, como ao fato de Neymar ser uma celebridade esportiva nacional e internacional, com mais de 30 milhões de seguidores no *TikTok*. Além disso, no país do futebol, o posicionamento

político de um jogador como ele influencia milhares de fãs, principalmente os mais jovens que ainda estão desenvolvendo consciência política. Ademais, houve a associação do processo político de eleição com o da Copa do Mundo da Fifa, mobilizando sentimentos como patriotismo – reforçado por elementos nas cores verde e amarela – orgulho, alegria, fanatismo, lealdade e esperança.

Soma-se a isso o fato de o *jingle* ser uma estratégia potente, embora antiga, para memorizar o nome e o número de candidatos. Associado a gestos, como na coreografia de Neymar, a breve canção torna-se ainda mais eficaz, pois além da memória auditiva, desperta o sentido da visão e favorece o movimento do corpo, tornando-se uma experiência multissensorial, como propõe o próprio *TikTok*. O eleitor é convertido em agente de divulgação, pronto para compartilhar o conteúdo em suas redes sociais, e também no seu entorno, pela dança ou canto.

Em suma, o ator principal do vídeo é celebridade (Neymar), e as principais ações são dançar e cantar. O conteúdo político é de campanha positiva; a linguagem apelativa (incita reação); a emoção mobilizada, excitação; e o tipo de interação, participação e mobilização. Observa-se, ainda, no vídeo, o apelo eleitoral (Mendonza, 2020); o estímulo à ação (Romancini; Castilho, 2019), no caso, votar em Bolsonaro; e uso da cadeia lexical com repetição (Morais; Oliveira; Moraes, 2021); uso de música politizada (Copsey, 2013b), ou com fins eleitorais.

Em relação aos comentários, ao contrário do que se esperava, 50% manifestam apoio a Lula, com sentenças como “amei, nota 13”, em alusão ao número de campanha do adversário político e “vai dá Lula”; 30% afirmam confiar em Neymar e por isso vão segui-lo politicamente, com sentenças como “se o Ney falou, tá falado”; 10% pedem apenas para Bolsonaro cumprimenta-los na rede social; e os outros 10% perguntam sobre quem é Anitta, cantora brasileira de *funk*, internacionalmente conhecida, que declarou apoio a Lula.

3.5.1.2 Análise *netnográfica* vídeo 2 – Bolsonaro

O segundo vídeo analisado nesta pesquisa, em relação ao *TikTok* de Bolsonaro, possui as seguintes métricas, apresentadas na Tabela 25:

Tabela 25: Análise quantitativa vídeo 2 – Bolsonaro
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 3º lugar

Data de publicação: 22/08/2022				
Tempo de duração do vídeo: 59 segundos				
Chamada: NA				
Hashtag: #jair #bolsonaro #independencia #governador #prefeito #presidente #brasil #BR #programa #do #ratinho #assista #ate #o #final #deus #patria #familia #liberdade				
Legenda: Sim, em português				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
12,7 milhões	1,5 milhão	28,1 mil	70,6 mil	60,6 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Para exemplificar as imagens do vídeo, tem-se a Figura 29, abaixo:

Figura 29: Imagens vídeo 2 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo é iniciado com trecho de entrevista televisada, concedida pelo então deputado federal Jair Bolsonaro, em 2014, no Programa do Ratinho. O apresentador, Ratinho, pergunta se o parlamentar se candidataria à eleição presidencial. Bolsonaro responde com firmeza que sim, pois prestaria um grande serviço à nação. Ele critica o PT e a esquerda. A narrativa é de ele possuir liberdade, independência política e compromisso com a verdade. “A verdade tortura a esquerda no país”, afirma. Em seguida reforça sua autonomia e o fato de não dever favor a qualquer político. A música de fundo possui harmonia tensa e instável e transmite sensação de suspense e expectativa. Na sequência, a cena é de Bolsonaro em 2019, na cerimônia de posse, recebendo a faixa presidencial. Ele se vira para a multidão, aponta para a faixa e para o povo. A música continua, agora com novos elementos sonoros, como progressão ascendente e melodias que evocam emoção, promovendo sensações relacionadas ao sentimento de vitória.

Análise: O vídeo tem forte apelo emocional. Resgata que Bolsonaro tem trajetória política longa e visão estratégica, afinal, o deputado alcançou o cargo de presidente da República. Também reforçar a ideia de suposta independência política e robustece a interpretação de continuidade de seu posicionamento político, pois relembra que há tempos se opõe ao PT e à esquerda. O uso do termo “tortura” nas falas de Bolsonaro é carregado de simbolismo e peso histórico, e remetem ao período de ditadura militar, em que indivíduos considerados de esquerda ou associados ao comunismo foram, de fato, torturados. A metáfora política é provocativa, insensível e deslegítima, de forma subjetiva, os acontecimentos históricos, relativizando e validando a repressão, como se o cerne não fosse a violência autoritária, e sim, a não aceitação da “verdade”. No discurso do político, a esquerda é convertida em inimiga.

O salto temporal, de 2014 a 2019, pode ser interpretado como período dedicado ao fortalecimento da carreira, visto que decorrido o intervalo de tempo, o deputado federal foi eleito líder do Executivo Federal. A imagem do recebimento da faixa presidencial simboliza o apoio popular e a legitimidade de ocupar o cargo. Já a leitura do gesto de Bolsonaro, de apontar para a faixa e, em seguida, para o povo, e depois vibrar de alegria, pode ser interpretada como uma mensagem de que é para o povo ou pelo povo que ele logrou estar ali, evocando, naquele momento, emoções de orgulho, legitimidade, esperança, confiança. Essas ações populistas e os sentimentos mobilizados foram, ao longo da trajetória política, especialmente com a tentativa de golpe à democracia, sendo desmascaradas revelando um líder autoritário e manipulador. A trilha sonora selecionada complementa a mensagem, havendo transição de estilos durante o vídeo.

De modo sucinto, o ator principal do vídeo é o proprietário da conta, ainda que haja participação de celebridade, no caso, Ratinho; as ações principais são falar, embora os gestos sejam carregados de carga simbólica, complementando e reforçando a mensagem; o conteúdo político é campanha positiva para si mesmo; a linguagem é expressiva. As emoções mobilizadas são de desprezo (pela esquerda) e de otimismo pela perspectiva populista. A interação é informação e promoção (espectador passivo). Ademais, identifica-se no conteúdo audiovisual a tentativa de recompor narrativas, com desconstrução da verdade (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023) relacionada ao momento de ditadura militar no país; ódio ao inimigo construído,

no caso a esquerda (Copsey, 2013b; Maly, 2020); discurso de ineficiência do Estado (Mendonza, 2020); e aprofundamento da polarização (Watson; Barnes, 2022).

Sobre os comentários, são bastante superficiais, sendo 50% de apoio a Bolsonaro, com frases como “é o melhor”, “capitão Mito” e “fechado com Bolsonaro”; 40% de apoio a Lula, com frases como “faz o L”; e “vai dar Lula”, 10% de frases neutras que não deixam claro apoio ou rejeição a nenhum dos dois candidatos. As *hashtags* usadas foram: #jair #bolsonaro #independencia #governador #prefeito #presidente #brasil #BR #programa #do #ratinho #assista #ate #o #final #deus #patria #familia #liberdade.

3.5.1.3 Análise *netnográfica* vídeo 3 – Bolsonaro

O terceiro conteúdo com maior engajamento, entre os analisados, possui as métricas dispostas na Tabela 26:

Tabela 26: Análise quantitativa vídeo 3 – Bolsonaro				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 6º lugar				
Data de publicação: 01/10/2022				
Tempo de duração do vídeo: 15 segundos				
Chamada: NA				
Hashtag: NA				
Legenda: Não				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
12,9 milhões	1,1 milhão	50,3 mil	59,1 mil	48,2 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

As imagens da Figura 30, abaixo, ilustram o conteúdo audiovisual:

Descrição do vídeo: O vídeo começa com a imagem de Lula, Haddad e Geraldo Alckmin, entre outras pessoas não identificadas, em passeata, dentro de veículo aberto. Os apoiadores caminham ao lado do veículo, e registram o ato político com *selfies* e fotografias em celulares. É possível ver bandeiras do PT e do Brasil. Os que estão dentro do transporte chacoalham enquanto se locomovem. Em determinado momento, Lula pega na mão de Haddad, levanta, e os dois sacodem juntos, com mais intensidade. Há música de fundo, no ritmo *funk*, com batida marcante e pulsante com a letra: “É Bolso-Bolso-Bolso-Bolso-Bolsonaro-Bolsonaro”. A cadência rítmica é coincidente com os sacolejos de Lula. No topo do vídeo há uma sucessão de três interrogações e sequência de letras “k”, significando uma longa gargalhada, e dois *emojis* que representam paz ou vitória.

Análise: O conteúdo expõe Lula a uma situação que pode ser risível e constrangedora. A comunicação negativa, e que propicia a zombaria, diminui a autoridade do adversário político de Bolsonaro às vésperas das eleições. Além disso, favorece o riso coletivo, cria cumplicidade, reforça o sentimento de “nós contra eles” e intensifica a rejeição. Impacta mais fortemente nos eleitores indecisos. Também evita discussões complexas e produz conteúdo passível de rápida viralização. O vídeo teve quase 13 milhões de visualização e aproximadamente 60 mil compartilhamentos.

Em síntese, os atores principais do vídeo são outros políticos; a principal ação pode ser caracterizada, conforme a tabela de análise, em “outros”; o conteúdo político campanha negativa; a linguagem expressiva; as emoções básicas mobilizadas são excitação e desprezo; o emoticon é de apoio/reforço da mensagem; e o tipo de interação, promoção (espectador passivo). Ainda que com humor, Bolsonaro se utiliza

da narrativa do politicamente incorreto (Mattos e Silva, 2021a), da política do ódio (Ramos, 2021), e incita, se não o ódio à esquerda (Maly, 2020), ou demonização dela (Copsey, 2013b), o sentimento de desprezo.

Em relação aos comentários, a metade posicionou-se favorável a Lula, com alguns comentários afirmando que Bolsonaro tem obsessão pelo rival político; 40% defenderam Bolsonaro e, além de rirem, afirmaram estar confiantes em sua vitória; 10% questionaram as informações da mídia tradicional, sobre a quantidade de participantes no evento. Não houve uso de *hashtags*.

3.5.1.4 Análise *netnográfica* vídeo 4 – Bolsonaro

O conteúdo repostado de outro canal no *TikTok* de Bolsonaro alcançou quase 10 milhões de visualizações, conforme Tabela 27, a seguir:

Tabela 27: Análise quantitativa vídeo 4 – Bolsonaro				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 8º lugar				
Data de publicação: 22/10/2022				
Tempo de duração do vídeo: 9 segundos				
Chamada: 22				
Hashtag: #brasil #22 #é #bolsonaro #presidente #BR				
Legenda: Não				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
9,7 milhões	1 milhão	17,3 mil	17 mil	51,4 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

A Figura 31, abaixo, exemplifica os acontecimentos do vídeo:

Figura 31: Imagens vídeo 4 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: A narrativa começa com imagens da Parada do Orgulho LGBT e música com melodia instável e vibrante, ritmo acelerado e sensação inquietante e divertida. Há ambulantes vendendo chapéus, bandeiras do Lula, do Brasil e do arco-íris. A protagonista anda em direção a um boneco com pernas de pau, em formato de urna eletrônica brasileira. No local onde estaria a tela, há as cores do arco-íris e, abaixo, a frase “votelgbt.org”. Ao lado, pode-se visualizar o teclado numérico, as teclas nas cores branca, vermelha e verde (embora não se possa ler com certeza, imagina-se que sejam os botões que indicam “branco”, “corrige” e “confirma”, respectivamente). A jovem se aproxima, digita o 22, e confirma. Vira para a câmera, sorri, fecha a mão e coloca os dedos indicador e médio para cima, o que poderia indicar paz, vitória, ou, o número dois. A cena congela. O *jingle* “22 é Bolsonaro” começa a tocar. O vídeo encerra.

Análise: O tema da Parada LGBT+ 2025 foi “Vote com orgulho: por uma política que representa”. O objetivo era reafirmar o compromisso e a importância do voto consciente para que a comunidade possa eleger representantes políticos que atuem em favor das pautas e políticas afirmativas da comunidade. O evento ocorreu em São Paulo, em 19 de junho de 2022, após dois anos de evento virtual, em decorrência da pandemia da Covid-19. Naquele ano, Bolsonaro não se manifestou publicamente sobre a Parada. Entretanto, o político é amplamente conhecido por suas falas LGBTfóbicas, como o “Brasil não pode ser um país de turismo gay. Temos famílias”; ou que: “eu seria incapaz de amar um filho homossexual. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”. Em 2019, no início de sua gestão, Bolsonaro extinguiu diversos conselhos de direitos e participação social, entre eles, o Conselho Nacional de Combate à Discriminação LGBT, sendo expedida, pelo Conselho Nacional dos Direitos Humanos, Nota Pública contrária a essa medida (CNDH, 2019). Durante seu governo houve aumento dos índices de violência contra pessoas LGBT, conforme o 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), com ênfase nos casos de homicídios dolosos, estupro e lesões corporais. Na Parada, houve diversas críticas a Bolsonaro e seu governo. Então, causa espanto o fato de a participante da Parada do Orgulho LGBT declarar preferência pelo então presidente.

O vídeo, originário de outro canal, foi repostado no *TikTok* de Bolsonaro apenas em 22/10/2022, poucos dias antes do segundo turno da eleição. A interpretação de

sua ação torna dúbia e ambígua a compreensão do vídeo. Ele estaria apoiando um ato de provocação, afronta, deslegitimação, ofensa e desrespeito ao movimento, e ratificando a defesa da família tradicional e conservadora? Ou, ao contrário, tentando suavizar sua imagem para conquistar eleitores indecisos, mostrando-se menos preconceituoso e mais aberto à comunidade LGBT, sendo passível de receber o apoio público e declarado, mesmo em espaços em teoria hostis à sua imagem? Ou será que a dubiedade é proposital, permitindo que ele alcance a ambos os públicos? Dados do Data Folha sobre as eleições em 2022 indicaram que 76% da comunidade LGBT apoiava Lula e 9%, Bolsonaro. Ademais, desde 2018 surgem movimentos no Brasil, ainda tímidos, de apoio LGBT ao então presidente, como o *Gays com Bolsonaro*.

Em síntese, observa-se que o conteúdo audiovisual tem pessoa comum como ator principal; a principal ação é votar (outros); o conteúdo político é campanha positiva, abordando pauta LGBT+; linguagem apelativa; mobiliza emoções básicas de surpresa e excitação; e o tipo de interação é participação e mobilização. O processo eleitoral assemelha-se a um campo de batalha intenso (Lara; Dello Bueno, 2022), e nem sempre as estratégias adotadas estão evidenciadas. O vídeo pode ser compreendido como oposição ou aproximação da pauta LGBT, uma tentativa de se apropriar de pautas centrais da esquerda, ainda que com objetivo de iludir ou enganar, ou que se limite apenas à retórica e não necessariamente à ação (Marvakis, 2015).

Houve surpresa nos comentários sobre o fato de o vídeo ter sido postado no canal oficial de Bolsonaro. A maioria, 80%, mencionaram o número 13 em suas sentenças, como por exemplo, “que vídeo lindo, nota 13”, ou, “precisei assistir 13 para entender”. Os outros 20% indicaram risos, com a sequência de repetição da letra k (“kkkkkk”) seguidos de perguntas se de fato o conteúdo havia sido publicado no canal oficial. As *hashtags* utilizadas foram comedidas, em relação ao que costuma ser postado em outros vídeos: #brasil #22 #é #bolsonaro #presidente #BR.

3.5.1.5 Análise *netnográfica* vídeo 5 – Bolsonaro

O quinto vídeo analisado possui os seguintes dados, conforme Tabela 28:

Tabela 28: Análise quantitativa vídeo 5 – Bolsonaro
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 9º lugar
Data de publicação: 20/09/2022

Tempo de duração do vídeo: 59 segundos				
Chamada: NA				
Hashtag: #jair #bolsonaro #jairbolsonaro #presente #obrigado #karina #bacchi #biblia #sagrada #caixa #de #ferramenta #deus #patria #familia #liberdade #brasil #BR #versiculo #povo #conhecimento				
Legenda: Sim, em português				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
8,1 milhões	985,6 mil	10,3 mil	95,3 mil	47,4 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

As imagens do vídeo são apresentadas na Figura 32, abaixo:

Figura 32: Imagens vídeo 5 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: Novamente, um dos vídeos com maior engajamento no canal é de trecho de entrevista concedida por Bolsonaro. Em 2022, o então presidente participou do programa de *Youtube* “+ Forte Podcast” da ex-atriz, convertida à religião evangélica desde 2020, Karina Bacchi. No fragmento de vídeo, ela entrega ao político uma Bíblia nas cores verde e amarela, com o mapa do Brasil no centro. O político afirma que aquele livro sagrado é uma “caixa de ferramentas”. No vídeo, um dos mais longos entre os analisados, Bolsonaro, com voz serena, cita versículo bíblico relacionado à verdade que liberta, menciona eventual jornalista que teria tentado persuadi-lo a mentir para ganhar a eleição, e sua atitude honrosa em não aceitar, e a persistência na integridade. Diz que, em 09 setembro de 2021, por desconhecimento, “meu povo pereceu. Mas hoje o povo sabe o que quer”. Também fala sobre não temer a morte, mas respeitá-la, e que se fosse preciso morrer pela pátria, ele já teria aceitado desde que entrou para o Exército. A música lenta, com melodia suave e delicada,

ajuda a criar ambiente introspectivo, inspirador, intimista, de reflexão, acolhimento e conexão emocional com o espectador. A imagem esmaece e o vídeo encerra

Análise: Bolsonaro mostra-se, inicialmente, desarmado, receptivo à fé, conhecedor da Bíblia, defensor de valores cristãos e da família. Com tom de voz, que passa do suave ao firme, reforça que possui caráter pessoal incorruptível, que não cede a artimanhas e que foi recompensado por Deus com a vitória à presidência. As cores do livro sagrado remetem ao patriotismo. O tom de voz firme ao falar sobre morrer pela pátria, se assim fosse necessário, fortalece esse sentimento. Por trás da estética religiosa, o lema “Deus, Pátria e Família” que Bolsonaro adotou em sua campanha eleitoral é consolidado. A estratégia de publicar o trecho da entrevista no *TikTok* aproxima Bolsonaro de cristãos, especialmente o eleitor evangélico.

Sobre a menção ao 09 de setembro de 2021, foi o dia em que Bolsonaro publicou a “Declaração à Nação”. No documento, escrito por aconselhamento de seu antecessor, Michel Temer, Bolsonaro se redimia por comentários hostis ao STF, especialmente às ações do ministro Alexandre de Moraes, que investigava apoiadores bolsonaristas nos Inquérito das *Fake News*⁷⁵ e das Milícias Digitais⁷⁶. O então presidente ameaçou, em 2021, nas solenidades do 7 de Setembro, quando se comemora a independência do país, intervir no STF caso os procedimentos não fossem cessados. O político precisou recuar e reconhecer não ter tido intenção de desrespeito ou de ferir a Constituição Federal, devido à inconstitucionalidade de interferência de um poder sobre o outro. Muitos de seus apoiadores se sentiram traídos por essa medida, o que pode justificar as frases sobre o perecimento do povo. O conteúdo audiovisual foi uma tentativa de suavizar a imagem do político e de se redimir com seus apoiadores, com mensagem de fé no futuro.

Em suma, o vídeo tem como ator principal o proprietário da conta; a principal ação é falar; o conteúdo político é campanha positiva para si mesmo; linguagem expressiva; emoções básicas mobilizadas são de esperança e otimismo; e o tipo de interação, promoção. Observa-se que Bolsonaro apresenta-se como líder salvador (Mendonza, 2020); e, ainda que de forma subjetiva, a dualidade moral representada

⁷⁵ O inquérito 4781/2019, conhecido como Inquérito das Fake News investigava a disseminação de notícias falsas e desinformação, inclusive relacionadas a desconfiança contra o sistema eleitoral no país (Pardal, 2024).

⁷⁶ O Inquérito 4878/2021, conhecido como Inquérito das Milícias Digitais, apurava a atuação de grupos organizados que usavam redes sociais para atacar adversários políticos, promover discurso de ódio e desestabilizar o processo democrático (CNN, Maia, Martins, 2024).

pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); estímulo a interações polarizadas (Watson; Barnes, 2022); e opiniões que desacreditam a confiança em instituições públicas (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023).

Todos os comentários analisados nesse vídeo foram de apoio a Bolsonaro. Alguns foram abençoando o então presidente ou elogiando o conteúdo audiovisual, outros pedindo que ele continue lutando, pois o país necessita dele, e outros ainda, que ele permaneça defendendo as crianças. Os comentários foram apresentados em sentenças simples e curtas. As principais hashtags utilizadas foram: #jair #bolsonaro #jaibolsonaro #presente #obrigado #karina #bacchi #biblia #sagrada #caixa #de #ferramenta #deus #patria #familia #liberdade #brasil #BR #versiculo #povo #conhecimento.

3.5.1.6 Análise *netnográfica* vídeo 6 – Bolsonaro

O vídeo com sexto maior engajamento entre os analisados no *TikTok* de Bolsonaro possui métricas apresentadas na Tabela 29, a seguir:

Tabela 29: Análise quantitativa vídeo 6 – Bolsonaro				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 10º lugar				
Data de publicação: 25/10/2022				
Tempo de duração do vídeo: 6 segundos				
Chamada: NA				
Hashtag: #jair #bolsonaro #jaibolsonaro #presidente #kkkk #brasil #BR #capitao #do #povo #22				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
8 milhões	970,6 mil	38 mil	38,9 mil	42,4 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Para evidenciar o conteúdo audiovisual, tem-se a Figura 33 quinto vídeo analisado possui os seguintes dados, conforme Tabela 28:

Figura 33: Imagens vídeo 6 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: Esse é o conteúdo mais curto e simples entre os analisados, tendo apenas seis segundos de duração. A cena começa com uma foto de Bolsonaro, com a bandeira do Brasil ao fundo, e um *jingle* em ritmo sertanejo, com batidas repetitivas e animadas. Um avatar negro trajando camiseta regata branca, calça jeans e tênis vem correndo em direção à tela. Com voz metálica diz: “Domingo agora é Bolsonaro 22”. A legenda é na cor amarela, seguida de um quadrado verde. O avatar vira-se de costas para a tela e volta correndo para o fundo da cena.

Análise: O conteúdo é utilizado como um lembrete e um convite à ação. Os elementos patrióticos são retomados na bandeira e nas cores da legenda. O fato de o avatar ser negro é uma tentativa de gerar empatia com públicos diversos e minorias. O ator principal é o avatar; a ação principal, falar; o conteúdo político, campanha positiva; a linguagem é apelativa; a emoção mobilizada, surpresa; e o tipo de interação, participação e mobilização. O conteúdo possui apelo eleitoral (Mendonza, 2021). Ainda que o vídeo tenha gerado forte engajamento, os principais comentários são de crítica. 50% apoiam Lula, com frases como “faz o L” e “vote 13”; 30% demonstram surpresa com o conteúdo, questionando se é de fato oficial, ou se foi produzido por uma criança; 20% apoiam Bolsonaro. As *hashtags* utilizadas foram: #jair #bolsonaro #jairebolsonaro #presidente #kkkk #brasil #BR #capitao #do #povo #22.

3.5.1.7 Análise *netnográfica* vídeo 7 – Bolsonaro

O sétimo vídeo analisado no perfil de Bolsonaro possui os seguintes dados, conforme Tabela 30:

Tabela 30: Análise quantitativa vídeo 7 – Bolsonaro				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 12º lugar				
Data de publicação: 19/09/2022				
Tempo de duração do vídeo: 54 segundos				
Chamada: NA				
Hashtag: #jair #bolsonaro #jairbolsonaro #forcas #armadas #ffaa #exercito #marinha #aeronautica #fab #brasil #presidente #BR #acima #de #tudo				
Legenda: Sim, em português				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
5,9 milhões	931,9 mil	22,6 mil	52,9 mil	34,2 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

A Figura 34, abaixo, ilustra o material audiovisual:

Figura 34: Imagens vídeo 7 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: “É muito bom estar entre amigos” é a primeira frase deste vídeo. Ao som comovente do violino de trilha sonora, Bolsonaro cumprimenta oficiais da Forças Armadas, que prestam continência para ele. São apresentadas diversas cenas do então presidente em solenidades militares no Exército, na Marinha e na Aeronáutica. Ao fundo, a voz do político desenvolve narrativa de enaltecimento do ideal de servir à pátria e, assim como da prontidão das Forças Armadas em atuar diante de qualquer imprevisto para cumprir com seu dever. O caminho, segundo ele, seria único: amar a pátria, falar a verdade e ter Deus acima de tudo. O conteúdo audiovisual possui legenda na cor branca, e as palavras “Forças Armadas”, “Pátria” e “Deus” recebem destaque, ao menos uma vez, passando à cor amarela. O vídeo encerra com imagens aéreas, mostrando militares marchando próximos à estrutura

onde está escrito, com letras garrafais “Brasil acima de tudo”. Concomitante à cena, a voz de Bolsonaro é intercalada com o brado de militares: “Obrigado a todos (voz de Bolsonaro); Brasil acima de tudo (uníssono pelos militares); “e o nosso Deus acima de todos (voz de Bolsonaro)”.

Análise: No vídeo, a narrativa é de proximidade de Bolsonaro com as Forças Armadas. A sensação de amizade é transmitida nas cenas em que militares apertam a mão do político; a de respeito e obediência, quando prestam continência a ele. Assim, Bolsonaro induz o pensamento de que tem o apoio institucional das forças militares e poder sobre ela, o que influencia o debate político eleitoral. Ele mobiliza o patriotismo, compromisso com segurança nacional, hierarquia, disciplina, subordinação, respeito, tradição, lealdade. Bolsonaro cria conexão emocional tanto com a categoria, como com eleitores conservadores e com indivíduos que admiram militares ou se identificam com o orgulho nacional. Então, ele reforça tanto o nacionalismo, quanto a fé e o cristianismo, ainda que o país seja laico, alcançando também o eleitorado cristão, principalmente o evangélico.

Em relação ao vídeo, de modo geral, o proprietário da conta é o ator principal, embora diversos militares participem da cena; falar é a principal ação; o conteúdo é campanha positiva; e a linguagem, expressiva. A emoção básica mobilizada é a esperança, e o tipo de interação, informação e promoção. Tem-se no conteúdo o uso da personalização do protagonista e cadeia lexical com repetição (Morais; Oliveira; Moraes, 2021), principalmente nas palavras Deus e pátria; e discurso com promessa de garantia da segurança e da ordem (Ramos, 2021).

Todos os comentários analisados são de apoio a Bolsonaro. Há bastante uso de *emojis*, principalmente corações. As pessoas elogiam o vídeo e repetem o *slogan* “Brasil acima de tudo”, chamam Bolsonaro de mito, afirmam que ele devolveu o prazer de ser patriota, e que não entendem como alguns preferem a um ladrão. Um dos comentários faz referência ao artigo 142 da Constituição Federal de 1988, que trata das Forças Armadas enquanto instituições nacionais e subordinada, em casos específicos, ao Presidente da República. As hashtags utilizadas foram: #jair #bolsonaro #jairebolsonaro #forcas #armadas #ffaa #exercito #marinha #aeronautica #fab #brasil #presidente #BR #acima #de #tudo.

3.5.1.8 Análise *netnográfica* vídeo 8 – Bolsonaro

O trecho de entrevista concedido por Bolsonaro em 2017, e publicada no TikTok em 2021, é o oitavo mais popular entre os analisados. As métricas podem ser conferidas na Tabela 31, abaixo:

Tabela 31: Análise quantitativa vídeo 8 – Bolsonaro				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 14º lugar				
Data de publicação: 21/06/2022				
Tempo de duração do vídeo: 47 segundos				
Chamada: NA				
Hashtag: #jairbolsonaro #bolsonaro #deputado #federal #verdade #entrevista #folha #brasil #BR #camara#deus #patria #familia #dois #1000 #mandato #verdade				
Legenda: Sim, em português				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
7,4 milhões	833,5 mil	11,5 mil	20,2 mil	42,8 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Para ilustrar o conteúdo audiovisual, tem-se a Figura 35, a seguir:

Figura 35: Imagens vídeo 8 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: Mais uma vez, Bolsonaro publica trecho de entrevista concedida. Não está claro quem é a entrevistadora, mas apenas que a atividade ocorreu no ano 2017. A publicação do conteúdo aconteceu no *TikTok* do político em 21 de junho de 2022. O vídeo começa em determinado momento em que a entrevistadora está na metade de uma frase: "... o senhor apoia o neonazismo". Bolsonaro interrompe a sentença e pergunta em que ela se baseia, ou onde está

escrito ou em qual momento ele teria dito isso. A entrevistadora titubeia e passa a outra pergunta, sobre a possibilidade de ele indicar mulheres e gays para cargos de ministro, caso fosse presidente. Ele responde que não interessa saber se a pessoa é ou não homossexual, mas se ela faz ou não um bom trabalho. E complementa:

[...] você não pode fazer da sua opção sexual a sua carteira de trabalho. Pelo amor de Deus! A vida sexual das pessoas está entre quatro paredes. E vocês estão, cada vez mais, desgastando os valores familiares. Você é favorável ao *kit gay* na escola? Que as criancinhas de seis anos de idade aprendam, vejam filmes homoafetivos? Você é favorável a isso? Eu fui massacrado e rotulado de homofóbico por que eu fui contra.” (Bolsonaro em trecho de entrevista concedida em 2017, e publicada em sua conta oficial do *TikTok* em 21 jun. 2022).

A imagem da entrevistadora balançando a cabeça, em sinal afirmativo, é mostrada e o vídeo é encerrado. A música de fundo tem ritmo irregular, com notas agudas e dissonantes, transmitindo sensação de suspense e desconforto.

Análise: O discurso de Bolsonaro nesse curto trecho de entrevista é bastante denso. Ele é claramente voltado a públicos conservadores, religiosos, moralistas e intolerantes à diversidade. O tema central gira em torno da pauta LGBTQIAPN+. Apesar da aparente neutralidade em contratações meritocráticas, o discurso desconsidera evidências sobre a desigualdade e barreiras historicamente reproduzidas no país. Além disso, tratar a pauta como se os desafios estivessem restritos à esfera privada, entre as quatro paredes de um quarto, silencia expressões públicas que divergem dos padrões heteronormativos, restringindo o acesso a direitos. Essas perspectivas inviabilizam enfrentamentos e mantém o *status quo* para grupos minoritários. Bolsonaro também fala em “opção sexual”, o que implica escolha voluntária e deliberada, alimentando preconceitos e discursos de que sobre ser “corrigida” ou “revertida”, ao invés de falar em orientação sexual, que reconhece a natureza espontânea da atração afetiva e sexual, independente de gênero. O termo é adotado tanto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como pelo Conselho Federal de Psicologia do Brasil, por considerar que a orientação não pode ser julgada, ou modificada, e por promover inclusão.

Em relação ao *kit gay*, como ficou pejorativamente conhecido o programa Escola Sem Homofobia – criado pelo Ministério da Educação, em 2011, com objetivo

de promover o respeito à diversidade sexual nas escolas – Bolsonaro mobiliza sentimentos de medo. A narrativa é de ameaça à pureza da infância, da destruição da família, da perda de autoridade dos pais. Também associa o “homossexual” a algo com caráter negativo, embora não explicita o que é, e se coloca como protetor da moral, dos bons costumes, da família tradicional e dos indefesos, como as crianças. Para finalizar, Bolsonaro afirma ter sido massacrado por ser guardião desses valores, e mesmo, assim, coloca-se como cuidador da temática. Desse modo, ele distorce a realidade, tenta escamotear seus preconceitos e apresenta-se como perseguido por defender valores moralistas e o cidadão de bem.

O protagonista do vídeo é o proprietário da conta; a principal ação é falar; a pauta é reacionária; a linguagem é expressiva; as emoções mobilizadas são medo, indignação e desprezo; e o tipo de interação, a deliberação e discussão (estimula a opinião). Percebe-se no conteúdo audiovisual, a retórica de suposta neutralidade ideológica (Morais; Oliveira, 2021); construção de arquétipo com superioridade do cidadão de bem (Silva, Ferrari, Caetano, 2022); dualidade entre o bem (cidadão heterossexual) *versus* o mal (homossexual); retórica de acusação (Romancini; Castilho, 2019); demonização do inimigo construído (Copsey, 2013b).

Em 60% dos comentários, Bolsonaro recebe apoio, com frases como “esse é o presidente ideal para o país” e “as pessoas não gostam dele apenas por modinha”; 30% fazem referência a Lula, com *posts* como “faz o L” e “tenho orgulho de Lula”; 10% não se posicionam. As *hashtags* mais utilizadas foram #jairbolsonaro #bolsonaro #deputado #federal #verdade #entrevista #folha #brasil #BR #camara #deus #patria #familia #dois #1000 #mandato #verdade.

3.5.1.9 Análise *netnográfica* vídeo 9 – Bolsonaro

O penúltimo vídeo da análise *netnográfica* de Bolsonaro possui os dados compilados na Tabela 32:

Tabela 32: Análise quantitativa vídeo 9 – Bolsonaro
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 18º lugar
Data de publicação: 28/08/2022
Tempo de duração do vídeo: 33 segundos
Chamada: NA

Hashtag: NA				
Legenda: Não				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
5,5 milhões	725,9 mil	30,7 mil	43,2 mil	42,1 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Para exemplificar a apresentação do conteúdo, tem-se a Figura 36, a seguir:

Figura 36: Imagens vídeo 9 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: Bolsonaro aparece nesse vídeo jogando *videogame*. Na competição de corrida de carros, ele lidera com boa margem de distância. Sua caminhonete possui uma grande caixa de som de onde se propaga música no ritmo forró estilizado, com trechos que dizem “o homem está disparado e vai ganhar de novo... Ele é querido, atencioso, e trouxe a liberdade para o nosso povo...”. O capô do veículo está adesivado e pode-se ler a frase “É melhor ‘Jair’ se acostumando”, e na lateral, “Bolsonaro”. Há bandeiras nas cores do arco-íris nos postes pelo caminho.

Análise: A tentativa de se conectar com público jovem e de romper com a imagem de político tradicional fica evidente, porém, com caráter fortemente apelativo. Ele lidera a competição *gamer*, reforçando a atmosfera de disputa e mostrando-se hábil, divertido, competente e campeão, mesmo no ambiente virtual. Essa associação pode ser transmitida à corrida eleitoral, especialmente pelo fato de o vídeo ter sido postado na noite no dia 28/08/2022, após o primeiro debate entre candidatos à Presidência da República, com transmissão do UOL, em parceria com a Band, Folha de São Paulo e TV Cultura. Então, Bolsonaro tenta demonstrar estar tranquilo e seguro com sua atuação no debate. Soma-se a isso, o uso da trilha sonora, seguindo a mesma lógica do *jingle* utilizado em outros vídeos: fácil assimilação, tornando-se

ainda mais potente na mensagem a ser propagada quando relacionado a outros estímulos, como nesse caso, os visuais.

Nesse conteúdo audiovisual, o ator principal é o proprietário da conta; a principal ação é jogar *videogame*; o conteúdo político é campanha positiva; a emoção básica mobilizada, a excitação; e o tipo de interação, participação e mobilização. Ademais, observa-se que o vídeo possui a personalização para aproximação com o líder (Morais; Oliveira; Moraes; 2021) e apelo à ação do eleitor (Mendonza, 2020).

Os comentários de apoio, 70% do total, apresentavam certa euforia, com muitos risos, representados por “kkkkkkkkkkk” e frases como “jantou tudo e todos” e “o melhor”. Em oposição, 20% publicaram frases como “amei, nota 13”, e 10%, também com risos, afirmavam não acreditar que o vídeo estava no canal oficial. Esse foi um dos poucos vídeos que não usou *hashtags*.

3.5.1.10 Análise *netnográfica* vídeo 10 – Bolsonaro

O último dos dez conteúdos audiovisuais analisados no *TikTok* do político brasileiro tem os números apresentados a seguir:

Tabela 33: Análise quantitativa vídeo 10 – Bolsonaro				
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 20º lugar				
Data de publicação: 22/08/2022				
Tempo de duração do vídeo: 31 segundos				
Chamada: NA				
<i>Hashtag</i> : #bolsonaro #jornal #nacional #verdade #renata #brasil #BR #jair				
Legenda: Não				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
8,5 milhões	658, 8 mil	15,1 mil	45,4 mil	34 mil

Fonte: elaborado pela autora com informações do *TikTok* de Bolsonaro (2025).

A Figura 37 expõe cenas do vídeo em questão:

Figura 37: Imagens vídeo 10 - Bolsonaro



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Jair Bolsonaro (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo foi publicado em 22/08/2022 no *TikTok* de Bolsonaro, após ele ter concedido entrevista ao Jornal Nacional, na Rede Globo. O político resgata o trecho da entrevista em que a jornalista Renata Vasconcellos o questiona sobre ter imitado pacientes com falta de ar nos momentos mais dramáticos da pandemia da Covid-19. A âncora afirma que a leitura da sociedade a essa atitude foi de “falta de compaixão”. Na cena está fixa a palavra “mentira” na cor vermelha, enquanto a jornalista fala. Na entrevista, Bolsonaro pede que seja colocada no ar essa “imitação”. O trecho da entrevista do Jornal Nacional se encerra e começa excerto da *live* do então presidente, transmitida em 18/03/2021 em seu canal *Jair Bolsonaro*, no *Youtube*. Agora, tem-se a palavra “verdade” na cor verde. Ele está de óculos, reportando-se diretamente aos interlocutores, falando que devem seguir “a receita do ministro Mandetta”. O então presidente tira os óculos, imita sintomas de falta de ar, e diz que nesses casos a pessoa deverá procurar o hospital. Durante todo o vídeo, está escrito “Na ocasião em que Renata diz que simulei falta de ar por deboche, eu estava DENUNCIANDO o ‘Protocolo Mandetta’, que só recomendava ir ao hospital após sentir falta de ar. Foi justamente o contrário: EU DEFENDI ESSAS PESSOAS. Quem mandou ficar em casa é que desprezou vidas!”. Não há música de fundo.

Análise: Bolsonaro foi bastante criticado pela inação frente a pandemia da Covid-19 e por gerar desinformação sobre medidas preventivas e cuidados com a doença. Ele minimizou o impacto e consequências da doença, dizendo tratar-se

apenas de uma “gripezinha”, defendeu publicamente o uso de cloroquina e ivermectina para tratamento de infectados pelo vírus, ainda que não houvesse evidências científicas que comprovassem suas falas, e criticou medidas de isolamento social e uso de máscaras, apesar das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, posicionou-se contrário à vacina e levantou suspeitas sobre sua eficácia. Para Abrucio *et al.* (2020), as medidas adotadas ampliaram o conflito entre governos subnacionais e descoordenou políticas públicas de enfrentamento à pandemia, aprofundando os impactos dos efeitos negativos da doença sobre a sociedade, gerando desperdício de recursos, sobreposição de ações e prejuízo à garantia dos direitos sociais.

Ademais, ao menos em duas *lives* em seu canal no *YouTube* (18/03/2021 e 06/05/2021), imitou pessoas com falta de ar quando mencionava procedimentos que deviam ser adotados, o que, de fato, gerou repercussão negativa, visto que no Brasil, houve momento em que se chegou a mais de 4.000 mortes por dia, como março e abril de 2021. Em nenhum desses vídeos Bolsonaro denunciou o protocolo sugerido pelo ministro da Saúde à época, Luiz Henrique Mandetta, como afirmou no vídeo do *TikTok*. No período de campanha para possível reeleição, em 2022, quando a temática veio à tona, o candidato tentou deslegitimar as acusações e reconstruir narrativa em que ele é mal interpretado, injustiçado e perseguido por jornalistas tradicionais. A responsabilidade, segundo ele, deveria recair sobre Mandetta.

O vídeo, cujo ator principal é o proprietário da conta, tem como ação principal falar, e o conteúdo político, campanha positiva. A linguagem é apelativa, a emoção mobilizada, a indignação, e o tipo de interação, deliberação. Ainda é possível observar na narrativa, a simplificação excessiva de temas complexos (Smith, 2014); relativização à garantia dos direitos humanos (Michelsen; De Orellana; Buranelli, 2023; Silva; Ferrari; Caetano, 2022); recomposição de narrativa e desinformação (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023); e opiniões que desacreditam a confiança em instituições públicas (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023).

No que tange aos comentários, tem-se sentenças um pouco mais longas que o habitual. 70% dos comentários são de apoio a Bolsonaro, com sugestões de que as pessoas pesquisem o que realmente havia acontecido, pois estariam acreditando em mentiras, e por essa razão, posicionando-se contrário a ele. Também há pessoas afirmando ser de religião de matriz africana, e mesmo assim, comprometidos com o

voto em Bolsonaro. Outros 20% dos comentários questionam por que ele não explicou as alegações apresentadas no *TikTok* quando estava ao vivo; e, 10% se posicionam em oposição a Bolsonaro, ainda que de forma menos explícita. As *hashtags* utilizadas foram: #bolsonaro #jornal #nacional #verdade #renata #brasil #BR #jair.

3.6 El Salvador

El Salvador é o menor e mais povoado país da América Central. O território de apenas 21.000 km² abriga uma população majoritariamente jovem: 62%, dos 6,38 milhões de habitantes, tem até 34 anos de idade (OMS, 2023). Limitado geograficamente por Honduras, Guatemala e pelo Oceano Pacífico, o pequeno país agrícola tem densidade demográfica de aproximadamente 300 hab/km² e trajetória histórica marcada por violência, instabilidade política e desigualdades. O processo é semelhante ao dos países da América Latina: tornou-se colônia espanhola de 1525 à 15 de setembro de 1821, quando proclamou sua independência. Quase 20 anos depois, em janeiro 1841, declarou-se república autônoma⁷⁷. Ainda assim, El Salvador não conheceu a democracia plena, pois nas décadas seguintes o processo eleitoral era indireto e o sufrágio censitário: as elites conservadoras e liberais detinham e disputavam o poder (Pomar, 2018).

No final do século XIX e início do XX, os salvadorenos experimentaram reforma agrária capitalista e concentradora que destruiu as bases materiais da vida dos indígenas e camponeses. A resistência, em 1931, encorpada pela participação de trabalhadores urbanos, pelo Partido Comunista de El Salvador e pela Federação Regional dos Trabalhadores, também questionava resultado das eleições para prefeitos e deputados. O movimento foi duramente reprimido, culminando no Massacre de 1932, conhecido como *La Matanza*, sob o governo do general Maximiliano Hernández Martínez, que chegou ao poder em 1931, após golpe de Estado apoiado pela direita no então presidente eleito, Arturo Araújo. Estima-se que 30 mil pessoas foram mortas no *La Matanza*, conforme os revolucionários, embora o governo tenha admitido 12 mil. Martínez foi o primeiro de uma série de ditaduras e governos militares que perdurariam até 2009 (Pomar, 2018).

⁷⁷ Com a independência, El Salvador fez parte, inicialmente, da República da América Central.

Os conflitos armados persistiram em El Salvador nos anos seguintes. Em 1977, foi formada a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), composta por guerrilheiros de grupos revolucionários que se opunham aos abusos do governo. Dois anos depois, em 1979, foi desencadeada uma violenta Guerra Civil que durou 12 anos e teve saldo de cerca de 75 mil mortes, destruição de infraestrutura do país, e êxodo de mais de 600 mil pessoas que se tornaram refugiadas. Os EUA forneceram apoio militar ao governo, sob discurso de combate ao comunismo e de defesa dos direitos humanos. Porém, os estadunidenses não controlaram abusos dos esquadrões da morte e das forças de segurança salvadorenhas que embora afirmassem “perseguir apenas criminosos e subversivos, na prática a maior parte de suas vítimas eram civis desarmados” (Silva Neto, 2020, p. 36). O major Roberto D’Aubuisson, um dos maiores líderes dos esquadrões da morte, fundou, em 1981, o partido Aliança Republicana Nacionalista (Arena), com grande influência política nas décadas seguintes no país.

A violência extrema durante uma década de conflito interno exigiu negociações para findar o confronto. A ONU fez mediações, e após dois anos, em 1992, o Acordo de Paz de Chapultepec foi assinado no México. Na ocasião, a FMLN foi convertida em partido político, e passou a ter forte presença no parlamento (Pomar, 2018; Silva Neto, 2020). Entretanto, o Acordo de Chapultepec não se caracterizou pelo alcance da paz, da justiça social e da diminuição significativa da violência estrutural em El Salvador. Ao contrário, a desigualdade social, a ausência de oportunidades econômicas e educacionais principalmente para jovens, a influência de quartéis de drogas mexicanos e as deportações em massa de salvadorenhas que haviam emigrado aos EUA após o fim da Guerra Civil, fortaleceram o crime organizado e contribuíram para o surgimento de gangues de rua. As mais atuantes eram a *Mara Salvatrucha* (MS-13) e a *Barrio 18* (M-18). El Salvador tornou-se um dos países mais violentos do mundo, chegando a uma taxa de homicídio, em 2019, de 89,4 casos por 100 mil habitantes. A média mundial era de 6,18 por 100 mil habitantes, conforme dados disponíveis no *Pan American Health Organization*.

Além da consolidação das gangues de rua, o período que viria após a assinatura do Acordo de Paz de Chapultepec foi caracterizado pela ocorrência de dois processos simultâneos e contraditórios em El Salvador. Por um lado, a implantação do neoliberalismo foi impulsionada pelo Arena, que governou o país de 1989 a 2010. Por outro, o FMLN foi fortalecido, ainda que de forma conturbada, e conseguiu vencer

as disputas eleitorais para presidente de El Salvador nos anos de 2009 e 2014. Em 2012, Nayib Bukele, filiado ao FMLN, foi eleito prefeito de Nuevo Cuscatlán, e em 2015, de San Salvador, capital do país, ganhando projeção nacional. No entanto, conforme Pomar (2018, p.50), Bukele foi acusado pelo partido, em 2017, “de ‘promover divisões internas’, ‘difamar dirigentes do partido’ e também por ‘agressão verbal e física’ contra mulher e autoridade municipal de San Salvador”. Por isso, o Tribunal de Ética da FMLN teria expulsado o então prefeito do partido (Pomar, 2018). Para Julieta Grassetti (2020), essas motivações escondiam a verdadeira razão, de cunho político, devido à resistência interna e histórica que propunham outras figuras para concorrer às eleições presidenciais.

Bukele, logo após a expulsão, anunciou em seu canal do YouTube, a decisão de promover um movimento para busca a presidência. Lançou o *Nuevas Ideas* mas não pôde registra-lo oficialmente como partido no Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) antes do prazo legal para registro de candidaturas para eleições presidenciais. Por isso, ele associou-se ao partido *Gran Alianza por la Unidad Nacional* (Gana), ala dissidente do Arena, obtendo 53% dos votos no primeiro turno para presidente. Em seguida, retomou o estabelecimento do seu partido, com o qual impulsionou um movimento social e virtual, em redes sociais, para derrotar o histórico bipartidarismo Arena-FMLN. Bukele criticou o modelo tradicional de fazer política, adotou estilo personalizado, franco e direto, sem intermédio da mídia tradicional para comunicar-se com os cidadãos (Grassetti, 2020; Delgado, 2022). Assim, o *Nuevas Ideas* e o Gana conseguiram, nas eleições legislativas de 2021, preencher 62 das 80 vagas no parlamento, o que significa que detinham 72,6% das cadeiras da Assembleia Legislativa. Logo, detinham grande maioria no parlamento (Delgado, 2022).

Entre 2021 e 2023, a Assembleia Legislativa aprovou uma série de reformas eleitorais que prejudicariam a oposição, além de permitir alterações no processo eleitoral no ano anterior ao da eleição, o que contraria padrões internacionais de democracia (Wolf, 2024). Também houve redução de 80 para 60 assentos legislativos, com adoção de um novo método de contagem de votos para alocação de parlamentares, o que favoreceria o *Nuevas Ideas*. Bukele também orquestrou a redução e reorganização dos municípios, passando de 262 para 44, beneficiando seu partido e aumentando o controle do governo. No ano seguinte, em 2024, Bukele promoveu mais uma manobra política para concorrer à reeleição, antes vedada na

Constituição do país: destituiu ilegalmente os magistrados da Suprema Corte, nomeando novos juízes. Os magistrados recém-nomeados promulgaram uma resolução permitindo a recondução ao cargo presidencial, desde que houvesse descompatibilização por seis meses. Por isso, Bukele é acusado de ter burlado o sistema eleitoral para concorrer às eleições e permanecer no poder (Wolf, 2024), inclusive, tendo ganhado com quase 85% dos votos da população.

Antes do período eleitoral, em 2020, ainda durante seu primeiro governo, Bukele conseguiu que o estado de exceção fosse decretado no país após uma onda de violência que deixou ao menos 92 mortos em apenas quatro dias, (CIDH, 2024). A medida extraordinária para erradicar atividades criminosas das gangues suspendeu direitos e garantias e deteve, em cerca de 18 meses, mais de 73 mil pessoas. A taxa de homicídios foi reduzida drasticamente, para algo em torno de dois casos por mil habitantes, porém, veio acompanhada de uma série de denúncias de violação de direitos humanos, como tortura, superlotação carcerária e condições desumanas, detenções ilegais e arbitrárias, abuso no uso da força, violação a direitos de crianças e adolescentes, mortes de presos sob custódia do Estado, e também de restrição à liberdade de expressão e ao jornalismo. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) investigou os casos e, além de 22 recomendações, fez um apelo para que o Estado salvadorenho restabelecesse os direitos suspensos, e que a prevenção e combate ao crime ocorressem por perspectiva integral e intersetorial. A Comissão reafirmou que o mecanismo excepcional não poderia fazer parte da política permanente de segurança pública do país (CIHD, 2024). Até o fechamento desta tese, o extado de exceção permanecia vigorando em El Salvador.

Nas redes sociais, Bukele dirige-se diretamente ao seu público. A análise *netnográfica* do *TikTok* do presidente salvadorenho será apresentada abaixo.

3.4.4 Bukele, o “ditador cool”

Os vídeos mais antigos a que se tem acesso no *TikTok* de Nayib Bukele datam de setembro de 2020. Em sua conta, há mais de 350 conteúdos publicados desde então. O sucesso de Bukele nas redes sociais é arrebatador: em meados de 2025, ele ultrapassou 11 milhões de seguidores, porém, em seu pequeno país, apenas 4,5 milhões de pessoas tem acesso à Internet. Os números de seguidores aumentam à

velocidade considerável. Oito meses antes, esse quantitativo era de nove milhões. O êxito pode se relacionar, em alguma medida, com sua vida profissional anteriormente à trajetória política: trabalhou na Obermet (1999-2006), de propriedade de seu pai; na *Nolck Red América* (2006-2010); e Saatchi & Saatchi (2010-2012), todas empresas de publicidade e responsáveis pela propaganda do partido de esquerda FMLN (Ventas, 2024), onde o ex-empresário salvadorenho iniciou sua carreira como prefeito em El Salvador, antes de integrar o Gana e, seu partido, o *Nuevas Ideas*. O único perfil seguido por Bukele é o do café *premium* 100% salvadorenho “*Bean of Fire*”.

Bukele, presidente mais novo da história do país, tendo assumido o governo aos 37 anos, utiliza linguagem simples nos vídeos publicados. Mesmo nos fragmentos de entrevistas e discursos presidenciais, as palavras são acessíveis e objetivas, e costumam ser pronunciadas sem pressa ou sobressaltos, com tom de voz neutro, o que transmite sensação de confiança, facilita a escuta ativa, com foco na mensagem, e evita julgamentos. Além dos trechos de entrevistas e discursos, os vídeos apresentam produções com estética cinematográfica ou documentária; falas dirigidas a público específico; e momentos da vida privada. Nesse caso, da criação de intimidade pela partilha de experiências que via de regra seriam particulares, é comum que Bukele se apresente em companhia da esposa e das duas filhas.

As cenas familiares incluem risos espontâneos, peraltices e fatos do cotidiano embalados por canções com melodias suaves, arranjos minimalistas e progressões harmônicas que evocam ternura e intimidade. A dureza e brutalidade das ações de Bukele, especialmente no combate ao crime, são suavizadas por esse tipo de conteúdo audiovisual. Essa estratégia de atravessar o discurso político com conteúdos biográficos e íntimos e teatralizar a vida privada é adotada pelo presidente salvadorenho em outras redes sociais, como o *Instagram* e *X*, antigo *Twitter*, conforme os estudos de Julieta Grassetti (2020). O objetivo é aprofundar a sensação de proximidade do interlocutor com o líder político, entrecruzando permanentemente o público e o privado, e dissolvendo barreiras entre esses posicionamentos (Morais; Oliveira; Moraes, 2019; Grassetti, 2024).

Bukele costuma aparecer nos vídeos com visual jovial e sofisticado, mesclando elementos de informalidade, autoridade e modernidade, a depender da mensagem que pretende construir. O político autoritário às vezes usa terno, mas rejeita a gravata. Em outros momentos traja camisa, de mangas longas ou curtas, jaquetas de couro ou

personalizadas, jeans, e, ocasionalmente, óculos escuros e bonés com *slogan* de seu partido. Essa estética reforça a narrativa de líder descolado, moderno, acessível, ousado: um político *outsider* que além de não pertencer ao sistema tradicional, o desafia. Bukele se definiu no seu perfil no antigo *Twitter*, em 2021, como “*El Dictador más ‘cool’ del mundo mundial*” (Delcid, 2021). Ele rompe com valores políticos e códigos visuais clássicos e cria identidade com os mais jovens, reforçando a estratégia de comunicação direta com o seu interlocutor.

Ainda que se autodefinia como ditador – com ou sem ironia, um discurso bastante perigoso que naturaliza tudo o que uma ditadura possa significar – Bukele não se posiciona no espectro político como de esquerda ou de direita. Em seu discurso de posse, em 2019, o ditador afirmou que o futuro que iriam construir em El Salvador não dependeria nem da direita, nem da esquerda, e tampouco de ideologias fracassados nos anos 1980 (Grassetti, 2020). Nesse sentido, o preâmbulo do Estatuto do *Nuevas Ideas*, define o partido como “*democrático, descentralizado, plural, inclusivo, sin ideologías obsoletas sino de vanguardia en la lucha por el reconocimiento de todos los derechos para todos los ciudadanos, sin exclusiones ni privilegios*”. Para Grassetti (2020), essa suposta falta de identificação com as ideologias políticas foi uma estratégia para capitalizar o descontentamento e a desconfiança social do povo com as classes políticas tradicionais, e emplacar a narrativa de eficiência estatal acima do conteúdo político e ideológico, persuadindo o eleitorado com o pretenso discurso desideologizado.

Conforme Baldovinos (2021), o movimento que Bukele faz é o de invocar, a depender de sua conveniência, associações vagas com a esquerda ou a direita para construir uma retórica agressiva e destrutiva contra seus adversários. Oscar Picardo, pesquisador e ex-professor de Bukele, e o acadêmico José Miguel Cruz concordam. Em entrevista concedida à BBC News, em 2023, Picardo apontou, por exemplo, que pelo lado da direita Bukele esteve próximo do embaixador dos EUA, no primeiro governo Trump, além de participar de eventos liberais e conservadores como na *Heritage Foundation*; pelo da esquerda, tem em Pequim o maior aliado em projetos em El Salvador (Tavares, 2023). Para Cruz, Bukele é bastante hábil em utilizar a comunicação, seja com as massas, seja com as elites intelectuais e políticas do país (Ventas, 2024). Outros pesquisadores, como González; Tapia; Solano (2021), classificam Bukele como de direita, inclusive por chegar ao poder apoiado por uma

coalizão de direita. Veículos jornalísticos como Estadão também reconhecem Bukele como de direita. A Carta Capital e a Folha de São Paulo, embora não sejam taxativas, afirmam que o ditador tem sido reconhecido como ícone da direita.

Percebe-se, que o eu digital de Bukele no *TikTok* revela uma persona moderna, jovial, autêntica, sem posicionamento político taxativo explicitado, inovadora e até heroica. O *millenial* que valoriza a família apresenta-se como o único líder, conforme seu discurso, realmente capaz de transcender à dicotomia política tradicional, à corrupção e ao tradicionalismo para olhar para o futuro e modificar o país, como se fosse o CEO de uma empresa. Utilizando-se de narrativa emocional e apelativa, ele busca seduzir e emocionar o público, mostrando-se como parte de um todo que precisa ser modificado, ainda que as medidas a serem adotadas sejam drásticas. Ele mobiliza o sentimento de pertença da nação, transforma o autoritarismo em espetáculo, e reconfigura nas redes sociais a imagem tradicional de um ditador, sob a justificativa de ser o guardião do povo. A seguir, será apresentada a análise *netnográfica* que revelam alguns desses elementos do eu digital de Bukele.

3.6.1.1 Análise *netnográfica* vídeo 1 – Bukele

O vídeo com maior engajamento no *TikTok* de Bukele tem métrica bastante relevante: as visualizações ultrapassaram 26 milhões, as curtidas, mais de 10% desse total, e quase 65 mil compartilhamentos. Os números podem ser verificados na Tabela 34, apresentada a seguir:

Tabela 34: Análise quantitativa vídeo 1 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 1º lugar				
Data de publicação: 16/06/2023				
Tempo de duração do vídeo: 2min 2 seg				
Chamada: <i>Colocamos la primera piedra de un proyecto que salvará miles de vidas...</i>				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
26,3 milhões	2,7 milhões	34,4 mil	64,3 mil	115,7 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Bukele (2025).

A Figura 38, abaixo, ilustra imagens do conteúdo audiovisual:

Figura 38: Imagens vídeo 1 – Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Nayib Bukele (2025).

Descrição do vídeo: Bukele anuncia duas obras de hospitais ocorrendo, simultaneamente, em El Salvador. Ele começa falando da reconstrução do Hospital Rosário, após 100 anos de abandono, e com investimento de U\$ 61,2 milhões de dólares para obra e aquisição de equipamento, com 100% de capital nacional, oriundos do pagamento de impostos, os mesmos já pagos anteriormente pelo cidadão, ou seja, sem aumento de cobranças. A diferença, segundo ele, é que outros governos desviavam e roubavam os recursos. Em seguida, ele fala da construção do Hospital de Nejapa, em outra zona do país, com estimativa de gasto de U\$ 50 milhões de dólares. Enquanto isso, são intercaladas imagens da infraestrutura precária do Hospital; dos projetos das obras; das máquinas para construção; e de Bukele fazendo o pronunciamento. Ele está trajando camisa azul e tem, atrás de si, a bandeira do país. O presidente estima que em 18 meses as obras estarão concluídas. Ele pretende que os hospitais sejam referência regional em infraestrutura e qualidade de atendimento. Bukele coloca a primeira pá de terra nas obras, simbolizando a primeira pedra de edificação dos hospitais. A música de fundo apresenta melodia suave, com progressão harmônica ascendente, sugerindo superação e futuro promissor.

Análise: A narrativa é de progresso e soberania. Porém, embora o vídeo seja para anunciar as obras, as ações são personalizadas em Bukele, e não no governo enquanto instituição. O presidente é apresentado como líder visionário, competente, comprometido com o povo, seja por pensar nos cuidados com a saúde, seja por aplicar de forma mais eficiente o dinheiro público. Inclusive, Bukele enfatiza, implicitamente, orgulho e soberania nacional, ao reforçar que os recursos são oriundos de impostos,

e, ao mesmo tempo em que tranquiliza por dizer que não haverá aumento deles, denuncia os governos anteriores por supostamente roubarem o dinheiro do povo, ainda que não tenha apresentado evidência sobre a veracidade desse fato. As cenas do Hospital Rosário degradado corroboram com as acusações de abandono e negligência, e materializam a existência do problema histórico a ser enfrentado. Já as imagens do projeto dos novos hospitais, denotam que Bukele rompe com o passado e com ações tradicionais, oferecendo solução concreta para o problema, ou seja, um político antissistema. O gesto simbólico de colocação de terra tem forte apelo emocional e visa gerar empática. A música de fundo fortalece a mensagem que Bukele quer transmitir de expectativa de um futuro melhor para a população salvadorenha.

Em suma, o ator principal é o proprietário da conta; a principal ação é falar; o conteúdo é campanha positiva; a linguagem, expressiva; as emoções básicas necessidade e esperança; e o tipo de interação, a informação e promoção. Ademais, identifica-se a personalização (Maly, 2020; Caro; Quitral; Riquelme, 2022) de Bukele; o discurso antissistema e nacionalista (Marvakis, 2015); a retórica de acusação, ainda que não seja tão explícita pois menciona “governos anteriores”, sem nomeá-los, e uso de linguagem emocional ou apelativa (Romancini; Castilho, 2019).

Em relação aos comentários, 100% são de apoio a Bukele. As pessoas elogiam, no idioma inglês (90%) e português (10%), suas ações, afirmam que ele defende seu povo, e merece respeito, que El Salvador começa a ser roteiro de países a se conhecer (turismo). Outros acreditam que diversos países também precisam de líderes como ele, a exemplo de Honduras, enquanto alguns temem pela segurança da vida do político salvadorenho. Também há *posts* indicando que El Salvador será o novo Japão ou Coreia do Sul, com inovações e avanços tecnológicos.

3.6.1.2 Análise *netnográfica* vídeo 2 – Bukele

O segundo vídeo com maior engajamento no TikTok de Bukele tem os seguintes índices:

Tabela 35: Análise quantitativa vídeo 2 – Bukele
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 2º lugar
Data de publicação: 16/10/2022
Tempo de duração do vídeo: 2 min 13 s

Chamada: <i>Los Derechos Humanos</i> .				
Hashtag: NA				
Legenda: NA				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
21 milhões	2,1 milhões	50,4 mil	112,6 mil	78,2 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Nayib Bukele

As imagens da Figura 39, abaixo, evidenciam algumas cenas do vídeo:

Figura 39: Imagens vídeo 2 - Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025)

Descrição do vídeo: Trata-se de um fragmento de entrevista de Bukele, a procuradores da justiça, sobre direitos humanos. O presidente está usando camisa polo na cor rosa. Atrás dele é possível ver um enorme quadro de um homem vestido de branco, com um colar de crucifixo, e também bandeiras do país. Bukele confirma que não nega e que considera importante que réus e presos tenham direitos humanos. Mas, pergunta por que os direitos humanos da maioria das pessoas, que são trabalhadoras, honestas e honradas não interessa a ninguém? O presidente alega que o enfoque dos direitos humanos internacionais, inclusive de ONGs, sempre recai sobre quem comete crimes e delitos, embora seja o povo salvadorenho quem sofre, há mais de 30 anos, com medo, ameaças, extorsões, estupros, assassinatos, violência das gangues. Defende que em países pobres, em vias de desenvolvimento, ou de terceiro mundo há muita atenção sobre a temática, apesar do mesmo não ocorrer em relação a países desenvolvidos como EUA, que prever aplicação de pena de morte. Bukele diz que muito se fala sobre direitos de presos, mas quando se pergunta sobre os direitos da população, todos se calam. Em seu país, afirma o

presidente, o governo vai respeitar os direitos de criminosos, mas a prioridade serão os direitos humanos da maioria da população. Não há música de fundo e nem legenda.

Análise: A retórica de Bukele tenta simplificar a complexidade do tema de direitos humanos. Ele cria a dualidade entre o bem, representado pelo cidadão honesto, *versus* o mal, o bandido que precisa pagar por seus crimes. Essa dicotomia polariza a sociedade e justifica a repressão e o encarceramento em massa como medida necessária para proteger o povo. Para ele, é distorcida a visão que prioriza os direitos de uma minoria que comete delitos em detrimento da maioria honesta e trabalhadora. O discurso manipulado denota a necessidade de fazer escolhas para proteger os direitos humanos de apenas uma das categorias criadas. Ele se coloca como o líder cuidadoso, que escolherá pelo bom cidadão. Porém, os direitos humanos não são excludentes entre os grupos, tampouco condicionados a determinado comportamento. Aqueles que estão sob custódia do Estado também deveriam usufruir deles, mesmo com alguns direitos parcialmente restringidos. Ainda que houvesse necessidade de promover o encarceramento elevado, todos deveriam ter julgamento justo, e, se condenados, não deveriam, ser expostos a condições humilhantes, degradantes ou desumanas.

Além disso, Bukele sugere que os questionamentos internacionais e de ONGs são tendenciosos, e até hipócritas, pois preocupam-se em demasia com as medidas de encarceramento em países em via de desenvolvimento, como El Salvador, mas não estão preocupados com a execução de penas de morte em países desenvolvidos, como os EUA. Essa é uma estratégia discursiva para desviar a atenção do problema central que está sendo abordado, lançando o foco para outras questões. Ademais, o quadro enorme visualizado atrás de Bukele, de um possível religioso usando vestes brancas, com crucifixo no peito, pode ser interpretado como uma tentativa de suavizar o conteúdo de sua fala por associar a pintura a valores pacíficos e de bondade.

De modo resumido, o ator principal é o proprietário da conta; a principal ação é falar; o conteúdo é pauta reacionário; a linguagem, informativa; as emoções básicas indignação e medo; e o tipo de interação, a informação e promoção. Pode-se identificar ainda, além da simplificação de temas complexos; a superioridade do cidadão de bem (Silva; Ferrari; Caetano, 2022); a dualidade moral representada pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); estímulo a interações polarizadas (Watson; Barnes, 2022); opiniões que desacreditam a confiança em

instituições públicas (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023); discurso conspiratório (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023), e relativização à garantia dos direitos humanos (Michelsen; De Orellana; Buranelli, 2023).

Todos os comentários foram de apoio a Bukele. Alguns comparam o discurso dele ao de Barack Obama, outros, afirmaram que enfim alguém teve coragem de falar a verdade sem medo. Um dos comentários disse necessitar de alguém como Bukele no Panamá. O idioma majoritariamente utilizado foi o inglês (70%). Também houve comentários em espanhol (30%). Não houve uso de *hashtags*.

3.6.1.1 Análise *netnográfica* vídeo 3 – Bukele

O terceiro conteúdo analisado na conta de Bukele tem as métricas compiladas na Tabela 36:

Tabela 36: Análise quantitativa vídeo 3 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 3º lugar				
Data de publicação: 21/11/2023				
Tempo de duração do vídeo: 7 min 26 s				
Chamada: <i>Crime & the Economy. El Crimen y la Economía.</i>				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
27,5 milhões	2 milhões	34,3 mil	82,6 mil	115,6 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Bukele (2025).

As imagens que ilustram o conteúdo foram apresentadas na Figura 40:

Figura 40: Imagens vídeo 3 – Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: Bukele está discursando no púlpito. Ele usa uma camisa preta de mangas longas e calça *jeans*. Infere-se que ele está na inauguração de uma obra. O vídeo, o mais longo entre os analisados, com mais de sete minutos de duração, tem as legendas em inglês. Ele fala sobre a importância dos investimentos privados. Antes, retoma suposta conversa com representante de uma das três maiores multilaterais do mundo, embora não fosse revelar qual delas. Na ocasião, teria sido aconselhado a ter cuidado adicional na luta contra as gangues no país, pois haveria impacto na economia. Isso ocorreria porque, segundo o representante da multilateral, as gangues além de suportar a economia do crime – com venda de drogas, armas, extorsão, assassinato, entre outros – também impactam na economia formal, com a compra de alimentos, bebidas, veículos, fraldas, roupas para as crianças, recarga de celular, televisão, etc. Além disso, movimentariam a economia de empresas de segurança privada, venda de alarmes e afins. Então, acabar com as gangues impactaria na redução do PIB.

O presidente faz associação do combate ao crime ao enfrentamento ao câncer. Ele afirma que, ainda que o tratamento pudesse ser doloroso, com repercussão negativa na economia, o custo social valeria à pena, pois resultaria na possibilidade de incentivar a sociedade da forma correta. Os jovens teriam oportunidade de estudar e trabalhar, ao invés de serem cooptados para ingressarem nas gangues. Roubar e matar seriam sinônimos de ser preso. Além disso, os cidadãos que tinham pequenos empreendimentos agora poderiam expandir, pois não estariam sujeitos às extorsões e chantagens desses grupos criminosos. Por fim, Bukele afirma que, mesmo com as previsões pessimistas de impacto na economia no combate às gangues, em realidade houve o crescimento do PIB em 2022 e 2023: “*es decir, nos curamos del cancer sin sufrir los estragos de la quimioterapia*”, concluiu Bukele. Um dos resultados, conforme o presidente, foi atrair investimentos de empresas privadas no país.

Análise: O discurso de Bukele constrói narrativa de redenção nacional e progresso contínuo. Suas escolhas, ousadas e heterodoxas, teriam erradicado o crime e, mesmo contrariando expectativas de especialistas, impulsionado o crescimento econômico do país. A metáfora que associa o crime ao câncer é apelativa e sensibilizadora e faz apologia biologicista (Grassetti, 2020). A alegoria sugere que a violência era algo sistêmico e arraigado ao tecido social. Para ser extirpada, a doença, assim como o crime, necessitaria de medidas radicais. Assim, Bukele apresenta a

receita do “remédio amargo” ou do “mal necessário” para tentar justificar as medidas autoritárias e controversas que adotou, como as prisões em massa e tratamento cruel, e, ainda assim, conseguir mobilizar validação e apoio popular.

Bukele também se utiliza do forte apelo emocional ao sugerir que apenas com suas ações é possível indicar e incentivar que os jovens não sigam o caminho do crime. Ele tenta humanizar os resultados da política de segurança pública que adota, relacionando-as com possibilidade de estudos para jovens, trabalho digno e futuro promissor, ainda que não tenha apresentado, naquele momento, nenhuma política voltada para esses fins, inclusive para promover a educação. O presidente busca robustecer a imagem de líder destemido e cuidadoso com a população, corajoso o suficiente para desafiar conselhos de representantes de uma das três maiores multinacionais do mundo, e, de todo modo, ser bem sucedido. Ele mostra que está disposto a pagar o preço pelo bem do povo, um discurso quase messiânico. Para tanto, ele utiliza linguagem acessível, reforçando proximidade com os interlocutores.

Observa-se, em resumo, que o ator principal é o proprietário da conta; a principal ação é falar; o conteúdo é pauta reacionária; a linguagem, informativa; as emoções básicas medo e indignação; e o tipo de interação, a informação e promoção. Tem-se, ainda, a presença de elementos comunicacionais como simplificação excessiva de conteúdos complexos, a personalização (Maly, 2020; Caro; Quital; Riquelme, 2022) e autoapresentação como líder *outsider*, salvador e cuidador, enfim, o único governante capaz de promover as mudanças necessárias (Mendonza, 2020), inclusive por desafiar a opinião de especialistas; discurso antissistema e nacionalista (Marvakis, 2015), apologia biologicista (Grassatti, 2020) e linguagem apelativa ou emocional (Romancini; Castilho, 2019).

Os comentários foram escritos em três idiomas: espanhol (80%), inglês (10%) e português (10%). O apoio explícito a Bukele aparece em 30% dos comentários, sendo que a maioria da Argentina, afirmando que ele dá esperança de mudança ou de que gostariam da presença dele na posse de Javier Milei; 20% são de pessoas que tem tatuagem ou são tatuadores e que dizem ter vontade de ir a El Salvador, questionando se seriam presas; 10% perguntam se serão pagos melhores salários em El Salvador; 10% perguntam se Lula vai visitar o país; 10% perguntam se a multilateral [Bukele mencionada conversa com três multilaterais no vídeo] fica no México; 10% comparam o presidente ao cantor Juan Luis Guerra, devido a

semelhanças físicas; 10% perguntam qual a marca da roupa usada por Bukele. Não houve uso de *hashtags*.

3.6.1.4 Análise *netnográfica* vídeo 4 – Bukele

O quarto conteúdo audiovisual com maior engajamento analisado no perfil do ditador salvadorenho tem os números apresentados a seguir, na Tabela 37:

Tabela 37: Análise quantitativa vídeo 4 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 4º lugar				
Data de publicação: 13/03/2023				
Tempo de duração do vídeo: 1 min 24s				
Chamada: ¿En dónde estaban cuándo las maras estaban matando a nuestros niños?				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
16,5 milhões	1,8 milhão	38,4 mil	49,6 mil	71,7 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Bukele (2025).

Para evidenciar visualmente o conteúdo postado, tem-se a Figura 41:

Figura 41: Imagens do vídeo 4 - Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: “De donde les nació ese amor repentino por El Salvador?”. Essa é a frase com a qual Bukele inicia esse fragmento de vídeo. Ele está no púlpito, com a faixa presidencial, discursando, e não está explícito quem são o “eles”. O presidente alega que, há pouco tempo, não sabiam sequer a localização do país no mapa. Pergunta onde estavam quando partidos como Arena e FMLN

recrutavam e obrigavam crianças a matar. Seu governo, ao contrário, ofereceria computadores e *notebooks* aos meninos e meninas do país. O político é aplaudido de pé. Ele continua o discurso, com voz firme: El Salvador é um país livre, soberano e independente. Diz que querem ter boas relações com outros países, ser amigos, aliados, sócios, mas não colônia. Por isso, conclui que não permitirão que digam o que seu país precisa, ou não, fazer. Nesse vídeo não foi utilizada trilha sonora. As legendas do vídeo estão em inglês.

Análise: Acredita-se que o pano de fundo para a fala de Bukele são as críticas de organismos internacionais contundentes relacionadas à violação de direitos humanos dos presos durante o regime de exceção no país, iniciado em 2022. O presidente promove uma polarização moral dividindo a sociedade em dois extremos: os que defendem o povo, e seus direitos, no caso ele e seu partido, *versus* os que estão contra o povo, logo, defendendo os direitos dos criminosos. Para tanto, ele destaca que as críticas internacionais aos métodos e ações de segurança pública adotadas por seu governo são na verdade oportunistas e hipócritas. Reforça que o olhar está sob os presos, mas que não houve, dos agentes externo, qualquer preocupação quando crianças eram recrutadas para participar de motins e guerras. Ele mobiliza sentimentos de indignação e de necessidade de proteção.

Ademais, Bukele vitimiza-se, pois sugere que está sendo, no mínimo, mal interpretado frente aos desafios de seu povo, e aponta que os verdadeiros vilões são bandidos e partidos tradicionais coniventes com a violência. Ao desqualifica-los, promove, ao mesmo tempo, sua imagem de líder cuidador, atento e preocupado com o futuro das crianças do país. Bukele também evoca sentimentos de força, autoridade, patriotismo, independência e soberania nacional, e reforça que não cederão a pressões e tentativas de subordinação internacionais. Os aplausos conferem validação simbólica ao seu discurso.

Em síntese, o ator principal é o proprietário da conta; a principal ação é falar; o conteúdo é campanha positiva; a linguagem, informativa; as emoções básicas raiva e indignação; e o tipo de interação, a informação e promoção. Entre os elementos mais evidentes na comunicação de Bukele estão o nacionalismo; a simplificação de temas complexos; a dualidade moral representada pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); as falas e opiniões que desacreditam a confiança em instituições públicas (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023), inclusive internacionais; a

fragilização da imagem de partidos tradicionais e reativação de sentimentos enraizados na sociedade, como medo e injustiças (Schulte-Cloos, 2022); retórica da acusação e indignação (Romancini; Castilho, 2019).

A quase totalidade dos comentários são de apoio à Bukele (90%). Do total, 40% expressam desejar que o salvadorenho fosse presidente de seu país, sendo a grande maioria do México e apenas um de Guatemala; 40% dizem que Bukele precisa ter cuidado, inclusive, um alguns desejam sorte, por afirmar que os EUA não gostam de líderes fortes como ele ou pelo fato de El Salvador usar o dólar americano; 10% criticam os partidos Arena e FLMN, usando, inclusive *emoji* de fezes. Por fim, 10% afirmam ser de El Salvador e, ironicamente, estar orgulhoso do país, colocando *emoji* assoando o nariz, que pode indicar sensação de mal-estar ou nojo. Em relação ao idioma dos comentários, 80% estão no idioma inglês, e o restante, espanhol.

3.6.1.5 Análise *netnográfica* vídeo 5 – Bukele

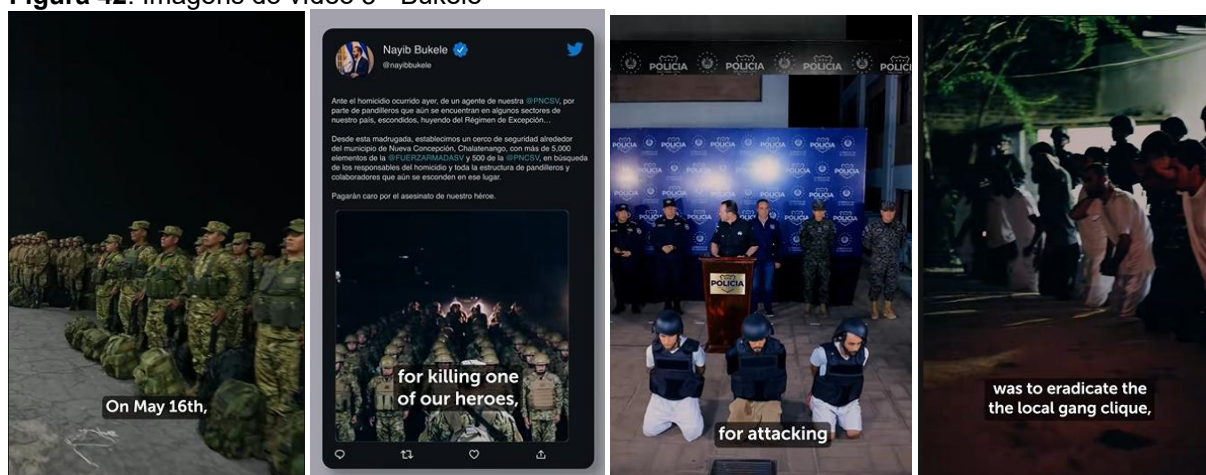
O quinto vídeo da análise do *TikTok* de Bukele teve mais de 11 milhões de visualizações e foi compartilhado mais de 13 mil vezes. A Tabela 38, abaixo, traz dados do conteúdo audiovisual:

Tabela 38: Análise quantitativa vídeo 5 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 6º lugar				
Data de publicação: 28/05/2023				
Tempo de duração do vídeo: 1 min 11 s				
Chamada: <i>Lo prometimos... ..y cumplimos.</i>				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
11,3 milhões	1,6 milhão	13,3 mil	36,7 mil	90,3 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Bukele (2025).

A Figura 42 reúne quatro imagens dos acontecimentos explicitados no vídeo:

Figura 42: Imagens do vídeo 5 - Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo começa com voz feminina informado que, em 16/05/2023, um policial foi morto em serviço. Por isso, naquela mesma noite foi deflagrada uma operação com cinco mil soldados e 500 policiais para capturar os assassinos. As imagens são de militares a postos e, em seguida, em ação. É mostrado um *post* do presidente Bukele, no então *Twitter*, garantindo que os criminosos pagariam caro pelo ato de violência. A narrativa é de fazer justiça pela morte do policial herói e erradicar a gangue local. A ação culminou nas prisões dos três supostos assassinos, incluindo o líder da gangue, e mais de 50 integrantes do grupo criminoso. Os assassinos foram apresentados ao público de joelhos, algemados, com a cabeça baixa, capacete de combate e colete balístico. Em seguida o capacete é retirado para que todos vejam seus rostos. O vídeo finaliza com a voz feminina afirmando que “*nunca más volverán a causar terror en nuestro país*”. A música de fundo tem som agudo e cortante, timbres sombrios e variações harmônicas que criam sensação de suspense, ansiedade ou tensão.

Análise: A mensagem transmitida é de força militar potente, eficaz, intolerante à morte de policiais e que responde implacável e imediatamente. O estilo é de produção cinematográfica, com narrativa épica, em que os criminosos são apresentados como vilões derrotados. O objetivo é impactar emocionalmente, reforçar a imagem de autoridade, e construir apoio popular a partir da sensação de justiça imediata contra o crime, mesmo que haja violação de direitos humanos. Os supostos assassinos são apresentados de forma humilhante, de joelhos diante da sociedade, para que sejam vistos e julgados, ainda que não tenham passado pelo devido

processo legal. A presença de Bukele é indireta, a partir da plataforma *Twitter*, facilitando a comunicação informal, sem mediações.

Em suma, tem-se que o ator principal do vídeo são bandidos e polícias; a principal ação é agir (outros); o conteúdo político é campanha positiva; a linguagem, expressiva; as emoções básicas são medo e excitação; e o tipo de interação, a informação e promoção. Pode-se perceber a espetacularização das ações militares e domínio dos corpos; a apresentação de conteúdo sensacionalista ou provocativo (Schröter, 2022); a luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); propagação do medo (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023); a demonização do inimigo construído e incitação do ódio contra eles (Copsey, 2013b).

Os comentários são 100% favoráveis à ação do Estado salvadorenho, sendo 70% no idioma inglês e 30%, espanhol. Os *posts*, mencionam que a medida é excelente; que o revide de Bukele foi maravilhoso; que agora sentem vontade de se mudar para El Salvador. Também sugerem que México, Suécia, Guatemala, África do Sul, Los Angeles, Chicago e as Américas precisam disso. Não há uso de *hashtags*.

3.6.1.6 Análise *netnográfica* vídeo 6 – Bukele

O fragmento de entrevista de Bukele postado em sua rede social é um dos mais vistos entre todos. As principais métricas são apresentadas na Tabela 39:

Tabela 39: Análise quantitativa vídeo 6 – Bukele				
<i>Ranking</i> de visualização (entre o total de 50 vídeos): 7º lugar				
Data de publicação: 15/10/2024				
Tempo de duração do vídeo: 4 min 05 s				
Chamada: NA				
<i>Hashtag</i> : NA				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
20,6 milhões	1,5 milhão	24,9 mil	89,5 mil	93 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Bukele (2025)

As cenas do conteúdo audiovisual são apresentadas na Figura 43, abaixo:

Figura 43: Imagens vídeo 6 - Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo é um fragmento de entrevista de Bukele que aborda, novamente, o tema de combate ao crime no país. Ele está sentado, vestindo roupa preta. Não há música de fundo e as legendas estão em inglês. O presidente relata suposta conversa em que teriam dito a ele ser impossível acabar com o crime de uma só vez no país, não pela capacidade técnica, mas pelo impacto direto na economia. Explicaram que, ainda que o dinheiro de bandidos fosse adquirido de forma ilícita, o gasto no mercado formal era lícito, como para compra de alimentos e combustível. Assim, e pelo fato de não haver economia paralela para substituir esse consumo, o crime deveria ser combatido pouco a pouco para compensar a “economia criminal”. Para Bukele, essas teorias intelectuais não se aplicam à realidade.

O presidente salvadorenho usa duas metáforas para explicar seu ponto de vista. A primeira é a de um jovem vendedor de tomates. Todos os dias, após árdua e exitosa jornada de trabalho, o vendedor de tomates tem seu dinheiro roubado, com facilidade, pelas gangues do país. Nesse contexto, os jovens estariam diante de duas opções para o futuro: ou ser o vendedor roubado, ou o bandido que rouba. Porém, com a nova política de segurança pública, as opções passariam a ser vender tomates e permanecer com o lucro ao final do dia, ou ser membro da gangue e acabar preso. A segunda alegoria é a do paciente com câncer curável. O enfermo também teria apenas duas opções: se submeter ao tratamento, que é doloroso, tem custo imediato, mas significa o reestabelecimento da saúde no médio prazo, ou, ao contrário, não aderir à intervenção e sucumbir. Ele associa o problema econômico à doença, e defende haver maior racionalidade em aderir ao tratamento doloroso, o que significaria, em termos práticos e reais, combater o crime e ter redução de 10% do

PIB do país. Porém, para sua surpresa, a decisão de investidas contra o crime, ao invés de provocar decréscimo no PIB, efetivamente trouxe aumento.

Análise: A narrativa de Bukele é bastante simplista e apelativa. Para justificar suas decisões controversas relativas à segurança pública, por um lado, ele deslegitima o conhecimento especializado, afirmando que não se aplica à realidade, e, por outro, usa metáforas reducionistas e emocionalmente envolventes para explicar conceitos econômicos complexos. Bukele se apresenta como líder ousado e visionário, capaz de romper com o tradicionalismo e adotar medidas inovadoras que se revelam mais bem sucedidas que o planejado, como ocorreu com o aumento do PIB, logo, suas decisões seriam mais eficientes e, portanto, incontestáveis. Ressalte-se que Bukele não apresentou qualquer dado ou evidência que confirmassem que o aumento do PIB tem causalidade decorrente dessas medidas de segurança pública.

Em relação às metáforas, ambas são dualistas, e apresentam apenas dois caminhos extremos e possíveis a serem seguidos. A polarização favorece o apoio popular à Bukele. No primeiro caso, o do vendedor de tomates, as opções são restritas a ser trabalhador ou bandido. Bukele se coloca como o líder que trará a opção de trabalho digno aos jovens do país. Na segunda metáfora, mais dramática que a primeira, o paciente tem de escolher entre sacrifícios inerentes ao tratamento, ou seja, as medidas indicadas ou prescritas por Bukele, ou sucumbir à doença, no caso, ao crime. Ambas as alegorias tem por objetivo justificar medidas drásticas e autoritárias adotadas pelo presidente salvadoreño.

De modo sucinto, o ator principal é o proprietário da conta; a principal ação é falar; o conteúdo político é campanha positiva; a linguagem, expressiva; as emoções básicas são medo e esperança; e o tipo de interação, informação e promoção. O discurso possui elementos de simplificação excessiva de assuntos complexos; transdiscurso e linguagem emocional ou apelativa (Romancini; Castilho, 2019; Moraes, Oliveira; Moraes, 2019; Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023); apologia biologicista (Grassatti, 2020), dualidade moral representada seja na oposição bem *versus* o mal, seja na apresentação de apenas dois caminhos possíveis (Caro; Quitral; Riquelme, 2022), ou ainda na estruturação do imaginário de um “nós” homogêneo e excludente, em detrimento do heterogêneo e inclusivo (Santamaría, 2022).

Os comentários, publicados em três idiomas – inglês (80%), espanhol (10%) e português (10%) – são, em sua maioria, favoráveis a Bukele (90%). Os *posts*

manifestam desejo da presença do presidente de El Salvador como líder na Europa, América, Romênia, EUA, México e Brasil. Em um dos comentários, o internauta afirma que se Bukele começasse a conquistar a América Latina, ele certamente se uniria à luta. Um outro, em tom provocativo, explicita o pensamento de que, apesar de terem dito a Bukele que ele não poderia fazer algo, o presidente apenas demonstrou como se faz acontecer. Os 10% restante perguntam onde seria possível comprar um terno como o que o presidente de El Salvador estava usando.

3.6.1.7 Análise netnográfica vídeo 7 – Bukele

O sétimo vídeo analisado no TikTok de Bukele teve as métricas compiladas na Tabela 40, abaixo:

Tabela 40: Análise quantitativa vídeo 7 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos):9º lugar				
Data de publicação: 28/10/2024				
Tempo de duração do vídeo: 41 s				
Chamada: <i>NA Inteligencia policial ha determinado que en la colonia 10 de Octubre, en San Marcos, San Salvador Sur, se encuentra un grupo de pandilleros escondidos. Hoy, en horas de la madrugada, hemos establecido un cerco de seguridad en toda la colonia, con 2,000 soldados y 500 policías, para extraer hasta el último pandillero que se encuentre en el área.</i>				
Hashtag: NA				
Legenda: NA				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
15,7 milhões	1,3 milhão	21,8 mil	96,8 mil	79,5 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Nayib Bukele (@nayibbukele) em 2024.

A Figura 44, a seguir, ilustra os acontecimentos do vídeo:

Figura 44: Imagens do vídeo 7 – Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: O vídeo começa com cenas do contingente militar e policial mobilizados para ação noturna. O som é ambiente. Há imagens aéreas que mostram o efetivo em formação; os veículos deslocando-se pela estrada; e os soldados adentrando determinado território. O desenvolvimento da narrativa segue sem qualquer sobressalto. Na descrição do vídeo – o mais curto entre os analisados no canal de Bukele, com 41 segundos – há informação de se tratar de atividade de inteligência policial que mobilizou 2.500 pessoas, entre soldados e policiais, para a captura de integrantes de uma gangue escondida em San Salvador do Sur.

Análise: A produção audiovisual difere-se um pouco das demais, por não possuir trilha sonora. Acompanhar as imagens apenas com o som ambiente confere estética mais documental que cinematográfica ao conteúdo, transmitindo ao interlocutor a percepção de que as medidas são transparentes e menos violentas do que tem sido propagado internacionalmente. O avanço da narrativa com ações relativamente monótonas, sem alvoroço ou surpresas, som ambiente com poucos ruídos, corrobora com a mensagem de segurança. O vídeo, publicado em 2024, parecer ser uma forma de combater as críticas contundentes relacionadas aos direitos humanos nas ações de segurança pública; demonstrar que o país vive momento de estabilidade; e, ao mesmo tempo, ratificar a vigilância, coordenação, força, controle e autoridade do Estado.

De modo resumido, o material audiovisual tem os policiais como ator principal; a principal ação é agir e caminhar (outros); o conteúdo político é campanha positiva; a linguagem, expressiva; a emoção básica mobilizada, o otimismo; e o tipo de interação, a informação e promoção. Pode-se perceber que a narrativa enaltece a

atuação estatal e o autoritarismo (Copsey, 2013a) e reforça o dualismo moral representado pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022).

Todas os comentários analisados estiveram no idioma inglês. A quase totalidade (90%), elogiam a ação, e fazem comentários de que países como Mexico e EUA devem tomar nota e aprender com El Salvador, ou seja, que medidas como essa devam ser replicadas em outros países. 10% temem por acreditar que as gangues podem revidar com ações violentas sobre a população. Não foi usado *hashtags*.

3.6.1.8 Análise *netnográfica* vídeo 8 – Bukele

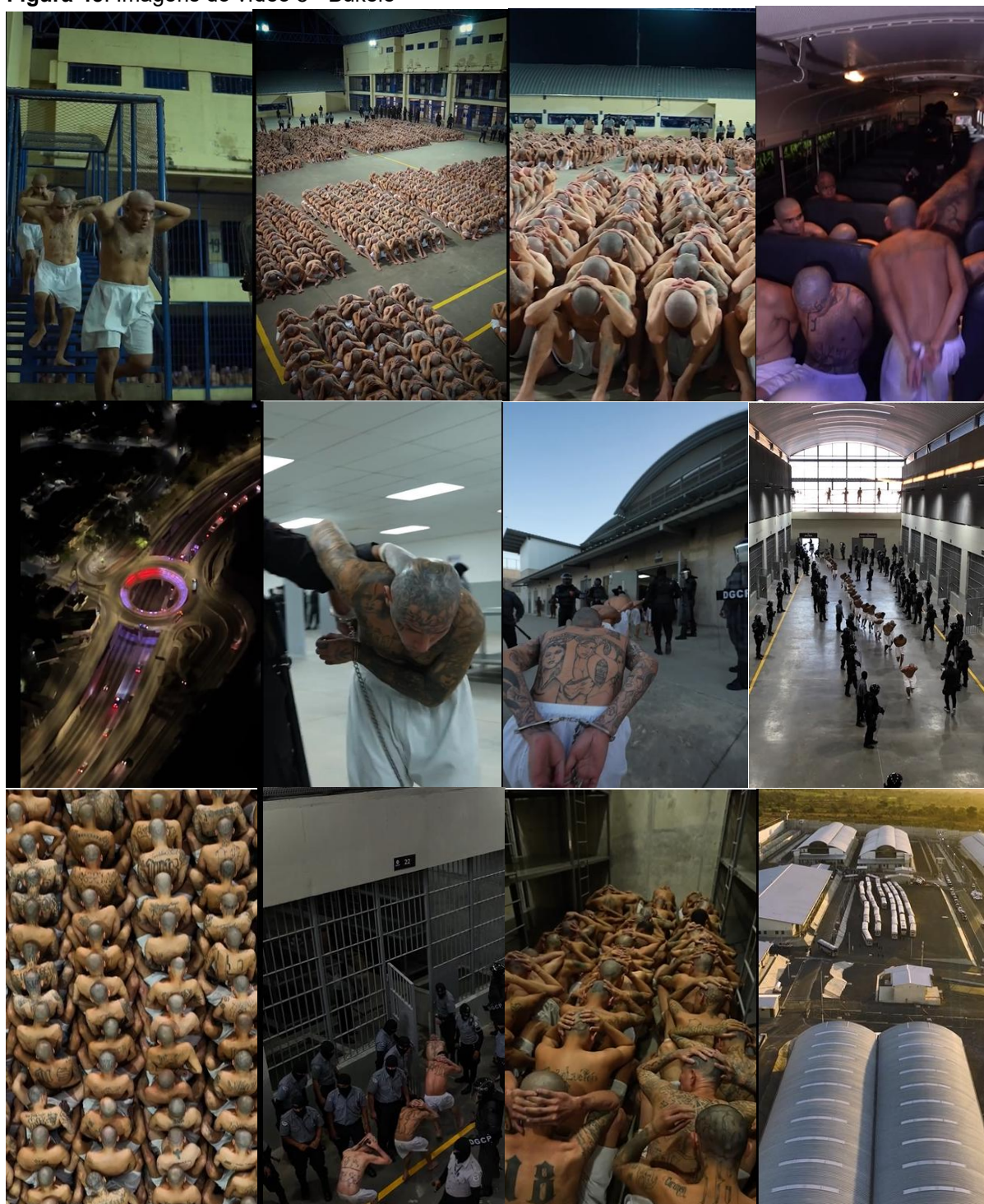
O oitavo vídeo do *TikTok* de Bukele traz imagens da transferência de criminosos para o novo presídio do país. Os dados sobre o conteúdo audiovisual são apresentados na Tabela 41:

Tabela 41: Análise quantitativa vídeo 8 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos): 10º lugar				
Data de publicação: 24/02/2023				
Tempo de duração do vídeo: 2 min 56 s				
Chamada: <i>Hoy en la madrugada, en un solo operativo, trasladamos a los primeros 2,000 pandilleros al Centro de Confinamiento del Terrorismo (CECOT). Esta será su nueva casa, donde vivirán por décadas, mezclados, sin poder hacerle más daño a la población.</i>				
Hashtag: #GuerraContraPandillas				
Legenda: Sim, em inglês				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
16,4 milhões	1,2 milhão	37,7 mil	134,6 mil	55,6 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Nayib Bukele (2024)

Abaixo, na Figura 45, são apresentadas doze cenas do segundo vídeo mais longo entre os analisados no perfil do presidente salvadorenho:

Figura 45: Imagens do vídeo 8 - Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: Essa é uma narrativa construída apenas com imagens e trilha sonora. Trata-se da operação de transferência de dois mil presos ao *Centro de Confinamiento del Terrorismo* (Cecot), em El Salvador. A música é tensa, com ritmo marcado e constante, percussão pesada e timbres intensos, lembrando filme de ação ou guerra. Todos os detentos têm a cabeça raspada. Descem, em fila, correndo a

escada, com as mãos atrás da cabeça, descalços, sem camisa, usando apenas bermuda branca. Sentam-se perfilados. Cabeça baixa e corpo encaixado no corpo do preso à frente. Não há mobilidade. Em seguida, eles se levantam, um a um, correm enfileirados para dentro do ônibus. Os veículos, também organizados um atrás do outros, entram em movimento. São feitos *closes* no rosto de alguns detentos, alternado com imagens aéreas dos transportes. Os detentos desembarcam no Cecot, algemados nas mãos e nos pés. O processo é semelhante ao anterior: correr para sentar; sentar em fila, de cabeça baixa, encaixado no corpo do preso à frente; mãos nas costas, algemadas. Depois, correr até a cela, mãos atrás da cabeça, corpo inclinado em quase 90°. Sentam-se em filas nas celas. As camas parecem ser de metal, sem colchão. A cela é trancada. A última imagem é a visão aérea do Cecot.

Análise: As cenas são impactantes e estarrecedoras. O vídeo tem estética cinematográfica e militar, demonstrando um Estado poderoso, forte, organizado, autoritário, punitivo, implacável. Os presos, por outro lado, como corpos uniformes, vulneráveis, suscetíveis e disciplinados. O fato de todos estarem com a cabeça raspada, sem camisa e descalços elimina traços de individualidade. Eles são convertidos em uma massa despersonalizada, submissa à vigilância e controle estatal. A humanidade é afastada: são tratados apenas como terroristas, como sugere o nome da penitenciária onde ficarão alojados, o *Centro de Confinamiento del Terrorismo* (Cecot). Inaugurada em janeiro de 2023, a instituição é considerada a maior prisão das Américas, com capacidade para abrigar 40 mil presos, em 256 celas, cada uma com 80 beliches e dois banheiros. O espaço penitenciário é mostrado no vídeo como monumental, tendo corredores bastante longos, pátio imenso, luz artificial, isolado da sociedade, e bastante vigiado pela equipe policial.

O vídeo apresenta imagens da estrutura, mas principalmente dos presos, em planos amplos e, em alguns momentos, fechados. Os movimentos tem relativa sincronia e tornam-se dramáticos com o desenvolvimento da música. O ritmo cadenciado, a progressão estética e os sons profundos reforçam a atmosfera de domínio, repressão e controle estatal. O conteúdo audiovisual de quase três minutos é intimidador e pretende reforçar a mensagem de vitória do governo sobre o crime, legitimar o regime de exceção e consolidar apoio popular, transmitindo não apenas respeito e admiração, mas medo. Mais que uma propaganda da operação de

transferência dos presos, o vídeo espetaculariza, visual e simbolicamente, o ato institucional.

Pode-se perceber, de modo resumido, que o vídeo tem como ator principal os presos; a principal ação é confinar no novo espaço; conteúdo político, pauta reacionária; linguagem expressiva; emoções básicas, medo, excitação e desprezo; e o tipo de interação, informação e promoção. O roteiro utiliza elementos de linguagem bastante apelativa (Romancini; Castilho, 2019), com discurso ideológico moralizante e redutor de direitos de minorias, no caso os direitos humanos dos detentos (Silva; Ferrari; Caetano, 2022), reforça o ódio ao inimigo construído (Copsey, 2013b) e o dualismo moral bom *versus* mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022) e faz uso da violência performativa, enquanto violência bruta para efetivar a ordem e o poder (Ramos, 2021).

A metade dos comentários apoia o conteúdo, com frases afirmando admirar Bukele ou pedindo que ele seja “presidente da América Latina”. 20% sentem-se confusos, acreditando que as medidas são realmente necessárias, inclusive manifestando medo dos detentos, porém, afirmando, mesmo assim, sentir-se mal pelos presos. 20% dizem que o vídeo parece um filme ou produção da *Netflix*, mas sem explicitar se são contra ou a favor às medidas adotadas. 10% reprovam, e lamentam pela perda da liberdade e dos direitos humanos. Em relação ao uso de idioma nos comentários, metade esteve em espanhol e a outra metade, em inglês. Sobre *hashtag*, somente é utilizada: *#GuerraContraPandillas*

3.6.1.9 Análise *netnográfica* vídeo 9 – Bukele

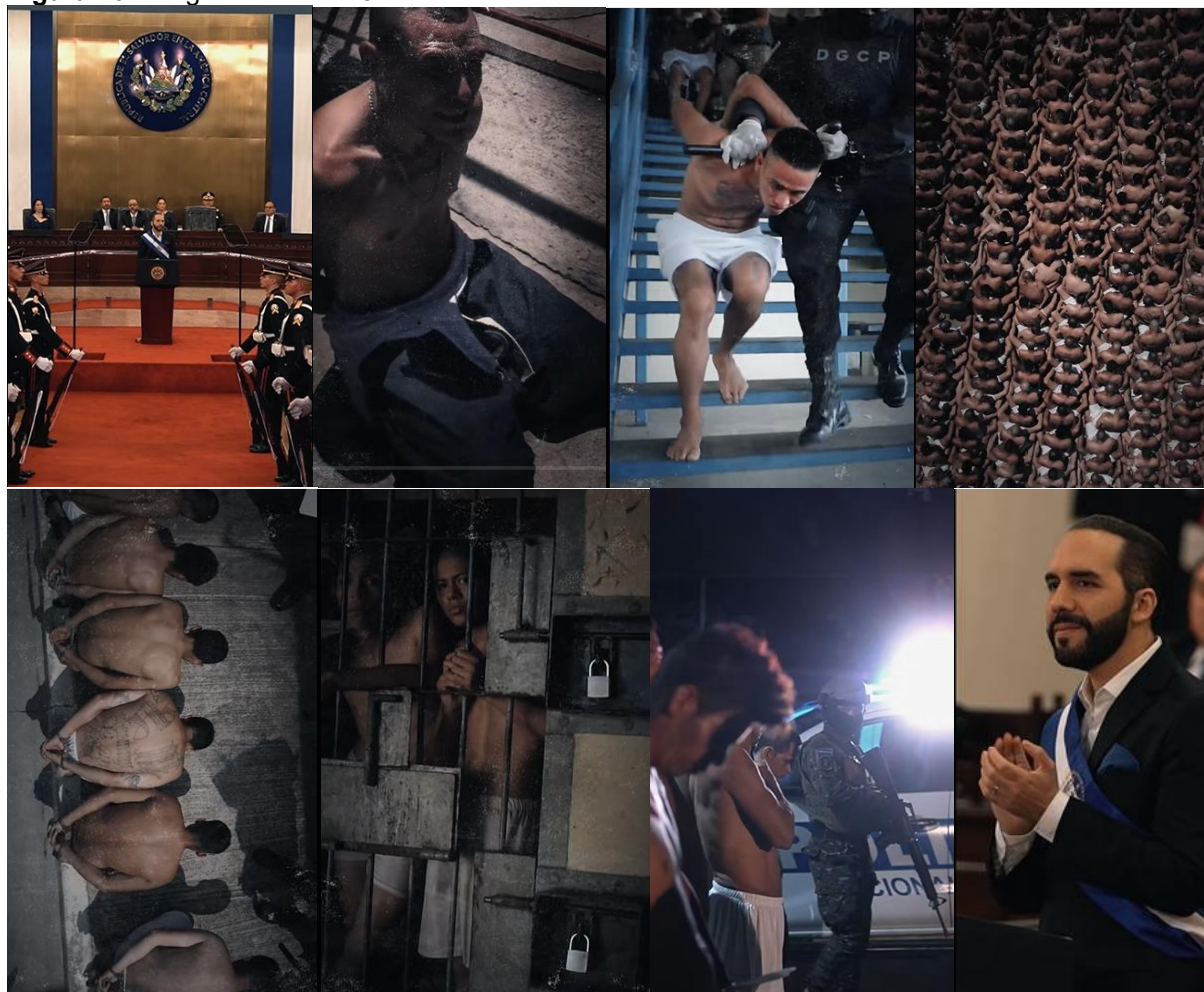
O nono vídeo analisado, que ocupa o 11º lugar entre todos os publicados no canal de Bukele, possui as seguintes métricas, conforme Tabela 42:

Tabela 42: Análise quantitativa vídeo 9 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos):11º lugar				
Data de publicação: 15/06/2022				
Tempo de duração do vídeo: 56 s				
Chamada: <i>Convirtiendo el país más peligroso del mundo, en el más seguro de la región sv</i>				
Hashtag: NA				
Legenda: NA				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
12 milhões	1,2 milhão	28,6 mil	58,9 mil	31,8 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Bukele (2025).

A Figura 46 apresentada seis iamgens do conteúdo audiovisual:

Figura 46: Imagens do vídeo 9 - Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: Esse vídeo traz o fragmento do discurso de Bukele sobre o aumento de pena de prisão para crimes cometidos por integrantes de gangues. As penas são verdadeiros castigos e, com as mudanças na lei, podem chegar a 45 anos, anuncia o presidente. Enquanto ele fala, uma série de cenas relacionadas ao encarceramento são intercaladas com sua imagem no púlpito: detentos ajoelhados, com as mãos algemadas para trás; outros sendo conduzidos algemados e descalços; ou sentados perfilados no pátio; e também dentro de celas. Em todos os momentos, os presos aparecem sem camisa. Também são mostradas fotos de algemas. O presidente reforça que, diferentemente de governos anteriores, agora não será aceito que as gangues matem impunemente e tampouco que as famílias sejam obrigadas a fugir amedrontadas de seus lares: são os bandidos que devem temer. Bukele alega

que os criminosos tatuavam o corpo como símbolo de pertencimento a alguma gangue, mas atualmente isso é motivo de vergonha. A imagem final é a de Bukele com sorriso que pode comunicar poder, superioridade e até mesmo desprezo. A trilha sonora tem timbres graves, batidas secas e repetitivas, pausas dramáticas, som de algemas sendo fechadas. O conteúdo não possui legenda.

Análise: Esse é mais um vídeo impactante de Bukele. A narrativa defende o castigo aos presos como sinônimo de justiça. A retórica é de que o tempo de impunidade chegou ao fim e, agora, as punições são exemplares, principalmente com o aumento das penas. As imagens mostram presos desumanizados, sem camisa, descalços, trajando apenas bermuda. São conduzidos pelos policiais com violência, sendo possível perceber dor no semblante deles. Bukele desenvolve discurso de que os presos devem temer, não o povo. Ele cria a dualidade entre o cidadão que deve ser protegido *versus* o bandido que deve ser castigado. Assim polariza a sociedade e obtém apoio para justificar suas ações e evitar questionamentos sobre a negação de direitos humanos aos presos. As algemas são mostradas como símbolo de perda da liberdade, contenção, justiça e submissão ao Estado. Os policiais, quando aparecem no vídeo, são mostrados como superiores, bem armados, detentores de autoridade. Esses elementos reforçam a mensagem de poder estatal. O encarceramento, mais uma vez, é espetacularizado. A música de fundo contribui com a narrativa, evocando sensações de tensão, ameaça, medo, suspense e urgência.

Em suma, nesse vídeo, Bukele é o ator principal, porém, com muitas imagens dos presos conduzidos ao encarceramento. A ação principal é falar, complementada pelas cenas de ação dos presos; conteúdo político, pauta reacionária; linguagem expressiva; emoções mobilizadas, desprezo e esperança; tipo de interação, informação e promoção. A narrativa possui personalização (Maly, 2020; Caro; Quitral; Riquelme, 2022); dualidade moral representada pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); incentivo a percepções polarizadas (Watson; Barnes, 2022); retórica de acusação aos governantes anteriores, coniventes com a violência das gangues; linguagem emocional ou apelativa (Romancini; Castilho, 2019); relativização à garantia dos direitos humanos (Michelsen; De Orellana; Buranelli, 2023; Silva; Ferrari; Caetano, 2022); e violência performativa (Ramos, 2021).

Os comentários, em inglês (90%) e espanhol (10%), são majoritariamente de apoio a Bukele (70%). Os *posts* afirmam que ele é um líder verdadeiramente

preocupado com o bem estar de seu povo; que é desse modo que um presidente deve se comportar; ou, que estão orgulhosos do trabalho das Forças Armadas. Nenhum dos internautas que fizeram esses comentários identifica-se como salvadorenho. Em relação aos demais, 20% criticam o presidente, afirmando que ele não fala sobre as pessoas inocentes que são presas injustamente ou, por outro lado, perguntando sobre o que acontece se os presos quiserem mudar de vida, quem iria ajuda-lo; 10% não se posicionam abertamente a favor ou contra, mas apenas perguntam sobre os custos de manter presos por 45 anos. Não houve uso de *hashtags*.

3.6.1.10 Análise *netnográfica* vídeo 10 – Bukele

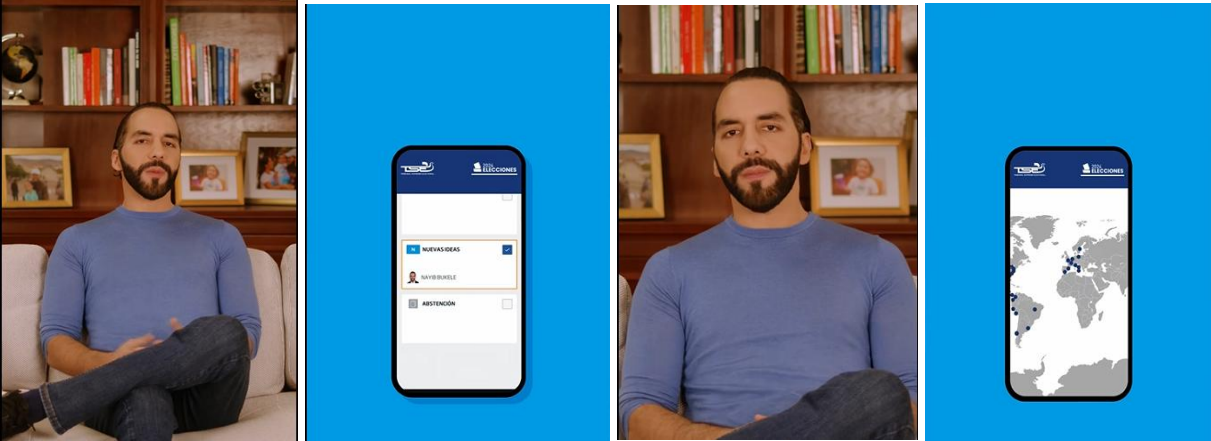
O décimo conteúdo analisado na conta de Bukele possui os seguintes números, conforme Tabela 43:

Tabela 43: Análise quantitativa vídeo 10 – Bukele				
Ranking de visualização (entre o total de 50 vídeos):12º lugar				
Data de publicação: 26/01/2024				
Tempo de duração do vídeo: 1 m 20 s				
Chamada: <i>Mensaje a nuestros hermanos en el exterior sv</i>				
Hashtag: NA				
Legenda: Sim, em espanhol				
Visualização	Curtida	Comentários	Compartilhamento	Vídeo salvo
11,1 milhões	1,2 milhão	27,3 mil	23,5 mil	45,6 mil

Fonte: elaborado pela autora, com informações do *TikTok* de Bukele (2025).

A Figura 47, abaixo, ilustra cenas do vídeo:

Figura 47: Imagens do vídeo 10 - Bukele



Fonte: imagens capturadas pela autora no *TikTok* de Bukele (2025).

Descrição do vídeo: Bukele está sentado no sofá branco de sua casa, com camisa de mangas compridas azul, calça *jeans* e tênis. Por trás dele, é possível ver porta-retratos da família, livros e um globo, com o mapa das Américas. O presidente se reporta aos eleitores que estão no exterior, chamando-os pelo vocativo “*hermanos*”, e comemora a reformar e as mudanças legislativas que favorecem o exercício do voto por salvadorenhos que estão fora do país. Ele ratifica a importância de que todos possam decidir os caminhos que estão sendo traçados e pede que todos votem para presidente e deputados do seu partido, o *Nuevas Ideas*, reforçando a importância em manter uma bancada majoritária para continuar com os avanços na luta contra as gangues no país. Ele ensina o caminho a ser seguido no aplicativo para o voto *online*, e lembra que também pode ocorrer de forma presencial em diversos países. Ele convoca os interlocutores a divulgarem a informação, não apenas pelas redes sociais, mas também em conversas com familiares, amigos, vizinhos, já que nem todos estão conectados ao mundo digital. A música de fundo é serena, com ritmo moderado e constante, contribuindo para atmosfera de estabilidade e confiança. Não há legendas.

Análise: O conteúdo é um convite dirigido ao eleitor salvadorenho no exterior para votar no *Nuevas Ideas*, partido de Bukele. O local escolhido para o vídeo é a casa do presidente, criando sensação de afeto e proximidade com o interlocutor. Implicitamente, Bukele reforça valores relacionados a família, segurança, comodidade e facilidade para votar. Os elementos patrióticos estão associados à escolha da cor da roupa, em contraste com a do sofá. Ele utiliza linguagem simples e informal, mobilizando a percepção de presidente jovial, moderno, atual, acessível. Ademais, busca demonstrar que se importa com seu povo e se esforça para que todos, mesmo aqueles que estão no exterior, possam participar do futuro da nação. Bukele tenta robustecer a imagem de líder carismático que possui apoio dos salvadorenhos dentro e fora do país, em especial por ser mundialmente apontado como um ditador, uma vez que implementou o estado de exceção, desde março de 2022, e pelas reformas eleitorais em benefício próprio, realizadas em 2023, inclusive as relacionadas à reeleição, antes vedada na Constituição de El Salvador (Meléndez-Sánchez, 2024).

O aumento dos votos de salvadorenhos no exterior foi bastante expressivo em 2024. Os dados do *Tribunal Supremo Electoral* (TSE) do país indicaram de mais de um milhão de eleitores aptos a votar, sendo quase 300 mil de modo presencial com o passaporte, e mais de 700 mil, presencial ou remotamente, com o *Documento Único*

de Identidad (DUI). Desse total, o TSE divulgou que houve 331.756 votos, sendo 89.646 na modalidade presencial, e 242.110, remota (Crespín, 2024). Na eleição anterior, em 2019, o TSE informou que apenas 3.808 eleitores no exterior participaram das votações (Benítez, 2020). Naquele momento, a votação fora de El Salvador somente era possível por via postal. Bukele foi reeleito com mais de 80% do total de votos e seu partido conseguiu eleger 54 dos 60 deputados do país.

Em breve síntese, o ator principal do vídeo é o proprietário da conta; a principal ação é falar; o conteúdo político é campanha positiva para si mesmo; a linguagem é apelativa; as emoções básicas, necessidade e esperança; e o tipo de interação, participação e mobilização. Observa-se que o apelo eleitoral (Mendonza, 2020) de Bukele foi capaz de traduzir, em alguma medida, seu discurso, convertendo-o em ações concretas e política real (Von Egger, 2021), ou seja, o estímulo à ação (Romancini; Castilho, 2019) foi eficaz.

Quase todos os comentários estão escritos em espanhol (90%) e o restante em inglês (10%), ao contrário do que ocorre nos demais vídeos. Do total, 80% do foram de apoio a Bukele, com alguns afirmando ser do México, Chile, ou, simplesmente, da América e o restante, 20%, foram de crítica, afirmando, de forma irônica, que o sofá causa aversão, o que pode ser interpretado mais pelo sentimento relativo a quem está sentado nele, o próprio Bukele, que por outro elemento em si. Outros *posts* alegam não poder ajudar pois conhecem alguém preso injustamente, apenas por ter tatuagens no corpo. Não houve uso de *hashtags*.

Capítulo 4 – Considerações Finais

4.1 Os efeitos da colonização do ciberespaço

A presente pesquisa buscou investigar a apropriação das TICs pela nova direita no contexto do capitalismo de vigilância, e identificar estratégias desenvolvidas para colonizar o território digital. O estudo dos efeitos decorrentes dessa apropriação considera três dimensões interrelacionadas e fluídas – a ideopolítica, a técnica e a comunicativa – constituem o objetivo geral da pesquisa. A hipótese, em síntese, é de que a nova direita, visando expandir sua ideologia, apropria-se das TICs para colonizar o ciberespaço, utilizando estratégias que incluem desde a extração e mercantilização de dados, até a recomposição de narrativas e o revisionismo histórico.

Para o alcance do objetivo geral, e considerando-se o ciberespaço como território em disputa e *lócus* de prática da vida social, foram estabelecidos três objetivos específicos, que envolveram identificar as relações de poder intrínsecas ao uso das TICs; evidenciar os mecanismos utilizados pela nova direita para propagar seus ideais com o suporte das TICs; e investigar a produção de conteúdos e recomposição de narrativas pela nova direita no ciberespaço. Além da revisão de literatura sobre a nova direita, foi realizada análise *netnográfica* no *TikTok* de políticos criadores de conteúdo em quatro países onde a nova direita tem avançado, principalmente nos últimos anos: EUA (Donald Trump), Espanha (Santiago Abascal), Brasil (Jair Bolsonaro) e El Salvador (Nayib Bukele).

Os resultados da pesquisa indicam que as estratégias utilizadas pela nova direita são complexas e diversificadas. O ciberespaço e as TICs operam sob a lógica do capital, em especial devido à vigilância constante e permanente, à concentração de poder pelas grandes corporações e à exploração da força de trabalho. Esse contexto revela que as relações de poder são intrínsecas ao uso das TICs, e que sua apropriação pela nova direita intensifica a expropriação e a reconfiguração do poder no âmbito do capitalismo de vigilância, convergindo com estudos de Zuboff (2019); Silveira (2021); Fontes (2018); e Antunes (2018). As TICs não são usadas apenas como meio para alcançar um fim em si mesmo, mas como ferramenta tecnopolítica de dominação e exercício de poder.

O discurso de neutralidade da tecnologia ou de fetichismo tecnológico, ainda que continuem sendo exaltados, mostram-se cada vez mais frágeis e insustentáveis (Feenberg, 2003), pois o poder econômico e informacional decorrente da colonização do território digital (Faustino; Lippold, 2023) permanece concentrado, principalmente nas mãos das *big techs*. A dataficação da vida (Silveira, 2021; Lemos, 2021) é reforçada pelo número crescente de usuários e pela obscuridade sobre como os algoritmos funcionam e operam para classificar, impulsionar e distribuir conteúdos (O’Neil, 2020; Silveira *et al.*, 2017; Zuboff, 2019). Ademais, a arquitetura computacional e algorítmica ubíqua, em rede, altera a percepção de instância dominadora externa, e o indivíduo, mesmo julgando-se livre, assume papel de explorado e autoexplorador no panóptico digital (Han, 2017; Burgaya, 2021), embora responda aos interesses daqueles que controlam as redes e os algoritmos.

As *big techs* são extremamente favorecidas tanto pela extração de dados dos usuários, quanto pelo engajamento deles, que ao curtir, comentar, compartilhar e até mesmo produzir novos conteúdos tem os dados e ações convertidos em capital. Quanto mais tempo conectado, mais o internauta agrega valor às gigantes da tecnologia, sem que receba remuneração pelo tempo de tela. É o gozo em trabalhar gratuitamente para essas corporações, como apresentado por Burgaya (2021). Três mercados distintos e interrelacionados entre si são favorecidos com a ampliação da economia digital: mercado de conteúdos gerados pelos usuários, mercado da atenção e mercado de dados (Rovira; Luque, 2021), fortalecendo as empresas de tecnologia e monopólio praticado por elas. Além disso, tem-se o aprofundamento da precarização do trabalho digital – com contratos flexíveis, ausência de direitos trabalhistas historicamente conquistados, e remuneração instável (Antunes; 2018; Behring; Boschetti, 2006).

No que tange aos mecanismos adotados pela nova direita com o suporte das TICs para difundir ideologias, observou-se uso da infraestrutura técnica e simbólica das redes para fins de propagação ideopolítica. A nova direita é tecnologicamente avançada e utiliza massivamente a Internet e plataformas digitais como ferramentas metapolíticas (Maly, 2019; Poppe, Havenstein e Schäfer; 2023; Bar On, 2012; Von Egger, 2021; Copsey, 2013a), em especial com o advento do *smartphone* (Rovira; Luque, 2021; Burgaya, 2021). O objetivo é que a disputa política seja precedida pela batalha cultural no sentido gramsciano (Maly, 2019) e que os conteúdos sejam

propalados sem intermediadores, com potencial de viralização, alcançando número expressivo de interlocutores. Ainda que não se tenha clareza sobre a atuação do algoritmo de recomendação, as próprias plataformas indicam métricas importantes a serem consideradas para ampliar o engajamento, como por exemplo, o número de visualizações, curtidas e compartilhamentos. Então, a produção dos materiais a serem postados é cuidadosamente pensada pela lógica da estética digital, visando atender a requisitos de impulsionamento e recomendação.

Outro mecanismo utilizado são os dados comportamentais (*big data*) que permitem o melhor conhecimento sobre o perfil dos usuários (Harari, 2024; Lemos, 2021), facilitando a personalização da mensagem e a construção do eu digital. Aumenta-se a eficácia da persuasão e mobilização, seja de sentimentos ou emoções, seja de atividades e ações sugeridas ou sugestionadas. Pode-se mencionar, por exemplo, a invasão do Capitólio nos EUA, em 2021, e do Congresso Nacional e do STF, no Brasil, em 2023. No caso brasileiro, o ataque antidemocrático convocou participantes, principalmente, por redes sociais como *Whatsapp*. Relembre-se que, em relação ao *TikTok*, a plataforma foi utilizada majoritariamente com finalidade política, sendo evidente seu uso durante o período de campanha eleitoral para cargos como o de presidente, na maioria dos casos estudados.

Sobre o objetivo específico de investigar a produção de conteúdos pela nova direita no ciberespaço, identificou-se que os materiais digitais foram elaborados com forte apelo emocional para viralizar e impulsionar perspectivas e posicionamentos específicos que ampliam e consolidam a hegemonia cultural neodireitista. Em relação à análise *netnográfica* no *TikTok* dos políticos dos EUA, Espanha, Brasil e El Salvador, identificou-se, principalmente, a simplificação excessiva de temas complexos (Smith, 2014); dualismo moral representado pela luta do bem *versus* o mal (Caro; Quitral; Riquelme, 2022); relativização à garantia dos direitos humanos (Michelsen; De Orellana; Buranelli, 2023; Silva; Ferrari; Caetano, 2022); distorções da realidade ou de fragmentos de realidade, recomposição de narrativa e desinformação (Poppe; Havenstein; Schäfer, 2023).

Soma-se a isso, a estratégia de demonização do inimigo construído (Copsey, 2013b), o estímulo e incentivo à ação do interlocutor (Romancini; Castilho, 2019), utilizando-se medidas como uso da cadeia lexical com repetição em conteúdos publicados (Morais; Oliveira; Moraes, 2020), a microcelebrização de *influencers* (Maly,

2020), que favorecem a aproximação e sensação de intimidade com o interlocutor, e as ações convergentes com populismo e micropopulismo (Santamaría, 2022; Ramos, 2021; Watson; Bares, 2022). Essas estratégias buscam capturar e manter a atenção do público consumidor que é, potencialmente, eleitor.

A atenção é recurso imaterial e cada vez mais limitado devido à superabundância de estímulos nas redes sociais (Burgaya, 2021; Rovira; Luque, 2021). Assim a guerra das indústrias culturais, inclusive da nova direita, é cada vez mais acirrada. Além disso, o uso das plataformas permite que outros atores digitais reajam aos conteúdos e possam propaga-los, ampliando o alcance dos vídeos. Ainda que não se descarte a possibilidade de uso de robôs e *bots* pelos criadores de conteúdo para ampliar métricas e, conseqüentemente, o engajamento, esta pesquisa centrou-se em outros aspectos da investigação, como já explicitado anteriormente.

O resultado da análise *netnográfica* no perfil de quatro políticos criadores de conteúdo no *TikTok*, conforme Capítulo 3, revelou que há similitudes e diferenças na produção de conteúdos audiovisuais. Observou-se divergências adaptativas que são modificadas quanto à intencionalidade do conteúdo publicado, e em relação ao perfil do público e às peculiaridades locais.

4.2 Comparações e inferências explícitas e implícita na análise *netnográfica*

O uso do *TikTok* tem sido expressivo desde 2021. A plataforma chinesa rompeu com a hegemonia estadunidense, sendo uma das redes sociais mais utilizadas no mundo. Nos EUA, Espanha, Brasil e El Salvador, o *TikTok* tem grande quantidade de perfis ativos, em relação à população total, como pode ser visto na Tabela 44, abaixo:

Tabela 44: Dados populacionais e digitais dos países/perfis dos <i>tiktokers</i> políticos				
País analisado	EUA	Espanha	Brasil	El Salvador
População (em milhões)	340,9	48,8	211	6,33
População até 17 anos (%)	21,5%	16,6%	24,1%	30,1%
População entre 18 e 34 anos (%)	22,8%	18,2%	26,2%	31,3%
População entre 35 e 54 anos (%)	25,5%	29,9%	28,8%	22,4%
População acima de 55 anos (%)	30,2%	35,3%	20,9%	16,2%

Idade média da população (em anos)	38,2	45,1	33,8	27,9
Parcela da população com acesso à Internet – taxa de penetração (%)	97,1%	96%	86,6%	71,7%
Parcela da população que usa alguma mídia social ⁷⁸	70,1%	83,6%	66,3%	61,1%
Quantidade (em milhões) de perfis ativos em mídia social ⁷⁹ (a)	239	39,7	144	3,9
Quantidade (em milhões) de perfis que usam <i>TikTok</i> (b)	148	16,74	98,59	3,88
Percentual de perfis que usam <i>TikTok</i> em relação aos perfis ativos em mídia social (b/a, em percentual) (c)	62%	42%	68%	99%
Endereço do canal	@realdonaldtrump	@santiabascal	@bolsonaromessiasjair	@nayibbukele
Quantidade de seguidores do canal (d)	12,7 milhões	275,6 mil	5,9 milhões	9,1 milhões
Percentual de seguidores do canal em relação aos perfis que usam <i>TikTok</i> (d/b)	8,5%	1,64%	5,98%	234%
Quantidade de curtidas no canal	85,7 milhões	4,2 milhões	94,9 milhões	81,2 milhões

Fonte: elaborado pela autora com dados do *Digital 2024: Global Overview Report* e informações coletadas nos perfis dos *tiktokers* políticos (2025).

A Tabela 44 permite observar as peculiaridades de cada país e suas discrepâncias. Em relação ao tamanho da população, El Salvador é o menor, com apenas 6,9 milhões de habitantes, enquanto EUA, o maior, com 314 milhões. Sobre perfil etário, Espanha tem a população mais velha, com média de 45,1 anos, enquanto El Salvador, a mais jovem, com 27,9 anos. No que tange à taxa de penetração da Internet, é bastante elevada nos países considerados desenvolvidos (EUA e Espanha), onde ultrapassa 96% da população; no Brasil, chega a 86,6%; e, em El Salvador, apenas 71,7%. A parcela da população que utiliza alguma mídia social

⁷⁸ O termo mídia social é mais amplo que rede social pois engloba as redes sociais e os demais canais de compartilhamento de conteúdo.

⁷⁹ A quantidade de perfis ativos não significa número de pessoas. Uma mesma pessoa pode ter mais de um perfil ativo.

segue a tendência da idade mais elevada: Espanha lidera com 83% e El Salvador, tem a menor taxa, com 61%.

Porém, se a métrica considerada é o quantitativo de perfis ativos no *TikTok* (b) em relação ao total da população que usa alguma mídia social (a), representado por $c(b/a)$, conforme Tabela 44, acima, o país salvadorenho tem índice 99%, enquanto o espanhol, no outro extremo, apenas 42%. Então, proporcionalmente ao quantitativo de pessoas com acesso a alguma mídia social, El Salvador é o maior usuário do *TikTok*, e a Espanha, o menor. Uma das justificativas possíveis pode estar relacionada com o perfil etário da população. O *TikTok* é uma plataforma utilizada majoritariamente por jovens (geração Z), embora não apenas por eles. Como foi visto na Tabela 44 acima, El Salvador possui a população mais jovem entre os quatro países, com quase um terço da população tendo idade entre 18 e 34 anos. Na Espanha, a maior parcela tem mais de 55 anos (35,3% da população). No Brasil e EUA, o consumo da rede social é de 68% e 62%, sendo as idades médias de 33,8 anos e 38,2 anos, respectivamente. Observa-se uma tendência de maior uso do *TikTok* quanto menor a idade. Esse dado sugere que a rede social é um canal utilizado pelos políticos criadores de conteúdo para alcançar principalmente o eleitor jovem.

Outro dado que chama atenção refere-se ao número de seguidores em cada perfil político no *TikTok* (d), em relação ao total de usuários da rede social no respectivo país (b), conforme razão numérica d/b . Ainda que saibamos que os seguidores não estão restritos aos cidadãos de um único Estado nacional, é interessante observar a métrica decorrente dessa fração, pois o resultado dá indícios sobre o quão difundido é o acesso ao perfil do *tiktoker* político no país, algo semelhante à taxa de penetração da Internet⁸⁰. Assim, nos EUA, Espanha e Brasil, o percentual entre perfis ativos de seguidores no *TikTok* e número de seguidores no canal de Trump, Abascal e Bolsonaro são, respectivamente, 8,5%, 1,64% e 5,98%. Porém, em El Salvador, no perfil de Nayib Bukele, esse valor chegou a 234%. Ora, a população de El Salvador tem 6,38 milhões de pessoas e 3,88 milhões de perfis ativos no *TikTok*. Então, essa métrica indica que muitos dos seguidores de Bukele, mais da metade, estão fora de seu pequeno país na América Central. A continuidade da

⁸⁰ A taxa de penetração da Internet é a percentagem da população total de uma região ou país que utiliza a Internet, indicando o quão difundido é o acesso e o uso da rede entre a população

análise nos dará, mais adiante, algumas pistas de onde estão os interlocutores que acompanham o presidente salvadorenho na rede social.

Abaixo, serão apresentas métricas do *corpus* de 200 vídeos, sendo 50 em cada uma das quatro contas no *TikTok*. Esses dados servem para ajudar a compreender o processo de produção dos conteúdos, e verificar se existem similares nos vídeos. Os números relacionam-se a período em que as publicações foram realizadas; tempo de duração máximo e mínimo dos vídeos; uso de *hashtags*, efeitos audiovisuais e legendas; entre outros, conforme pode ser visualizado na Tabela 45:

Tabela 45: Métricas sobre estratégia de produção de conteúdo do <i>corpus</i> de 200 vídeos					
		EUA	Espanha	Brasil	El Salvador
Dados – país/ <i>tiktoker</i> político		Trump	Abascal	Bolsonaro	Bukele
Variação do período de publicação dos vídeos (dd/mm/aa)		02/06/24 a 02/11/24	15/12/22 a 07/11/24	13/12/21 a 08/06/24	28/09/20 a 03/11/23
Tempo de vídeo	Máximo	32"	4'05"	1'20"	7'26"
	Mínimo	5"	5"	5"	7"
Uso de descrição/título/chamada		99%	99%	8%	80%
Uso de <i>hashtag</i>		4%	66%	92%	18%
Origem do vídeo	Original	42%	20%	24%	18%
	Derivado	58%	74%	34%	80%
	Compartilhado	0	6%	42%	2%
Formato do vídeo	Somente vídeo	4%	14%	0%	16%
	Vídeo com efeito visual	18%	24%	4%	28%
	Vídeo com música	4%	6%	14%	2%
	Vídeo com texto	0%	6%	0%	0%
	Vídeo com efeito e música	58%	36%	70%	48%
	Vídeo com efeito e texto	10%	8%	0%	2%
	Vídeo com música e texto	0%	0%	4%	0%
	Vídeo efeito, texto e música	6%	6%	8%	4%

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados nos perfis dos *tiktokers* políticos (2025).

Essa análise foi fundamental para se observar, ao contrário do que se imaginava, inicialmente, sobre similaridade na produção audiovisual. Na verdade, não há uma “receita” seguida pelos criadores de conteúdo. Cada *tiktoker* político utiliza estratégias distintas e diversificadas para a produção e publicação de vídeos. No que tange, por exemplo, no período de postagens na rede social, Trump foi o criador de conteúdo que ingressou mais recentemente e a publicação de vídeos em seu perfil coincide com o período de disputa presidencial nos EUA. Não houve publicação de novos conteúdos por Trump após novembro de 05 de novembro de 2024, dia da

eleição, nem mesmo com a posse⁸¹. Bukele, ao contrário, é o mais antigo no *TikTok*, utilizando a rede social desde 2020. Em todos os casos, a plataforma é usada para comunicação direta, sem intermédio da mídia tradicional, com os interlocutores e cidadãos, potenciais eleitores.

Em relação à amplitude de duração dos vídeos, Abascal e Bukele divulgam conteúdos que grande variabilidade de tempo, oscilando entre cinco segundos, no mínimo, e outros bastante longos, que podem chegar a mais de quatro e sete minutos, respectivamente. Trump e Bolsonaro publicam apenas vídeos curtos, até 32 segundos e um minuto e 20 segundos, respectivamente. Como mencionado no item 3.1, o tempo máximo de vídeo passou de 60 segundos para dez minutos, em 2022. Essa expansão de tempo permite que conteúdos e narrativas mais complexos sejam publicados na rede social. Isso é notório no perfil de Bukele e também no de Abascal. O presidente salvadorenho e o deputado espanhol se destacam ao abordar temas sensíveis na rede social para influenciar a opinião pública. Em contraste, Trump e Bolsonaro mantêm uma abordagem mais breve e direta, com vídeos curtos e objetivos.

Sobre o uso de descrição/títulos/chamadas e *hashtags*, cada *tiktoker* possui características distintas: Trump utiliza título em praticamente todos os vídeos, e não costuma usar *hashtags*. Bolsonaro adota estratégia inversa, com poucos títulos e muitas *hashtags*. Abascal e Bukele fazem uso das duas estratégias, com chamadas/títulos/descrição em no mínimo 80% dos conteúdos e uso de *hashtags* em quase 70% e 20%, respectivamente. O *TikTok* recomenda aos criadores o uso de *hashtags*, que servem como etiquetas para categorizar assuntos e favorecer aos consumidores interagir mais e compartilhar os conteúdos visualizados. Trump, apesar de usar pouquíssimo o símbolo – apenas em dois dos 50 vídeos – obteve grande alcance e engajamento com seu público, possivelmente pelos títulos provocativos e formato curto de produção. Isso demonstra que, embora recomendadas, as *hashtags* não são indispensáveis para atingir grande alcance.

Outro dado importante relaciona-se com a origem e formato dos vídeos. Embora a plataforma incentive a produção de duetos ou desafios, observou-se que em todos os canais, a maioria dos conteúdos postados são vídeos gerados a partir de aparições públicas dos políticos, com edição pós-produção que incluem efeitos visuais

⁸¹ Consulta realizada em 31/08/2025. A posse de Trump à presidência dos EUA ocorreu em janeiro de 2025.

– como cortes para condensar tempo, espaço e informação – e efeitos sonoros que ajudam a reforçar a mensagem e mobilizar determinadas emoções. Nesse sentido, e observando-se o formato do vídeo, em todos os quatro canais, foi predominante o uso do conteúdo com efeito e música, chegando, no caso de Bolsonaro, a 70% do total. Abascal, o que menos adotou o recurso, utilizou-o em 36% dos vídeos. O objetivo dos efeitos audiovisuais é capturar a atenção do interlocutor, criar impacto emocional e complementar a mensagem a partir da mobilização de mais de um sentido sensorial. Trump, por exemplo, utilizou música de cantores de *rappers* populares nos EUA, como Nettspend e Ken Carson, uma estratégia para se aproximar do público mais jovem que tradicionalmente não votaria no político estadunidense. Essa abordagem reforça o poder da estética digital na construção de narrativas políticas.

Em relação ao conteúdo dos vídeos, foram observados quem é o ator principal e sua principal ação; que tipo de conteúdo político foi priorizado; a linguagem utilizada e qual emoção básica mais fortemente mobilizada. Além disso, também foi verificado se houve uso de *emoticon* e o tipo de interação priorizada. Antes da apresentação dos dados compilados, é necessário esclarecer que esses elementos foram mensurados a partir da característica mais marcante. Por exemplo, um mesmo vídeo pode mobilizar emoções de raiva e desprezo, mas, foi considerada apenas uma delas, a mais evidente. Essa decisão metodológica foi necessária para efeitos de parametrização e comparação entre os canais selecionados para análise. Agora, apresenta-se a Tabela 46 e, em seguida, as considerações sobre ela.

Tabela 46: Análise comparativa dados qualitativos dos <i>tiktokers</i> políticos					
Elementos analisado	<i>Tiktok</i> er político/país	EUA	Espanha	Brasil	El Salvador
		Trump	Abascal	Bolsonaro	Bukele
Atores principais	Proprietário da conta	70%	100%	60%	70%
	Outros políticos				
	Concorrentes/adversários			10%	
	Pessoa comum			10%	
	Celebridade	30%		10%	
	Outro			10%	30%
Ações principais	Falar	100%	90%	60%	70%
	Dançar			10%	
	Cantar				
	Outros		10%	30%	30%
Conteúdo político	Pauta identitária				
	Pauta reacionária	10%	10%	10%	50%

	Campanha negativa - ataque a adversário político	70%	70%	10%	
	Campanha positiva	10%	20%	80%	50%
	Promessa de campanha	10%			
Linguagem	Informativa - referir e denotar		10%		30%
	Expressiva/provocar sentimento ou emoção	60%	70%	50%	60%
	Apelativa - incitar reação	40%	20%	50%	10%
Emoções básicas	Raiva		10%		
	Medo	20%	10%	10%	30%
	Indignação	20%	40%	10%	20%
	Tristeza				
	Surpresa			20%	
	Excitação			20%	
	Desprezo	50%	30%	30%	20%
	Desejo/necessidade	10%			10%
	Otimismo		10%		
	Esperança			10%	20%
<i>Emoticon</i>	Apoio/reforço da mensagem		30%	10%	
	Contextualizar				
	Mudança				
Tipo de interação	Informação e promoção (espectador passivo)	30%	50%	30%	60%
	Deliberação e discussão (estimula diálogo e opinião)		40%	30%	30%
	Participação e mobilização (solicita ação)	70%	10%	40%	10%

Fonte: elaborado pela autora com informações do perfil dos *tiktokers* políticos e da análise *netnográfica* realizada no Capítulo 3 desta Tese.

Em relação ao ator principal, foi predominante a aparição do político proprietário da conta na maioria dos vídeos. Quem mais variou, entre os quatro, foi Bolsonaro, que publicou conteúdo do rival político (Lula); de celebridade; de pessoa comum; e até de um avatar. Trump e Bukele estão em 70% dos vídeos, mas o então candidato à presidência dos EUA publicou conteúdos com celebridades, enquanto Bukele priorizou produções relacionadas a detentos e uso de força policial. Abascal foi o único que não adotou a estratégia no período de coleta de dados. A articulação da imagem política à de celebridades constitui importante dispositivo de validação simbólica. Promove-se a transferência de capital político ou poder por associação junto ao interlocutor, mecanismo que impacta na forma como o discurso ideológico é estruturado na sociedade e confere poder a alguns, funcionando como mecanismo de sujeição e subjetivação. Já a aparição de pessoas comuns, como no caso de vídeo

de Bolsonaro, cria sensação de proximidade e empatia com o cidadão médio. No caso de Bukele, amplifica a mensagem política e busca validar as ações adotadas.

Sobre a ação principal, falar foi a estratégia majoritariamente adotada. Mais uma vez, Bolsonaro foi o que mais “inovou”: havia conteúdo relacionado a dança, jogo de vídeo game, avatar lembrando do dia da eleição, pessoa comum apresentando explicitamente sua intenção de voto. Bukele produziu conteúdos inclusive sem fala, mas com imagens fortes e impactantes e variou o uso de trilha sonora, ou ausência dela, para reforçar a mensagem. Abascal foi mais tímido, e fora a fala, publicou conteúdo caminhando pelas ruas de uma das cidades, cumprimentando potenciais eleitores. A fala dos *tiktokers* políticos definem não apenas a temática a ser abordada, mas estabelece o controle da narrativa, e reinterpretação e disputa de perspectivas, visões e vieses no mundo digital.

No que tange ao conteúdo político, nenhum deles abordou pauta identitária. Ressalte-se, como mencionado anteriormente, que um mesmo vídeo pode possuir mais de um elemento. A pauta reacionária está presente em todos os perfis. Trump e Abascal abordam a imigração; Bolsonaro, LGBTfobia; Bukele, relativização de direitos humanos de detentos. A campanha negativa contra adversário político está presente em 70% dos vídeos de Trump e de Abascal. No caso de Trump, os conteúdos costumam ser mais superficiais, acusando ou sugerindo incompetência de Kamala Harris para conduzir a nação. Abascal, além de atacar a Pedro Sánchez, acusa o presidente do governo espanhol de corrupção; associação ao tráfico de pessoas; incentivo à imigração massiva ilegal. Bolsonaro ataca com humor, expondo o rival a situações que deslegitimam sua autoridade. Bukele não ataca diretamente a outro político, embora faça críticas aos partidos tradicionais.

Ainda no que concerne ao conteúdo político, sobre a campanha positiva, Bolsonaro lidera, com 80% dos vídeos adotando essa estratégia, seguido de Bukele, com 50%. Os demais utilizaram de forma pouco intensa. O político brasileiro disponibiliza materiais audiovisuais em que os diferentes protagonistas incentivam a adesão eleitoral à sua permanência no cargo de Presidente da República. Já o salvadorenho, apresenta benfeitoria, como a construção de hospitais, além de tentar justificar as medidas extremas adotadas. E em relação às promessas de campanha, foram praticamente residuais.

Essas informações são acompanhadas de dois importantes elementos de análise: a linguagem adotada e as emoções mobilizadas. De modo geral, a linguagem expressiva, que busca provocar sentimento ou emoção é mais adotada pelos políticos. Em seguida, é a linguagem apelativa, que incita reação, em todos os casos, votar naquele político que publicou o conteúdo. As emoções básicas mais mobilizadas, para Trump, Abascal, Bolsonaro e Bukele são, respectivamente: desprezo, indignação, desprezo e medo. Poucos conteúdos incitaram emoções relacionadas a sentimentos positivos. Nesse sentido, observa-se a instrumentalização do ódio, da raiva, do descontentamento, da insatisfação, do ressentimento para consolidar poder, desestabilizar instituições democráticas e até mesmo reforçar ações excludentes (Carapaña, 2018). O ódio é transformado em ferramenta de controle social, que molda comportamentos e reforça hierarquias. Associado à recomposição de narrativas, disseminação de *fake news* e teorias conspiratórias, cria realidades paralelas que sustenta agendas autoritárias, antidemocráticas e avessas ao diálogo, à diversidade e ao dissenso.

O uso de *emoticons* mostrou-se pouco relevante. Abascal e Bolsonaro utilizaram, mas apenas em 30% e 10% dos vídeos, respectivamente. Em todos os casos, os *emoticons* foram usados para apoiar ou reforçar a mensagem. Já no que concerne ao tipo de interação com o internauta, variou entre os perfis no *TikTok*. Trump solicitou, em 70% dos vídeos, ação dos internautas, com sentenças expressas para participarem do processo eleitoral e para votarem nele. Bolsonaro adota a mesma estratégia em 40% dos conteúdos, porém o estímulo à ação é menos imperativo. Abascal e Bukele, geralmente, interagem a partir de comunicação unilateral, com objetivo de informar ou promover uma informação, não necessariamente verdadeira. Abascal, Bolsonaro e Bukele fazem uso de todos os tipos de interação; Trump, apenas informação e promoção e participação e mobilização.

Outro elemento estudado foi o idioma utilizado pelos *tiktokers* políticos nas legendas dos vídeos, conforme Tabela 47, abaixo:

Tabela 47: Uso e idioma das legendas no <i>corpus</i> de 200 vídeos					
Elementos analisado	<i>Tiktoker</i> político/país	EUA	Espanha	Brasil	El Salvador
		Trump	Abascal	Bolsonaro	Bukele
Legenda no vídeo	Não utilizada	1%	6%	48%	52%

	Idioma local	99%	94%	52%	12%
	Outro idioma	0	0	0	24%
	Idioma local e outro idioma	0	0	0	12%

Fonte: elaborado pela autora com informações do perfil dos *tiktokers* políticos e da análise *netnográfica* realizada no Capítulo 3 desta Tese.

Os dados mostram que houve uso de legendas em todos os perfis: Trump e Abascal em quase a totalidade dos vídeos, enquanto Bolsonaro e Bukele, em cerca de metade. As legendas costumam estar no idioma local, exceto em El Salvador. No pequeno país hispano-falante da América Central, Bukele adotou o idioma inglês em 36% dos vídeos publicados. Esse percentual aumenta notadamente se forem considerados apenas os conteúdos selecionados para a análise *netnográfica* no perfil do presidente salvadorenho: 70% possuem a maioria dos comentários em inglês; em 20% inglês e espanhol estão equiparados e em apenas 10% o espanhol é majoritário. Além dos dois idiomas, observa-se o uso do português, ainda que de modo mais limitado.

Esses dados são fundamentais para que se possa afirmar que os seguidores de Bukele não estão restritos ao seu pequeno país ou à América Latina, onde o idioma predominante é o espanhol, exceto no Brasil, no qual adota-se o português. O achado fortalece a suposição de que o uso da rede social, a depender da estratégia comunicativa adotada, tem forte poder transnacional, e intercontinental, e permite aos criadores de conteúdo político difundir ideais tanto para o público interno, quanto o externo, enfraquecendo os limites físicos e transcendendo a esfera pública de debate nacional para o global. Amplia-se o território de disputa ideológica.

O uso do idioma na legenda explicita a intenção do *tiktoker*, mas não deixa claro se o objetivo foi alcançado, ou não. São os comentários o melhor indicativo do êxito. De modo geral, os comentários funcionam como uma espécie de pesquisa ou termômetro que reflete o posicionamento e a opinião pública sobre determinado assunto e estratégias de construção de discurso. No caso específico da língua estrangeira nas legendas dos vídeos de Bukele, identificou-se, a partir da análise *netnográfica*, item 3.6, que há comentários em inglês em todos os conteúdos audiovisuais postados. Em 70% deles, é o idioma majoritário entre os internautas que reagem nos comentários, chegando a 100% em um dos vídeos (item 3.6.1.7). No restante, há presença do espanhol e, em menor medida, em português. Isso indica que Bukele alcança o objetivo. Os interlocutores fizeram menção aos seguintes

países: EUA, México, Argentina, Honduras, Guatemala, Brasil, Chile e Romênia. Também foram citados continentes: Europa, América Latina e Américas.

O campo de comentários torna-se um microcosmo de arena pública indicativo de validações simbólicas, reforçando e legitimando ações políticas, ou de discordâncias, revelando não apenas a pluralidade de ideias, mas os aspectos centrais criticados. Nele é possível perceber polarizações existentes entre os internautas, ainda que o criador de conteúdo não se manifeste. Em nenhum dos casos analisados, os *tiktokers* políticos interagiram ou responderam aos comentários dos vídeos. Relembre-se, que os posicionamentos postados foram agregados, revelando apoio ou oposição, expressos ou sugeridos, totalizando quatro tipos de comentários. Os cuidados éticos foram apresentados na Introdução, item I.IV.III. O resultado dos comentários, conforme análise *netnográfica*, gera a Tabela 48, abaixo:

Tabela 48: Tipos de comentários gerados em reação aos vídeos analisados											
Vídeo analisado:		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Comentários aos vídeos de Trump	Apoio expresso	70%	50%	100%	20%	50%	90%	20%	50%	40%	50%
	Oposição expressa	30%	20%		50%	40%	10%			20%	
	Apoio sugerido		20%		20%			80%	50%		20%
	Oposição sugerida		10%			10%					
	Neutro/não identificado				10%					40%	30%
Comentários aos vídeos de Abascal	Apoio expresso	100%	60%	100%	70%	60%	80%	70%	80%	90%	80%
	Oposição expressa		20%		20%			30%	20%	10%	
	Apoio sugerido					30%	10%				
	Oposição sugerida		20%			10%	10%				10%
	Neutro/não identificado				10%						10%
Comentários aos vídeos de Bolsonaro	Apoio expresso	30%	50%	40%		100%	20%	100%	60%	70%	70%
	Oposição expressa	50%	40%	50%	80%		50%		30%	20%	20%
	Apoio sugerido	10%			20%						
	Oposição sugerida						30%				10%
	Neutro/não identificado	10%	10%	10%					10%	10%	
Comentários aos vídeos de Bukele	Apoio expresso	100%	100%	30%	90%	100%	90%	90%	50%	70%	80%
	Oposição expressa			20%	10%				10%	20%	10%
	Apoio sugerido								20%		

	Oposição sugerida			10%				10%			10%
	Neutro/não identificado			40%			10%		20%	10%	

Fonte: elaborado pela autora com informações do perfil dos *tiktokers* políticos e da análise *netnográfica* realizada a partir da Capítulo 3 desta Tese.

Os dados da tabela indicam que Abascal foi o único que teve maioria de apoio expresso em todos os vídeos. Bukele alcançou maioria em 80%, Bolsonaro em 60% e Trump, em 30%. O apoio expresso reforça a concordância ou pertencimento a determinado grupo, e auxilia a moldar a percepção de popularidade e legitimidade do *tiktoker* político. O apoio expresso demonstra identificação ideológica e pode funcionar como militância digital. Trump foi o que teve a maior quantidade de apoio sugerido. Em ambientes polarizados, esse posicionamento mais implícito evita confrontos diretos e permite sondar reações e adaptar a linguagem. O apoio sugerido revela cautela ou apoio condicionado. O mesmo funciona para a oposição sugerida, sendo Abascal o que mais recebeu esse tipo de manifestação. Esse tipo de oposição velada evita comprometer-se abertamente. Por fim, no caso da oposição expressa, os internautas apresentam de forma direta crítica, rejeição ou posicionamento diverso ao que foi publicado. Quem mais recebeu algum percentual de oposição expressa no total dos vídeos foi Bolsonaro.

4.3 As disputas acirradas

Em suma, a pesquisa realizada nesta Tese reforça que o ciberespaço é território de intensas disputas ideológicas e políticas, conforme já indicava Zuboff (2019). Porém, revela que a nova direita não apenas se apropria estrategicamente das TICs para colonizar esse território, mas é influenciada por elas, estabelecendo um processo mútuo e dialógico de configurações e reconfigurações no e do espaço digital. A ideologia decorrente do amálgama entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo (Pereira, 2016; 2019; 2023; Pinelli, 2024) molda o ciberespaço em uma sociedade hiperconectada e hiperinformada, no que concerne a aspectos que vão desde a redefinição da linguagem política, da estética, da infraestrutura informacional e, até mesmo, da dinâmica social, ao mesmo tempo em que se adapta e se amolda às inovações decorrentes dos avanços tecnológicos.

Ao investigar os efeitos da apropriação das TICs pela nova direita, no âmbito do capitalismo de vigilância, comprova-se que as dimensões ideopolítica, técnica e comunicativa estão imbricadas e se retroalimentam potencializando os efeitos do processo que pode ser compreendido pela perspectiva do colonialismo digital (Faustino; Lippold, 2023) e com cooptação Estado em favor de interesses específicos (Poulantzas, 1978). No campo ideopolítico, a pesquisa evidenciou que a nova direita utiliza as TICs como ferramentas metapolíticas para disputar hegemonia cultural, conforme apontado por Maly (2019) e Poppe, Havenstein e Schäfer (2023). A produção de conteúdos digitais é cuidadosamente planejada para atender às exigências algorítmicas das plataformas, com forte apelo emocional, estética provocativa e linguagem informal, criando conexões afetivas com os interlocutores. Essa estratégia permite a disseminação de desinformação, a recomposição de narrativas históricas e o estímulo à crença em teorias conspiratórias, como observado na análise *netnográfica* dos perfis do *TikTok*, no Capítulo 3.

No que tange à dimensão técnica, o estudo mostrou como a nova direita se vale da infraestrutura digital para ampliar o alcance e eficácia persuasiva. O uso de dados de *big data* permite a personalização das mensagens e a construção do eu digital dos produtores de conteúdo, além de alinhar interesses e identidades digitais aos valores que pretende propalar. Já sobre a dimensão comunicativa, a pesquisa identificou mecanismos discursivos que incluem a estética digital, com linguagem apelativa, simplificação de temas complexos (Smith, 2014), dualismo moral (Caro; Quitral; Riquelme, 2022), relativização dos direitos humanos (Michelsen; De Orellana; Buranelli, 2023), entre outros. A comunicação direta, verticalizada e personalizada entre políticos e seus seguidores, somada à microcelebrização (Maly, 2020) e ao populismo digital (Santamaría, 2022; Ramos, 2021; Watson; Bares, 2022), consolida a hegemonia discursiva neodireitista e amplia seu poder de mobilização.

A análise crítica das estratégias da nova direita no ciberespaço contribui para o entendimento das dinâmicas contemporâneas de poder, comunicação e tecnologia que conformam uma nova realidade a ser enfrentada. O autoritarismo, o combate à democracia, a necropolítica e a necroadministração pública, que recaem de forma mais intensa sobre minorias e grupos vulnerabilizados, ganham espaço e naturalização a partir estetização da violência, relativização de direitos humanos e

legitimação de práticas autoritárias travestidas de proteção, controle, ordem e segurança pública em prol da sociedade.

Soma-se a isso a adesão superficial a pautas progressistas – como justiça social, liberdade de expressão e combate à corrupção – como estratégia de captura discursiva. Esses temas, esvaziados de conteúdo crítico, são adaptados pela nova direita para sustentar narrativas conservadoras, que reforçam hierarquias e exclusões. Essas pautas servem, por um lado, como atrativos simbólicos para ampliar o espectro de interlocutores, e por outro, para escamotear a agenda neodireitista autoritária sob estética de modernidade e inovação. Essa dinâmica revela que a espetacularização de conteúdos transforma discursos de exclusão e repressão em materiais audiovisuais aceitáveis e compartilháveis. Daí, a importância de compreender o ciberespaço não apenas como espaço técnico, e sim como território simbólico de disputa ideológica, onde a linguagem, os afetos e os algoritmos operam conjuntamente na conformação da realidade política complexa.

A pesquisa não desconsidera, de modo algum, os efeitos positivos do uso das TICs, mas direciona o olhar para as consequências negativas, como preconceitos e racismo algorítmico; vigilância e dataficação da vida; formação de bolhas ou caixas de ressonância (Burgaya, 2021) que favorecem o viés de confirmação (Bronner, 2022), a polarização política e o extremismo; disseminação de desinformação e desenvolvimento de narrativas e historiografias apologéticas enviesadas que facilitam o revisionismo histórico; instrumentalização do ódio e do descontentamento; entre outros. Isso porque os efeitos negativos, riscos e contradições muitas vezes são obscurecidos pelo discurso dominante de inovação e progresso, desconsiderando o uso das TICs a partir de interesses econômicos, políticos e ideológicos. É preciso estar atento à reprodução de desigualdades e ao aprofundamento das relações de poder e remodelamento silencioso de subjetividades no ambiente digital.

A hipótese de que a nova direita se apropria das TICs para colonizar o ciberespaço, objetivando expandir a ideologia neodireitista a partir do uso da Internet, para propagar, ampliar e intensificar práticas neoconservadoras e neoliberais, aprofundando a concentração do capital, foi confirmada e indica a necessidade proposição de alternativas, políticas públicas e práticas de resistência que promovam justiça informacional, inclusão digital, proteção de direitos e regulamentação do território digital, inclusive para corrigir e limitar disfuncionalidades do uso da Internet

que têm acentuado velhos problemas sociais estruturais. A pesquisa contextualizada permite a compreensão mais ampla dos efeitos potenciais da colonização do ciberespaço, e abre espaço para novos e diversos estudos, como por exemplo:

- análises comparativas entre o uso de diferentes redes sociais pela nova direita e os impactos políticos gerados;
- regulação das *big techs* e proteção de dados em contextos democráticos;
- efeitos da economia da atenção na política contemporânea e na conformação social;
- consequências psicobiológicas e sociais decorrentes da hiperconexão digital;
- análise de recomposição e distorção de narrativas históricas em ambientes digitais para legitimar ideologias conservadoras.

Por fim, e diante da intensificação da polarização ideológica e do enfraquecimento das instituições democráticas, acredita-se que território digital configura-se, cada vez mais, como arena central de disputas simbólicas e políticas. A possibilidade de ser mobilizado para difusão de ideologias, deslegitimação de opositores e recomposição de narrativas, o ciberespaço assume papel estratégico na dinâmica eleitoral contemporânea. Tal relevância se acentua especialmente em períodos de campanha, como no cenário brasileiro que se projeta para 2026.

V - REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Pedalada fiscal. **Senado Federal**, Brasília, 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/pedalada-fiscal>. Acesso em: 19 set. 2025.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 80, p. 71-96, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/mQtGPDfjR85HxSSLtmgCzbM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2021.

ALVES, Maria Tereza Gonzaga. Conteúdos ideológicos da nova direita no município de São Paulo: análise de *surveys*. **Opinião Pública**, v. 6, n. 2, p. 187–225, out. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/FDp4knXfNn5TRs7xBCsNm8r/>. Acesso em: 23 dez 2023.

AMARAL, Inês; SANTOS, Sofia J. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In: SANTOS, João Figueira Silva. **As Fake News e a Nova Ordem (DES) Informativa na Era da Pós-Verdade**. Edição Kindle, 2019.

AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. Ética em pesquisa no sistema CEP-CONEP brasileiro: reflexões necessárias. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 3, p. 1033–1040, mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018243.35292016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GVpthgx8Qf5vYtRFMLt5CJN/#>. Acesso em: 17 out. 2024.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILLI, Pablo. **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANNE-MARIE, Tuikka; CHAU, Nguyen; KIMPPA KAI, K. Ethical questions related to using netnography as research method. **The ORBIT Journal**, Volume 1, Issue 2, 2017, Pages 1-11, ISSN 2515-8562, DOI <https://doi.org/10.29297/orbit.v1i2.50>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S251585622030050X>. Acesso em 16 out 2024.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2022. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 16, 2022**. ISSN 1983-7364. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/58>. Acesso em: 9 nov. 2025.

ARÓSTEGUI, Julio; GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo; SOUTO KUSTRÍN, Sandra. La violencia política en la España del siglo XX. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, Madrid, v. 22, p. 53-94, 2000. Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/163025>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BANCO CENTRAL EUROPEU. **Relatório Anual do BCE de 2023**. Frankfurt: BCE, 2024. 200 p. Disponível em: <https://www.ecb.europa.eu/press/annual-reports-financial-statements/annual/html/ecb.ar2023~d033c21ac2.pt.html>. Acesso em: 15 set. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luíz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Paulo Nogueira. O Consenso de Washington: A visão neoliberal dos problemas latino-americanos. In: SOBRINHO, Barbosa Lima *et al.* **Em Defesa do Interesse Nacional**: Desinformação e Alienação do Patrimônio Público, São Paulo: Paz e Terra, 1994. Disponível em <https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Consenso%20de%20Washington.pdf> Acessado em 02/12/2024.

BBC MUNDO. Os segredos que cercam a megaprisão símbolo da guerra de Bukele contra as gangues de El Salvador. **BBC News Brasil**, 27 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idx-051ab38e-b7d2-44ce-b40f-80d5b51f7db2>. Acesso em: 4 set. 2025.

BBC NEWS. Só o sim é sim: como lei de consentimento sexual causou polêmica na Espanha. **G1**, Rio de Janeiro, 27 ago. 2022. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/27/so-o-sim-e-sim-como-lei-de-consentimento-sexual-causou-polemica-na-espanha.ghtml>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em contrarreforma**: desestruturação do Estado e perda de direitos. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BEHRING, Elaine Rossetti. Política social no contexto da crise do capital. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Serviço Social: direitos e competências profissionais**. Brasília: CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/Universidade de Brasília, 2009. p. 301-321.

BEHRING, Elaine Rossetti.; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social**: fundamentos e história. São Paulo: Cortez, 2011.

BERBARA, Ricardo; FORTES, Alexandre; RIZZO, Gabriela; CAMPOS, Pedro. A universidade brasileira e o golpe de 2016. In: ALVES JUNIOR, Antonio José; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; JORGE, Vladimyr Lombardo (org.). **O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil**: curso de extensão realizado na UFRRJ.

Seropédica: Ed. da UFRRJ, c2021. p. 17-46. Disponível em: <https://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Golpe-de-2016-final.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BOECHAT, Gabriela et al. Bolsonaro é condenado a 27 anos e 3 meses de prisão por plano de golpe. **CNN Brasil**, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/stf-pena-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BORÇA JUNIOR, Gilberto Rodrigues; TORRES FILHO, Ernani Teixeira. Analisando a crise do subprime. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v.15, n.30, p. 129-159, dez. 2008. Disponível em <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/8344> Acesso em: 05 jan. 2025.

BORGES DE OLIVEIRA, Emerson Ademir; FACHINI, Elaine Cristina Sotelo. A política econômica dos governos brasileiros no século XXI: do estado social garantidor à tentativa de uma política econômica liberal. **REVISTA QUAESTIO IURIS**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 306–330, 2024. DOI: 10.12957/rqi.2024.75124. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/quaestioiuris/article/view/75124>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BOTELHO, Maurílio; RIBEIRO, Guilherme; IBÁÑEZ, Pablo. A geografia do golpe. In: ALVES JUNIOR, Antonio José; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; JORGE, Vladimyr Lombardo (org.). **O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil**: curso de extensão realizado na UFRRJ. Seropédica: Ed. da UFRRJ, c2021. p. [Intervalo de páginas - Não fornecido]. Disponível em: <https://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Golpe-de-2016-final.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em: 17 out. 2024.

BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 128, p. 85-103, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/J74WJRdJH6sHMHC9MhSDc8Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BROWN, Wendy. American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism and De-Democratization. *Political v.* 34, n. 6, December 2006.

BURGAYA, Josep. **La Manada Digital**: Feudalismo hipertecnológico en una democracia sin ciudadanos. Barcelona: El Viejo Topo, 2021.

BURGAYA, Josep. **Tiempos de Confusión**: De la clase adscriptiva a la identidad

electiva. Barcelona: El Viejo Topo, 2023.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. *In.*: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede – Era da informação**: economia, sociedade e cultura, volume I. São Paulo, Editora Paz e terra LTDA, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**: do conhecimento a acção política. Belém, 2005.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARTA CAPITAL. Populista e autoritário: quem é Nayib Bukele, presidente reeleito de El Salvador. **CartaCapital**, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/populista-e-autoritario-quem-e-nayib-bukele-presidente-reeleito-de-el-salvador/>. Acesso em: 4 set. 2025.

CEDILLO DELGADO, Rafael. Nuevas Ideas de El Salvador: un partido movimiento en América Latina. **Apuntes Electorales: revista del instituto electoral del estado de méxico**, [Estado de México], v. 21, n. 67, p. 45-79, jul./dez. 2022. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8615077>. Acceso en: 9 nov. 2025.

CEPÊDA, Vera. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*. v. 23, 2018.

CERVI, Laura; TEJEDOR, Santiago; MARÍN LLADÓ, Carles. TikTok and the new language of political communication: the case of Podemos. **Cultura, Lenguaje y Representación**, 2021. Vol. XXVI, p. 267-287. ISSN1697-7750·E-ISSN2340-4981, DOI: <http://dx.doi.org/10.6035/clr>. Disponível em: <https://www.e-revistas.uji.es/index.php/clr/article/view/5817/6744>. Acesso em 16 out. 2024.

CHESNAIS. François. Mundialização: o capital financeiro no comando. *In Les Temps Modernes*, 607, 2000. Reproduzido com permissão do autor e da revista. Trad. Ruy Braga.

CNN BRASIL. FBI afirma que investigação de atentado contra Trump ainda não acabou. **CNN Brasil**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/fbi-afirma-que-investigacao-de-atentado-contra-trump-ainda-nao-acabou/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

CNN PORTUGAL. 300 migrantes em 24 horas: ONG espanhola resgata embarcações à deriva no mar. **CNN Portugal**, Lisboa, 7 jul. 2023. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/migrantes/europa/300-migrantes-em-24-horas-ong->

[espanhola-resgata-embarcacoes-a-deriva-no-mar/20230707/64a7cc04d34e3ae5b8c3740f](https://www.espanhola-resgata-embarcacoes-a-deriva-no-mar/20230707/64a7cc04d34e3ae5b8c3740f). Acesso em: 9 nov. 2025.

CNN PORTUGAL. Líder do PP espanhol rejeita "cordão sanitário" à extrema-direita se formar Governo. **CNN Portugal**, Lisboa, 6 jul. 2025. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/espanha/pp/lider-do-pp-espanhol-rejeita-cordao-sanitario-a-extrema-direita-se-formar-governo/20250706/686a77aad34e3f0baea03066>. Acesso em: 9 nov. 2025.

COGGIOLA, Osvaldo. 150 Anos do Manifesto Comunista (prefácio). In: MARX, Karl e Engels, F. Manifesto Comunista. 3ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2014.

COGGIOLA, Osvaldo. A Segunda Guerra Mundial: causas, estruturas consequências. Editora LF. São Paulo: LF Editorial, 2015.

COMISSÃO EUROPEIA. Comunicado a Imprensa: **Ley de Servicios Digitales: entran en vigor las normas determinantes de la UE para las plataformas en línea**. Bruxelas, 15 nov. 2022. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/es/ip_22_6906. Acesso em: 17 out. 2024.

COMISSÃO EUROPEIA. **O Pacto Ecológico Europeu**. Bruxelas, 2024. Disponível em: https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/european-green-deal_en. Acesso em: 15 set. 2025.

COMISSÃO EUROPEIA. **Proposta de Regulamento do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à revisão do quadro regulamentar em matéria de gestão de crises e de seguro de depósitos**. Bruxelas, 2025. 33 p. (COM(2025) 8 final). Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52025DC0008>. Acesso em: 9 nov. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS (Brasil). **Nota Pública contra a extinção do Conselho LGBT**. Brasília, DF: CNDH, 2021. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/3829/1/copy2_of_NotaPblicasContraaextinodoConselhoLGBT.pdf. Acesso em: 9 nov. 2025.

COUTO, Cláudio Gonçalves. O Brasil de Bolsonaro: uma democracia sob estresse. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 28. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cgpc/a/XncJc9VKCjpDS9mHjSst7YD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 9 nov. 2025

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 22, n. 49, p. 1–18, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n49p1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n49p1>. Acesso em 16 out. 2024.

DALIO, Danilo. Neoconservadorismo, política e crise: Ideias-força e estratégias de ação. **Pensata**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2021. DOI: 10.34024/pensata.2020.v9.11046. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/11046> . Acesso em: 31 jan. 2024.

DA SILVA, Andrei Roberto. Santiago Abascal e a Iberosfera: estratégias geopolíticas e a construção de uma rede transnacional. **Revista de Geopolítica**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 1–16, 2025. Disponível em: <https://revistageo.com.br/revista/article/view/611>. Acesso em: 9 nov. 2025.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIEESE. **Boletim Emprego em Pauta, n. 22**: Trabalho por conta própria cresce na pandemia e fica mais precarizado. São Paulo, maio 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2022/boletimEmpregoemPauta22.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2022.

DIEESE. **Boletim Emprego em Pauta, n. 17**: Contratos intermitentes continuam na gaveta. São Paulo, dez. 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2020/boletimEmpregoEmPauta17.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

EL PERIÓDICO MEDITERRÁNEO. Reunião Feijóo-Abascal no Congresso para a investidura. **El Periódico Mediterráneo**, Castelló, 5 set. 2023. Disponível em: <https://www.elperiodicomediterraneo.com/espana/2023/09/05/reunion-feijoo-abascal-congreso-investidura-91717039.html>. Acesso em: 9 nov. 2025.

EHRMAN, John. (1999). “Commentary”, the “Public Interest”, and the Problem of Jewish Conservatism. **American Jewish History**, 87(2/3), 159–181. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23886368>. Acesso em: 24 jan. 2025.

ESTADÃO. Esquerda de El Salvador sofre derrota após vitória de Nayib Bukele nas eleições de conselhos municipais. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/esquerda-el-salvador-nayib-bukele-vitoria-conselhos-municipais-nprei/?srsltid=AfmBOoqwwjRIMaaYYUvehSpzCwh66sRy-W5QF78oElxKEAt2GXY53W1o>. Acesso em: 4 set. 2025.

EURONEWS. Sánchez, antes do reconhecimento da Palestina: “Não é uma decisão que adotamos contra alguém”. **Euronews**, Lyon, 28 maio 2024. Disponível em: <https://pt.euronews.com/my-europe/2024/05/28/sanchez-antes-do-reconhecimento-da-palestina-nao-e-uma-decisao-que-adotamos-contr-a-lguem>. Acesso em: 14 set. 2025.

EUROJUST. Ley de Servicios Digitales: garantía de un entorno en línea seguro y responsable. [S. l.]: **Eurojust**, 2024. Disponível em: <https://www.eurojust.europa.eu/publication/digital-services-act-safe-and-accountable-online-environment>. Acesso em: 29 dez. 2024.

FEENBERG, Andrew. **Do essencialismo ao construtivismo: a filosofia da tecnologia numa encruzilhada**. Tradução: Newton Ramos-de-Oliveira. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2003. (Publicação interna: Texto ainda sem revisão e sem notas). Disponível em: https://www.sfu.ca/~andrewf/books/Portug_Do_essencialismo_ao_construtivismo.pdf. Acesso em: 29 dez. 2024.

FEIERSTEIN, Daniel; et al. **La extrema derecha en América Latina**. Buenos Aires: Clave Intelectual, 2023.

FERREIRA, Rafael Leite. Para onde foi a história econômica da Ditadura Militar? -: Uma análise sobre a recente produção acadêmica brasileira. **História, histórias**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 201–220, 2015. DOI:10.26512/hh.v3i5.10845. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10845>. Acesso em: 9 nov. 2025.

FIORI, José Luís. O poder global e a nova geopolítica das nações. **Revista Crítica e Emancipação**, Buenos Aires, CLACSO, n. 2, p. 157-183, 2009. ISSN 1999-8104. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10180601>. Acesso em: 09 nov. 2025.

FIGUEIREDO, Carolina. Trump diz que, se empresa americana não comprar TikTok, app será banido dos EUA. **CNN Brasil**, São Paulo, 3 ago. 2020. Economia. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-diz-que-se-empresa-americana-nao-comprar-tiktok-app-sera-banido-dos-eua/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

FOER, Franklin. **Un mundo sin ideas**: La amenaza de las grandes empresas tecnológicas a nuestra identidad. Barcelona: Paidós, 2017.

FOLHA DE S. PAULO. Como Bukele foi de integrante da esquerda a ídolo da direita da América Latina. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/como-bukele-foi-de-integrante-da-esquerda-a-idolo-da-direita-da-america-latina.shtml>. Acesso em: 4 set. 2025.

FONTES, Virginia. **O Brasil e o capital-imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: Fiocruz-UFRJ, 2010.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 30/04/2024. Acesso: 01/05/2023.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARA, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. Disponível em

<https://tecnologiamidiaeinteracao.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/11/pesquisa-na-internet-fragoso-inteiro.pdf>. Acesso em 03 mar. 2023.

FRANCO DE SÁ, Alexandre. Pré-verdade, verdade e pós-verdade: um percurso rumo à política contemporânea *In*: SANTOS, João Figueira Silva. **As Fake News e a Nova Ordem (DES) Informativa na Era da Pós-Verdade**, Edição Kindle, 2019.

FUNDACIÓN DISENSO. [Home page]. Madrid: [s. n.], [2025]. Disponível em: <https://fundaciondisenso.org/>. Acesso em: 15 set. 2025.

FURTADO, Júnia Ferreira. Guerra, diplomacia e mapas: a Guerra da Sucessão Espanhola, o Tratado de Utrecht e a América portuguesa na cartografia de D’Anville. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 66-83, jul./dez. 2011. <https://doi.org/10.1590/2237-101X012022004> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/xkDVWhJgfGfdn49QDnMB4HP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 nov. 2025.

G1. Trump foi alvo de atentado a tiros em julho; relembre. **G1**, Rio de Janeiro, 15 set. 2024. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/09/15/trump-foi-alvo-de-atentado-a-tiros-em-julho-relembre.ghtml>. Acesso em: 9 nov. 2025.

GAMIR-RÍOS, José; SÁNCHEZ-CASTILLO, Sebastian. La irrupción política del vídeo corto. ¿Es TikTok una nueva ventana para los partidos españoles? **Communicatio Socialis**, 2022 – Vol. 35(2) pp. 37-52. Disponível em: <https://bit.ly/3wt2tc6>. Acesso em 16 out. 2024.

GALHARDI, Cláudia, P *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. Revista Ciência e Saúde Coletiva nº 25 (2020). Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/>. Acessado em 10 set. 2022.

GEBERA, Osbaldo Washington Turpo. La netnografía: un método de investigación en Internet. **Revista Iberoamericana de Educación** 1(42):81-93. 2008. DOI:10.35362/rie4722372. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28208731_La_netnografia_un_metodo_de_investigacion_en_Internet/fulltext/0fff02d60cf2900ffbf9783/La-netnografia-un-metodo-de-investigacion-en-Internet.pdf. Acesso em 16 out. 2024.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

GORENDER, Jacob. *In* **MARX, Karl**. O capital – crítica da economia política, Livro I. São Paulo. Boitempo, 2015. PDF.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Disponível em:

<https://cesarmangolin.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/02/gramsci-os-intelectuais-e-a-organizacao-da-cultura1.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

GRESPLAN, Jorge. **Marx: uma introdução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021. Edição do Kindle.

GUIMARÃES, Cesar. A política externa dos Estados Unidos: da primazia ao extremismo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 46, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/dzLhz3vyZcm3BKsbmssv74J/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

GUIMARÃES, Juca. Conheça a história sombria do coronel Ustra, torturador e ídolo de Bolsonaro. **Brasil de Fato**, São Paulo, 17 out. 2018. Política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/conheca-a-historia-sombria-do-coronel-ustra-torturador-e-idolo-de-bolsonaro/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

GUTMANN, J.F. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. **Galaxia (São Paulo, Online)**, n. 28, p. 108-120, dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014216654>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/MX7cHWX3zgkJFkhN6fJF3tt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noa. **21 Lições para o século 21**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noa. **Nexus: Uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo, Companhia das Letras, Edição Kindle, 2024.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo, Loyola, 2008 (cap. 1 a 5).

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IAMAMOTO, Marilda V. Mundialização do capital, “questão social” e Serviço Social no Brasil. *Revista em Pauta (UERJ)*, n 21, 2008.

IFOOD. **iFood**. Disponível em: <https://institucional.ifood.com.br/ifood>. Acesso em: 28 mai. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/9e88a636785c573625be2c5632bd3087.pdf. Acesso em: 05 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD COVID19: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios COVID19**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pirâmide etária. In: **IBGE Educa**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2025. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 9 nov. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Carta de Conjuntura: trabalho no setor informal (2021)**. Brasília: IPEA, 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210917_cc_52_nota_25_rendimentos_do_trabalho.pdf. Acesso em: 22 out. 2021.

ISTOÉ. Frases de Bolsonaro: o candidato que despreza as minorias. **IstoÉ**, São Paulo, 20 set. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias>. Acesso em: 9 nov. 2025.

JACCOUD, Luciana. O combate ao racismo e à desigualdade: o desafio das políticas públicas de promoção da igualdade racial. In: THEODORO, Mário (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008. p. 45-64. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/Livro_desigualdadesraciais.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mário (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008. p. 131-166. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/Livro_desigualdadesraciais.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

JESUS, Diego Santos Vieira de. A crise da potência inteligente: os EUA e a grande estratégia de acomodação no governo Obama. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 22, n. 50, p. 19-32, jun. 2014. DOI: 10.1590/1678-987314225003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/Lp5jN4N5Yp8XbB6Y6k6YnSz/>. Acesso em: 09 no. 2025.

KLUG, Daniel. **Musical.ly Tutorials as Aesthetic Codes and Performance Guidelines in Digital Youth Communities**. 2018. Paper apresentado no 7th European Communication Conference (ECC) "Centres and Peripheries: Communication, Research, Translation", Lugano. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328772655_Musically_Tutorials_as_Aesthetic_Codes_and_Performance_Guidelines_in_Digital_Youth_Communities. Acesso em: 09 nov. 2025.

KRISTOL, Irving. Forty good Years. **National Affairs**, número 62, Inverno 2025, p. 5-11. Disponível em: <https://www.nationalaffairs.com/storage/app/uploads/public/58e/1a5/08a/58e1a508ad78c941131580.pdf> . Acesso em: 05 jan. 2025.

LA POLÍTICA ONLINE. El líder de Vox desembarca en Brasil y busca un encuentro privado con Bolsonaro. **La Política Online**, Madrid, 11 dez. 2021. Disponível em: <https://www.lapoliticaonline.com/nota/138593-el-lider-de-vox-desembarca-en-brasil-y-busca-un-encuentro-privado-con-bolsonaro/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

LASSALLE, José Maria. “Trump, Musk y el algoritmo NRx”. *Diario El País*, em 06 de jan. 2025. Disponível em <https://www.almendron.com/tribuna/2025/01/page/16/>

LEMONS, André. Dataficação da vida: pervasividade, ubiquidade e hibridismo contemporâneos. Revista de Ciências Sociais Civitas. 2021. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/39638/26950> . Acesso em 12 set. 2024.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo, Ed. 34, 1996.

LOPES, André. TikTok Shop supera Shein e Sephora em popularidade entre consumidores dos EUA. **Exame**, São Paulo, 16 dez. 2024. Tecnologia. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/tiktok-shop-supera-a-shein-e-a-sephora-em-popularidade-entre-consumidores-dos-eua/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

LUKÁCS, Gyorgy. Para uma ontologia do ser social I. São Paulo: Boitempo, 2018.

MAGAZINE LUIZA. **Relatório Anual e de Sustentabilidade 2021**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://ri.magazineluiza.com.br/Download.aspx?Arquivo=XYF39NBjzu62DR+ete/xfw==>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MAIA, Elijonas; MARTINS, Luisa. Moraes prorroga pela 11ª vez inquérito das milícias digitais a pedido da PF. **CNN Brasil**, Brasília, 11 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/moraes-prorroga-pela-11a-vez-inquerito-das-milicias-digitais-a-pedido-da-pf/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

MANDEL, Ernest. **A Crise do Capital: os fatos e sua interpretação marxista**. São Paulo: Editora Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 329 p.

MANDEL, Ernest. **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARIE, Fhoutine. O presidente do mundo: Barack Obama antes e depois da eleição na cobertura de Veja. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 4, n., p. 193-202, 2009. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistaaurora/dez_2008/marie.pdf . Acesso em: 09 nov 2025.

MARX, Karl. **O capital – crítica da economia política, Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2015. PDF.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. (Org.) e introdução Osvaldo Coggiola. 3ª Reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Reivindicações do Partido Comunista da Alemanha. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **As lutas de Classes na Alemanha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Revista Arte e Ensaio**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016. DOI: 10.60001/ae.n32.p122-151. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 08 mai. 2024.

MCINTYRE, Lee. **Posverdad**. Madri: Cátedra, 2018.

MINAYO, Maria Cecília Souza; DESLANDES, Suely. Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 2018.

MOLITERNO, Danilo. Idealizado por Bolsonaro, partido Aliança Pelo Brasil acaba por falta de assinaturas. **CNN Brasil**, São Paulo, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/idealizado-por-bolsonaro-partido-alianca-pelo-brasil-acaba-por-falta-de-assinaturas/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

MONROY, Daniela. Tragedia en Valencia, España | Desgarrador relato de un sobreviviente: “Se abrió un barranco que era la muerte y yo no me quería morir”. **El País**, Madrid, 30 out. 2024. Seção Mundo. Disponível em: <https://www.elpais.com.co/mundo/tragedia-en-valencia-espana-desgarrador-relato-de-un-sobreviviente-se-abrio-un-barranco-que-era-la-muerte-y-yo-no-me-queria-morir-3046.html>. Acesso em: 9 nov. 2025.

MOTA, Ana Elizabete. Expropriações contemporâneas: hipóteses e reflexões. In: BOSCHETTI, Ivanete (Org.). **Expropriação e direitos no capitalismo**. São Paulo: Cortez, 2018. p. 17-61.

MOURA, Vagner Aparecido de. **Proposal of netnographic model as method of research**. 2014. 294 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3596>. Acesso em 16 out. 2024.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOROZOV, Evgeni. **La locura del solucionismo tecnológico**. Madri: Katz Editores, 2015.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NUEVAS IDEAS (Partido Político). **Estatuto del partido político Nuevas Ideas**. El Salvador: Partido Político Nuevas Ideas, 2020. Disponível em: <https://reformaspoliticas.org/wp-content/uploads/2020/05/Estatuto-Nuevas-Ideas.pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.

OLHA DIGITAL. Black Friday no TikTok: rede social terá descontos. **Olhar Digital**, São Paulo, 17 set. 2023. Internet e Redes Sociais. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/09/17/internet-e-redes-sociais/black-friday-no-tiktok-rede-social-tera-descontos/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro: Gaal, 1981.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista, e o Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição em Massa**. Editora Rua do Sabão. Edição Kindle, 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **El Covid-19 y el mundo del trabajo**. Relatório 6 (23 septiembre de 2020). [S.l.]: OIT, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_755917.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **El Covid-19 y el mundo del trabajo**. Relatório 7 (25 de enero de 2021). [S.l.]: OIT, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_767045.pdf. Acesso em: 23 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Relatório Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências 2022** (World Employment and Social Outlook Trends 2022 -WESO Trends). Genebra: OIT, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/%40dgreports/%40dcomm/%40publ/documents/publication/wcms_834081.pdf. Acesso em: 28 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **[Dados de 2025 sobre a Espanha: visão geral do país]**. [S. l.: s. n.], 2025. Disponível em: <https://data.who.int/countries/724>. Acesso em: 6 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Homicide mortality**. Washington, D.C.: PAHO, 2025. Disponível em: <https://www.paho.org/en/enlace/homicide-mortality>. Acesso em: 2 set. 2025.

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS. COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS. **El Salvador: Estado de excepción y derechos humanos**. Washington, D.C.: OEA, 2024. p. 355. (OAS. Documentos oficiales; OEA/Ser.L). ISBN 978-0-8270-7858-1. Disponível em: <https://www.oas.org/pt/CIDH/jsForm/?File=/pt/cidh/prensa/notas/2024/207.asp>. Acesso em: 9 nov. 2025.

PARDAL, Virgínia. STF prorroga inquérito das fake news por 180 dias. **Notícias STF**, Brasília, DF, 16 dez. 2024. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/posts/noticias/stf-prorroga-inquerito-das-fake-news-por-180-dias/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

PARLAMENTO EUROPEU. Tráfico de seres humanos: a luta da UE contra a exploração. **Parlamento Europeu**, Bruxelas, 21 set. 2023. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20230921STO05705/trafico-de-seres-humanos-a-luta-da-ue-contra-a-exploracao>. Acesso em: 9 nov. 2025.

PATINO, Bruno. La civilización de la memoria de pez: Pequeño tratado sobre el mercado de la atención. Madri: Alianza Editorial, 2020

PEREIRA, Camila Potyara. Nova Direita, corporocracia e política social. In: PEREIRA-PEREIRA, Potyara Amazoneida (org.). **Ascensão da nova direita e colapso da soberania política**: transfigurações da política social. São Paulo: Cortez: Politiza, 2020: p. 119–140.

PEREIRA, Camila Potyara. Nova Direita e Política Social: neoliberalismo, neoconservadorismo e a negação de direitos. In: GÓIS, João Bôsko Hora; SOUZA, Sidimara Cristina. **Temas de Política Social**: análises e discussões. Editora CRV: Curitiba, 2019, v.1.

PEREIRA, Camila Potyara. **Proteção Social no Capitalismo**: contribuições à crítica de matrizes teóricas e ideologias conflitantes. São Paulo, Cortez. 2016.

PEREIRA, Camila. Nova Direita, Capitalismo Digital e Política Social. In MACIEL, Carina; DUARTE, Natalia; SIQUEIRA, Romilson. **Políticas educacionais**: resistência e retomada da democracia e do estado. Brasília: Anpae, 2023. p.17-34. Disponível em <https://www.seminariosregionaisanpae.net.br/BibliotecaVirtual/10-Livros/LIVROS-2023/PolíticasEducativasResistenciaERetomada.pdf> Acessado em 17 dez. 2024.

PEREIRA, Camila Potyara; DUARTE, Janaína Lopes do Nascimento; SANTOS, Liliam dos Reis Souza. **Capitalismo dependente, Estado e autoritarismo no Brasil**. Textos & Contextos Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2021 e-ISSN: 1677-9509. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/39228> Acessado em 22 jun. 2024.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de cidadania. In: BOSCHETTI, Ivanete et al. (Org.). **Política Social no Capitalismo: Tendências Contemporâneas**. São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 87-108.

PEREIRA- PEREIRA, Potyara Amazoneida. (2019). Reorientações éticas da política social: do primado do ethos solidário ao império da moral individualista possessiva. *Revista Em Pauta: Teoria Social E Realidade contemporânea*, 17(43). Disponível em <https://doi.org/10.12957/rep.2019.42500> Acessado em 12 dez. 2024.

PEREIRA SAMPAIO, Daniel. Economia brasileira no início do século xxi: desaceleração, crise e desindustrialização (2000-2017). **Semestre Económico**, [S. l.], v. 22, n. 50, p. 107–128, 2019. DOI: 10.22395/seec.v22n50a6. Disponível em: <https://revistas.udem.edu.co/index.php/economico/article/view/2948>. Acesso em: 9 nov. 2025.

PINTO, Maria Clara Rocha. A ação autônoma de produção antecipada de provas na justiça do trabalho como técnica processual de mitigação da vulnerabilidade do empregado no Brasil. In: DIDIER JR., Fredie; FERREIRA, Wiliam Santos; JOBIM, Marco Félix (Coords.). **Grandes temas do Novo CPC: Direito probatório**. Salvador: Juspodivm, 2015. p. 11-34.

PINELLI, Laís Vieira. Política educacional e controle do trabalho docente em tempos de recrudescimento da nova direita. 2024. 182 f., il. Tese (Doutorado em Política Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/48147> Acessado em 02 dez. 2024.

POMAR, Valter. **El Salvador: da luta armada aos governos eleitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018. 128 p. (Nossa América Nuestra). Disponível em: <https://fpabramo.org.br/editora/wp-content/uploads/sites/17/2019/02/El-Salvador-web.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2025.

POULANTZAS, Nicos. **State, Power, Socialism**. London. Editora New Left Books, 1978.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Editora Ática SA, 1993.

RIBEIRO, Mariana Carla Peixoto. **Discursos de ódio em sobre postagens de celebridades femininas brasileiras no TikTok**: Reflexões para uma Educação Linguística e Digital Crítica. 2023.165f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO. Disponível em: <http://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/1145>. Acesso em 16 out. 2024.

ROCHA, Claudio, Jean *et al.* Discriminação algorítmica no trabalho digital. In: **Revista de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social**. Disponível em <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/direitoshumanos/article/view/5201> Acessado em 23 de abr. de 2022.

ROVIRA, Cristina; LUQUE, Giraldo. 2021. **Evolution of the Digital Attention Market in the Pandemic: A Comparative Study of Young Spanish University Students** (2019–b2021)" *Sustainability* 13, no. 21: 11837. <https://doi.org/10.3390/su132111837>

ROYO, Sebastián. From Boom to Bust: The Economic Crisis in Spain 2008–2013. In: **Why Banks Fail**. London: Palgrave Macmillan, 2020. p. 119-140. DOI: 10.1057/978-

1-137-53228-2_4. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7320871/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

ROJAS, Gómez de Travesedo; RAMÍREZ, Marta Gil; CHAMIZO-SÁNCHEZ, Rocío. Comunicación política en TikTok: Podemos y VOX a través de los vídeos cortos.. **Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación**. 71-93. 2023. DOI: [10.12795/Ambitos.2023.i60.04](https://doi.org/10.12795/Ambitos.2023.i60.04) Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370115687_Comunicacion_politica_en_Tik_Tok_Podemos_y_VOX_a_traves_de_los_videos_cortos . Acesso em 16 out. 2024.

SAES, Flávio. A. M. de; SAES, Alexandre. M. **História econômica geral**. São Paulo: Saraiva Uni, 2013.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. 155 p.: il. -- (Coleção Metodologias de Pesquisa). ISBN: 978-65-87791-18-0 Brasília: Enap, 2021. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf . Acesso em: 17 out. 2024.

SANTOS, Milena Barros Marques dos. **Desigualdades digitais e desigualdades estruturais: um estudo no contexto do desenvolvimento no Semiárido brasileiro**. Orientador: Cidoval Moraes de Sousa. 2020. 100 f. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional. UEPB, 2020. Disponível em <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3678>. Acessado em 09 de ago. 2022.

SANTOS, Milena Barros Marques dos. PANDEMIA: A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM TEMPOS DE CRISE. In: PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de; SOUSA, João Moraes de; AMORIM, Mônica Maria Teixeira (Org.). **Diálogos interdisciplinares em desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2022. p. 41-65. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7467778>

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção (4ª ed. 2ª reimpressão). São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARDINHA, Edson. Choque, pau de arara e palmada: o relato de Dilma sobre a tortura ironizada por Bolsonaro. **Congresso em Foco**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/15622/choque-pau-de-arara-e-palmatoria-o-relato-de-dilma-sobre-a-tortura-ironizada-por-bolsonaro>. Acesso em: 9 nov. 2025.

SEBBEN, Fernando; SILVA, Pedro. Infraestrutura e desenvolvimento: estudo de caso sobre os Estados Unidos no século XIX: estudo de caso sobre os Estados Unidos no século XIX. **História Econômica & História de Empresas**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2018. DOI: 10.29182/hehe.v21i1.554. Disponível em: <https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/554> . Acesso em: 9 nov. 2025.

SERPA, Rodrigo de Carvalho. **Ataques e alinhamentos: A imprensa e o estilo de comunicação neopopulista de Jair Bolsonaro nas "lives" do Youtube**. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023. Disponível em:

http://repositorio2.unb.br/jspui/bitstream/10482/48970/1/RodrigoDeCarvalhoSerpa_DISSERT.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

SHEPARDSON, David. “Sou a favor do TikTok”, diz Trump sobre possível proibição do app nos EUA. **CNN Brasil**, São Paulo, 17 jul. 2024. Internacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/sou-a-favor-do-tiktok-diz-trump-sobre-possivel-proibicao-do-app-nos-eua/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

SILVA, Andrei Roberto. SANTIAGO ABASCAL E A IBEROSFERA: ESTRATÉGIAS GEOPOLÍTICAS E A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE TRANSNACIONAL. **Revista de Geopolítica**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 1–16, 2025. Disponível em: <https://revistageo.com.br/revista/article/view/611>. Acesso em: 9 nov. 2025.

SILVA, Maria Lúcia Lopes. A previdência social no Brasil sob a mira e ingerências do capital financeiro nos últimos 30 anos e a tendência atual de capitalização. In: SILVA,

SILVA, Maria Lúcia Lopes da. **A contrarreforma da previdência social no Brasil (uma análise marxista)**. Campinas-SP: Papel Social, 2021.

SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVA NETO, Aluizio Pessoa da. **Migração e violência em El Salvador**: uma análise à luz dos estudos para a paz. 2020. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Orientador: Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17829/1/APSN20072020.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2025.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu *et al.* **Colonialismo de dados**. Autonomia Literária. Edição Kindle, 2017.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Democracia e os códigos invisíveis** (Coleção Democracia Digital). Edição Sesc SP. Edição do Kindle, 2021.

SIQUEIRA, Wender Rodrigues de. **Transformação digital do governo na perspectiva do cidadão: uma netnografia em mídias sociais**. 2022. 93 f., il. Tese (Doutorado em Administração) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/45965>. Acesso em 16 out. 2024.

SKIDELSKY, Robert. **Keynes**. Santa Catarina, Zahar Editora, 1999.

SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Marcio. **2016: o ano da polarização? (ANÁLISE Nº 22/2017)**. Rio de Janeiro: Fundação Friedrich Ebert, mar. 2017. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/13249.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2025.

SOTO, Rosa. De Milei a Orbán: estos son los líderes de la ultraderecha internacional invitados al congreso organizado por Vox. **Newtral**, Madrid, 17 mayo 2024. Disponible en: <https://www.newtral.es/lideres-internacionales-congreso-vox/20240517/>. Acceso en: 9 nov. 2025.

STEFANONI, Pablo. **¿La rebeldía se volvió de derecha?:** Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2021.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie**, v. 17, n. 1, p. 112-135, 2018. DOI: 10.1163/17683084-12341714. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IMb2Ta0wNQ_MDA_c2b2c_/Entre%20as%20ruas%20e%20as%20institu%C3%A7%C3%B5es%20os%20protestos%20e%20o%20impeachment%20de%20Dilma%20Rousseff.pdf. Acesso em: 9 nov. 2025.

THEODORO, Mário. Formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil – 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008. Disponível em https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5605. Acesso: 06/04/2022.

THYKJAER, Christina. Espanha ultrapassa os 49,3 milhões de habitantes graças à imigração e atinge número recorde. **Euronews**, [S. l.], 7 ago. 2025. Notícias da Europa. Disponível em: <https://pt.euronews.com/my-europe/2025/08/07/espanha-ultrapassa-os-493-milhoes-de-habitantes-gracas-a-imigracao-e-atinge-numero-recorde>. Acesso em: 9 nov. 2025.

TIKTOK. **Central de Monetização do Criador**. [S. l.: s. n., s.d.]. Disponível em: <https://www.tiktok.com/creator-academy/pt-BR/article/Creator-Monetization-Center>. Acesso em: 09 nov 2025.

TIKTOK. **Certificação de Compra de Mídia do TikTok**. Guia de Estudos [S.l.]: s. n., [202?]. Disponível em: https://ads.tiktok.com/business/library/TikTok_MediaCertification_StudyGuide_BR.pdf. Acesso em: 09 nov 2025.

TONET, Ivo. Qual política social para qual emancipação. In: Revista SER Social, Brasília, v. 17, 2015.

TUÑÓN DE LARA, Manuel. **La España del Siglo XIX**. 11. ed. Barcelona: LAIA, 1977. Disponível em: <https://archive.org/details/laespanadelsiglo0001tuno>. Acesso em: 9 nov. 2025.

UBER. **Fatos e Dados sobre a Uber**. [S. l.: s. n., s.d.]. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/fatos-e-dados-sobre-uber/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Comitê de Pesquisa. Notícias. **Pesquisas que não necessitam de registro no sistema CEP/CONEP - Resolução nº 510/2016 – CNS.** 20 dez. 2018. Disponível em: <https://cep.propesq.ufrn.br/noticias/pesquisas-que-nao-necessitam-de-registro-no-sistema-cep-conep-resolucao-no-510-2016-cns/28749886>. Acesso em: 17 out. 2024.

UOL. 'Sou imorrível, imbroxável e também sou incomível', declara Bolsonaro. **UOL Notícias**, São Paulo, 17 maio 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/17/sou-imorrivel-imbroxavel-e-tambem-sou-incomivel-declara-bolsonaro.htm>. Acesso em: 9 nov. 2025.

UNIÃO EUROPEIA. REGLAMENTO (UE) 2022/2065 DEL PARLAMENTO EUROPEO Y DEL CONSEJO de 19 de octubre de 2022 **relativo a un mercado único de servicios digitales y por el que se modifica la Directiva 2000/31/CE (Reglamento de Servicios Digitales).** Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/TXT/?uri=CELEX%3A32022R2065>. Acesso em: 17 out. 2024

UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). **United States-Mexico-Canada Agreement (USMCA).** Washington, D.C.: [s. n., s.d.]. Disponível em: <https://ustr.gov/trade-agreements/free-trade-agreements/united-states-mexico-canada-agreement>. Acesso em: 09 nov. 2025.

VALDIVIA, Antonio Ruiz. El exdiputado vasco Santiago Abascal deja el PP al "traicionar" Rajoy los principios. **Huffington Post España**, Madrid, 25 nov. 2013. Disponível em: https://www.huffingtonpost.es/2013/11/25/santiago-abascal-deja-pp-acusa-rajoy-traicionar-principios_n_4336221.html. Acesso em: 9 nov. 2025.

VALINSKY, Jordan. McDonald's diz que planeja contratar 375 mil pessoas nos EUA. **CNN Brasil**, São Paulo, 14 maio 2025. Negócios. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/mcdonalds-diz-que-planeja-contratar-375-mil-pessoas-nos-eua/>. Acesso em: 09 no. 2025.

VEJA. Plataforma de delivery tem crescimento de 418% em relação a 2020. **VEJA**, São Paulo, 8 abr. 2021. Blog Radar. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/plataforma-de-delivery-tem-crescimento-de-418-em-relacao-a-2020/>. Acesso em: 09 nov 2025.

VOX ESPAÑA. Abascal: "O Pacto Verde e a transição ecológica da Agenda 2030 é um plano de despedidos massivos para o setor primário, a indústria e o transporte". Madrid, 7 fev. 2024. Disponível em: https://www.voxespana.es/grupo_parlamentario/actividad-parlamentaria/abascal-pacto-verde-transicion-ecologica-agenda-2030-es-un-plan-de-despidos-masivo-para-el-sector-primario-la-industria-y-el-transporte-20240207. Acesso em: 9 nov. 2025.

VOX ESPAÑA. **Manifiesto fundacional.** Madrid: [s. n.], [2014]. Disponível em: https://www.voxespana.es/biblioteca/espana/nosotros/gal_a45b90181103095110.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

VOX ESPAÑA. **Qué es VOX**. Madrid: [s. n.], [2025]. Disponível em: <https://www.voxespana.es/espana/que-es-vox>. Acesso em: 14 set. 2025.

VOX ESPAÑA. **VOX Grupo Parlamentario**. Madrid: [s. n.], [2025]. Disponível em: <https://www.voxespana.es/vox-grupo-parlamentario/33-vox>. Acesso em: 14 set. 2025.

WHO. **14,9 milhões de mortes em excesso associadas à pandemia de COVID-19 em 2020 e 2021**. Disponível em <https://www.who.int/news/item/05-05-2022-14.9-million-excess-deaths-were-associated-with-the-covid-19-pandemic-in-2020-and-2021> Acesso em 18 set. 2025.

WOLF, Sonja. EL SALVADOR UNDER NAYIB BUKELE: THE TURN TO ELECTORAL AUTHORITARIANISM. **Rev. cienc. polít. (Santiago)**, Santiago, v. 44, n. 2, p. 295-321, agosto 2024. <http://dx.doi.org/10.4067/s0718-090x2024005000122>. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-090X2024000200295&lng=es&nrm=iso . Acesso em: 09 nov. 2025.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Chaves analíticas para a compreensão do projeto educacional da nova direita: Estratégias essenciais e particularidades brasileiras. *Revista Educación, Política y Sociedad*, v. 9, n. 1, p. 8-42, 2024.

ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. *In*: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ZUBOFF, Soshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. Intrínseca. Edição do Kindle, 2019.

VI - APÊNDICE 1: Artigos sobre nova direita Base Scopus e Scielo

ALVES, Maria Tereza Gonzaga. Conteúdos ideológicos da nova direita no município de São Paulo: análise de surveys. **Opinião Pública**, v. 6, n. 2, p. 187–225, out. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/FDp4knXfNn5TRs7xBCsNm8r/>. Acesso em: 23 dez 2023.

BAR-ON, Tamir. *The French New Right's Quest for Alternative Modernity*. **Fascism**, 1 (1), p. 18-52, 2012. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84895193662&doi=10.1163%2f221162512X631198&partnerID=40&md5=>. Acesso em: 27 dez 2023.

BELL LARA, José; DELLO BUONO, Ricardo A. *Imperialismo y neoliberalismo*. **Estudios del Desarrollo Social, La Habana**, v. 8, n. 1, 17, abr. 2020. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2308-01322020000100017. Acesso em: 23 dez 2023.

BURNETT, Joe. Anti-racism: *Totem and taboo – A review article*. **Race and Class**, 57 (1), p. 78-87, 2015. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84931051146&doi=10.1177%2f0306396815582006&partnerID=40&md5=>. Acesso em: 23 dez 2023.

CARO, Isaac; QUITRAL, Máximo; RIQUELME, Jorge. *Populism and Foreign Policy: The Case of Donald Trump's United States*. **Análisis Político**, 35 (104), p. 224-243, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85142449326&doi=10.15446%2fanpol.v35n104.105180&partnerID=40&m>. Acesso em: 27 dez 2023.

CONTRERAS, Aníbal Pérez. *Closing the dictatorship and opening free trade agreements. Transnational networks of the new right-wing: IDU, UPLA and the Chilean Renovación Nacional party, 1983-1997*. **Revista de História (Chile)**, 2 (29), p. 663-690, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85144873614&doi=10.29393%2fRH29-38CDAP10038&partnerID=40&m>. Acesso em: 27 dez 2023.

COWAN, Benjamin Arthur. *A hemispheric moral majority: Brazil and the transnational construction of the new right*. **Revista Brasileira de Política Internacional**, 61 (2), art. no. e004, 2018. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85065976821&doi=10.1590%2f0034-7329201800204&partnerID=40&md5=>. Acesso em: 23 dez 2023.

COPSEY, Nigel. *Fascist Ideologues. Past and Present*. **Fascism**, 2 (2), p. 263-270, 2013. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84939799699&doi=10.1163%2f22116257-00202012&partnerID=40&md5=>. Acesso em: 27 dez 2023.

COPSEY, Nigel. *First lecture on fascism - Amsterdam - 25 April 2013*. **Fascism**, 2 (1), p. 1-17, 2013. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84904632417&doi=10.1163%2f22116257-00201008&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

DA SILVA, José Rodolfo Lopes da; FERRARI, Anderson; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. Masculinismo, Neoconservadorismo e Pedagogias Culturais: investimentos em tradições, essencializações e naturalizações. **Currículo sem Fronteiras**, 22, art. no. e2189, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85151907434&doi=10.35786%2f1645-1384.v22.2189&partnerID=40&md5>. Acesso em: 23 dez 2023.

MATTOS E SILVA, Ivan Henrique de. *From New Republic to new right: Bolsonaroism as a morbid symptom*. **Sociedade e Cultura**, 24, art. no. e67892, 2021. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85122822666&doi=10.5216%2fSEC.V24.67892&partnerID=40&md5=e4b>. Acesso em: 27 dez 2023.

DROLET, Jean-Francois; WILLIAMS, Michael. *From critique to reaction: The new right, critical theory and international relations*. **Journal of International Political Theory**, 18 (1), p. 23-45, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85106734264&doi=10.1177%2f17550882211020409&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

DROLET, Jean-Francois; WILLIAMS, Michael. *Radical conservatism and global order: International theory and the new right*. **International Theory**, 10 (3), p. 285-313, 2018. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85054390606&doi=10.1017%2fS175297191800012X&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

FARRALL, Stephen; GRAY, Emily; JONES, Phil Mike; HAY, Colin. *Losing the Discursive Battle but Winning the Ideological War: Who Holds Thatcherite Values Now?* **Political Studies**, 70 (3), p. 757-779, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85100475236&doi=10.1177%2f0032321720986701&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

FREY NYMETH, Herbert. Alain de Benoist. *Su vida y la influencia de la revolución conservadora como determinantes de su pensamiento*. **Rev. mex. cienc. polít. soc**, Ciudad de México, v. 64, n. 236, p. 291-310, agosto 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-19182019000200291&lng=es&nrm=iso Acesso em: 23 dez 2023.

HENRY, Charles P. *Herman Cain and the Rise of the Black Right*. **Journal of Black Studies**, 44 (6), p. 551-571, 2013. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84885816139&doi=10.1177%2f0021934713506117&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

HUMPHRYS, Elizabeth; CAHILL, Damien. *How Labour Made Neoliberalism*. **Critical Sociology**, 43 (4-5), p. 669-684, 2017. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85024394130&doi=10.1177%2f0896920516655859&partnerID=40&md5=>. Acesso em: 27 dez 2023.

MALY, ICO. *Metapolitical new right influencers: The case of Brittany Pettibone*. **Social Sciences**, 9 (7), art. no. 113, 2020. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85088379958&doi=10.3390%2fSOCSCI9070113&partnerID=40&md5=a0>. Acesso em: 27 dez 2023.

MALY, ICO. *New Right Metapolitics and the Algorithmic Activism of Schild & Vrienden*. **Social Media and Society**, 5 (2), 2019. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85079269668&doi=10.1177%2f2056305119856700&partnerID=40&md5=DOI:10.1177/2056305119856700>. Acesso em: 27 dez 2023.

MARVAKIS, Athanassios. *The dialectics of new fascism in Greece*. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 32 (3), p. 547-556, 2015. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84944263535&doi=10.1590%2f0103-166X2015000300019&partnerID=40>. Acesso em: 27 dez 2023.

MENDONZA, Marina. *“Bienvenidos al cambio”: la construcción de la imagen política de Sebastián Piñera (2009) y Pedro Pablo Kuczynski (2016)*. **Cuad. Cent. Estud. Diseñ.** Comun., Ensayos, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 112, p. 270-289, nov. 2022. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232022001200270&lng=es&nrm=iso. Acesso em 26 de dez de 2023.

MILLER, Toby. *La nueva derecha de los estudios culturales - Las industrias creativas*. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 15, p. 115-135, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892011000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 dez 2023.

MICHELSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo; BURANELLI, Filippo Costa. *The reactionary internationale: the rise of the new right and the reconstruction of international Society*. **International Relations**, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85165982234&doi=10.1177%2f00471178231186392&partnerID=40&md5=>. Acesso em: 27 dez 2023.

MORAIS, Argus Romero Abreu de; OLIVEIRA, Erneson A.; MORAIS, Pablo Abreu de. Análise Quantitativa de substantivos, verbos e adjetivos do Discurso Político da nova Direita Brasileira a partir de textos coletados no Twitter. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), v. 65, p. e12593, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/JDccY8tWCYg9WsVmfN748hM/abstract/?lang=pt>. Acesso em 26 de dez de 2023.

MOISEEV, Dmitry S.; KHARIN, Alexei N.; SIGACHEV, Maksim I.; ARTEEV, Sergey P. *Conservative Values as a Bridge between Russia and the West. **Russia in Global Affairs**, 21 (3), p. 38-60, 2023. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85164400978&doi=10.31278%2f1810-6374-2023-21-3-38-60&partnerID=>. Acesso em: 23 dez 2023.*

POPPE, Stevie; HAVENSTEIN, Linda; SCHÄFER, Fabian. *The Far Right and the Dissemination of COVID-19-Related Disinformation and Conspiracy Narratives in Japan: the Metapolitics of Kobayashi Yoshinori. **Asiascape: Digital Asia**, 10 (1-2), p. 153-180. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85162264656&doi=10.1163%2f22142312-bja10050&partnerID=40&md5=>. Acesso em: 27 dez 2023.*

RAMOS, Charmanie G. *The return of strongman rule in the Philippines: Neoliberal roots and developmental implications. **Geoforum**, 124, p. 310-319, 2011. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85104394358&doi=10.1016%2fj.geoforum.2021.04.001&partnerID=40&m=>. Acesso em: 27 dez 2023.*

ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. 2022: o pacto de 1988 sob a Espada de Dâmocles. **Estudos Avançados**, 36 (105), p. 65-84. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85131431074&doi=10.1590%2fs0103-4014.2022.36105.005&partnerID=>. Acesso em: 23 dez 2023.

ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. *Strange fruit: The rise of Brazil's 'new right-wing' and the Non-Partisan School Movement. **Journal of Alternative and Community Media**, 4 (1), p. 7-22, 2019. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85088830129&doi=10.1386%2fjoacm_00040_1&partnerID=40&md5=2ba=. Acesso em: 27 dez 2023.*

RUEDA, Daniel. *Alain de Benoist, ethnopluralism and the cultural turn in racismo. **Patterns of Prejudice**, 55 (3), p. 213-235, 2021. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85119685091&doi=10.1080%2f0031322X.2021.1920722&partnerID=40&DOI=> 10.1080/0031322X.2021.1920722. Acesso em: 27 dez 2023.*

SANTAMARÍA, Sara García. *Caring Ecologies of the New Right and Left: Populist Performances of Care During the Pandemic. **Media and Communication**, 10 (4), p. 224-235, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85143233323&doi=10.17645%2fmac.v10i4.5842&partnerID=40&md5=d7=>. Acesso em: 27 dez 2023.*

SCHULTE-CLOOS, Julia. *Political Potentials, Deep-Seated Nativism and the Success of the German AfD. **Frontiers in Political Science**, 3, art. no. 698085, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0->*

85125047788&doi=10.3389%2ffpos.2021.698085&partnerID=40&md5=c. Acesso em: 27 dez 2023.

SCHRÖTER, Melani. *Between Saying and Not Saying: Explicit Silence as Ambiguation in User Comments on Alternative für Deutschland Facebook Posts*. **Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik**, 52 (4), p. 591-612, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85141536824&doi=10.1007%2fs41244-022-00269-9&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos e. *Liberal In The Economy And Conservative In Costumes: A Dialectical Totality*. **Revista Brasileira de Ciencias Sociais**, 36 (107), p. 1-19, 2012. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85108240374&doi=10.1590%2f3610702%2f2021&partnerID=40&md5=e5>. Acesso em: 27 dez 2023.

SMITH, William C. *The global transformation toward testing for accountability*. **Education Policy Analysis Archives**, 22, art. no. 116, 34 p. 2014. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84937573648&doi=10.14507%2fepaa.v22.1571&partnerID=40&md5=c2e> Acesso em: 27 dez 2023.

SOARES, Francisco Alex Pereira; JUNIOR, Luiz de Sousa Junior. *Teacher's Perception of the Non-Partisan School*. **Educação e Sociedade**, 43, art. no. e246196, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85134755765&doi=10.1590%2fES.246196&partnerID=40&md5=68fd80f8>. Acesso em: 23 dez 2023.

SOUROUJON, Gaston. *El aborto: la manzana de la discordia de la nueva derecha. Los argumentos liberales y conservadores de los diputados de Propuesta Republicana (PRO) en el debate del proyecto de ley de interrupción voluntaria del embarazo en Argentina en 2018*. **Rev. mex. cienc. polít. soc**, Ciudad de México, v. 66, n. 243, p. 141-162, dic. 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-19182021000300141&lng=es&nrm=iso Acesso em 26 de dez de 2023.

STEWART, Blake. *The Rise of Far-Right Civilizationism*. **Critical Sociology**, 46 (7-8), p. 1207-1220. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85078184120&doi=10.1177%2f0896920519894051&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

VARGA, Mihai; BUZOGÁNY, Aron. *The Two Faces of the 'Global Right': Revolutionary Conservatives and National-Conservatives*. **Critical Sociology**, 48 (6), p. 1089-1107, 2022. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85121115507&doi=10.1177%2f08969205211057020&partnerID=40&md5> Acesso em: 27 dez 2023.

VON EGGERS, Nicolai. *Federalist fascism: The new right and the French Revolution*. **Fascism**, 10 (2), p. 298-322, 2021. Disponível em:

<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85120991932&doi=10.1163%2f22116257-bja10003&partnerID=40&md5>. Acesso em: 27 dez 2023.

WATSON, Steven; BARNES, Naomi. *Online educational populism and New Right 2.0 in Australia and England*. **Globalisation, Societies and Education**, 20 (2), p. 208-220. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85100585024&doi=10.1080%2f14767724.2021.1882292&partnerID=40&>. Acesso em: 27 dez 2023.

VII – Apêndice 2: Vídeos selecionados para análise *netnográfica*

Endereço dos vídeos do perfil do <i>TikTok</i> de Trump	
Vídeo 1	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7427944558576667935?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 2	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7403175874607975710?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 3	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7424138344474430750?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 4	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7427237451954965791?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 5	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7403554630057135391?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 6	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7403080040516308255?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 7	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7415359912940768542?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 8	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7417522182298799391?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 9	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7395392016563047710?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 10	https://www.tiktok.com/@realdonaldtrump/video/7418034634249882910?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Endereço dos vídeos do perfil do <i>TikTok</i> de Abascal	
Vídeo 1	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7415886514028121377?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 2	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7432707807935253793?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 3	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7283212807523421472?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401

Vídeo 4	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7379523517747973408?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 5	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7283176075767729441?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 6	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7395216132388572448?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 7	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7250441541167222043
Vídeo 8	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7426417462540864800?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 9	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7413682495763385632?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 10	https://www.tiktok.com/@santiabascal_/video/7393322942806936865?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Endereço dos vídeos no perfil do <i>TikTok</i> de Bolsonaro	
Vídeo 1	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7148896985003789573?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 2	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7134687808417058054?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 3	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7149652777482964230?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 4	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7157407242067660038?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 5	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7145403203637529862?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 6	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7158480559654636805?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 7	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7145084190671899909?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 8	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7111749502607887622?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 9	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7137125823789796614?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401

Vídeo 10	https://www.tiktok.com/@bolsonaromessiasjair/video/7134893199759265030?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Endereço dos vídeos do perfil do <i>TikTok</i> de Bukele	
Vídeo 1	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7245395248707407110?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 2	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7155172655971273990?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 3	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7304019556102671622?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 4	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7210222777377262853?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 5	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7238076371996609798?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 6	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7426196108088462597?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 7	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7430807344612789509?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 8	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7203769603556773125?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433094173094151712
Vídeo 9	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7109630982868815110?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401
Vídeo 10	https://www.tiktok.com/@nayibbukele/video/7328586039084190981?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7433328436627834401